

ROSELANE NECKEL

PÚBLICA VIDA ÍNTIMA
a sexualidade nas revistas femininas e masculinas
(1969-1979)

Doutorado em História

PUC/SP
2004

ROSELANE NECKEL

PÚBLICA VIDA ÍNTIMA
a sexualidade nas revistas femininas e masculinas
(1969-1979)

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTORA em HISTÓRIA, sob a orientação da Professora Doutora Maria Odila Leite da Silva Dias.

PUC/SP
2004

BANCA EXAMINADORA



ATA DE DEFESA DA TESE DE DOUTORADO DE ROSELANE NECKEL

Ao (s) trinta e um de maio de 2004 realizou-se, no Edifício Prof. Bandeira de Mello, à Rua Ministro de Godói, 969, nesta Capital, a sessão pública de defesa da Tese “**PÚBLICA VIDA ÍNTIMA - A SEXUALIDADE NAS REVISTAS FEMININAS E MASCULINAS (1969-1979)**”, apresentada pelo(a) aluno(a) **ROSELANE NECKEL**, Mestre em História: História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de “**DOUTOR (A) EM HISTÓRIA: HISTÓRIA SOCIAL**”, segundo encaminhamento da Coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria de Processamento de Dissertações e Teses da Pós-Graduação. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Prof.(a) Dr.(a) **MARIA ODILA LEITE DA SILVA DIAS**, Presidente da Banca Examinadora, que foi constituída pelos seguintes Professores Doutores: **DENISE BERNUZZI DE SANT’ANNA**, Doutora em História pela Universidade de Paris VII, França; **CYNTHIA ANDERSEN SARTI**, Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo; **MARIA LÚCIA DE BARROS MOTT**, Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo; **JOANA MARIA PEDRO**, Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo; **MARIA ODILA LEITE DA SILVA DIAS**, Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, responsável pela orientação da Tese. A Banca Examinadora tendo decidido aceitar a Tese, passou à arguição pública do(a) candidato(a). Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, tendo sido atribuídas as seguintes notas:

- Prof. Dr. (a) **MARIA ODILA LEITE DA SILVA DIAS**

Nota: (10,0 dez) assinatura _____

- Prof.(a) Dr.(a) **DENISE BERNUZZI DE SANT’ANNA**

Nota: (10,0 dez) assinatura _____





- Prof.(a) Dr.(a) CYNTHIA ANDERSEN SARTI
Nota: (10,0 dez) assinatura Cynthia Andersen Sarti
- Prof.(a) Dr.(a) MARIA LÚCIA DE BARROS MOTT
Nota: (10,0 dez) assinatura Maria Lucia de B. Mott
- Prof.(a) Dr.(a) JOANA MARIA PEDRO
Nota: (10,0 dez) assinatura Joana Maria Pedro

O(a) candidato(a) foi aprovado(a) com a média:

(10,0 dez) M. Odila
Assinatura do Presidente da Banca Examinadora

Proclamados os resultados pelo Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar eu, Maria Aparecida Alves Miloni, confiro e assino a presente ata juntamente com os membros da Banca Examinadora.

São Paulo, 31 de maio de 2004.

[Signature]
Prof.(a) Dr.(a) DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA

[Signature]
Prof.(a) Dr.(a) CYNTHIA ANDERSEN SARTI

[Signature]
Prof.(a) Dr.(a) MARIA LÚCIA DE BARROS MOTT

[Signature]
Prof.(a) Dr.(a) JOANA MARIA PEDRO

[Signature]
Prof.(a) Dr.(a) MARIA ODILA LEITE DA SILVA DIAS
(Presidente da Banca Examinadora)

[Signature]
Secretária Maria Aparecida Alves Miloni
Supervisora
Processamento de Dissertações e Teses PUC/SP

SECRETARIA DE PROCESSAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES - SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUCSP.

AUTENTICAÇÃO
Esta cópia é presente e verdadeira por ser fiel reprodução do documento original que me foi apresentado e com o qual conferi. Dou fé.

SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

APD 80962

RESUMO

Este trabalho procura apreender o espaço que a imprensa ocupou na produção e divulgação de modelos de relacionamentos sexuais entre homens e mulheres nos anos de 1970. No final dos anos 1960 e durante os anos 1970, houve um sensível aumento do número de publicações de revistas de “comportamento”, como se convencionou chamar aquelas que traziam em seus artigos, entre outras preocupações, a de orientar seus leitores em torno da sexualidade e do relacionamento conjugal diante das mudanças advindas, conforme apresentado na revista, com a “revolução sexual” ou “liberação sexual”. A durabilidade do casamento era apresentada como resultado do prazer sexual que um propiciava ao outro. Nesse sentido, observamos a divulgação de informações sobre como manter o casamento e como alcançar a “perfeita adequação sexual” apontada como indicativo de felicidade conjugal, de acordo com os conceitos da psicologia e da psicanálise.

Através das revistas **EleEla**, **Nova**, **Cláudia**, **Pais & Filhos**, **Homem**, **Playboy** e **Homem- a revista do playboy**, publicadas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, foi possível perceber como a “revolução sexual” em debate nessas revistas foi proposta nos limites da preparação para o matrimônio e na manutenção do casamento, atrelada à publicização de saberes científicos em torno da sexualidade. O lançamento das revistas femininas e masculinas serão responsáveis pela divulgação dos discursos científicos, ao publicizar aspectos da vida íntima, antes restritos aos especialistas, tornando pública a vida íntima. Nesse movimento em que a intimidade do casal foi debatida na esfera pública, foram produzidos e apresentados normas, condutas e valores suscetíveis de se caracterizarem como uma forma de educação, no processo de constituição das subjetividades de homens e mulheres.

ABSTRACT

This work tries to apprehend the space that the press occupied in the production and diffusion of sexual relation patterns between men and women in the 70's. In the late 60's and in the 70's, there was a sensible increase in the number of publications of "behavior" magazines, that is, those that brought in their articles, among other worries, to orient their readers about sexuality and marital relationship before the changes to happen, according to what is presented in the magazine, with the "sexual revolution" or "sexual liberation". The duration of the marriage was presented as a result of sexual pleasure that the husband and wife propitiated to each other. In this sense, we observed the diffusion of information about how to keep a marriage and how to reach the "perfect sexual suitability" pointed as indication of conjugal happiness, according to the concepts of psychology and psychoanalysis.

Through the following magazines, **EleEla**, **Nova**, **Cláudia**, **Pais & Filhos**, **Homem**, **Playboy e Homem – a revista do playboy**, published in the cities of Rio de Janeiro and São Paulo, it was possible to notice how the "sexual revolution" in discussion in these magazines was proposed in the limits of preparation for the matrimony and the keeping of the marriage, connected to the publicizing of scientific knowledge of sexuality. The publishing of magazines for men and magazines for women will be responsible for the diffusion of scientific speech, publicizing aspects of intimate life, previously restrict to specialists, making intimate life public. In this movement in which the intimacy of the couple was debated publicly, norm, conduct and value susceptible to being characterized as a way of education, in the process of constitution of man and woman subjectivism were produced and presented.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que colaboraram com meu trabalho, aos que se interessaram e aos que torceram por mim, especialmente aqueles que se envolveram com emoção, sei que é difícil agradecer a todos, principalmente aos que me ajudaram a sobreviver a algumas “tormentas” nesse período da minha vida, mas, enfim, a todos minha gratidão. Não conseguiria citar o nome de todos sem correr o risco de ser injusta, esquecendo algum nome. Vocês estão na minha memória e no meu coração. Faço essa ressalva pois, sob pena de alongar-me em demasia, optei por expressar meus agradecimentos àqueles(as) que conviveram no dia-a-dia, ano após ano, com as angústias e as ansiedades que envolvem os autores na criação e elaboração de uma tese, bem como aqueles que deram uma contribuição específica à realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer à minha filha, Clara Neckel Kupka, minha luz. Obrigado filha por resistir não por alguns dias, mas a anos e compreender a necessidade de fazer e acabar a tese! Essa luta tem sentido por você! Eu te amo!!

Agradeço a meus pais Willibaldo José Neckel e Maria Salete Neckel que me apóiam e me ajudam sempre a enfrentar os desafios da vida. Devo muito a vocês dois. Minha gratidão é tão grande que me faltam palavras. Obrigado pela vida e por tudo. Amo vocês.

Agradeço a Cristiane Neckel Barbosa e Márcio Rosa Barbosa, minha irmã e meu cunhado, vocês também moram no meu coração. Sou grata pelas nossas conversas, pelo estímulo, pela atenção na hora que precisei de vocês e pela alegria de ser chamada de “Tia Oze”, pelo Guilherme.

Meu querido Marcos Fábio Freire Montysuma, essa batalha não foi só minha, foi nossa. Você dividiu comigo as horas difíceis e as conquistas. Sou grata por você me amar, por segurar minhas ansiedades, sempre me estimulando, não poupando esforços para que eu não desanimasse. Muito obrigada por transformar, com seu carinho e sabedoria, os meus

medos e inseguranças em força para seguir adiante. Você na minha vida é o brilho da lua cheia, que chega de mansinho, tranquiliza-me e com seu otimismo me faz perceber que a vida não é só cair, mas é principalmente se levantar.

Agradeço com especial afeto e admiração a minha orientadora Maria Odila Leite da Silva Dias, por ter sempre acreditado em mim, pelo seu estímulo, paciência e solidariedade constante e irrestrita. Você fez parte desse momento tão importante na minha vida, seu carinho, seu apoio e suas orientações foram valiosas e decisivas. Serei eternamente grata por você ser minha referência profissional e de amizade.

Aos professores Denise Bernuzzi de Sant'Anna e Marina Maluf pelo olhar arguto e pelas valiosas contribuições na Banca de Qualificação que enriqueceram esse trabalho e possibilitaram também sua finalização.

A Joana Maria Pedro, sou agradecida por seu apoio, por sua amizade, por suas importantes sinalizações feitas no decorrer do trabalho, pelo carinho e pela disponibilidade em me ajudar sempre que necessário, apesar de tantas responsabilidades em sua vida, você sempre deu um jeito de me dar atenção. Joana, muito obrigada!

Obrigada, minhas amigas Jaqueline Martins Zarbatto Schmidt e Scheila Magali de Vasconcellos, pelas preocupações comigo e apoio constante nesses anos.

A Núcia Alexandra de Oliveira, sou grata por dividir comigo seu acervo documental e sua disponibilidade e boa vontade em contribuir com a minha pesquisa.

A Maria Lúcia Gonzaga, profissional e amiga que, através de seu trabalho, seu carinho e sua sabedoria amenizou minhas exigências comigo mesma, desbloqueando a escrita.

A Marinês Kosioroski, no último ano, enquanto eu fazia a tese, ela cuidava dos afazeres da casa, sem esta parceria, tudo teria sido mais difícil. Mari, muito obrigada!

Agradeço ao secretário do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Sálvio Roberto Oliveira, pela disponibilidade, eficiência e atenção nas horas em que precisei.

A Jó Klanovicz pelo apoio decisivo na editoração final desta tese, o que nela há de ilustrações, foi graças a seu trabalho cuidadoso e eficiente. Muito obrigada Luciana Rosar Fornazari Klanovicz por esta grande dica, pelo carinho e pela solidariedade.

Agradeço a Ana Lúcia P. do Amaral, por sua contribuição inestimável na revisão ortográfica deste trabalho e por suas palavras de força.

A Paulo Roberto da Silva e Daniella Zatarian, por sua solidariedade no momento final da tese.

Finalmente, agradeço ao Programa PICDT-CAPES, que forneceu bolsa entre 1999-2002; aos funcionários da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e do Setor de Recursos Humanos, ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas e aos meus colegas do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina que apoiaram e possibilitaram meu afastamento integral, o que permitiu os estudos em São Paulo, as viagens de pesquisa ao Rio de Janeiro e a conclusão deste trabalho.

Dedico este trabalho às mulheres e aos homens que nos dias atuais continuam transpondo desafios e dogmas.

Criação

Fingindo a minha liberdade
escrevo a palavra
esquiva
que pode ser morte
amor
ou destino.

Ela finge
aceitar-me em seu abraço
no intervalo entre a dúvida
e o traço.

Assim crio a mentira da vida
e a verdade do sonho,
e ponho meu nome,
e afirmo
- e assino.
(Lya Luft. Histórias do tempo)

SUMÁRIO

Lista de Figuras

<i>Considerações Iniciais</i>	13
Capítulo 1- A sexualidade do “casal moderno”	53
1.1 Os “guias” das mulheres “modernas”	54
1.2 O “casamento corre perigo!”	71
1.3 O “sexo” e a felicidade conjugal	90
1.4 A construção do desejo masculino	100
Capítulo 2- A “arte de amar”: o amor e o prazer	126
2.1 “Não o amor não é vergonhoso!”	136
2.2. A “revolução sexual” e o prazer	144
2.3. Os discursos de Reich	150
2.4. A sexualidade feminina	159
Capítulo 3- A “ciência sexual moderna” e a “verdade” sobre o sexo	162
3.1 O Relatório Kinsey: o comportamento sexual humano	170
3.2 Masters & Johnson: As dificuldades sexuais do casal	181
3.3 O Relatório Hite: a valorização da autonomia sexual das mulheres	198
Capítulo 4- A “educação sexual” do “casal moderno”	207
4.1 Os “novos tabus” sexuais	216
4.2 Os manuais sexuais	233
Considerações Finais	248
<i>Em busca de outros devires...</i>	248
Fontes	252
Bibliografia	255

Lista de Figuras

Figura 1	23
Figura 2	24
Figura 3	27
Figura 4	28
Figura 5	29
Figura 6	30
Figura 7	31
Figura 8	55
Figura 9	56
Figura 10	57
Figura 11	57
Figura 12	64
Figura 13	66
Figura 14	71
Figura 15	89
Figura 16	94
Figura 17	95
Figura 18	101
Figura 19	102
Figura 20	103
Figura 21	104
Figura 22	105
Figura 23	111
Figura 24	115
Figura 25	116
Figura 26	117
Figura 27	118
Figura 28	119
Figura 29	121
Figura 30	139
Figura 31	146
Figura 32	146
Figura 33	163
Figura 34	169
Figura 35	170
Figura 36	183
Figura 37	185
Figura 38	185
Figura 39	197
Figura 40	198
Figura 41	216
Figura 42	234
Figura 43	235
Figura 44	240

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

De que valeria a obstinação de saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece. Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

*Michel Foucault**

Às vezes nos perguntamos: O que podemos fazer como pesquisadores para melhorar o mundo em que vivemos? Esta é uma pergunta que pode receber as mais diferentes respostas. Para Foucault, um filósofo-historiador, é “mostrar às pessoas que elas são mais livres do que pensam ser, que elas têm por verdadeiros, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da história, e que esta evidência pode ser criticada e destruída. Mudar alguma coisa no espírito das pessoas, é este o papel de um intelectual”.¹ Assim, acreditar que escrevemos histórias que buscam contribuir para o “vir-a-ser”, o devir de um mundo diferente, dando passos rumo ao combate das “servidões voluntárias” e das “tendências totalitárias”, é o que nos motiva para enfrentar os desafios e as agruras dessa tarefa.²

Essa não é uma tarefa fácil! Segundo Francisco Ortega, “é uma tarefa difícil, talvez impossível, que requer uma nova política de imaginação, um gosto pela experimentação e a criação de algo novo”.³ Ao problematizar a divulgação por parte da

* FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 13.

¹ FOUCAULT, Michel. **Sexo, poder e indivíduo** – Entrevistas selecionadas. Desterro: Nefelibata, 2003, p. 16.

² SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo Estação Liberdade, 2001, p. 11.

³ ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2000, p. 12.

mídia de discursos em torno da “sexualidade” masculina e feminina , enfrentamos o desafio de dar início a uma experiência criativa marcada pela angústia de mais uma vez estarmos definindo “verdades”, dizendo aos outros o que fazer, o que pensar, o que sentir. Não é o que pretendemos. Desejamos mostrar o que foi escrito, buscando colocar, no intervalo entre a escrita e seus significados, as dúvidas.

Consideramos que a produção dos saberes tem um lugar na constituição do imaginário social e na luta pelo poder. Em face de que os bens simbólicos que qualquer sociedade fabrica nada têm de irrisório e não existem, efetivamente, em quantidade ilimitada, “razão pela qual se constitui em objeto de lutas e conflitos”.⁴ Além disso, não compreendemos que o plano real e o simbólico sejam contrapostos ou antagônicos. Ao contrário, são unidos simbioticamente na medida em que o real pressupõe o imaginário. Daí a importância tanto das histórias das experiências sociais como dos sistemas simbólicos.

Ao refletir sobre esse imaginário que participa da constituição de nossa forma de interagir afetivamente, seja na sexualidade, no amor ou na amizade, buscamos contribuir para a luta contra a pobreza “que nossas formas de sociabilidade e de relacionamento testemunham”⁵ num tempo “repleto de alternativas” normativas, sobre como agir na esfera da família e da sexualidade, simultaneamente emancipadoras e constringedoras.⁶

Impulsionados pelo desejo de colocar em discussão alguns dos padrões e hábitos de relacionamentos entre homens e mulheres produzidos nos anos de 1970 e que ainda hoje estão presentes no imaginário social, optamos por apreender o espaço que a imprensa ocupou na produção e divulgação de modelos de relacionamentos sexuais entre homens e mulheres nos anos de 1970. Na investigação observamos o número crescente de revistas que tratavam destes temas a partir de 1970. Levando em conta seu caráter de produção cultural e seu lugar como importante dispositivo no processo de educação emocional e sexual de homens e mulheres e na conformação do imaginário

⁴ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

⁵ *Ibidem*, p. 11.

⁶ SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de Carvalho (Org.). **A Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995, p. 44.

social, nossa pesquisa tem como tema os saberes sobre a “sexualidade” que foram amplamente divulgados pelas revistas masculinas e femininas, publicadas em São Paulo e Rio de Janeiro, mas distribuídas em várias cidades do Brasil, entre 1969-1979. Vale destacar, ainda, que esse é o momento em que se observa o aumento das intervenções do governo militar, através da censura, na imprensa.

Por meio das revistas foi possível perceber, no caminho apontado por Michel Foucault, “a colocação do sexo em discurso”, ao mesmo tempo que observamos que a imprensa tanto constituía uma “vontade de saber”, por parte de um determinado público consumidor, como também atendia aos interesses desses consumidores. Os estudos que se seguem é uma história do que foi dito na mídia sobre a sexualidade feminina e masculina e sobre a ênfase na importância da “liberação sexual” para a “felicidade conjugal”. Aprender como esses discursos foram produzidos, divulgados e de que maneira emergiram como fonte de “verdade” nesse momento é o objetivo deste trabalho.

Nos anos de 1970, houve um sensível aumento do número de publicações de revistas de “comportamento”, como se convencionou chamar aquelas que traziam em seus artigos, entre outras preocupações, a de orientar seus leitores em torno da sexualidade e do relacionamento conjugal diante das mudanças advindas com a “revolução sexual” ou “liberação sexual”. Entre as publicadas em 1970, pesquisamos as revistas **EleEla**, **Nova**, **Pais&Filhos**, **Homem –a revista do homem**, **Playboy–a revista do homem** e **Homem–a revista do playboy**, na Biblioteca Nacional e a revista **Cláudia**, na Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa, ambas localizadas no Rio de Janeiro.⁷

⁷ Referência completa das revistas: **Cláudia**. ano 1, n.1, São Paulo: Editora Abril, out. 1961; **Nova**, ano 1, n.1, São Paulo: Editora Abril, set. 1973; **Homem–a revista do homem**, ano 1, n.1., São Paulo: Editora Abril, ago. 1975; **Playboy–a revista do homem**, São Paulo: Editora Abril, n. 36, jul. 1978. Pelo que observamos em julho de 1978 a revista **Homem** publicada pela Abril passou a se chamar **Playboy–a revista do homem**. **Pais & Filhos**– a revista mensal da família moderna, Rio de Janeiro: Bloch Editores, set. 1968.; **EleEla**–a revista para ler a dois, ano 1, n.1. Rio de Janeiro: Bloch editores, maio 1969; **Homem – a revista do playboy**, ano 1, n.1, São Paulo: Idéia Editorial, set. 1978. Durante o trabalho utilizaremos para as revistas masculinas da Editora Abril apenas o primeiro nome, ou seja, **Homem** e **Playboy**. Para diferenciar a revista **Homem** da editora Idéia Editorial utilizaremos seu título completo, **Homem – a revista do playboy**.

Nestas revistas, o sexo não era mais um assunto “reprimido”, a “educação sexual” passou a ser apresentada como uma necessidade na busca pela felicidade do “casal”. Entretanto, a “revolução sexual” em debate nestas revistas foi proposta nos limites da preparação para o matrimônio e na manutenção do casamento. A durabilidade do casamento não se baseava mais no amor e na amizade entre os cônjuges, mas no “prazer sexual” que um propiciava ao outro. Nesse processo, observa-se a divulgação de informações sobre como manter o casamento e de que maneira alcançar a “perfeita adequação sexual”, que, de acordo com os conceitos da psicologia e da psicanálise apresentados nas revistas, era o “verdadeiro” indicativo de felicidade conjugal.

Sobre a pesquisa das revistas **EleEla**, **Homem**, **Playboy** e **Homem –a revista do playboy**, na Biblioteca Nacional, cabe registrar, inicialmente, a exigência por parte daquela instituição de uma solicitação, por escrito, expondo os motivos de nosso interesse pelas revistas. Na pesquisa que fizemos na listagem do acervo já havia nos chamado a atenção a classificação da revista **EleEla** como “pornográfica”. Ao fazer a leitura das revistas fomos percebendo a historicidade de tal classificação, pois não tinha nada a ver com as concepções contemporâneas de “pornografia”. Em **EleEla**, os corpos aparecem erotizados, evitando-se a nudez explícita. O que queremos sugerir é que a classificação das revistas datam de uma época em que era obrigatório na capa da revista uma tarja: “só para adultos”. Esta classificação da Biblioteca Nacional segue as regras da censura, definidas durante a ditadura militar, para esse tipo de imprensa. A leitura nos permitiu perceber tanto a noção de “pornografia”, que informava as proibições dos “censores”, como as normas de “decência”, que orientavam suas práticas.⁸

A leitura de Lynn Hunt nos mostrou que na Europa a censura de obras “obscenas” dos tempos medievais até o século XVII era realizada “em nome da religião e da política, e não em nome da decência, indicando que as leis modernas sobre a

⁸ Nesse momento, é importante trazer as perspectivas apresentadas no livro organizado por Lynn Hunt sobre **A invenção da pornografia**. Através dessa obra, fomos informados de que também na França para visitar a “Coleção do Inferno”, até 1992, na “Sala reservada da Biblioteca Nacional Francesa”, ainda era necessário preencher um formulário para justificar o “motivo exato da solicitação” e um asterisco na página de rosto lembrava que não adiantariam “explicações” genéricas ou vagas” como “pesquisa científica, “documentação ou pesquisa pessoal”. Hunt sublinha que é “um sinal das mudanças do tempo que ninguém mais questione suas razões”. HUNT, Lynn (Org.) **A invenção da pornografia**. Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800. São Paulo: Hedra, 1999, p. 9.

obscenidade se formaram apenas no início do século XIX”.⁹ De acordo com Hunt, “a pornografia como categoria regulamentada surgiu em resposta à ameaça de democratização da cultura”, paralelamente ao desenvolvimento da imprensa que colocou à disposição de um público mais amplo “mercadorias moralmente perigosas”.¹⁰ Essa preocupação em relação à decência é importante na definição da censura que foi realizada sobre as revistas que pesquisamos. Além disso, convém salientar que, como Hunt, consideramos que “a censura intensificava o desejo dos leitores” pela procura e consumo das revistas impressas. Por isso, tivemos que estar atentos ao uso do termo “só para adultos” para perceber se as editoras usavam-na com o intuito de aumentar as vendas.

Cabe ressaltar, ainda, que a leitura de alguns dos exemplares da revista **EleEla** foi possível graças ao acervo particular de uma família, que nos anos 1970 morava no estado de Pernambuco. Após o casamento em 1973, o marido, leitor dessa revista, levou o hábito desse tipo de leitura à esposa. É possível esta afirmação, pelo fato de que as revistas anteriores a esta data tinham apenas na capa a assinatura do marido. Após 1973, aparece o nome da esposa. Essas revistas eram compradas nas bancas e lidas pelo casal.¹¹ Consideramos, ainda, que a existência desse acervo é significativa sobre sua importância na vida cotidiana das classes médias nos anos 1970 e sobre sua distribuição em outros estados do Brasil, como Pernambuco.¹²

Inicialmente, nosso objetivo era perceber como apareciam nessas revistas os debates em torno do divórcio. No decorrer da pesquisa o destaque dado à sexualidade como essencial na manutenção do casamento e a forma como os discursos foram apresentando a sexualidade modificaram os rumos da pesquisa. Nessa perspectiva o eixo de nossa investigação passou a ser a passagem do íntimo para uma esfera publicizada. A insistência na igualdade entre a sexualidade feminina e masculina começou a nos incomodar. Os roteiros de como “excitar” na maioria das vezes os

⁹ Idem.

¹⁰ Ibidem, p. 53.

¹¹ Nos anos 90, mudaram-se para Florianópolis, onde vivem até hoje. Vale registrar também que foram as conversas informais com a filha do casal, Núcia Alexandra de Oliveira, que possibilitaram o acesso a essas revistas e histórias.

¹² Sua distribuição era realizada nos seguintes Estados: Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Também era distribuída nas cidades de Milão, Paris, Nova York e Brasília.

homens provocaram inquietações. Os artigos cheios de informações e exemplos científicos, pressionando os leitores a aceitá-los como “verdades válidas”, deixavam perceber o caráter pedagógico/informativo dos artigos. A “busca do prazer sexual”, as apreensões em torno da sexualidade e de sua importância na manutenção do casamento eram temas marcantes.

Outro aspecto importante que merece ser lembrado é o fato de ter sido no ambiente do debate sobre a instituição ou não do divórcio no Brasil que essas preocupações tornaram-se mais frequentes. Através da leitura das revistas é perceptível que a aprovação do divórcio foi acompanhada de artigos preocupados em orientar no sentido de como salvar o casamento.¹³ Acompanhamos, também, a discussão sobre os problemas e as vantagens da constituição de uma lei favorável ao divórcio no Brasil. Em 26 de dezembro de 1977, a Lei n.º 6.515 instituiu o divórcio e a dissolubilidade do vínculo matrimonial, permitindo novos casamentos.¹⁴

Vale informar, ainda, que essas indagações em torno do controle da sexualidade feminina foram incitadas também por nossa participação na pesquisa “as práticas

¹³Os títulos dos artigos de algumas revistas, são muito sugestivos sobre como a mídia dirigida às mulheres focalizou o tema: Não una o homem o que Deus separou. **EleEla**, ano 2., n.14, jan. 1970. O Brasil está preparado para o Divórcio? **EleEla**, ano 3, n.27, ago.1971. Casar com pressa dá nisso. **EleEla**, ano 4, n.38, jun.1972. “Quase perdi meu marido por comodismo”. **Cláudia**, ano 17, n. 206, nov.1978.

¹⁴ A regulamentação civil das separações de casais veio com o Código Civil de 1890, a dissolução da sociedade conjugal poderia se dar pelo desquite, chamado também “divórcio dos católicos”, “divórcio incompleto” que poderia ser amigável ou judicial e que conservava íntegro o vínculo matrimonial. Mesquita menciona que: “No Brasil, o processo de divórcio mais antigo que se tem notícia data de 1700 e faz parte do acervo da Cúria Metropolitana de São Paulo (o julgamento desses casos eram de competência da Igreja até a proclamação da República, em 1889)”. MESQUITA, Eni S. Mistério da “Fragilidade Humana”: O Adultério Feminino no Brasil, séculos XVII e XIX. In: **Revista Brasileira de História**, v. 15, n.º 29, 1995, p. 65. Assim, admitiam-se “a dissolução da sociedade conjugal e a separação definitiva de bens, resguardando-se porém a indissolubilidade do vínculo conjugal, isso significando a impossibilidade de constituir família legítima pelos cônjuges divorciados”. Ver SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. **Crise familiar e contexto social- 1890-1923**. São Paulo, 1989. 236p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, p. 30. No início do século XX, registram-se debates sobre a instituição do divórcio, é o que deixam perceber algumas obras que, embora tenham sido publicadas na década de 1930, foram escritas no início do século. Algumas repudiavam, como: BARBOSA. Rui. **O divórcio e o anarquismo**. Homero Pires (prefácio e revisão). Rio de Janeiro: Guanabara, 1933. Outras defendiam: CESAR, Augusto. **O problema feminino e o divórcio (aspectos da sociedade em crise)**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1937. O que não causa estranhamento, pois, de acordo com Margareth Rago, no início do século os anarquistas defendiam o divórcio. RAGO. Margarete. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar- 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 106-7. Na década de 1950, os debates tornaram-se mais intensos, destacando-se como líderes o Deputado Nelson Carneiro- divorcista e o Padre Alfredo da Arruda Câmara- antidivorcista. Sobre a regulamentação do divórcio: VIEIRA, Jair Loth. **Lei do Divórcio**. São Paulo: Jalovi, 1976; MARCHESANI JÚNIOR, Waterloo. **Instituição do divórcio no Brasil**. Curitiba: Juruá, 1978. LEVENHAGEN, Antônio Souza. **Do casamento ao divórcio**. Curitiba: Juruá, 1978.

costumeiras de aborto e infanticídio no século XX”¹⁵, onde observamos a importância que foi dada ao conhecimento das práticas sexuais e corporais femininas. Esse assunto tornou-se de grande importância para a sociedade, haja vista o investimento médico nas definições de normalidade.¹⁶ Foi assim que relações sexuais entre homens e mulheres constituíram uma moral sexual, uma “preocupação com o sexo”. Enfim, “uma moral imperativa, não no sentido da negatividade, de repressão, de interdição da sexualidade feminina. Imperativa, sim, por problematizar a sexualidade feminina como sexualidade dominada”.¹⁷ A constituição da identidade dos homens e das mulheres e a insistência no “ser pai e ser mãe” como a finalidade última do ser homem e do ser mulher eram muito fortes nas revistas femininas até os anos de 1960.¹⁸

Nos anos 1950, de acordo com Bassanezi, as páginas das revistas que tratavam de “assuntos femininos”, lidas especialmente pelas classes médias, levaram-nos ao encontro dos estereótipos e normas, sobre as relações homem/mulher naquele período. As diferenças entre os papéis femininos e masculinos eram nítidas.

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher tradicional ideal era definida a partir de papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional.¹⁹

¹⁵ Participamos, entre 1996-1998, da pesquisa citada, coordenada pela Prof.^a Dr.^a Joana Maria Pedro, que objetivou analisar, através de alguns periódicos locais e nacionais, os diferentes discursos sobre aborto e infanticídio, constituídos principalmente pela imprensa, Igreja, Justiça, etc, visando ao corpo feminino. Em julho de 2003, foi lançado o livro referente a esse trabalho. Algumas das referências feitas acima foram retiradas de um dos capítulos do livro de nossa autoria. Ver: NECKEL, Roselane. Em silêncio ... As mulheres que decidam!. In. PEDRO, Joana Maria (Org.). **Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 289-294.

¹⁶ ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 27.

¹⁷ ADORNO, Sérgio. Prefácio. In. RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 17.

¹⁸ BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

¹⁹ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In. PRIORY, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 608.

Permanecer solteira significava fracassar socialmente. As aventuras extraconjugais dos maridos e as situações de infidelidade conjugal eram até mesmo justificadas em algumas revistas, sugerindo o “sofrimento calado das esposas”; a “boa esposa” não discutia e não se queixava. Convém enfatizar que estas são imagens expressas nos textos das revistas, são modelos de comportamento, mas isso não indica de forma alguma que era assim que elas viviam.

Assim, quando iniciamos o trabalho de remexer nos arquivos das revistas dos anos 1970, tirando o pó, principalmente das revistas masculinas, raramente pesquisadas, fomos folheando suas páginas, lendo seus textos, fomos observando algumas mudanças nos padrões de comportamento femininos. As revistas mostravam que não conseguiram ficar imunes a discussões e a transformações de costumes que ocorriam nacional e internacionalmente.

O final dos anos 1960 e nos anos 1970, como observa Joana Maria Pedro, “foram permeados por inúmeros movimentos de mulheres, entre eles os feministas, reivindicando o direito ao corpo, a descriminalização do aborto, o direito ao prazer, enfim os direitos sexuais e reprodutivos. ‘O pessoal é político’, elas anunciavam”.²⁰ Nesse sentido, Yasmine Ergas, nos informa que:

Em “1967 as feministas italianas chamaram as mulheres “a libertar-se a si próprias da escravatura sexual em que os homens as tinham mantido”. Em 1970, Germaine Greer condenou **A Mulher Eunuco. Our Bodies, Our Selves** incluía capítulos pedagógicos sobre questões como autonomia sexual; “deixamos de considerar a frigidez como um alternativa honrosa”, declarou uma organização coletiva. “Temos sido tolas, temos sido idiotas” denunciou uma feminista holandesa do início dos anos 70, relatando como um inquérito realizado durante uma conferência de mulheres revelara que “três quartos das mulheres já tinham fingido ter orgasmos”.²¹ (grifo nosso)

²⁰ PEDRO, Joana Maria. Novos tempos...Antigas questões. In. PEDRO, J.M, op. cit., p. 297.

²¹ ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In. DUBY. Georges/ PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente**. O século XX. Trad. Alda Maria Durães et al.. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991, p. 601. Vale informar, ainda, que *Our Bodies, Our Selves* (O nosso corpo, o nosso eu), de acordo com Ergas, “foi o título que o Boston Women’s Healthbook Collective deu ao seu manual largamente difundido, proclamando assim imediatamente a existência de uma inextricável ligação entre o reino do corpóreo e a constituição da subjetividade”. (Ibidem, p. 600)

Françoise Thébaud explorou em seu texto os significados das grandes guerras mundiais para a emancipação das mulheres. A autora chama a atenção para o cuidado de não isolar “as mulheres e sua história do resto da humanidade”.²² Em sua análise, ela busca argumentar que, mesmo que a guerra possa ter “bloqueado o movimento de emancipação que se esboçava na Europa do início do século XX”, é essencial considerar “a percepção e a vivência dos atores”.²³ Dessa forma, a questão para Thébaud, em sua análise, “não consiste em saber se a guerra afeta diretamente os sexos, mas de que modo redefine ela a relação masculino/feminino no plano real e no plano simbólico”.²⁴ Daí propõe que se desloque a história das mulheres “ao encontro da história política”, buscando apreender também as experiências positivas que as políticas de guerra propiciaram no sentido da emancipação feminina.²⁵

No caso de nossa pesquisa, tais argumentos são sugestivos sobre como escrevemos nossa história sobre a produção discursiva em torno da sexualidade, numa perspectiva sexuada, mas tomando o cuidado de não reduzir nosso olhar às intenções do poder, ao processo de disciplina e às tentativas de controle da sexualidade da mulher e dos homens, mas buscando reconhecer que os saberes divulgados por tais discursos representaram, para alguns homens e mulheres, um processo de aprendizado que produziu novas experiências.

As cartas de agradecimento dos leitores que aparecem nas revistas contribuíram para fazermos estas afirmações. Nosso olhar “desconfiado” sobre a mídia, num primeiro momento, quase diminuiu sua importância ao pensarmos ser as próprias revistas que as elaboravam; mas, então veio a dúvida, como explicar as vendas? A revista **EleEla**, em 1975, tinha 973.300 leitores,²⁶ enquanto a revista **Playboy** tinha 635.000 leitores, em 1977, e 875.000, em 1978.²⁷ A revista **Cláudia** tinha uma tiragem mensal de 380.000

²² THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra. O triunfo da divisão sexual. In. DUBY. Georges / PERROT, Michelle (Orgs.), op. cit., p. 33.

²³ *Ibidem*, p. 33.

²⁴ *Ibidem*, p. 34

²⁵ Nesse sentido achamos muito sutil a percepção de Françoise Thébaud sobre como a intensidade das atividades das moças e mulheres das camadas médias nas atividades de caridade, durante a primeira guerra, levou à morte do espartilho, ao encurtamento das saias e à simplificação do traje que libertaram o corpo e facilitaram os movimentos das mulheres. *Ibidem*, p. 51.

²⁶ **EleEla**, ano 6, n. 76, ago./set.1975.

²⁷ **Playboy**. Edição Especial de Aniversário, ago.1978.

mil exemplares e *Nova* 200.000, em setembro de 1979.²⁸ As informações também foram questionadas, já que eram fornecidas pelas próprias revistas – também nos diria um leitor mais atento –, mas ainda nos restava uma outra evidência que nos fez perguntar: como então elas se mantinham no mercado? Elas tinham leitores que usavam parte de seus salários para comprá-las, isso mostra que eles tinham interesse em suas informações e que deveriam fazer algum uso delas em seu cotidiano.

Assim, em maio de 1969, foi possível aos leitores, em especial, do Rio de Janeiro e São Paulo, folhear o primeiro número da revista **EleEla** – “uma revista para ler a dois” – publicada pela Bloch editores, com sede no Rio de Janeiro (Fig. 1). Em 1971, as mulheres e homens poderiam informar-se no número de agosto sobre “Quando a Mulher é mais mulher”; “A técnica desumaniza o amor”; “Até que ponto posso ficar nua”; “Ser mulher não é ruim”; “As neuroses sexuais”; “Você é mesmo mulher?”; “O fino da conquista”.

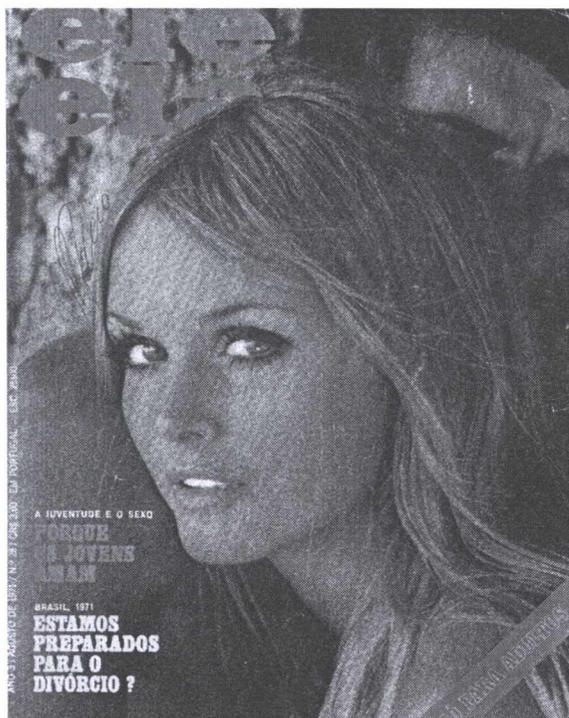


Figura 1: *EleEla*, ano 3, n.28, ago. 1971.

²⁸ NEHRING, Maria Lígia Quartin de. **Família e feminismo: reflexões sobre papéis Femininos na imprensa para mulheres.** São Paulo, 1981, 329p. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) – Universidade de São Paulo, p. 103-108.

Na capa de um encarte lacrado, que deveria ser aberto pelas (os) leitoras (es) de **EleEla**, de junho de 1971, aparece sugestivamente uma mulher nua, eroticamente envolvida em espuma (Fig.2).²⁹

VIRGINDADE
SEXO
FAMÍLIA (7)

PROF. JOSÉ MARTINHO DA ROCHA

Tendo passado em revista os costumes sexuais de diferentes povos em épocas diversas, o Professor José Martinho da Rocha aborda neste capítulo as transformações profundas que começaram a modificar nossa cultura a partir de fins do século XIX e que, com o nascimento da psicanálise, deram configuração ao que foi chamado a **revolução sexual**. Duas novas ciências, a **sexologia** e a **antropologia**, trazendo um enfoque mais científico ao estudo das manifestações eróticas, abriram horizontes para o homem e a mulher no sentido de um conhecimento mais racional da sua condição individual e do seu papel na vida coletiva.

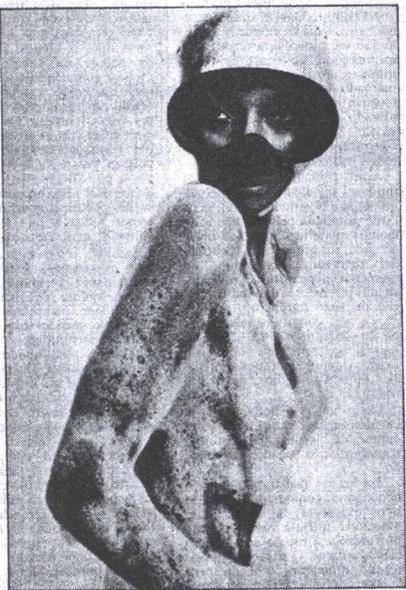


Foto publicitária. 1970

Figura 2: **EleEla**, ano 3, n.28, ago. 1971.

O encarte intitula-se “Virgindade, Sexo e Família”, escrito pelo Professor José

²⁹ Nas revistas analisadas, chamam a atenção as fotografias utilizadas para ilustrar as matérias. Em sua maioria são fotos de mulheres em poses “sensuais e eróticas”, com biquínis ou roupas transparentes. Vale dizer que esta a revista, quando foi lançada, era uma revista para homens e mulheres. No entanto, na pesquisa, observou-se que, em 1976, **EleEla** passou a atender mais ao público masculino, destacando-se na capa a informação “Prazer e informação para o homem”, e as páginas são quase exclusivamente ocupadas por fotos de mulheres “sensuais”. Vale informar aos leitores que no decorrer do trabalho apresentaremos algumas imagens das revistas nesse período.

Martinho da Rocha, que, conforme o preâmbulo da matéria, “aborda as transformações profundas que começaram a modificar nossa cultura a partir de fins do século XIX e que, com o nascimento da psicanálise, deram configurações ao que foi chamado de “revolução sexual”.³⁰ Nesse artigo, mencionam-se duas novas ciências, a sexologia e a antropologia, que, segundo o autor, “trazendo um enfoque mais científico ao estudo das manifestações eróticas, abriram horizontes para o homem e a mulher no sentido de um conhecimento mais racional da sua condição individual e de seu papel na vida coletiva”.³¹ Nesse sentido, sobre o “matrimônio”, coloca que:

Qualifica Van de Velde, no Casamento Perfeito – a ser considerado como bíblia da vida conjugal no Ocidente (45 edições!) – os seguintes quatro pilares sobre os quais se fundamentam o amor e felicidade no matrimônio:

1) judiciosa escolha do par; 2) boa orientação psicológica dos esposos em geral, e sua recíproca adaptação em particular; 3) solução do problema de filhos correspondendo aos desejos conjugais; 4) vida sexual harmoniosa e florescente. Constitui, porém, “a vida sexual”, no seu conceito, “a base do casamento”. Daí a circunstância de ter sido Van de Velde, entre os médicos, um dos primeiros a preconizar a erotização do matrimônio, ou seja, a plena satisfação dos casados. Salienta-se nos dias atuais o conhecido sexólogo Wilhelm Reich como criador da teoria do orgasmo, cuja insatisfação, assim como o ato sexual interrompido, fundamentaria as neuroses. (...)

Fica demonstrado – conclui Reich – “que pessoas que adquirem a capacidade de satisfação orgástica se tornam muito mais capazes de relações monogâmicas que aquelas cuja capacidade de descontraimento se acha perturbada”.³²

Assim, fazendo a leitura das várias páginas do encarte, os leitores, conforme o autor, têm acesso às “informações autorizadas” de especialistas estrangeiros. Nos subtítulos, outros temas são ilustrativos: “Casamento é união sexual”, “A função erótica da roupa”, “A pílula, juventude e família”, “Uma moral em transformação” e “O abismo entre sexo e amor”.

³⁰ **EleEla**, ano 3, n. 28, ago.1971 (encarte).

³¹ *Idem*, capa.

³² *Idem*.

Já na revista **Nova**, publicada em setembro de 1973, pela editora Abril, em São Paulo, em seu primeiro editorial destacava-se:

(...) oferecer à mulher brasileira uma companheira útil e atualizada para permitir-lhe o ingresso no fechadíssimo clube das cabeças que pensam, julgam e decidem. Até ontem, este clube esteve reservado aos homens e só a eles. Hoje com NOVA estamos pretendendo fornecer-lhes as chaves deste clube. Coragem: abra a porta e entre. O mundo é seu.³³

A revista **Nova** tem por modelo a revista americana **Cosmopolitan**, e busca atender a uma mulher que, segundo Fátima Ali, editora de **Nova**, “está em constante conflito com os valores estabelecidos e busca novos padrões de comportamentos”.³⁴ A sua leitora é apresentada como “mulher moderna” – que trabalha fora, que busca ser bem informada, independente, ter uma vida sexual livre dentro e fora do casamento e que acredita que as transformações pessoais advêm de atitudes individuais (Fig.3).³⁵

As leitoras de **Nova** eram diferentes das mulheres que liam a revista **Cláudia** quando foi lançada em 1961. Esta foi a primeira revista feminina que tratou de temas do cotidiano para atender aos interesses de uma determinada “mulher” (Fig.4). A “mulher **Cláudia**, era a dona de casa, jovem em processo de “modernização”.³⁶ O primeiro editorial nos esclareceu sobre os objetivos da revista.

Por que Cláudia?

O Brasil está mudando rapidamente. A explosiva evolução da Classe média torna necessária uma revista para orientar, informar e apoiar o crescente número de donas de casa que querem (e devem) adaptar-se ao ritmo da vida moderna. Cláudia será dirigida a estas mulheres e dedicada a encontrar soluções para seus novos problemas. Cláudia não esquecerá, porém, que a mulher tem mais interesse em polidores do que em política, mais em cozinha do que em contrabando, mais em seu próprio mundo do que em outros planetas... Cláudia, enfim, entenderá que o universo da mulher é o seu lar.³⁷

³³ **Nova**, ano 1, n.º 1, set.1973.

³⁴ NEHRING, Maria Lígia Martin de, op. cit., p. 109.

³⁵ A esse respeito ver NEHRING, M., Op. cit.; BORGES, Dulcina Tereza Bonati. **A Cultura “Psi” das Revistas Femininas (1970-90)**. Campinas, 1998. 132p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas.

³⁶ NEHRING, M., op. cit., p. 104.

³⁷ **Cláudia**, ano 1, n.º 1, out. 1961.

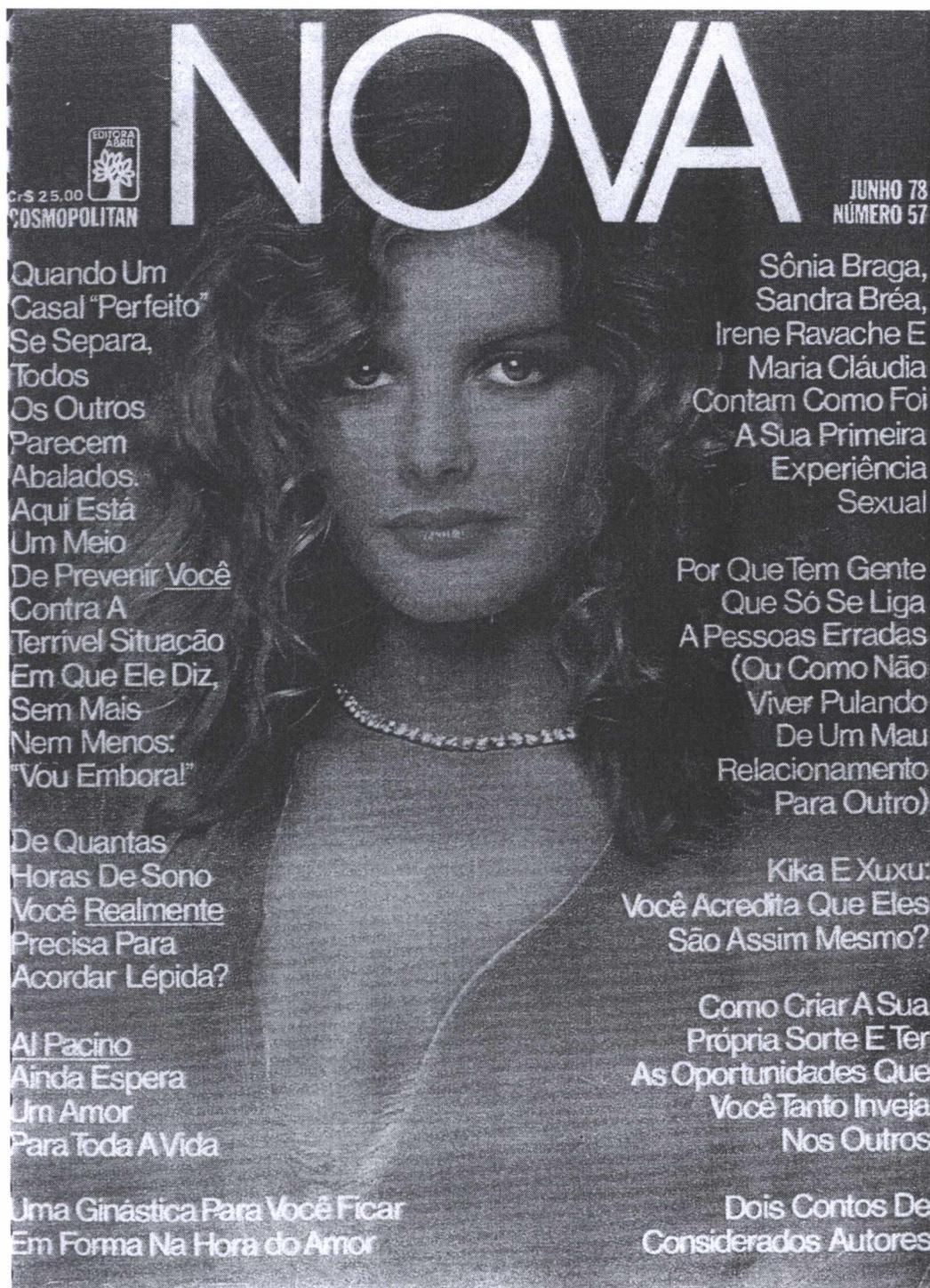


Fig. 02. Revista Nova, ano 06, no 57, junho de 1978.

Figura 3: Nova, ano 6, n.57, jun. 1978. Apud BORGES, Dulcina Tereza Bonati. A cultura "psi" das revistas femininas (1970-90). Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas.



Figura 4: Cláudia, ano 17, n. 203, ago. 1978. Apud BORGES, Dulcina Tereza Bonati. A cultura "psi" das revistas femininas (1970-90). Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual de Campinas.

Em *Cláudia*, nos preocupamos em acompanhar os artigos de Carmem da Silva (Fig. 5), colaboradora permanente na coluna “A Arte de Ser Mulher”, que trazia temas feministas para o dia-a-dia das leitoras de *Cláudia*.³⁸

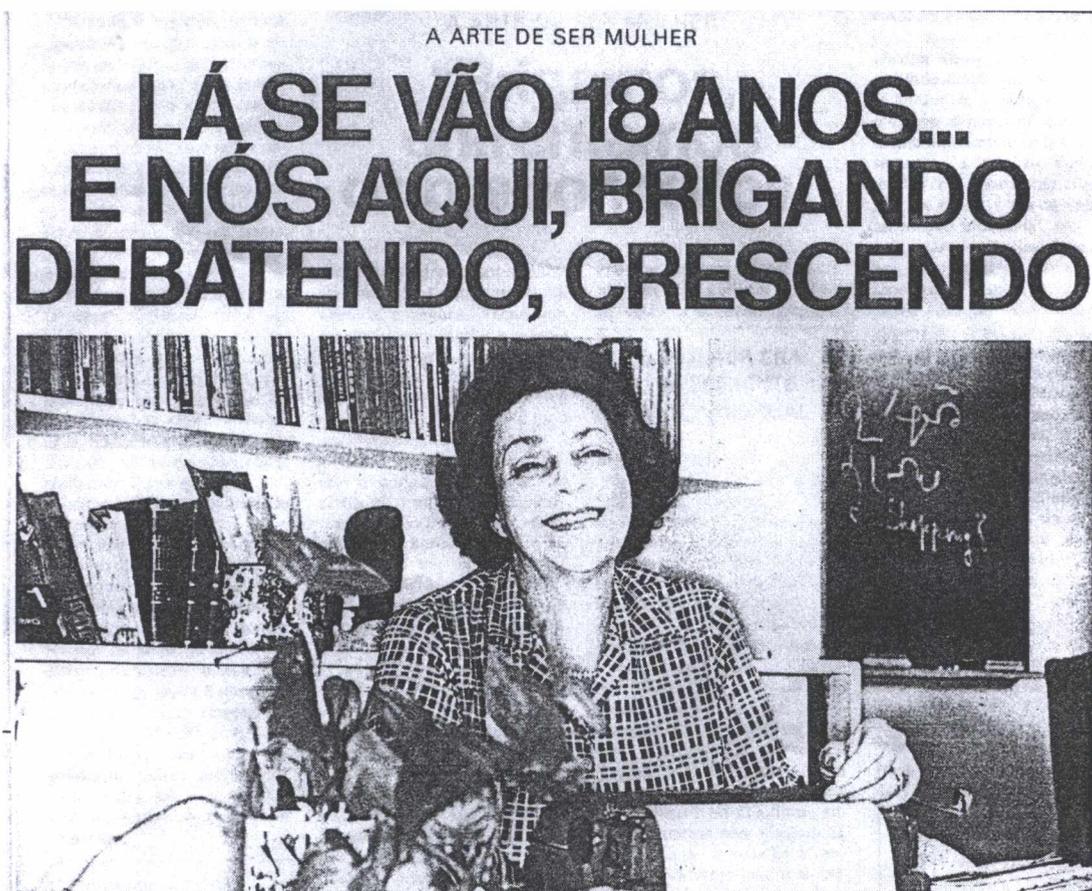


Figura 5: Cláudia, ano 18, n. 210, set. 1979.

³⁸ Como exemplos temos: “Era uma vez uma tímida”, ano 10, n. 115, abr. 1971, p. 26; “Carta aberta aos homens”, ano 15, n. 180, set. 1976, p. 195; “A felicidade que criaram para nós”, ano 16, n. 179, ago. 1977, p. 152; “Será que a Amélia é a mulher de verdade?”, ano 16, n. 193, out. 1977, p. 224; “Divórcio; mais um desafio para a mulher”, ano 16, n. 192, set. 1977, p. 194. “Você pode viver sozinha, sem ter solidão”, n.º 196, jan. 1978, p. 148; Homem= gente, mulher =gente/ mulher =homem, ano 17, n. 199, abr. 1978, p. 168; “O Brasil está descobrindo a mulher”, ano 17, n. 198, mar. 1978; O Brasil debate o sexo. Os inimigos já se movimentam”, ano 17, n. 205, out. 1978, p. 255; “O homem está condicionado a mandar. Mas... E a mulher?” ano 17, n. 207, dez. 1978, p. 262; “A mulher avança, apesar dos fantasmas no seu caminho”, ano 18, n. 215, ago. 1979.

Uma outra revista que nos chamou a atenção foi **Pais&Filhos**, cuja capa em destaque aparece: “A revista mensal da família moderna”. Uma revista também da editora Bloch, que tem sua propaganda na revista **EleEla**. (Fig.6).

Figura 6: **EleEla**, Ano 1, n.11, mar. 1970.

Numa das propagandas que aparecem em **EleEla**, temos a foto de uma menina abraçada a sua mãe e cochichando no seu ouvido (Fig.7). Em destaque informava-se que:

Muitas meninas não encontram na mãe a amiga que precisam. Então, elas acabam tratando seus problemas com a amiga íntima, o namorado ou o médico. Nesse caso, a mãe fica sendo a última a saber. E às vezes fica sabendo tarde demais. Por isso PAIS & FILHOS fala de aborto, gravidez, frigidez sexual e outros assuntos incômodos para as mães. Informando para que você possa dialogar com sua filha antes que esses problemas aconteçam com ela. Porque a sua filha também é mulher. Igualzinha àquela menina que você era anos atrás.³⁹



Se você não consegue ajudá-la como mãe, procure ajudá-la como mulher.

Muitas meninas não encontram na mãe a amiga que precisam. Então, elas acabam tratando seus problemas com a amiga íntima, o namorado ou o médico. Nesse caso, a mãe fica sendo a última a saber.

E às vezes fica sabendo tarde demais. Por isso PAIS & FILHOS fala de aborto, gravidez, frigidez sexual e outros assuntos incômodos para as mães. Informando para que você possa dialogar com sua filha antes que esses problemas aconteçam com ela.

Porque a sua filha também é mulher. Igualzinha àquela menina que você era anos atrás.

Pais & Filhos
A revista mensal da família moderna

Figura 7: EleEla, ano 4, n.38, jun. 1972.

A relação pais e filhos era a questão central na redação da Revista. Para tanto, seus artigos buscavam informar sobre os “problemas” que os “pais modernos” deveriam conversar com seus filhos. Mas, o tom de cochicho da filha e da mãe nos sugere que tais assuntos eram tratados em segredo, pois a imagem denota um certo constrangimento. Além disso, a ausência do pai confirma que a educação sexual das

³⁹ EleEla, ano 4, n. 38, jun.1972.

meninas era função exclusiva das mães. O “sexo” definia a responsabilidade sobre a orientação sexual dos filhos. A revista tinha como público-alvo os “pais modernos”, mas os exemplos na maioria das vezes destacava o papel das mães na educação da “família moderna”. A identidade sexual definia quem educava quem.

Sobre este aspecto, ao construir enunciados sobre a sexualidade, a ação pedagógica das revistas imprimia ou ressaltava uma “natureza”, ou melhor, “naturezas femininas e masculinas”, utilizando-se das diferenças biológicas para justificar uma diferença socialmente construída e instituída. Daí a incorporação, nessa pesquisa, das análises nas quais se inserem autores como Laqueur, que aponta no sentido de que o “sexo” só pode ser explicado “dentro do contexto das batalhas em torno do gênero e do poder”, sendo algo contextualizado, produto de momentos culturais e históricos concretos. Para esse autor o corpo se constitui no discurso e a forma como o observamos está diretamente relacionado com a ordenação da sociedade.⁴⁰ O gênero, apontado como categoria analítica por Joan Scott, permite observar algumas construções sociais calcadas não em explicações biológicas, mas dentro de todo um sistema de relações sociais hierárquicas nas quais se inserem homens e mulheres. Mas, o gênero, como chama a atenção Laqueur, citando Scott:

(...) não é uma categoria mediadora entre a diferença biológica fixa de um lado e as relações sociais historicamente contingente de outro. O gênero inclui tanto a biologia quanto a sociedade: um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças aceitas entre os sexos ... uma forma básica de relação de poder.⁴¹

As chamadas diferenças de sexo “naturalizadas” mantêm-se nas revistas, como podemos ver na relação leitores/temas. Além das já citadas, temos a revista **Homem** que foi lançada em agosto de 1975 pela editora Abril. Em seu editorial de lançamento assinado por Victor Civita, editor e diretor da referida editora, apresentava a nova publicação aos leitores:

⁴⁰ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001, p. 23

⁴¹ *Ibidem*, p. 24.

Uma nova Revista

Um país novo

Um novo homem

Homem exigente num país que se transforma dia a dia. Nunca, como agora, existiram maiores oportunidades para o homem conhecer-se melhor e entender o mundo que o cerca.

Entendendo seu mundo torna-se exigente, na medida em que vê as coisas com lucidez e idéias arejadas, podendo amar e usufruir o que é bom, sofisticado e belo.

Para este homem, esta revista.

Revista que interessa ao homem no seu lazer intelectual e, também profissionalmente.

Revista para ajudá-lo a tornar-se completo. Para atualizá-lo em as áreas do seu interesse inteligente: política, negócios, esporte, aventuras, ciência, arte, cinema, moda, literatura.

Tudo isso sem desprezar as boas coisas da vida: uma bela viagem, o melhor som, boas bebidas, roupa elegante, um outro assunto de grande interesse: a mulher.

Nada disto quer dizer que a revista do Homem seja proibida as mulheres. Mas elas que nos perdoem- desta vez a revista é sua, homem brasileiro.

Victor Civita.

Apesar de abordarem alguns temas semelhantes aos das revistas femininas como “moda”, “arte”, “cinema”, a Revista destinava-se ao sexo masculino. Essa revista conforme observamos em nossa pesquisa em 1978 passou a se chamar **Playboy- a revista do homem**.

Em setembro de 1978, talvez para se aproveitar da propaganda feita pela Abril da revista **Homem**, foi lançada pela editora Idéia Editorial, de São Paulo, a revista **Homem**– a revista do playboy, caracterizada em uma carta para uma “leitora” como “uma revista barata e que não tem anúncio”, dependendo exclusivamente das vendas. Além dessa informação, a carta da leitora, contrariando às regras, também nos mostrou que não eram só os homens que liam estas revistas.

O Homem Responde

Agora é o seguinte Maria Helena, que história é essa de mandar envelope e papel de carta para resposta. Tá certo que a gente é uma revista barata, não tem anúncio, e é feita “num pouco charmoso armazém da Lapa em São Paulo, como disse o jornal “Movimento” de 19 de fevereiro passado . Mas, ainda dá para comprar material de correspondência. Viu? ⁴²

Nessas revistas encontramos o maior número de “bolas e tarjas pretas” que cobriam legendas e fotos. Foi a partir delas que passamos a prestar ainda mais atenção na intervenção da censura e a confirmar que não eram apenas os textos políticos alvos de cortes e substituições de última hora. Na apreensão de revistas, quando tratavam de determinados assuntos, ou nas cartas de leitores, fomos percebendo as relações e tensões em que tais fontes foram produzidas. A censura, em nome da “moral e dos bons costumes”, interferiu na divulgação do debate sobre a “sexualidade” e na forma como estas revistas apresentavam a nudez feminina e masculina. Os corpos femininos eram cobertos por biquínis, camisolas e *lingeries*. Quando os seios apareciam, a editora se encarregava dos retoques, desenhando sutiãs ou estrelinhas. E no caso de aparecerem de costas, apareciam sentadas. Com a diminuição da censura a partir de 1977, os corpos já aparecem de perfil e de costas bem discretos. No início de 1978, os lábios começam a se abrir e os olhos a se fechar , simulando um certo prazer.⁴³ Convém informar, também, que os corpos masculinos, na maioria das vezes, apareciam completamente vestidos. Os corpos erotizados que aparecem nas revistas, através dos artigos e fotos, eram os corpos das mulheres.

Com relação a esta visibilidade, é essencial reconhecer também o papel das interdições da censura do Departamento de Costumes e Diversões Públicas, da Polícia Federal. Como vamos mostrar, tais intervenções interferiram na produção das revistas. Tanto as imagens como os textos não incluíam temas que questionassem “padrões morais” e que dessem visibilidade a novas práticas sexuais. Por exemplo, alguns temas apresentados nos livros de alguns autores – como Wilhelm Reich e Masters e Jonhson

⁴² **Homem**, ano 1, n.º 9, maio 1979.

⁴³ Para estas referências, além do trabalho de pesquisa que realizamos, foram muito importantes as informações dadas por: JURADO, Alicia Agripina Concha. **Revistas Pornográficas: A fantasia do prazer- Um estudo crítico e documental**. São Paulo, 1990.124p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Arte.

– citados nas revistas não aparecem em suas páginas. Considerando as revistas como instâncias de produção e de divulgação de enunciados, elas apresentaram “silêncios” constituídos em meio à ação concreta da censura, que proibiu a divulgação de determinados “conhecimentos” na mídia. Tais “silêncios” foram observados tendo em vista o fato de eles também “dizerem” que tipo de discurso foi autorizado ou que forma de discríção foi exigida a uns e outros”.⁴⁴

Nesse sentido, é importante compreender quais os valores simbólicos que norteavam as ações da censura e que eram defendidos pelos censores.⁴⁵ As considerações de José Salvador Faro, em sua obra sobre a **Revista Realidade-1966/1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**, foram esclarecedoras sobre as lutas pelo “controle” do universo simbólico dos segmentos médios da sociedade brasileira.

Faro, aponta a revista **Realidade** como um marco na imprensa brasileira do período, pelo estilo adotado para produção de suas matérias. A partir de 1968, **Realidade** trouxe “à tona o questionamento dos padrões” que se apresentavam no cotidiano das classes médias urbanas brasileiras. A Revista transgredia a moral defendida pelo estado autoritário através de reportagens que faziam referências diretas e indiretas “à estrutura da família, à mulher, aos jovens, ao sexo, à religião e às igrejas, à ciência e à medicina” etc. Seus repórteres investigavam as “inquietações de seus leitores”, o que tornou a revista uma “espécie de pólo gerador de polêmica e inquietação cultural”.⁴⁶

Foi o caso das pesquisas sobre a questão do divórcio; sobre o que pensam os jovens e sobre a mulher brasileira. Esta última, conforme Faro, foi a que provocou maior “alvoroço” e provocou a intervenção da censura sobre a revista. A pesquisa foi

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 30.

⁴⁵ José Salvador Faro faz uma instigante análise sobre a revista **Realidade**, publicada pela editora Abril entre 1966-1968, que nos mostrou que foi a partir de seus artigos e matérias que certos “tabus”, como coloca o autor, passaram a ser discutidos pela imprensa, levando aos leitores as discussões que estavam sendo realizadas fora do Brasil, mas que atendiam a demandas deste mesmo público, levantadas pelas pesquisas feitas pela revista, através dos serviços de órgãos de pesquisa como o Marplan ou o Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (INESE) ou pelos questionários das revistas, que buscavam conhecer seus leitores. Ver: FARO, J.S..**Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: ULBRA/AGE, 1999, p. 109.

⁴⁶ Ibidem, p. 107-108.

apresentada na edição inteira da revista de janeiro de 1967 intitulada “A mulher brasileira, hoje”. Foram entrevistadas 1.200 mulheres com mais de cem mil respostas, que foram apresentadas paralelamente aos temas que suscitavam.

As matérias que se seguiam discutiam a questão da superioridade entre os sexos, faziam a radiografia da estrutura física da mulher e de todo o aparelho reprodutor feminino, traçavam o perfil de religiosas envolvidas com questões sociais, abordavam em fotos e textos o momento do parto, traçavam ainda o perfil de Ítala Nandi, apresentada como uma mulher livre e independente, carregada de convicções perturbadoras sobre os padrões conservadores, discutiam questões de ordem sentimental, analisavam a personalidade e o trabalho de uma mãe-de-santo, dissecavam histórias de casamentos desfeitos, o perfil de uma empresária, de uma mãe solteira que se proclamava orgulhosa disso e ainda questionavam, na última página, se a mulher devia ou não ser “virgem ao casar”.⁴⁷

Realidade não foi vendida nas bancas, seus exemplares foram apreendidos por ordem do Juiz de Menores de São Paulo e logo depois pelo Juiz de Menores da Guanabara, pois era, segundo eles, de acordo com Faro, “obscena e ofensiva à dignidade da mulher”.⁴⁸

Esta apreensão foi denunciada na própria Revista através da seguinte nota: “Esse tipo de apreensão ameaça jornais e revistas que publicarem fatos, estatísticas e opiniões julgados inconvenientes a critério exclusivo de uma única pessoa”.⁴⁹ Nesse momento, além da nota, os editores entraram com ações junto a instâncias superiores, mas apenas no segundo semestre de 1968 é que o ministro do Supremo Tribunal Federal Aliomar Baleeiro concluiu que não viu na publicação nada de obsceno, imoral ou sórdido que contrariassem os bons costumes.⁵⁰ Segundo Faro:

Na época o STF era palco do confronto que setores da magistratura estabeleceram com a ordem autoritária que procurava se institucionalizar com a legislação de exceção; e Baleeiro era uma espécie de obstáculo para as

⁴⁷ Ibidem, p.128

⁴⁸ Ibidem, p.129.

⁴⁹ Ibidem, p.129.

⁵⁰ Ibidem, p. 134.

tendências mais ortodoxas do regime militar. Até que o AI-5 fosse editado, em dezembro daquele mesmo ano, a conjuntura política do país permitia que seus votos se transformassem em reservas das elites civis liberais já parcialmente divorciadas do Estado. No caso da apreensão da revista *Realidade* não foi diferente.⁵¹

Mas, no caso das revistas que pesquisamos entre 1969 e 1979, a censura apreendeu números da *Nova* e *Playboy* (americana)⁵² e censurou textos e imagens nas revistas, *Homem*, *Playboy* e *Homem – a revista do playboy*. No entanto, não observamos nenhum artigo por parte dos editores que falasse do autoritarismo da “ação da censura”. É bom lembrar que após dezembro de 1968, como já adverte Faro, “com a edição do Ato Institucional n.º 5”, a censura sobre os meios de comunicação aumentou.⁵³ Como vamos ver adiante, só foi possível perceber a censura nas revistas através das cartas de leitores, onde apareciam reclamações ou comentários sobre a apreensão das revistas e sobre as tarjas pretas nos textos e nas fotos. Assim, considerando que as cartas que apareciam nas revistas eram escolhidas pelos editores, é possível pensar que esta foi uma das maneiras que os editores encontraram para expor suas insatisfações, sem represálias.

Em uma carta, uma leitora da *Nova*, em janeiro de 1977, vangloriava-se:

Antes que a censura recolhesse a revista do meu Bairro, consegui comprá-la. Devorei-a de ponta a ponta e o artigo que mais gostei – o mais esclarecedor – foi “O orgasmo Masculino” – que respondeu a várias perguntas que eu não sabia a quem fazer. Continuem publicando mais matérias desse gênero. Neusa Assumpção – Salvador – BA.⁵⁴

⁵¹ *Ibidem*, p. 133.

⁵² A revista americana *Playboy* até 1963 era distribuída no Brasil por Fernando Chinaglia, quando é substituído por Jácomo La Selva, que em 1962 fundou em São Paulo a Editora e Distribuidora Sublime. Eram responsáveis pela distribuição no Brasil das revistas “eróticas” italianas *Fiesta* e *Playmen*. Em 1975, essa editora publica *Fiesta*, versão brasileira da *Fiesta* italiana. A esse respeito ver: JURADO, Agripina Concha, *op. cit.*, p. 87.

⁵³ *Realidade* neste momento, conforme Faro, “sofre limitações descaracterizadoras”, deixando de refletir as principais tendências apontadas. *Ibidem*, p. 20.

⁵⁴ *Nova*, ano 5, n. 40, jan. 1977, cartas.

Na revista **EleEla**, encontramos na seção “Fórum” cartas onde se solicitava nus masculinos ou a liberação total dos nus femininos. Em abril de 1977, **EleEla** também respondia à censura, pois temos:

Na edição de fevereiro vocês, como na de janeiro, além de terem usado os velhos e manjados truques de panos e sombras, chegavam ao cúmulo de cortar duas fotos exatamente na área vaginal. Querem parar com isso? Adrian, Denise e Susane Saxon deveriam aparecer em toda a sua plenitude. Vocês não acham? (L.Ferreira, Niterói, R.J.).

– Achamos. Quem não acha são eles.⁵⁵

Além das cartas, como foi dito anteriormente, no caso de **Homem– a revista do playboy** as “bolinhas pretas” e as “tarjas” sobre os textos podem ser observadas nos exemplares arquivados na Biblioteca Nacional.

Portanto, a “censura” era uma realidade. Contudo, é necessário deixar bem claro que essas proibições não indicam que os temas não tenham sido discutidos em outros espaços. Além disso, como vamos ver, nas revistas foram criadas outras formas de apresentar os temas e os corpos pelos articulistas das revistas. Dessa forma, apesar da censura, muito foi dito, tanto pela criatividade dos editores e articulistas nos artigos e fotografias como pela falta de eficiência da censura.

Acrescenta-se a isso o fato de que, apesar da censura ter comprometido a autonomia das revistas, é importante considerar que as exigências do mercado consumidor e a subjetividade dos jornalistas também fizeram parte do processo de escolha e definição dos temas selecionados e da forma como eram tratados. A compreensão de que as revistas resultam de processos complexos e dinâmicos evita reduzi-las a simples reflexo da censura governamental.

O que vale para nós é não fazer das interdições da censura o elemento fundamental em nosso estudo, mas mostrar que no Brasil, durante a ditadura militar, ocorreu a popularização de uma “ciência sexual” e que os debates sobre a “liberação sexual” feminina e sobre a “igualdade” entre homens e mulheres, abertos no âmbito internacional e nacional, foram divulgados pela imprensa.

⁵⁵ Revista **EleEla**, ano 6, n. 96, abr. 1977, Fórum.

Nas revistas, os artigos também democratizaram saberes anteriormente disponíveis somente nos livros específicos, nos romances e na literatura, que traziam o erotismo em suas páginas.⁵⁶ Se antes os livros e manuais ficavam restritos a um determinado público, leitores ou profissionais interessados em tais temas, o lançamento das revistas femininas e masculinas serão responsáveis pela disseminação dos discursos em torno da sexualidade em diferentes espaços sociais, publicizando aspectos da vida íntima anteriormente restritos aos especialistas.

As revistas valiam tanto por suas capas, títulos e fotografias como por seus conteúdos. Neles eram representadas normas, condutas e valores suscetíveis de se caracterizarem como uma forma de educação. Nessa perspectiva, constituem-se como documento importante na compreensão de modelos que foram colocados à disposição dos leitores – homens e mulheres – no processo de constituição de suas subjetividades.

Nesse momento, as revistas atendiam a um determinado público consumidor – a classe média em ascensão. As classes médias não eram um público consumidor qualquer, é bom lembrar que o Brasil desde a década de 1950 viveu um período de crescimento da classe média, que se expandiu ainda mais na década de 1970 com o

⁵⁶ Cláudio De Nipoti em seu livro **Páginas do Prazer: a sexualidade através da leitura** faz um estudo sobre os meios de educação sexual disponíveis aos leitores da Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, de 1911/1918. Segundo, esse autor, a produção literária brasileira e a produção médica européia eram as leituras procuradas pelos leitores para obter “informações quanto à sexualidade (amor, casamento, sexo...)”. Foram importantes para nosso estudo suas considerações, em torno dos escritos dos leitores homens, sobre a representação do casamento. Nesses textos, segundo o autor: “Difícilmente a felicidade – entendida como a satisfação de desejos sexuais em uma relação afetiva profunda – dava-se dentro do casamento”. DENIPOTI, Cláudio. **Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. Também Peter Gay dá destaque a uma profusão impressa, tanto erudita quanto popular, lida pela burguesia na Europa e nos Estados Unidos, no século XIX, mas enfatiza que os guias de comportamento, os livros e artigos, gozavam de menos autoridade do que o próprio mundo. De maneira geral, os burgueses aprendiam sobre o amor principalmente com os pais e com os irmãos, com os empregados mais próximos e com alguns amigos ou conhecidos ocasionais. A experiência, “o melhor de todos os professores”, cumpria sua tarefa pedagógica no amor com a mesma eficiência que apresentava em todos os outros campos”. GAY, PETER. **A Experiência Burguesa. Da Rainha Vitória a Freud. A paixão terna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 88. Ver também o capítulo III sobre “A Obra de Ficção”, p. 120. Outras fontes disponíveis aos leitores já no século XVI são trazidas pelos textos dos autores organizados por Lynn Hunt na instigante **A invenção da pornografia – Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800**. Na introdução Hunt diz que “a pornografia como categoria regulamentada surgiu em resposta à ameaça de democratização da cultura (...) quando a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações”. Suas considerações foram importantes na forma de compreender a ação da censura sobre as revistas no Brasil. HUNT, Lynn (Org.). **A invenção da pornografia – Obscenidade e as origens da modernidade. 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999, p. 13. Nesse sentido a obra de DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 15, confirma a importância do “estudo da palavra impressa como uma força no âmbito da história”.

período denominado “milagre brasileiro”. A concentração nos espaços urbanos nos anos 1970 alcançou índices muito maiores que nas décadas anteriores.⁵⁷

Até o final da década de 1970, embora com alguns refluxos, a economia, sobretudo a industrial, continuou crescendo, particularmente com as grandes empresas multinacionais e as estatais, concentrando-se renda e capital. De acordo com José Pastore, tratou-se “de um processo de mobilidade acompanhada de desigualdade”, cujos determinantes mais importantes foram a expansão do emprego e a diferenciação das ocupações no mercado de trabalho, seguida da escolarização.⁵⁸ Ampliaram-se as oportunidades de trabalho para as mulheres de classe média nas áreas de saúde, educação, nas empresas comerciais, artísticas, financeiras e culturais. Além da expansão do setor privado, a ampliação da máquina administrativa do setor público “passou também a oferecer toda uma gama de oportunidades ocupacionais em seus diferentes níveis (federal, estadual ou municipal), seja nas empresas públicas, seja na administração direta”, para as mulheres das classes médias, especialmente, em grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo.⁵⁹ As oportunidades oferecidas para as mulheres, segundo Dulcina Tereza Bonati Borges, no “magistério, nas funções administrativas e serviços sociais, com horários geralmente flexíveis, oferecendo muitas vezes a possibilidade de acumulação de cargos, constituíram importante fonte de trabalho remunerado para as mulheres pertencentes às classes médias”.⁶⁰

Nesse contexto, Borges chama a atenção, também, para o aspecto de que “as mulheres constituíam a metade da população estudantil do ensino médio apta a ingressar nas universidades. As estudantes ainda se concentravam na área de enfermagem, letras e educação, mas aos poucos a participação universitária foi se equiparando à masculina”.⁶¹

De acordo com as evidências, mulheres e homens vieram a se constituir num público consumidor interessado em informações que os ajudassem a compreender as

⁵⁷ Segundo Hugon a população urbana representava, em 1970, 55,9% do total. Hugon, Paul. **Demografia Brasileira** – ensaio de demoeconomia brasileira. São Paulo: Atlas/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1973, p. 231. Foi consultado também MERRICK, Thomas e GRAHAM, Douglas. **População e desenvolvimento econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 309-361.

⁵⁸ PASTORE, José. *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo: T. A Queiróz, 1979. Apud BORGES, Dulcina Tereza Bonati, op. cit., p. 17.

⁵⁹ BORGES, D., op. cit., p.17.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 17.

⁶¹ *Ibidem*, p.17.

mudanças de comportamento advindos com o aumento da intensidade e da complexidade da vida urbana. Parece certo que tais publicações não eram para as classes operárias e nem para as classes mais ricas, mas para um pequeno segmento em processo de ascensão, cujo *status* ainda necessitava de legitimação cultural.⁶²

Não queremos dizer que as pessoas passaram a viver como diziam as revistas. Não significa acreditar que o público seja automaticamente modelado pelo que lhe é imposto pela mídia. O que estamos chamando a atenção é que, no decorrer desta tese, vamos apresentar várias questões que foram discutidas e divulgadas, e que podem ter possibilitado aos leitores múltiplas interpretações e utilizações. As vivências, no entanto, dependem das escolhas feitas por mulheres e homens.

É nesse momento que é preciso lembrar as “maneiras de fazer”, conforme as análises de Certeau, pois as leituras por parte dos consumidores foram uma referência importante para este estudo. É importante enfatizar que entendemos os artigos como “indícios” de uma “ordem”. E assim “o consumidor” não pode “ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que assimila: entre ele (que dele se serve) e esses produtos (indícios da ‘ordem’ que lhe é imposta), existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles”.⁶³ É preciso discutir o postulado de uma passividade própria do consumo.

Lembrando, sempre, que é bom não tomar “os outros como idiotas”, como lembra Certeau.⁶⁴ Quando lidamos com os “bens culturais” e o sistema de sua produção, é importante entendê-los como um repertório que os usuários processam em suas experiências próprias.⁶⁵ É preciso lembrar que as prescrições divulgadas nas revistas são “idealizações” e, como tais, podem ser opostas “aos movimentos dos corações e dos

⁶² A esse respeito são importantes as considerações de Habermans sobre a expansão do consumo cultural por meio da comunicação pública de massa. Ver HABERMANS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p.205-207.

⁶³ Ibidem, p. 95.

⁶⁴ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de Fazer. 2.^a ed. , Petrópolis, vozes, 1996, p. 273.

⁶⁵ Ibidem, p. 93.

corpos”, como lembra também Roger Chartier.⁶⁶ A “experiência” é o “melhor de todos os professores”, como diz Peter Gay.⁶⁷

No entanto, cabe ressaltar que, ao nuançar este processo, é importante também considerar que tais prescrições normativas podem ser adotadas por parte de determinados indivíduos e em outros espaços podem ser ignoradas. É preciso reconhecer, criticamente, a existência de certas normas que alimentam a construção de subjetividades.

Como observa Luisa Passerini, em seu texto **Mulheres, consumo e cultura de massas**, pode-se admitir “uma função positiva dos meios de comunicação”, porque são “capazes de propor um conjunto de atitudes” que eles podem assumir ou não. Passerini destaca ainda a concentração dos estudos em torno da relação feminino/masculino/impressão que ficam somente no terreno da acusação. Passerini se levanta contra os estudos que fazem apenas uma crítica ao “sexismo dos meios de comunicação de massas, acusando-os de privilegiar de vários modos o masculino e os homens”.⁶⁸ Ela propõe que as análises coloquem em evidência o aspecto da “interação” entre os produtos da cultura de massas e o público. Nas palavras de Passerini:

Não se trata já de acusar a cultura de massas de convivência com um único sexo, mas sim caracterizar o modo como ela reformula a subordinação das mulheres graças também aos seus novos comportamentos e modos de pensar. (...) O importante é que desta maneira se restitui aos atores sociais uma certa forma de autodeterminação⁶⁹ (grifo nosso).

Assim, abrimos um caminho de mão dupla, onde percebemos as convivências dos leitores com “as idéias dominantes, mas também a influência que sobre elas exercem suas novas idéias a esse propósito”.⁷⁰ Dessa forma, a mídia vai sendo percebida como

⁶⁶ CHARTIER, Roger. Formas de privatização- introdução. In. ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (orgs.). In. **História da Vida Privada III: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 163.

⁶⁷ GAY, Peter, op. cit, p. 88.

⁶⁸ PASSERINI, Luisa. Mulheres, consumo e cultura de massas. In. DUBY. Georges ; Perrot, Michelle. (Orgs.) **História das mulheres no Ocidente**. O século XX. Trad. Alda Maria Durães et al.. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991, p. 384.

⁶⁹ Ibidem, p. 385.

⁷⁰ Ibidem. p. 386.

formação histórica que vai se definindo em meio à experiência social e aos sujeitos. As revistas contribuíram para divulgar temas que reafirmavam o poder masculino, mas também desafiavam esse domínio quando apresentavam outras questões que abriam espaço para transformações, que podemos arriscar em dizer, nas idéias e nas vivências.

As revistas, quando traziam as discussões e as notícias sobre os movimentos pela “liberalização de costumes”, principalmente na França e nos Estados Unidos, discutiam questões que interessavam e preocupavam seus leitores. O estabelecimento desse vínculo com seu público é que garantia a sobrevivência de tal tipo de imprensa. Diante desse aspecto, no entanto, temos que considerar que a mídia, ao aumentar o fluxo de informação, também modela suas características. Devido tanto à quantidade como a sua qualidade, muitas opções foram feitas por parte dos articulistas e dos editores. Este é um aspecto que destacamos para mostrar que não caímos na armadilha da ilusão de “neutralidade”, reforçada nas matérias sobre comportamentos, especialmente no tocante à afetividade e ao sexo, pela utilização de “pesquisas científicas” realizadas por médicos, psicólogos e sexólogos.

Na obra **Mudança estrutural da esfera pública**, Jürgen Habermas chama a atenção para a constituição da imprensa como espaço de discussão, como “porta-vozes” e condutora da opinião pública, em substituição a uma esfera pública pensante e debatedora.⁷¹ Ele está falando sobre as mudanças do princípio da esfera pública que podemos entender através do estudo da instituição da imprensa. Nesse contexto, interessa a nossa análise, a observação sobre os jornais e revistas entendendo-os como mecanismos, ou, nas próprias palavras de Habermas, como “complexos de grande poder social”.⁷² E, sobretudo, como a imprensa foi intervindo no espaço privado, ao publicizar aspectos da vida íntima. A esfera pública ampliada maximizou a venda de conceitos e preocupações sobre comportamentos, tonando-os públicos, ao mesmo tempo que suas informações dão a ilusão de uma esfera privada autônoma. A esfera pública, pesquisando aspectos da vida íntima, publicizou-os e assim passou a interferir na esfera íntima da família, ao divulgar regras que problematizavam aspectos como as relações

⁷¹ HABERMAS, Jürgen, op. cit., p. 214.

⁷² Ibidem, p. 221.

entre homens e mulheres. Para Habermas a esfera pública é capaz de mobilizar a opinião pública e impor padrões sócio- psicológicos.⁷³

Nesse sentido, observamos nas revistas um processo de “psicologização” da vida cotidiana, ou seja, a tematização dos comportamentos de acordo com valores e normas definidas pela autoridade do discurso científico, advindos dos estudos psicológicos ou psicanalíticos.⁷⁴

As psicologias modernas, sobretudo a Psicanálise, de acordo com Borges, “baseiam-se na crença de que, ao entender os procedimentos internos, (...) as pessoas poderiam libertar-se do ‘caos’ interno e tornarem-se disponíveis para participarem desse eu, as pessoas poderiam libertar-se do “caos” interno e tornarem-se disponíveis para participarem mais completa e racionalmente, de uma vida externa aos limites dos seus próprios desejos”.⁷⁵ A mercantilização e divulgação das teorias psicológicas centradas no individualismo colocou o indivíduo acima do mundo.⁷⁶ Como destaca Denise Bernuzzi Sant’Anna, “em sua fabricação industrial, o cultivo de si foi separado da sua responsabilidade com os outros”.⁷⁷

Nesse sentido, Ian Watt, em sua obra **A ascensão do romance**, destaca a tendência crescente desde a época do Renascimento de “substituir a tradição coletiva pela experiência individual como árbitro decisivo da realidade” – primórdios da sociedade individualista a partir do século XIX.⁷⁸ Diz, ainda, que a sociedade individualista é regida basicamente pela “idéia da independência intrínseca de cada indivíduo em relação a outros indivíduos e a fidelidade aos modelos de pensamento e conduta dos passado designados pelo termo tradição”.⁷⁹

⁷³ Ibidem, p. 200.

⁷⁴ Os estudos de Freud abriram espaço para o estudo dos comportamentos humanos e a possibilidade de tratamento e cura. Não é nossa intenção aqui discutir Freud, mas apenas destacar sua importância como fundador da Psicanálise ao “encarar a sexualidade como âmago de toda a experiência humana” e de como seu saber inovador e moderno, no século XIX, estava ligado a concepções tradicionais como “natureza feminina”. Conforme KELH, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 226.

⁷⁵ BORGES, D., op.cit., p. 8.

⁷⁶ FIGUEIRA, Sérvulo. **O conceito social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. Apud, BORGES, D., op. cit, p. 10.

⁷⁷ SANT’ANNA, D., op. cit. , p. 117.

⁷⁸ WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 16.

⁷⁹ Ibidem, p. 55.

Assim, os estudos de Richard Sennett, em sua obra **O declínio do homem público**, trazem-nos referências importantes sobre o que impulsionou esta visão intimista. O espaço público morto para Sennett é uma das razões que levaram as pessoas a se “voltarem para dentro de si”.⁸⁰ São mudanças que começaram “com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista”.⁸¹ Esta preocupação “apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares tem demonstrado que a “tirania da intimidade” é bem mais “sutil”.⁸² Esta preocupação tem evidenciado, como sublinha Sennett, “ser mais uma armadilha do que uma libertação” dos sujeitos.⁸³

Dessa forma, interessam ao nosso estudo as análises de Sennett sobre a revolta moderna contra a repressão. Para Sennett, a revolta foi importante, ao liberar a imaginação, mas ele alerta que se tornou uma “nova escravidão” quando o sexo passou a ser “uma revelação do eu” e a sexualidade não mais um “ato expressivo”, mas um “estado expressivo”, no qual o ato físico do amor decorre quase como uma consequência passiva, como um resultado natural do sentimento de intimidade entre duas pessoas.⁸⁴ A sexualidade perde sua dimensão social, não deveria mais ter regras, limites e idealizações que lhe conferissem um significado específico, as atitudes e as experiências deram lugar aos ensinamentos psicológicos ou científicos.

Além disso, a preocupação consigo mesmo, “feita de modo tão repetitivo”, levava ao questionamento sobre a importância dos outros e da sociedade, anulando o senso de contato social. Há uma busca interminável de auto-satisfação, onde o outro é um espelho das preocupações consigo mesmo e a troca de confissões é um disfarce suficiente para estabelecer o relacionamento. Na esfera da sexualidade, conforme Sennett:

O simples fato de um compromisso por parte de uma pessoa parece, para ele ou ela, limitar as oportunidades de experiência “suficientes” para saber quem ele

⁸⁰ Ibidem, p. 30.

⁸¹ Ibidem, p. 30.

⁸² Ibidem, p. 411.

⁸³ SENNETT, Richard. **O Declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.16.

⁸⁴ Ibidem, p. 19-20

ou ela é. Todo relacionamento sexual sob a influência do narcisismo torna-se menos satisfatório quanto maior for o tempo que os parceiros continuarem juntos.⁸⁵

A busca constante do “espelho”, dos iguais, já que as diferenças simbolizam a antítese do prazer, de acordo com Sennett, produzem o “tédio que é a consequência lógica da intimidade nesse modelo de relação de troca”.⁸⁶

Encontramos em Ortega uma visão semelhante, quando propõe que devemos “fugir desse cânone identificador da amizade, do amigo como outro eu”, no sentido de fortalecer “uma sensibilidade para as diferenças de opinião e de gostos, essencial ao contexto sócio-político de uma sociedade “dominada pela tirania da intimidade”.⁸⁷

Portanto, parece certo igualmente que hoje, quando a “felicidade” é apresentada nas representações sociais como imperativa e que deve ser alcançada rapidamente, uma alegria “*full time*”, onde não há lugar para as “experiências pouco contentes”,⁸⁸ podemos pensar que, certas “vitórias”, tecidas num árduo caminho de vivências e lutas de homens e mulheres, ao serem investidas como regras pela insistência da esfera pública, perdem suas singularidades, e o que sobra é o “dever” de os sujeitos alcançarem a “felicidade sexual” de todas as formas, transformando a “fruição sexual” em uma compulsão pelo sexo, “que implica na impossibilidade de escolher, de dizer ‘não’”⁸⁹ (grifo nosso).

É possível que, ao tornar a “liberdade sexual” uma palavra de ordem, os meios de comunicação de massa tenham contribuído para que tudo caminhe “muito rápido nas relações amorosas, tornando cada vez mais difícil a probabilidade de experiências sentimentais bem-sucedidas. As pessoas aprenderam “a querer dos sentimentos o que esperamos das sensações”.⁹⁰ Isso não se dá, diz Jurandir Freire Costa, “porque somos covardes ou narcisistas mas porque estamos sendo habituados a procurar prazeres mais fáceis de comprar e instrumentalizar”.⁹¹ Na “era das sensações”, em que a publicização da intimidade e a perda da privacidade são entendidas como “liberdade para conduzir a

⁸⁵ Ibidem, p.22.

⁸⁶ Ibidem, p. 24.

⁸⁷ ORTEGA, Francisco, op. cit., p. 81.

⁸⁸ Sobre o “dever da felicidade”, ver: Sant’Anna, D., op. cit., p.121-123.

⁸⁹ SARTI, Cynthia, op. cit., p. 44.

⁹⁰ COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico.** Rio de Janeiro, Rocco, 1998, p. 214.

⁹¹ Ibidem, p. 215.

própria vida”]; já que tudo passa a ser socializado, algumas pessoas, como enfatiza Costa, “não aceitam viver o demorado processo da descoberta íntima e sentimental do outro”.⁹²

Nosso trabalho caminha no sentido de mostrar que é questionável a crença de que o problema era só da ordem da “liberação” e que o fim “da repressão sexual” libertaria um “ser pleno e feliz”.⁹³ A liberação abriu, como escreveu Michel Foucault, “um campo para novas relações de poder, que convém controlar por práticas de liberdade”.⁹⁴ Que tipo de prática de liberdade? Foucault propõe uma liberdade ética, ou seja, “a prática refletida da liberdade”.⁹⁵ Esta liberdade implica um “cuidado de si” que não afasta o outro.

Em **História da sexualidade**, sobre o “uso dos prazeres”, Foucault, ao mostrar o pensamento grego clássico sobre a liberdade dos indivíduos ligada ao exercício para alcançar o domínio sobre si mesmo, não se deixando dominar pelos prazeres do corpo, indicava suas angústias sobre as relações entre a “liberdade” e a “hipótese repressiva”. A pergunta feita por Xenofonte a Eutidemo é muito sugestiva sobre estas preocupações:

Dize-me, Eutidemo, acreditas que a liberdade seja um bem nobre e magnífico, quer se trate de um particular ou de um Estado? – é o mais belo que é possível ter, responde Eutidemo. – Mas aquele que se deixa dominar pelos prazeres do corpo e que, em seguida, torna-se incapaz de praticar o bem, tu o consideras um homem livre? – De jeito nenhum, diz ele.⁹⁶

As perspectivas de Foucault em torno do poder e da importância da produção dos discursos na história da sexualidade estão muito presentes em nosso trabalho como já demonstramos. Sua obra **História da sexualidade**, especificamente o volume “a vontade de saber”, onde se problematiza o discurso da sexualidade, ressalta a constituição do “poder disciplinar” na sociedade moderna. Poder que não estabelece limites, não é repressivo, que forma saberes e produz discursos para serem aceitos.

⁹² Ibidem, p. 217.

⁹³ FOUCAULT, Michel. **Sexo, poder e indivíduo**, op. cit, p. 58.

⁹⁴ Ibidem, p. 58.

⁹⁵ Ibidem, p. 59.

⁹⁶ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**, op. cit. , p. 73.

Ao fazer uma genealogia da forma como o prazer, os desejos e os comportamentos sexuais foram problematizados, repetidos e pensados na antiguidade em relação a uma certa arte de viver, questionou a idéia de que o sexo sempre foi fadado à proibição, de que a “hipótese repressiva” fosse uma evidência histórica. De forma instigante e desafiadora, apontou elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que foram reduzidos à repressão. De acordo com Foucault todos esses elementos negativos constituíam técnicas de poder, onde a vontade de saber era acompanhada por práticas, discursivas ou não, que fizeram o sexo entrar no jogo do verdadeiro e do falso, da normalidade e do vício, constituindo-se em um objeto para o pensamento. O discurso sobre a sexualidade gerou uma polícia do sexo. A “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”.⁹⁷ Nesse sentido, entrariam em atividade, a partir do século XVIII, a medicina, a psiquiatria e a justiça penal, que passaram a ouvir, registrar, observar, interrogar e formular uma multiplicidade de discursos sobre o sexo.

Para Foucault, o discurso da sexualidade estaria entrelaçado com a defesa da sexualidade submissa à economia estrita da reprodução, ou seja, dizer não às atividades infecundas, banir os prazeres paralelos, reduzir ou excluir as práticas que não têm como finalidade a geração. Para esse autor, “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida”, característicos da era do bio-poder.⁹⁸

Em sentido contrário a Foucault destacamos a obra de Anthony Giddens, que não aceita o poder, o discurso e o corpo como as únicas forças impulsionadoras da sexualidade. Elas não seriam suficientes para explicar a “revolução sexual” dos últimos trinta anos.⁹⁹ “Sem negar sua conexão com o poder”, devemos considerar esse processo, propõe Giddens, “mais como um fenômeno de reflexividade institucional em constante movimento”, que, segundo o autor, por ser “o elemento básico da atividade social nos ambientes modernos”, é institucional.¹⁰⁰ É reflexivo nas palavras de Giddens, “no

⁹⁷ Ibidem, p. 28.

⁹⁸ Ibidem., p. 131

⁹⁹ GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 38.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 39.

sentido de que os termos introduzidos para descrever a vida social habitualmente chegam e a transformam – não como um processo mecânico, nem necessariamente de uma maneira controlada, mas porque se tornam parte das formas de ação adotadas pelos indivíduos ou pelos grupos”.¹⁰¹ Os indivíduos incorporam os conhecimentos e fazem uso deles, o que proporciona mudanças nos contextos pessoais e sociais. Ele sugere, ainda, que “temos que nos afastar de uma excessiva ênfase no discurso e examinar fatores em grande parte ausentes da análises de Foucault”.¹⁰²

Para Giddens, dados como a diminuição do número de filhos na família moderna, como condição e também consequência da introdução dos métodos modernos de contracepção, foram essenciais na produção de uma sexualidade livre das exigências da reprodução, o que contribuiu para transformar a sexualidade numa “propriedade potencial do indivíduo” mais ligada à busca e ao exercício dos prazeres.¹⁰³ Em face destes novos enfoques, esta sexualidade produz novas interrogações, pesquisas e aprendizados na sociedade moderna. A reivindicação do prazer sexual feminino tem aí sua importância na reconstituição dos saberes da intimidade entre homens e mulheres.

Portanto, baseados em Giddens, ampliamos nosso olhar sobre o conhecimento que é exposto aos consumidores pelas revistas. O processo de produção desses saberes vai além de um “dispositivo” para controlar a “sexualidade” dentro de determinados limites e padrões. Isso não significa que vamos deixar de perceber que as pesquisas que foram produzidas em torno da sexualidade foram divulgadas num processo de lutas e conflitos onde o caráter “disciplinar” dos discursos deve ser considerado. Todavia, compreendemos que junto com as exigências foram também liberadas outras possibilidades de divergir do estabelecido.

No primeiro capítulo deste trabalho, “A sexualidade do ‘casal moderno’”, damos lugar aos modelos de casais, as palavras e aos termos “modernos” e “científicos”, que informavam aos leitores como tornar-se desejável ao outro, focalizando os valores que permeiam os escritos sobre as relações conjugais. Para tanto, vamos utilizar especialmente os artigos da revista **EleEla**, que foi a revista que desde sua criação buscou apresentar “aos leitores um variado e bem informado painel de problemas e

¹⁰¹ Ibidem, p. 39

¹⁰² Ibidem, p. 34.

¹⁰³ Ibidem, p. 37.

soluções que fazem parte do dia-a-dia do homem e da mulher modernos”.¹⁰⁴ Abordaremos também a censura e as práticas e caminhos possíveis que foram elaborados diante das proibições. Os conselhos contraditórios foram destaque mostrando que há debates na sociedade nos quais a imprensa é público e ao mesmo tempo forma esse público. Assim, às vezes propõe, mas às vezes apenas retrata a discussão. Através dos artigos, observamos essa intrincada trama na produção das revistas. Nesse sentido, apontamos que a censura não se dava apenas pela ação direta dos censores, havia outros tipos de censura: a autocensura, a censura econômica e a censura subjetiva. Ao longo do capítulo procuramos inserir indícios que dimensionem a proibição da “pornografia” como estímulo à produção de uma sexualidade marcada pelo erotismo. Acreditamos que o erotismo foi se constituindo como uma das formas que os editores e jornalistas encontraram para atender às demandas de um mercado consumidor, sem correr o risco de as revistas serem censuradas ou apreendidas. Todas as revistas eram censuradas, ou seja, eram encaminhadas para Brasília, para serem analisadas. Através das imagens, acompanhamos as diretrizes da censura sobre como as mulheres poderiam ser fotografadas. Os editores, jornalistas e fotógrafos não ousaram, durante a ditadura militar, apresentar nas revistas fotos de mulheres em posições que mostrassem sua genitália, que só nos anos 1980 começaram a aparecer nas revistas de grande circulação. Assim, o corpo desnudo cobria-se, dando lugar ao sexo minuciosamente pensado, programado, ritualizado, mercantilizado. As roupas, as transparências, foram também produzidas pelas exigências de uma censura que assim permitiam sua exposição, proibindo os “excessos”. [As fotografias das revistas estimulavam os homens a se excitarem pela visão da beleza estética das mulheres – bocas vermelhas, bundas arrebitadas e seios sutilmente encobertos, acompanhados pela utilização de roupas e adereços, como: casacos e estolas de pele, *echarpes*, colares de pérola, camisolas e *lingeries*, cintas-ligas, em sua maioria nas cores preta e vermelha.]

No segundo capítulo, “A ‘arte de amar’: o amor e o prazer” mostramos as formulações dos especialistas sobre como homens e mulheres podem alcançar o prazer. Quais práticas sexuais foram agora visibilizadas e “permitidas”. O desejo feminino foi descoberto, o corpo feminino exposto e analisado, a sexualidade feminina foi sendo

¹⁰⁴ Comentário do editorial da revista sobre seu terceiro ano de edição. *EleEla*, ano 2, n.º 25, maio 1971.

desvelada pelos estudos dos sexólogos. A emancipação sexual feminina passou a ser divulgada. No entanto, a sexualidade feminina analisada, descrita e difundida nas revistas foi construída a partir de signos masculinos, o sujeito do desejo construído continuou masculino. Nesse capítulo, a questão foi dar vazão a nossas inquietações sobre as características propostas para a sexualidade de homens e mulheres, na “Revolução sexual” que foram visibilizadas pela imprensa. Nesse sentido, indicaremos os discursos que problematizaram a sexualidade como significativa para a saúde física e psicológica dos indivíduos. O foco principal desse capítulo é localizar os leitores sobre o significado das obras de Wilhelm Reich na “Revolução Sexual”, que atingiu vários países no final da década de 1960, e analisar porque nas revistas brasileiras suas obras não mereceram tanto destaque.

No terceiro capítulo, “A ‘ciência sexual’ moderna” e a ‘verdade’ sobre o sexo”, trataremos dos recortes realizados nas obras dos sexólogos Alfred Kinsey, Willian Masters e Virgínia Johnson. Nossa intenção é marcar as diferenças entre o que aparece nos livros e o que é publicizado pelas revistas. Este paralelo nos permitiu analisar as obras de Alfred Kinsey, Masters & Johnson e Shere Hite publicadas e lidas no Brasil nos anos 1960 e 1970, que foram referências e que fomentaram os discursos em torno da sexualidade que aparecem nas revistas. Fazendo uma análise dos conteúdos dessas obras, percebemos os enunciados que foram excluídos, ou seja, os que não aparecem nas revistas pesquisadas. Essa análise também possibilitou problematizar o conhecimento sexual produzido nessas obras e que mesmo não sendo visibilizados pelas revistas mereceram destaque neste estudo para apreender porque foram feitos determinados recortes e não outros. Nesse sentido, fomos pontuando os recortes que definiram as sexualidades masculinas e femininas nas revistas e outros que apresentavam mudanças mais “radicais”.

No quarto capítulo, “A ‘educação sexual’ do ‘casal moderno’”, tal educação sexual observada nas revistas e nos manuais sexuais divulgados por elas. O foco principal desse capítulo foram questões relativas ao orgasmo feminino, ao clitóris, ao auto-erotismo e aos roteiros e técnicas para alcançar o “máximo de prazer”. Apresentamos os “artifícios da sedução”, que foram exigidos das mulheres pelos “especialistas” sobre os problemas sexuais dos homens e mulheres. Essas imagens

ocuparam uma posição central no processo de constituição do modelo de “mulher desejável” para os homens. As revistas insistiam em que “manter o seu homem” era a conquista mais importante na vida dessas mulheres. Por outro lado, essas mulheres foram informadas do prazer clitoriano, da possibilidade de sentirem prazer sem a penetração vaginal, do direito de sentir prazer, de ter desejo e de usufruir de uma sexualidade livre da obrigação de gerar filhos.

CAPÍTULO 1

A sexualidade do “casal moderno”

1.1. Os “guias” das mulheres “modernas”

Interpreta-se contraditoriamente, em dias atuais, pelos muitos recursos da moderna comunicação falada, escrita ou televisionada, uma chamada *revolução sexual* que teve início nos meados do século XIX e ora culmina na segunda metade do XX. Alvissararam alguns que significa maior felicidade individual graças à liberdade do prazer sexual que proclama, independentemente da procriação. O número crescente de divórcios ora assinado leva a considerar dúbias suas apregoadas vantagens, visto a instabilidade das uniões conjugais, sobretudo quando precoces, prejudiciais à segurança e criação dos filhos.¹

A obra **Virgindade, sexo, e família**, de José Martinho da Rocha, médico famoso nos anos de 1970 no Rio de Janeiro, é norteadada pela preocupação que parece mover não somente seus estudos, mas também as revistas de comportamento, o aumento da separação dos casais e suas possíveis causas e soluções. A “revolução sexual” é responsabilizada pelo aumento do número de divórcios e separações. A liberação sexual teria tornado o casamento uma instituição desnecessária pela possibilidade de relacionamentos sexuais fora do casamento, sem a preocupação com a procriação, e das novas exigências em relação ao prazer sexual que produziram para o autor novas insatisfações no relacionamento conjugal, tornando-se um empecilho à felicidade conjugal. A “mulher moderna”, como era definida pelas revistas, tinha também o direito ao desejo e ao prazer sexual.²

Os clamores de Martinho da Rocha contra essa preocupação exacerbada em relação à “adaptação sexual” do casal como um empecilho à manutenção do casamento eram acompanhados por artigos que destacavam nas revistas femininas que as mulheres também tinham interesse sexual, mesmo que fosse dentro dos limites do casamento.

¹ ROCHA, José Martinho da. **Virgindade, sexo e família**. Rio de Janeiro: Rio, 1972, p.195.

² Vale ressaltar que desde a antiguidade essa foi uma prerrogativa nos discursos sobre a sexualidade reservada aos homens. O “prazer feminino” era um tema encoberto por comentários sutis ou desconsiderado, como depois da descoberta da medicina, do século XVIII, de que o orgasmo feminino era irrelevante para a geração. De acordo com Thomas Laqueur, o orgasmo feminino “foi relegado ao reino da mera sensação, à periferia da fisiologia humana – acidental, dispensável, um bônus contingente do ato da reprodução”. LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001, p. 15.

Cabe a nós lembrarmos que, embora as referências à liberação sexual e as mudanças propostas buscassem reforçar os vínculos conjugais e salvar o casamento, os enunciados em torno da sexualidade passaram a informar homens e mulheres sobre os estudos científicos em torno do sexo. A sexualidade era apontada nas pesquisas desses estudos como fundamental para um bom casamento. As palavras “relacionamento” e “relação” substituem “casamento”, indicando que estavam ocorrendo mudanças que encorajavam homens e mulheres a fazerem novas exigências em suas “relações íntimas”.

Rocha, para mostrar as mudanças no casamento, utiliza-se de fotografias, apesar de utilizá-las apenas de forma ilustrativa, sem que manifeste qualquer posicionamento crítico, questionando seu conteúdo como expressões de visões de mundo. A escolha feita pelo autor não foi ao acaso, foram meticulosamente escolhidas para realçar determinados aspectos. Logo, assumem significados de acordo com mensagens ou conteúdos que se quer transmitir. Ele utiliza-se inicialmente de um casal de fazendeiros brasileiros do século XIX, onde o homem aparece sentado e sua mulher em pé, colocando a mão em seu ombro (Fig.8). A outra apresenta o que ele chama de “casal moderno”, onde aparecem o beatle John Lennon ao lado de sua esposa Yoko Ono, sentados na cama em condições de igualdade (Fig.9).



Figura 8: ROCHA, José Martinho da. *Virgindade, sexo e família*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1972. p. 172.



Figura 9: ROCHA, José Martinho da. *Virgindade, sexo e família*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1972. p. 174.

Na primeira foto, a mulher está em pé, indicando uma certa inferioridade feminina, que nos é comprovada pelo fato de que, para fazer essa fotografia, segundo as técnicas do século XIX, levava-se muito tempo, no mínimo duas horas, o que tornava o homem merecedor de uma posição confortável em relação à mulher. Já na outra imagem, a cama sugere a importância que a sexualidade assume para o “casal moderno”. Porém, é importante dizer que o casal escolhido – Jonh Lennon e Yoko Ono – simboliza no ideário de José Martinho da Rocha o resgate da monogamia em oposição ao “amor livre” *hippie*; a fidelidade conjugal, o respeito à autonomia e a devoção de um ao outro, como sustentáculo da relação.³ Sua obra é destacada pelos editores que se propunham a discutir casamento, sexualidade e as novas posturas políticas das mulheres (Fig.10 e 11).

³ Ibidem, p. 72-4.



Figura 10: EleEla, ano 3, n.28, ago. 1971.



Figura 11: EleEla, ano 3, n.29, set. 1971.

Em 1971 sua obra é elogiada pelo editor Justino Martins, da revista **EleEla**, quando pergunta: Por que elas ficam sozinhas?

A impressão que se tem diante das estatísticas dos desquites e separações, assim como da diminuição dos casamentos no Brasil, é de que as mulheres estão ficando cada vez mais sozinhas. O único jeito até hoje encontrado de pôr um fim à solidão de uma mulher é o de compartilhá-lo com ela.

Neste número discutimos os problemas dos casais modernos, sem esquecer a chamada crise dos sete anos.

Mas também chamo a atenção para o início da publicação de um livro admirável escrito pelo cientista José Martinho da Rocha e cujo título é uma súpula dos principais temas que preocupam a sociedade moderna.⁴

A conclusão da obra de José Martinho da Rocha é sugestiva sobre os objetivos das análises feitas nas revistas, no início dos anos 1970, pois visava preservar a

⁴ **EleEla**, ano 2, n. 22, fev. 1971.

“família” através do “casamento”. É o que fica claro quando se destaca os males do divórcio para as crianças.

Para a criança “(...) a conclusão lógica é que os pais com o divórcio a estão rejeitando. Isto se lhe torna cada vez mais claro à medida que vai descobrindo já não ser mais possível viver com ambos”....

As crianças precisam – e não merecem outra coisa – de garantida influência e proteção do lar, até que desenvolvam e sejam instruídas para suportar o peso da vida!⁵

As complicações em relação às crianças são apontadas, bem como as responsabilidades decorrentes de seu nascimento. A separação é até aceitável, desde que não existam crianças envolvidas. A “culpabilização” pelos problemas emocionais das crianças é remetida ao direito à liberdade individual dos homens e mulheres, como se uma criança, na convivência com pais em desentendimentos constantes, com atos de violência conjugal, fosse preservada pela manutenção do casamento; em oposição à “paz”, amor e carinho que a possibilidade de um novo relacionamento de seus pais ou a exclusividade na sua criação poderia lhe oferecer. Este tipo de discurso buscava “sensibilizar” especialmente às mulheres. Vejamos o destaque seguinte:

A constante insanável nos casos de separação dos casais, os primeiros anos de sua existência, são os atritos familiares e pessoais; mais tarde, a progressiva extinção do interesse pelos filhos já crescidos, quando existentes, ou dos próprios elementos constituintes do par, um pelo outro, o melancólico crepúsculo do amor na convivência conjugal diária. Particularmente característica dos tempos atuais é a maneira de encarar o desquite ou o divórcio com maior naturalidade que no passado, invocando-se também o direito de nova tentativa para ser feliz, não obstante o casamento, e talvez por isso mesmo obedeça mais hoje à decisão individual dos cônjuges que aos conluios familiares dos antigos. Considera a experiente psiquiatra Louise Despert em seu recente volume “Crianças e Divórcio”: Menciona-se também a transposição do conceito do casamento que passou de contrato, de obrigação social e religiosa, a simples questão de escolha individual e felicidade pessoal.

⁵ ROCHA, José Martinho da, op. cit., p. 251.

Homens e mulheres, especialmente estas, exigem mais satisfações no casamento. Ambos estão pouco dispostos a suportar insatisfações sexuais, e nesse sentido são menos pacientes. Além disso, gozam de maior liberdade social e econômica, o que lhes permite romper o laço matrimonial e procurar bom êxito em outro.⁶

A independência financeira e a maior liberdade das mulheres preocupavam os estudiosos, que reagiram apelando para a “natureza sensível” do sexo feminino, buscando convencer as mulheres a diminuir suas exigências em nome de seus filhos e da maternidade. Em suas palavras reafirmavam, mais uma vez, a responsabilidade das mulheres em relação aos filhos.

Porém, as novas experiências que as mulheres das classes médias passaram a vivenciar em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, nos anos 1960/1970, romperam os limites da linha divisória entre os espaços de ação para a homens e mulheres, quebrando representações de gênero constituídas cultural e politicamente em outras épocas. Se, nos anos 1940 e 1950, as revistas enfatizavam que as mulheres deveriam suportar a insatisfações do casamento porque a felicidade pessoal dava lugar à felicidade da família, nos anos de 1960/1970, mudanças efetivas na situação da mulher no país, como a ampliação de sua participação no mercado de trabalho, colocaram em questão esse modelo de casamento. Do aumento de separações, podemos deduzir que havia um maior número de desajustamentos conjugais, mas principalmente pode indicar um número menor de mulheres dispostas a agüentar com resignação a permanência de representações “ultrapassadas” diante das novas propostas modernizadoras.

Também vieram ao encontro destas mudanças, no decorrer dos anos 1970, as idéias do feminismo internacional, que chegavam ao Brasil, através do material enviado por “mulheres exiladas, estudantes ou simples viajantes em busca de novas experiências” em outros países – Argentina, Chile, Estados Unidos e países da Europa – que, junto com as feministas que estavam no Brasil, ou com o retorno de algumas delas ao país, foram constituindo grupos. Entre os vários grupos, haviam aqueles que se articulavam com outros movimentos sociais da época contra a ditadura militar–movimentos populares –, que lutavam por moradia, por melhores condições de vida e

⁶ Ibidem, p. 248.

creches nas fábricas e universidades, contra o racismo, pela anistia aos presos políticos, pelos direitos à terra dos grupos indígenas do país, bem como pelo direito de ser homossexual.⁷ Outras mulheres passaram a fazer parte dos chamados “grupos de reflexão”. Estes grupos começaram a aparecer nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a partir de 1972, informalmente, por “ amizade, afinidades intelectuais e até políticas; a entrada nesses grupos acontecia através de convites”.⁸ Nesses pequenos grupos, a confiança pessoal tinha muita importância, dado o medo das infiltrações e perseguições político-policiais bastante comuns durante a ditadura militar. Era nestas reuniões que se discutia com mais frequência os chamados temas “intimistas”, as famosas “questões menores”, “como a posição da mulher na sociedade, sexualidade, corpo, aborto, contracepção”.⁹ Estas mulheres foram responsáveis por introduzir problemáticas fundamentais para a reflexão sobre a condição da mulher, “em que o antigo papel de mãe, companheira e esposa não mais servia”.¹⁰ O tema da sexualidade, que teve grande centralidade na Europa e nos Estados Unidos desde as primeiras manifestações, no Brasil, nas manifestações públicas, foi tema deixado de fora, quer pelas próprias condições do país, “que exigiam das mulheres uma constante postura pública de luta pela conquista de direitos civis e sociais negados pelo regime militar, quer por estratégia, pois a esquerda via a questão como um tema burguês e a direita como uma ameaça à família”.¹¹ Nesse momento, “a questão sexual”, mesmo quando analisada de um ponto de vista marxista, como no caso de Reich ou de Marcuse, era considerada secundária; todos os esforços deveriam se concentrar na luta principal”.¹²

Consideramos que é importante pontuar o significado da divulgação de temas fundamentais sobre a situação da mulher, feita pelas revistas femininas e masculinas

⁷ SARTI, Cynthia A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. In. Cadernos Pagu- **Revista do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU**. Dossiê: Feminismo em Questão. Questões do Feminismo. Campinas: CNPq/UNICAMP, 2001, v.16.

⁸ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003, p. 51.

⁹ *Ibidem*, p. 55-59. Estas questões eram discutidas em todo o mundo, mas no Brasil aquelas que faziam a mesma coisa eram acusadas de lutarem por temas burgueses. Esta postura é justificada pela complicada situação política brasileira e “a tensão entre aquelas que pensavam que o feminismo tinha que estar associado à luta de classes e aquelas que associavam a um movimento libertário”.

¹⁰ *Ibidem*, p. 69.

¹¹ *Ibidem*, p. 84.

¹² NEHRING, Maria Lygia Quartim de Moraes. **Família e Feminismo**: reflexões sobre papéis femininos na Imprensa para Mulheres. São Paulo, 1981. 329p., Tese (Doutorado em Ciências Políticas)– Universidade de São Paulo, p. 2.

que pesquisamos para a história do feminismo contemporâneo no Brasil.¹³ É inegável que as revistas quebraram silêncios, mesmo falando apenas de alguns temas, outros vieram a reboque, levando até as mulheres das classes médias atitudes e questões feministas.

O que queremos pontuar é que as revistas não devem ser observadas apenas com o objetivo de perceber o caráter disciplinador e normatizador de seus artigos, mas é essencial reconhecer o significado da divulgação que os temas feministas receberam nesse tipo de imprensa. O ponto importante é que a história do que era publicizado por essas revistas e sua articulação com o percurso do feminismo no Brasil ampliam a compreensão do processo de constituição da subjetividade das mulheres e homens no Brasil contemporâneo. Por mais que as revistas transformem à sua maneira a realidade, encarnando o papel de especuladora de sentidos e valores, seus editores sabiam quais eram os temas mais rentáveis de acordo com o interesse do público, apesar das próprias revistas através da sua seleção de imagens determinassem alguns de seus gostos, mas os leitores não estavam excluídos, pois atualizavam este tipo de mídia do que desejavam ser informados, lhes davam crédito e sentido.¹⁴ Não podemos identificar essa produção, como lembra Dulcina Bonati Borges, “como simples reflexo do contexto. Ela aparece como produção de representações, entrelaçando-se num processo interno de influência mútua, ou seja, simultaneamente constituinte e constituída, em que os perfis de gênero são ao mesmo tempo produto e processo de sua representação, que em sua repetição e circularidade produzem e reproduzem sistemas que organizam e regulam comportamentos, mas também provocam reações”.¹⁵

Tais publicações continham as transformações na esfera das relações de gênero. Os textos elaborados por autorias discursivas em sua maioria nominalmente não identificadas descrevem o “feminino” e o “masculino”, atravessados por determinadas

¹³ Este registro se deve à preocupação sublinhada por Marisa Corrêa, de que é importante lembrar de que houve outros movimentos feministas no Brasil, desde o início do século passado. CORRÊA, Mariza, op. cit, p. 13. São importante também as referências sobre o feminismo no Brasil de: PINTO, Céli Regina Jardim, op. cit.; Leite, Lilian Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984; Godberg, Anette. **Feminismo e autoritarismo: a metáfora de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante**. 1987.174p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁴ ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989, p. 114 a 16.

concepções, segundo algumas “verdades” que apresenta como inquestionáveis”, mas que eram questionadas através de cartas pela experiência de vida de seus leitores, que acrescentavam a esses discursos normativos outras imagens que os reafirmavam ou os desconstruíam.

Nessa reflexão sobre como lidar com os discursos presentes nas revistas, é importante mencionar que temas polêmicos, como o feminismo, as questões que produziram não receberam melhor recepção até mesmo por parte dos intelectuais de esquerda, naquele período. É o que mostra uma entrevista publicada pelo *Pasquim*, no momento da visita de Betty Friedan ao Brasil, em 1971, representando a organização *NOW*, que constituía a vertente liberal, uma das tendências do feminismo americano. Na fala dos jornalistas Millor Fernandes e Ziraldo, um registro mostra que a resistência em aceitar o movimento das mulheres e a elaboração ou manutenção de “preconceitos sexistas” não era exclusividade dos articulistas das revistas femininas ou masculinas.¹⁶

Millor Fernandes

- Você está mais fascinada pelas mulheres brasileiras ou pelos homens brasileiros?
- No final do seu livro, eu percebi que você não tinha um objetivo muito claro, não sabia o que queria.
- Em tudo que você fala, eu não consigo encontrar nada, mas nada mesmo, novo. É mais importante: quando vocês forem vitoriosas no seu movimento – espero que sejam – vocês não saberão o que fazer. Vocês não têm um objetivo.

¹⁵ BORGES, Dulcina Teresa Bonati. *A cultura “Psi” das revistas femininas (1970-90)*. Campinas, 1998. 132 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, p. 35.

¹⁶ Esta entrevista é citada por Anette Goldberg, para mostrar como se constituiu no imaginário político esquerda a representação de que o movimento era feito “por mulheres feias e lésbicas incontidas queimando sutiãs (sic) em praça pública e liderando campanhas de aborto”. Imagens que, de acordo com Goldberg, “não agradavam a moral das famílias burguesas conservadoras, cujos representantes do poder vinham utilizando, sempre que necessário e útil, a associação entre ‘imoralidade de costumes’ e subversão para censurar, reprimir e legitimar atos de força e violência policial. E essas imagens também eram brandidas como fantasmas pelos defensores das classes oprimidas, seja em nome de uma ‘moral proletária’, seja em nome de uma idéia de revolução onde a mudança das relações de produção traria naturalmente a resolução de todos os problemas sociais, inclusive a ‘questão da mulher’”. Ver: GOLDBERG, Anette, op. cit., p. 53-4.

– Mas moças do movimento tiraram seus soutiens e queimaram ...(...) há um componente de ódio sexual nessa queimação de soutiens. É inútil negar, Está em toda a imprensa dos EUA.

Ziraldo

– No ato sexual, nós realmente precisamos uma certa submissão da parte da mulher. Isso é apenas uma tradição: é importante para nós.¹⁷

Apesar de os vários artigos e encartes que tinham por objetivo transformar a mulher numa “Nova Eva” marcarem a persistência de antigas imagens, a liberdade sexual feminina aparece explicitamente, em 1969, em **EleEla**, no artigo intitulado “Por que as mulheres exigem sempre mais do amor”:

As mulheres estão conquistando gradativamente uma liberdade cada vez maior e mais extensa no tempo e no modo: com o advento das pílulas anticoncepcionais, os últimos receios caíram por terra e elas hoje se consideram libertas de milenares conceitos e preconceitos. Por tudo isso, elas passam a exigir mais e melhor do amor, porque não se consideram uma parte escrava e submissa aos caprichos e regalias do homem. E também há nelas um ardor que todos os homens experimentados conhecem e às vezes temem. “Sempre me disseram que as mulheres são muito mais ardentes, do que os homens. Não acreditava nisso, até que me casei”.¹⁸

O direito ao desejo e ao prazer e as vantagens da pílula para a liberação sexual das mulheres, era uma bandeira de luta feminista em vários países do mundo nos anos 1960/1970, divulgados em 1969 na revista **EleEla**.

Como exemplo, temos ainda, em **EleEla** de janeiro de 1971, uma ampla matéria sob o título “Mulheres de todo o mundo: uni-vos” (Fig. 12):

Adotando como sua a clássica palavra de ordem aos operários, as mulheres do mundo inteiro lançam uma nova e decidida ofensiva para demolir as

¹⁷ GOLDBERG, Anette, op. cit., p 53.

¹⁸ **EleEla**. ano 1, n 1, maio 1969, p. 6. Um outro artigo, neste mesmo número, nas “páginas para ler a dois”, informava-se que “A mulher pode amar a quem bem entender”.

estruturas de uma sociedade baseada na superioridade masculina. Não são mais as sufragistas do começo do século, que se contentavam em obter o direito de voto. Hoje elas contestam tudo, rebelam-se abertamente contra “o chauvinismo masculino” e as discriminações sociais do que chamam “sexismo”. Formadas à sombra dos vivos debates políticos deste pós-guerra, estas rebeldes de 1970 não fazem por menos: não pedem a igualdade—exigem.¹⁹

MULHERES DE TODO O MUNDO UNI-VOS'

Adotando como sua a clássica palavra de ordem aos operários, as mulheres do mundo inteiro lançam uma nova e decidida ofensiva para demolir as estruturas de uma sociedade baseada na superioridade masculina. Não são mais as sufragistas do começo do século, que se contentavam em obter o direito de voto. Hoje elas contestam tudo, rebelam-se abertamente contra “o chauvinismo masculino” e as discriminações sociais do que chamam “sexismo”. Formadas à sombra dos vivos debates políticos deste pós-guerra, estas rebeldes de 1970 não fazem por menos: não pedem a igualdade — exigem.

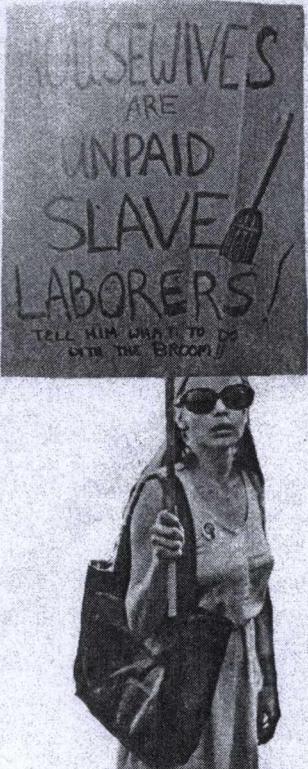


Figura 12: EleEla, ano 4, n.37, maio. 1972.

¹⁹ EleEla, ano 2, n. 21, jan. 1971 (encarte).

Essa é uma matéria elaborada por dois homens. Argemiro Ferreira é o responsável pelo texto e Marco Antonio Beltrão pela pesquisa. Na construção do texto do artigo é perceptível, em alguns momentos, a ironia dos jornalistas em relação ao movimento. Porém, mesmo assim, o texto foi bastante informativo sobre o movimento feminista nos Estados Unidos. Em uma das chamadas em destaque informa-se: “O segundo sexo está abrindo frentes de combate no mundo inteiro. Mas no Brasil as mulheres ainda permanecem inertes, apegadas ao comodismo e passividade.”²⁰ E alertam que é preciso tomar cuidado: “que ninguém se iluda com essa aparente apatia brasileira. Um punhado de mulheres, aqui, já tomou consciência de sua condição e se dispõe a lutar no momento certo. **É preciso tomar cuidado com elas** – aqui, na Europa e nos Estados Unidos: além de constituírem quase sempre a maioria da população, numa guerra podem ser, como advertiu a socióloga Margarete Mead, bem mais ferozes e implacáveis que os homens” (grifo nosso).²¹ O artigo apresenta dados sobre a discriminação das mulheres nos Estados Unidos e na Europa, destacando a dominação e o controle masculino.

Até na Suécia, apontada quase sempre como exemplo, as mulheres ainda têm muitas etapas a vencer no sentido de sua emancipação: só 53 de seus legisladores – uma taxa altíssima para outros países – são mulheres (para 384 homens) e nas profissões de nível superior a maioria de homens ainda é muito grande. Na Suíça, por incrível que pareça, elas ainda não conseguiram o direito de voto e na Alemanha têm proibido o seu acesso ao mundo dos negócios. A tendência à discriminação da mulher é tão velha como a humanidade. “Uma mulher sem capacidade é normal”, diziam os chineses cinco mil anos atrás.²²

A inclusão da observação dos chineses sobre a incapacidade feminina em meio a um artigo sobre a luta feminista pode ser interpretada como uma forma que os jornalistas encontraram para reagir à força do movimento e questionar suas conquistas.

²⁰ Idem.

²¹ Ibidem, p. 2.

²² Ibidem, p. 3.

A presença do poder masculino é reforçada mesmo ao dar visibilidade a discussões como o aborto, uma das palavras de ordem sobre a questão é utilizada pelos autores para mostrar que “o privilégio masculino começa a ser contestado”: “Se os homens ficassem grávidos, o aborto seria legalizado” (Fig.13).²³

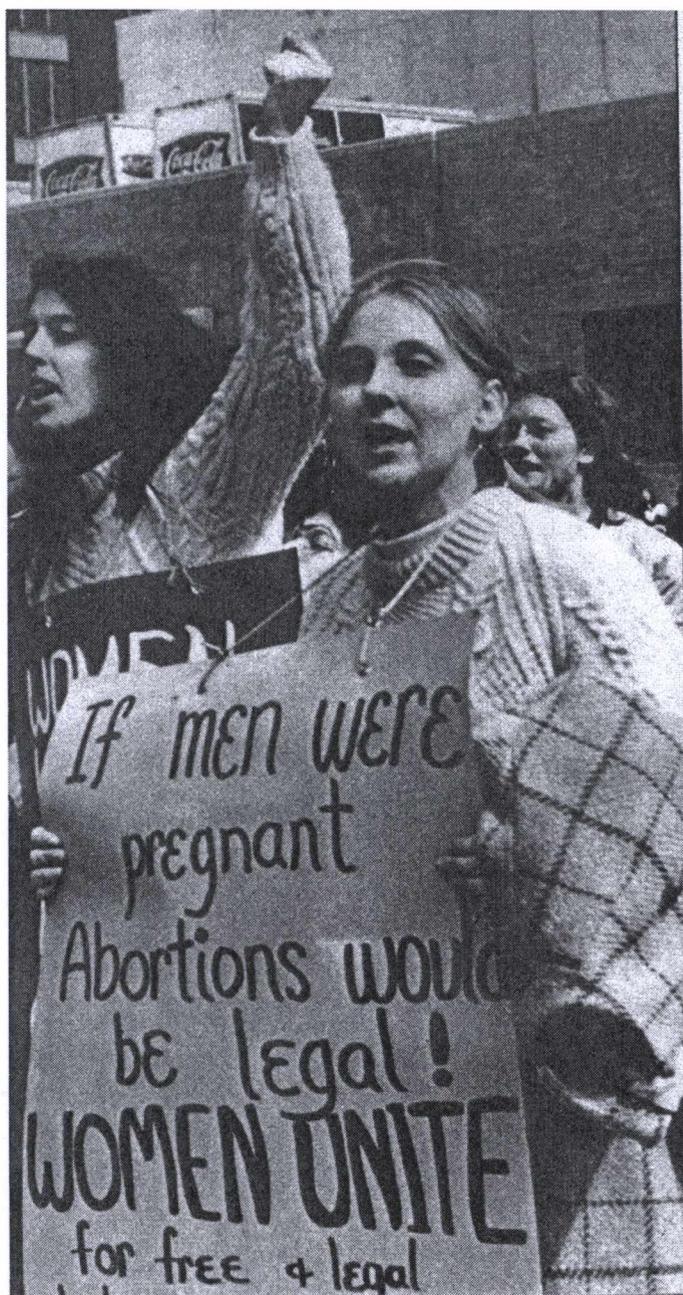


Figura 13: EleEla, ano 4, n. 37, maio. 1972.

erra na fabricação de um homem, nasce uma mulher”.

A religião, de sua parte, não fez nada para modificar essa situação. Pandora — que abriu a caixa onde se encontravam todos os males — e Eva, que convenceu Adão a comer do fruto proibido, são alguns exemplos. São Paulo certa vez aconselhou as mulheres a ficarem caladas nas igrejas. A posição privilegiada do homem na religião — onde só ele pode celebrar missas, pregar, receber confissões — tem sido atribuída a uma “tradição”. Elizabeth Cady Stanton, ativista feminina, cansada no entanto de enfrentar as verdades bíblicas que os homens usavam contra a mulher, resolveu escrever a *Bíblia da Mulher*. A britânica Emmeline Pankhurst, dentro da mesma linha de raciocínio, preferiu tomar algumas liberdades com os textos bíblicos e costumava dirigir-se a suas seguidoras com uma frase que bem expressa esta tendência: “Confie em Deus, Ela proverá.”

Abaixo as pequenas homenagens que escravizam

O pior inimigo da mulher na opinião das ativistas, é o paternalismo. A etiqueta da cortesia, do cavalheirismo e do amor romântico é encaráda pelas mais radicais como um método masculino de manipular e explorar emocionalmente a mulher. “Perder essas pequenas homenagens sem significação é um preço muito barato para nossa liberdade”, diz uma delas.

Na verdade algumas dessas vantagens — freqüentemente prevista em lei — funcionam mesmo como uma espécie de boomerang. O Sindicato Organizado dos Estados Unidos, por exemplo, se opõe à igualdade da mulher no trabalho sob o pretexto de que isso destruirá um conjunto de leis destinado a protegê-la, regulamentando os horários tipos de serviço que pode executar. Com base numa decisão que estabelece padrões diferentes “na estrutura do corpo, no total da força física na autoconfiança”, as mulheres têm sido sempre as últimas a serem admitidas e as primeiras a serem demitidas nas empresas americanas. Mas outras vantagens — igualmente previstas em lei — conseguem deixar os homens bem mais irritados d

²³ Idem.

Também cita Kate Millet, que, segundo os autores, “investe contra a instituição imposta pelos homens – o casamento – acusando-o de interferir na conquista da plena realização sexual da mulher”. Após esses vários esclarecimentos sobre o movimento, como que para marcar que esse não era representativo, apontam que a maioria das participantes é silenciosa, sugerindo que era um movimento levado adiante por uma minoria.

A ativista feminina típica na Europa e nos EUA tem menos de 30 anos, curso superior, é branca e da classe média. Mas definir a tendência geral do Women's Lib (movimentos para a libertação da mulher) é uma tarefa impossível para o mais sofisticado analista. Alguns acreditam que o grande número de grupos e tendências é a prova de que as mulheres não conseguem entender-se, mesmo quando têm objetivos comuns. Outros preferem acreditar que isso é apenas uma demonstração de vitalidade. Na nova onda de feminismo deflagrada a partir de 1963 as táticas variam de um extremo ao outro. (...)

Ti-Grace Atkinson, ativista radical de 31 anos, prega a supressão do amor físico e exalta a prostituição feminina como “a profissão mais honesta para a mulher”. Abby Rockefeller, filha de David Rockefeller, dono do Chase Manhattan Bank, considera “debilitante e contra-revolucionário”o amor entre um homem e uma mulher. Na Holanda, as Dolle Mines (Minas Loucas) , preferem uma ação mais positiva: fazem piquêtes nas ruas e dirigem-se aos homens com galanteios e assobios.²⁴

Os exemplos utilizados pelos autores faziam um recorte do movimento feminista, que poderia suscitar aos leitores a interpretação de que o movimento era levado adiante por mulheres “mal amadas” ou que “não gostavam de homens”, contribuindo para a representação estigmatizante, que vai marcar o imaginário social dos anos 1970, de que feminismo era sinônimo do termo “homossexual”. O que foi recordado por Maria Heloisa Heilborn em uma entrevista a Anette Goldberg, sobre a organização de um encontro para discutir a situação da mulher no Brasil, na Associação Brasileira de

²⁴ Ibidem, p. 4.

imprensa (ABI), entre 30 de junho e 6 de julho de 1975²⁵ – declarado Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU) –, relata o seguinte: “inventamos um nome pomposo de “Pesquisas sobre o Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira”, para não usar o termo ‘feminista’, que assustava as pessoas”.²⁶ No final do encontro, quando algumas pessoas resolveram formalizar um grupo, de acordo com Heilborn, “a discussão sobre o nome a ser adotado revelou alguns problemas (...), várias não queriam que se colocasse a palavra “feminista”, termo assimilado então à “sapatão”. Hoje pode parecer incrível, mas o homossexualismo era um tema-tabu, não se podia tocar no assunto”.²⁷

Não era fácil falar de mudanças, “não era fácil mudar”, conforme a revista **Nova** que assumiu o papel de educar a mulher de acordo com os “comportamentos de uma mulher moderna”, que nas revistas substituiu a designação feminista; mesmo mantendo a importância do homem e do casamento para a mulher:

Você já aprendeu nas páginas de **Nova** que uma garota que fica trancada dentro de seu quarto só com muita sorte chega ao casamento; que toda mulher (até a mais bem comportada) tem fantasias sexuais, e isso é bom; que não é assim tão difícil de lidar com os homens que não querem se envolver etc. etc, etc. Você leu com o mesmo interesse desde cinco feitiços para prender o amado, até como vencer na vida sendo dona do próprio nariz, ou obter sua realização no sexo. Até algum tempo atrás você – quero dizer a mulher brasileira – nem queria (ou podia) ouvir falar nesses assuntos. Claro as coisas mudaram. O mundo hoje tem novos valores.²⁸

A revista **Nova** era a revista que mais diretamente estabelecia as características dessa “nova mulher”, especialmente em relação à sua sexualidade. Talvez porque diferente de **EleEla**, que tinham homens como editores, **Nova** tinha como editora uma

²⁵ Na finalização deste encontro foi proposto a organização do Centro da Mulher Brasileira (CMB), no Rio de Janeiro, que foi criado em 1975 com verba obtida da ONU por Rose Marie Muraro.

²⁶ Apud Goldberg, Anette, op. cit., p. 102.

²⁷ Ibidem, p.104.

²⁸ **Nova**, ano 2, n.17, fev. 1975.

mulher, Fátima Ali.²⁹ Entendemos que essa peculiaridade será fundamental na forma e no conteúdo de tratar a sexualidade e a mulher. Se em **EleEla** percebemos uma certa referência a um passado nostálgico, numa referência ao que a mulher fizera/fará, em **Nova** encontramos o estímulo ao falar feminino, ao dar vozes aos sentimentos e desejos nunca expressos, contrariando todos os preceitos da mulher recatada e contida, vigentes até então. Os artigos diziam: “Você precisa dizer a ele o que a excita sexualmente! (Ele não pode adivinhar)”;³⁰ “Eu Quero – eram enfatizadas como palavras importantes para o prazer sexual”.³⁰

Por outro lado, as renúncias e entregas continuavam sendo apresentadas como atitudes desejáveis às mulheres, mostrando que nem tudo estava se modificando. Em “como prender seu marido” ou “sacrifícios para manter o casamento”, observamos alguns dos limites das mudanças propostas.

Existe sempre um momento na vida do casal em que ela tem de servir. Mas atenção! A luta ainda não terminou. A próxima batalha deve ser levada a cabo com elegância, dignidade, inteligência, perspicácia e muita munição. Poderíamos chamá-la “a batalha do leito”. Você só pode vencê-la se levar em consideração a importância da sexualidade na vida em comum. Os homens, felizmente, não têm idéia definida quanto ao tipo de mulher que preferem, mas todos detestam a frigidez feminina.

Portanto nunca diga que está cansada quando ele lhe passar as mãos pelos cabelos sussurrando carinhosamente um convite galante. Encontre um meio de fazê-lo sentir o quanto você gostou de estar em seus braços.³¹

A adoção de uma atitude maternal das mulheres para com os homens, buscando não deixá-los insatisfeitos, denota que os sentimentos masculinos mereciam cuidados, enquanto os das mulheres deveriam ser abnegados, reprimidos, suprimidos, deixados de lado, ou seja, os dos homens deveriam ser atendidos prontamente.

²⁹ Em 1969 Justino Martins era o editor de **EleEla**. Em 1972 aparece como editor Paulo Perdigão. Cabe observar também que em 1976 **EleEla** faz uma tentativa de tornar-se uma revista exclusivamente masculina.

³⁰ **Nova**, ano 2, n.º 17, fev. 1975, respectivamente capa e p. 46.

³¹ **EleEla**, ano 2, n.º 19, nov. 1970.

A dependência emocional das mulheres em relação aos homens era reafirmada constantemente através das propostas de como mantê-los em suas vidas, pois indicavam concessões que negavam à mulher o direito de dizer “não”. Nesses artigos, as mulheres eram aconselhadas a submeterem-se às vontades do marido, mesmo sem desejo, para que eles não fossem procurar na rua o que não encontravam em casa. Os artigos voltados para ensinar as mulheres a agradar e prender os homens eram construídos de forma a dar a impressão de que a mulher era quem detinha o controle da situação, mas o que prevalecia era a supremacia masculina expressada através dos conselhos em torno das atitudes da mulher, que visavam à conquista e à manutenção do homem ao seu lado.

O destaque dado ao casamento como central na vida íntima das mulheres era marcante. As mudanças produzidas pela “revolução sexual” explicavam o “fracasso dos relacionamentos conjugais” ao mesmo tempo que eram apresentadas como solução. O que vamos perceber no decorrer da exposição dos “pedaços de significação”, que são os fragmentos dos artigos, é a centralidade que o casamento mantém nas imagens das revistas sobre a vida íntima de homens e mulheres na primeira metade da década de 1970. Nesse período, nas revistas, a liberação sexual das mulheres foi entrelaçada na preservação do casamento e da família, ao ser transformada numa necessidade para “salvar o casamento”.

1.2. O “casamento corre perigo!”



Figura 14: EleEla, ano 3, n. 28, ago. 1971.

O significado da união de duas pessoas se constitui em meio à política cultural de representação que evidencia sua necessidade e suas bases. O mais antigo é a “lei das alianças”, “um ritual de ‘trocas’ entre clãs ou famílias, em que bens são ofertados entre elas”.³² Posteriormente à “égide cívica”, ou seja, a geração de cidadãos integra as razões para essa união entre um homem e uma mulher.³³ Foi somente nas sociedades capitalistas que o casamento foi investido de uma importância central como “locus privilegiado” da experiência emocional ou da “realização afetiva do indivíduo”.³⁴ A concepção de que a paixão amorosa é o prelúdio natural e indispensável à vida conjugal, só se tornou possível quando as pessoas puderam definir que poderiam amar a quem quizessem. Segundo Alan Mac Farlane, esse sistema de casamento, é um “amalgama de costumes cristãos e germânicos” junto das características do individualismo e de uma produção econômica não mais baseada na unidade familiar, mas no mercado que fortaleceu este tipo de estrutura conjugal e de família nuclear, com pais e filhos, caracterizada por poucas obrigações com parentes e um profundo afeto entre os conjugues.³⁵ [Somos forjados historicamente a pensar e a vivenciar o casamento como um lugar especial onde alcançaremos a satisfação de nossa “necessidade” amorosa— “queremos amar o parceiro e sermos amados por ele, queremos escolhê-lo pelo critério do amor, queremos manter-nos ‘desejantes’ e desejados ao longo dos anos de convívio”.³⁶] Não podemos pensar o “amor conjugal de tipo romântico ou erótico” como fenômenos da natureza. O conceito de “amor conjugal”, segundo Purification Barcia Gomes, “surge a partir do século II, e suas origens são controversas: alguns a localizam na influência das tribos germânicas sobre os romanos; outros, nos moralistas romanos, ou então nos germânicos devido às conquistas da Grã-Bretanha, ou ainda nas influências cristãs do Império Romano do Oriente”.³⁷ Em outras palavras, as exigências

³² GOMES, Purificacion Barcia Gomes. Separação- Contigência do Casamento?. In PORCHAT, Ieda (Org.) . *Amor, casamento e separação*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p.127.

³³ *Ibidem*, p.128.

³⁴ *Ibidem*, p.129.

³⁵ MACFARLANE, Alan. *História do casamento e do amor*: Inglaterra: 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.341.

³⁶ GOMES, P., op. cit., p.129.

³⁷ *Ibidem*, p.130.

do casamento ou dos relacionamentos conjugais como conhecemos hoje foram constituídas cultural e historicamente.

No entanto, é importante lembrar que nesse modelo de relacionamento conjugal cabiam às mulheres os maiores esforços na “preservação da família”. A partir da década de 1960, vamos observar mudanças nas bases que asseguravam a felicidade conjugal. Os homens e as mulheres não casam e não ficam juntos somente para ter filhos, o essencial para a felicidade do casal não era apenas o sentimento do “amor” mas o prazer sexual.

O comportamento sexual dos indivíduos e dos casais é pesquisado, analisado e publicizado. O direito de ter prazer, conforme Purificacion Barcia Gomes, “mesmo que isso cause sofrimento a terceiros e desestruture algumas instituições sociais, passa a ser defendido”.³⁸ A ausência do prazer sexual numa relação questiona tanto a sua “saúde”, quanto a sua duração. Nesse contexto, não existe mais lugar para o sacrifício do prazer sexual dos cônjuges em nome do bem-estar da família. Esse sacrifício passa a ser “doentio”, “indigno” e “neurótico”.

– [A mídia e sua insistência na liberdade sexual acabou transformando esta liberdade numa exigência social de um determinado tipo de desempenho sexual que reforça os direitos individuais.] Esse processo de individuação é sintetizado com argúcia por Gomes: “todas as aventuras são desejáveis, continentes novos devem ser descobertos e explorados, navegações por mares estranhos são encorajadas, limites devem ser transpostos... desde que para dentro de si mesmo”.³⁹ E como fica neste momento o casamento?

A divulgação da satisfação sexual como “base de um verdadeiro casamento”,⁴⁰ e a divulgação do alarme em torno dos altos índices de desquites como indicativos da crise da “família” como instituição⁴¹ abriram cada vez mais espaço para as pesquisas

³⁸ GOMES, P., op. cit., p.131.

³⁹ Ibidem, p.132.

⁴⁰ Por que as mulheres exigem mais do amor. *EleEla*, ano 1, maio 1969, p. 60; O casamento posto em questão. *EleEla*, ano 2, n. 18, out. 1970; DOUGLAS, Mary (Ph.d). Alegria de viver em perfeita união. *EleEla*, ano 4, n 45, jan. 1973, p. 90.

⁴¹ CASAGRANDE, Giuliana. Casamento uma porta aberta ao desconhecido. *EleEla*, ano 5, n. 45, jun. 1973, p17-19. ano 4, n. 46 , fev.1973. Em julgamento: A família está em crise?. *EleEla*, ano 4, n. 46, fev. 1973, p. 14.

científicas que mostravam que os problemas do casal moderno advinham da “inadequação sexual”.⁴²

Essas novas inquietações atingiram homens e mulheres de formas diferentes. Nas revistas para o casal como **Pais&Filhos** e **EleEla**, as perguntas são sempre dirigidas às mulheres como se os problemas íntimos e suas soluções fossem apenas de sua responsabilidade. Nas revistas masculinas as preocupações eram outras, as imagens reforçavam a idéia de que os sentimentos que envolviam uma relação a dois era um problema das mulheres. Os homens foram afastados das transformações que afetavam o casamento e a vida pessoal, sendo raros os artigos nas revistas que ampliassem aos homens as preocupações destinadas às mulheres nessa época.

O importante é enfatizar para as mulheres que o “casamento ainda é melhor”,⁴³ como em 1973 em **EleEla** quando registrava-se: “Depois de algumas experiências amargas e difíceis elas acabaram cansando-se do chamado ‘amor livre’”.⁴⁴ As mudanças produzidas pela “revolução sexual” eram apresentadas com traços mais “vivamente definidos” no comportamento íntimo dos casais. A revista **EleEla**, já em 1969, em seu primeiro número, ao justificar por que “esta revista é para ler a dois”, informava:

Abordamos todos os temas relacionados com o homem e a mulher na sua busca de felicidade comum. Oferecemos depoimentos, situações e experiências que talvez revelem desencontros mas que esclarecerão dúvidas e sentimentos. Esta revista é enfim uma imagem otimista e sadia da nossa fascinante aventura humana. Justino Martins.⁴⁵

Junto ao editorial apresentava-se uma fotografia de uma noiva introspectiva, pensante. O que nos é sugestivo sobre a responsabilidade das mulheres nas mudanças que serão apontadas como necessárias num relacionamento homem/ mulher.⁴⁶

⁴² **EleEla**, ano 6, n. 65, set. 1974, p. 4.

⁴³ Vale registrar a intensidade da inquietação em torno do casamento formal. Em **EleEla** de fevereiro de 1974 apresentava-se uma pesquisa feita por **EleEla/ IBOPE** em que o destaque final foi: “Em nenhum momento os jovens questionavam a instituição do casamento. Para eles, ela existe e faz parte da vida das pessoas, num determinado e importante momento. São expressivos também os artigos: Case logo para viver mais tempo e A solidão dos desquitados e sua média de vida. **EleEla**, ano 5, n. 53, set. 1973.

⁴⁴ **EleEla**, ano 1, n. 4, ago. 1969, p. 42.

⁴⁵ **EleEla**, ano 1, n. 1, maio 1969.

⁴⁶ Apenas fizemos a descrição da imagem em nossas anotações de pesquisa pela impossibilidade de fazer a cópia da imagem.

Além disso, vale destacar que a postura pensante da modelo na fotografia expressa uma atitude que vai ser bastante estimulada pelas revistas nesse momento em que foram colocados à disposição dos homens e mulheres diversos projetos ideológicos de como encaminhar suas vidas. As orientações poderiam ser advindas dos movimentos sociais, como o feminismo ou dos homossexuais, da ciência e da imprensa. Nesse sentido, a imprensa se constituiu num importante fórum debatedor e orientador da opinião pública sobre a sexualidade, sobre o corpo e sobre as relações matrimoniais, absorvendo os problemas da existência privada, e como que para dar veracidade as suas argumentações, utilizava-se com freqüência dos conhecimentos da “ciência sexual moderna”.

Diante da ansiedade em relação aos anúncios de que “o casamento corre perigo”, em **EleEla**, num artigo de 1969, ilustrado por uma foto onde aparece uma dinamite com duas alianças, advertia-se:

Tudo indica que estamos em vésperas de uma profunda transformação do casamento. Talvez o fim da vida a dois ou quem sabe talvez no início da verdadeira existência a dois.⁴⁷

Durante o decorrer dos anos 1970, vários serão os artigos sobre a “vida a dois”. Dividindo-se em temas aparecem artigos sobre os problemas do casamento, os sacrifícios necessários para “manter o casamento”, os problemas advindos com a emancipação feminina, a sexualidade do casal, a busca do prazer e finalmente o que fazer na hora do sexo.

Os leitores e leitoras estavam sendo informados de que estava acontecendo uma “revolução sexual” que abria a possibilidade” do sexo sem o compromisso do casamento, que já era uma alternativa real tanto para homens como para mulheres, mas que agora era discutido publicamente, mesmo que como um motivo de apreensão em relação ao futuro do casamento.

⁴⁷ O casamento corre perigo. **EleEla**, ano 1, n. 6, out.1969.

Junto às apreensões em torno do efeitos da “revolução sexual” na família aparecem as preocupações em relação à “adaptação sexual do casal”. Em 1971, no artigo da revista **EleEla**, afirmava-se: “A vida sexual pode salvar o seu casamento”:

Até há pouco o casamento era associado à **idéia da própria vida sexual**. Casava-se para ter direito ao amor físico o qual era vetado pelas religiões e pelos códigos civis. Hoje muita gente pensa o contrário: o casamento seria a tranquilidade, segurança e a estabilidade econômica. E o tédio sexual. Para combater esta idéia que aos poucos vai ganhando novos adeptos, argumentamos com a evidência: **nenhum casamento se sustenta se não tiver como base uma sadia e intensa vida sexual** ⁴⁸(grifo nosso).

Os artigos em torno das mudanças necessárias para manter o casamento eram às vezes contraditórios, mostrando o embate entre o entendimento sobre a necessidade de tais transformações “modernas” – experiências pré-matrimoniais – e a permanência de determinados comportamentos– como a virgindade. Com muito sutileza, Paulo Gaudêncio, um psiquiatra paulista, responsável pela produção de um programa sobre psicologia, na TV Cultura, em São Paulo, cujos teipes eram distribuídos por todo o país, entrevistado pelos jornalistas da revista **Realidade**, em janeiro de 1970, respondeu as perguntas sobre “Virgindade é doença?”

Realidade – A moça deve ter uma experiência sexual antes do casamento?

Gaudêncio – Aí , eu quero deixar bem claro. Eu tenho muito medo de que a proposição da vida sexual pré- matrimonial se coloque como obrigatória para a escolha de um tipo de vida ou de um casamento. Ela não é obrigatória. Tenho tanto medo disso como tenho medo de essa experiência ser proibida antes da escolha, como tem sido. A moça pode não fazer por opção, uma experiência pré-matrimonial e fazer uma boa escolha. Mas se a gente diz que uma relação pré-matrimonial não é proibida, os conservadores entendem que a gente disse que essa relação é obrigatória. E caem em cima da gente.⁴⁹

⁴⁸ **EleEla**, ano 2, n. 24, abril 1971.

⁴⁹ **Realidade**, jan. 1970. (entrevista)

O texto é demonstrativo de como a “virgindade” era um “tabu”, que se insistia em apresentar como gerador de polêmica e inquietações que denotavam uma certa resistência às experiências sexuais antes do casamento para as mulheres, já que não se fazia o mesmo questionamento sobre os homens. Tais embates mostravam os limites da liberdade sexual da mulher, reforçando a idéia de que todas as liberdades eram permitidas desde que dentro do casamento.

Em *EleEla*, numa entrevista de um autor de um livro intitulado “Any Woman Can” (Toda mulher pode) algumas orientações são dadas à mulher casada:

EleEla: Qual então a atitude certa da mulher?

Dr. Reuben: Não se negar ao marido a não ser quando houver um “real” motivo.

EleEla : Mesmo se não estiver com vontade?

Dr. Reuben: Esta é uma questão delicada. Depende do que a mulher acha mais importante: a sua falta de vontade ou a satisfação do marido. Se ela quer e faz questão de que seu marido lhe seja fiel, precisa mantê-lo sempre satisfeito, ainda que isto lhe custe algum sacrifício (...).⁵⁰

A necessidade das mudanças no comportamento sexual das mulheres para evitar o “fracasso do casamento” baseava-se na idéia da natureza sexual masculina irrefreável, em que os homens eram vistos como “máquinas de sexo”, cuja “potência” precisava ser sempre liberada, e caso não estivessem satisfeitos sexualmente, procurariam outras saídas. Para o homem era definido que o “verdadeiro entrosamento emocional” baseava-se no sexo. O importante para os homens era sua satisfação sexual. O homem não é fiel se não estiver sexualmente satisfeito, justificando-se assim a infidelidade masculina. Para evitar os perigos, a saída apresentada às mulheres, para não “perdê-los”, era ser, cada vez mais, “boa de cama”.

Aqui, cabe salientar que, embora o direito à liberdade sexual e ao prazer das mulheres fosse discutido e divulgado, tais mudanças não eram colocadas na maioria dos artigos como uma possibilidade de escolha para as mulheres, mas transformou-se numa

⁵⁰ Uma orientação médica para a mulher casada. *EleEla*, ano 4, n. 43, nov. 1972, p. 76.

obrigação pensar e sentir a sexualidade da mesma maneira que foi constituído culturalmente para os homens.⁵¹

Havia exceções, como em 1974, quando encontramos em Nova um artigo diferente, escrito por Marina Colasanti, intitulado “A alternativa do não-medo”. Esse artigo defendia o direito de dizer “não”.

Então como é esse negócio de você fingir na cama? Ele vem amoroso, ardente. Você está com sono. Já estive com sono ontem, e hoje mesmo veio bocejando pelo quarto, para ver se ele “entendia”. Não entende ou não quer entender. E você finge que também está ardente, suspira, se entrega. Afinal não custa nada!

Não custa nada a quem? A você custa. Seria melhor dizer “estou cansada, com sono, trabalhei o dia inteiro, não quero, não agüento fazer amor”. E, em paz, botar a cabeça no travesseiro. E nos dias em que você quer mas não consegue chegar ao clímax, seria melhor murmurar “não me espere, hoje não dá para mim. Em vez de abraçá-lo mais forte ainda, deixar que o abraço se desfça em paz. Aí é que está o problema. Mas ... por que você não diz a verdade? Porque ele pode ficar furioso, porque tem medo que ele fique triste, porque ele pode achá-la uma mulher fria, porque vai terminar arrumando outra, porque...

Porque, porque, porque... sempre “ele”. E você? Não fica triste por estar fingindo? Por se obrigar a entrar no jogo, mesmo o do amor, sem vontade? Pois olha das vezes que eu fingi foi sempre por minha culpa. E tive tempo depois para me arrepender. Fingi por absoluta insegurança. Ele era tudo, eu não era nada. Ele exigia de mim satisfação total, e eu nunca soube exigir dele a minha satisfação. Apesar de tudo o que sabia, do que tinha lido e ouvido, não me passava pela cabeça que, sendo uma coisa a dois, dependia exatamente dos dois. E agia, onipotente, como se tudo dependesse de mim. Não custava nada, naquela hora, tão pouca coisa para um efeito tão tranquilizador. Mas o preço bem que era alto. E acabei pagando depois. Paguei com o equilíbrio da relação. Foi me crescendo uma irritação por dentro. Com raiva do meu cansaço e da insistência dele, com raiva da minha submissão, com raiva do seu desejo que antes me lisonjeava. Fui me sentindo obrigada, empurrada sem saber o porquê. Achava que não tinha alternativa. E, quanto mais raiva eu tinha, maior parecia o cansaço, mais difícil alcançar o

⁵¹ Este é um aspecto importante e que será objeto de análise no capítulo 3 e 4 .

prazer. Finalmente entendi que o dever do matrimônio é a sinceridade, a abertura e de maneira alguma a mentira.

Suponhamos que você ainda não esteja com raiva, mas apenas triste, sentindo o desconforto dos segundos que precedem o momento de fingir mais uma vez. Já pensou em transferir o amor para a manhã seguinte? Você pode fazer isso. É só abrir o jogo ou esperar e ficar com tanta raiva, tanta que não agüente mais representar o papel de vamp esvaída de paixão, quando está morta de cansaço. Se você falar com ele agora, vai ser com carinho pedindo para ir ao seu encontro. Se esperar, vai falar atravessado com ranço de ódio, com ressentimento. Parece, então, que já não temos duas alternativas, mais uma só para solucionar o problema. A alternativa do não-medo (...).⁵²

Destacando a autonomia feminina, Marina Colasanti propõe atitudes que pouco apareciam para a mulher “moderna”. A ênfase, como já vimos, se dava sobre o direito de dizer não em defesa do equilíbrio e sucesso da relação. Vale salientar que nem sempre talvez esta “aceitação” da mulher fosse apenas para não perder o homem. É importante considerar os modelos de mulher que insistiam no “sexo” como uma “função” da mulher no casamento, relacionada, à atividade reprodutiva ou para agradar ao parceiro. Colassanti vem se opor a essa idéia sem abrir um confronto direto, mas nos remetendo ao entendimento de que a saúde da relação conjugal reside na satisfação sexual compartilhada, sem submissão, sem obrigação servil da mulher ao homem. Percebemos naquilo que trata como experiência pessoal, que teve tempo de arrepender-se e refazer caminhos dando outros destinos aos desejos do parceiro, que se situam numa postura consciente da mulher.⁵³ No contexto que Colassanti trata o sexo, como objeto de prazer de ambos e de equilíbrio do casamento, fica explícita a responsabilidade do casal e não apenas da mulher, daí a importância de dizer não quando há motivo para tal postura.

Como Marina Colasanti, outra jornalista importante em nosso estudo foi Carmem da Silva. Em seus artigos ela traz a afirmação feminina e as idéias de igualdade de direitos em relação aos homens. Em 1979, Carmem da Silva em sua coluna “A arte de ser mulher”, na revista **Cláudia**, faz um balanço de suas experiências e do “diálogo

⁵² COLASANTI, Marina. *Nova*, ano 2, n. 11, ago.1974, p. 33.

⁵³ E aqui entre nós leitores, se, numa situação cotidiana, o dizer não ao sexo significasse a perda do parceiro é porque a relação já não está lá em grande forma, e uma atitude qualquer servirá de pretexto para o rompimento ou sua perda.

incessante, variado, rico”, para comemorar os dezoito anos de trabalho. Através das cartas –“desabafos quilométricos tipo diário ou testamento” – ou “frente a frente, em palestras, debates, encontros programados ou casuais”, ela estabelecia contato com suas leitoras.⁵⁴ Os leitores também estabeleciam diálogos com as revistas.

Os artigos dessa jornalista/psicóloga mostram o que fomos percebendo no decorrer da pesquisa, a conquista do espaço destinado às cartas de leitores. Referindo-se as suas leitoras, ela nos remete ao entendimento da ocorrência de confrontos de pontos de vista a cerca de seus argumentos através da revista **Cláudia**, porque era um trabalho que mudava a posição da mulher, na medida em que era dela a iniciativa da ação, a palavra final:

Ocasionalmente discordamos, discutimos, confrontamos, pontos de vista com uma veemência que poderia parecer provocação, desafio, zanga. No fim dá tudo certo, nossos desentendimentos nunca foram briga de sogra e nora, capaz de azedar uma relação para sempre; são bate-boca de mãe e filha, impetuoso, sem cerimônia, talvez até áspero, mas no dia seguinte não sobram ressentimentos e o amor é o mesmo.⁵⁵

Os textos de Carmem da Silva trazem temas relacionados à emancipação feminina; no entanto, diferente dos demais não se preocupava apenas com a “liberação sexual”. Seus textos debatiam questões do feminismo de uma maneira literária e política que ia incluindo na vida das pessoas reflexões importantes, para ela e para o movimento feminista, como o da igualdade de direitos com os homens. Muitas mulheres reagiram de forma hostil, outras escreviam agradecendo por ela ter colocado em palavras “o que lhes bulia no íntimo”.⁵⁶

Entretanto, é importante destacar que, apesar do ideário comum, as jornalistas publicizaram aspectos da luta das mulheres que no movimento feminista, pelo menos nas manifestações públicas das feministas no Brasil, eram deixados de fora, quando o movimento atuava publicamente para transformar o regime e conquistar a

⁵⁴ SILVA, Carmem da. Lá se vão 18 anos... E nós aqui, brigando, debatendo, crescendo. **Cláudia**, ano 28, n. 324, set. 1979, p. 245-249.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 247.

⁵⁶ *Idem*.

redemocratização do país. Todavia, como já vimos, nos pequenos grupos autônomos de discussão, ainda no início da década de 1970, as questões de sexualidade eram discutidas e debatidas. Essas jornalistas-militantes foram privilegiadas em nosso estudo também por terem a possibilidade de estar em contato com as mulheres através das cartas que mostravam suas resistências à mudança. Os artigos mostram o cuidado que as autoras tinham em expor as idéias sem parecer radicais. Dessa forma, nesses artigos, ao disseminarem concepções diferentes dos modelos vigentes naquele momento, podem ter contribuído para alterar atitudes de algumas mulheres, contribuindo para outros devires.

Embora as revistas criassem demandas, ao trazerem especialmente dos Estados Unidos estudos científicos que buscavam informar ao mesmo tempo em que definiam comportamentos modernos e ideais para as mulheres, tornaram disponíveis para um público amplo reivindicações de feministas desde o século XIX, como o direito ao prazer feminino.⁵⁷

Junto com Marina Colasanti, os textos de Carmem da Silva também tratavam das mudanças no comportamento das mulheres, salientando os encontros e desencontros entre homens e mulheres nesse período de mudanças. Seus artigos sobre as angústias que cercavam os relacionamentos conjugais destacavam o esforço feminino na luta para ser feliz. Mas, o pessimismo em relação à mudança dos homens é uma constante nesses artigos. As esperanças de “achar um bilhete premiado” eram pequenas, a luta pela transformação íntima masculina era muito árdua. As mulheres apareciam indo em busca da independência, já era possível ir à luta. Carmem da Silva estava atenta a essas mudanças, mas também se preocupava com a transformação dos homens.

Sem dúvida, muitos homens hoje em dia se intitulam feministas: podemos contar com sua compreensão e com sua adesão mas quase sempre no plano intelectual; já na prática é diferente.⁵⁸

Nessa parte do texto, Carmem Silva aponta os constrangimentos decorrentes de posturas e entendimentos masculinos a respeito do mundo feminino. Esses

⁵⁷ Ver a obra clássica da feminista russa Alexandra Kolontai (1872-1953). KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Editora Parma, 1978.

⁵⁸ SILVA, Carmem da. A mulher avança apesar dos fantasmas no seu caminho. **Cláudia**, ano 18, n.º 215, ago. 1979, p. 205.

entendimentos ocorrem repletos de contradições na medida em que os discursos de apoio à emancipação e às novas militâncias femininas não se concretizavam, acusando uma grande distância entre o que certos homens pregavam e aquilo que era vivenciado. Concorria para esse distanciamento o reforço constante da misoginia que dificultava para alguns homens perceberem em suas atitudes e pensamentos que oprimiam as mulheres. Com frequência, práticas discriminatórias e opressoras desses homens eram confrontadas com seus discursos de esquerda, de luta contra o autoritarismo e a exploração dos trabalhadores. Não queremos desvalorizar estas questões, mas apenas marcar nosso posicionamento de que a hierarquia de gênero também produz dominação e exploração e que, na luta por uma sociedade mais igualitária, esta é uma questão que não pode ser desconsiderada.⁵⁹

A nível de relacionamento pessoal, eles nos discriminam e oprimem de consciência tranqüila e reagem muito mal a qualquer tentativa de fazê-los admitir tal incoerência. (...)

A mulher de hoje assumiu novas funções, tarefas e responsabilidades, mas num contexto que ainda mantém os preconceitos de sempre, a antiga mentalidade, a imagem feminina e tradicional. Os critérios e rótulos só mudaram da boca para fora: raspe-se um pouco o verniz de sofisticação de um homem e se verá que, em sua mente, mulher continua sendo sinônimo de fraqueza, imaturidade, dependência, frivolidade, escasso discernimento – e conforto doméstico.⁶⁰

A mulheres passaram a ocupar novos espaços na sociedade brasileira, colocando em xeque representações correntes, como essas apresentadas por Carmem da Silva, que remetiam à sua condição de inferioridade em relação aos homens.

O fato é que nos últimos tempos, enquanto os homens correm frenéticos atrás da tecnologia e das conquistas materiais, a mulher vem dando grandes passos no rumo do seu crescimento como ser humano integral. Essa diferença de

⁵⁹ Ainda hoje em dia quando falamos em feminismo, relações de gênero ou história das mulheres, alguns pesquisadores mostram que esta tensão, presente nos anos 1970, ainda permanece, tanto dentro da academia, quanto em nossos relacionamentos pessoais.

⁶⁰ SILVA, Carmem da. A mulher avança apesar dos fantasmas em seu caminho. *Cláudia*, op. cit, p. 208.

objetivos fatalmente suscita brechas, atritos e desentendimentos- superáveis, esperamos, mas não tão ligeiro como desejaríamos.⁶¹

Através de uma linguagem “suave”, Carmem da Silva afirma que as mulheres estavam querendo mudar, mas trilhando um caminho diferente dos homens. Enquanto os homens buscavam conquistas relacionadas com um mundo de aparências materiais e profissionais, as mulheres voltavam-se para conquistas que lhes ofereçam um reposicionamento no mundo, através de posturas que fortaleçam sua individualidade e seu desenvolvimento pessoal. Essa dualidade quanto às perspectivas entre homens e mulheres produziram alguns problemas na relação do casal, mas, conforme pondera a autora, são superáveis. A autora lança às mulheres alguns questionamentos:

Ouvimos dizer a cada instante que nada disso conta no plano pessoal: são problemas ligados à estrutura, ao mundo ‘lá fora’ em ão deveriam repercutir no relacionamento de um par bem ajustado (...) – educação, empregos, salários, etc. – enquanto dentro de casa continuamos dóceis e quietinhas, achando tudo bom. É outra velha tática: a sentimentalização dos problemas, o mito do amor-esponja que tudo absorve e apaga. Isso vem sendo usado há séculos para convencer-nos de que cozinhar, varrer, lavar, espanar, são atividades nobres e engrandecedoras, visto que a mulher as realiza por amor aos seus.⁶²

Utilizando-se de argumentos que contribuem para a predominância da ação masculina no espaço público, impondo à mulher o trabalho doméstico não assalariado, valorizando-se a reclusão no recato do lar aliado a um amor intangível, Carmem da Silva mostra sua indignação à idéia de que a mulher só pode permanecer no anonimato do lar, cozinhando, lavando e passando roupas, cuidando dos filhos, deixando as camisas do marido impecáveis, preparando-o e apoiando para seu sucesso na esfera pública.

Na prática, parece impossível viver um amor genuíno dentro de uma relação onde não cabe a plena dignidade dos dois; “isso que está desmoronando num crescendo inquietante de conflitos, crises e separações, não é amor genuíno: é

⁶¹ Idem.

⁶² Idem.

a contrafação criada pelo sistema. Não pode haver amor genuíno quando o homem só respeita a mulher formalmente, como parte da fachada social dele mas não como pessoa em si. Quando a sensibilidade dela é desqualificada como pieguice, capricho, caraminholas ou falta-de-mais-que-fazer. Quando a inteligência dela, mesmo merecendo admiração, nunca é tomada muito a sério e nem é livre de se expandir fora dos canais permitidos. (...) A mulher consciente de hoje recusa como indigno o esquema tradicional da sedução, o jogo de negar-se para estimular no macho o instinto predatório de conquista e domínio, de esconder seus sentimentos para tornar-se mais valorizada e interessante. Ela já não está disposta a simular fraqueza para fazer-se proteger, a mostrar-se ignorante para parecer mais pura, a olhar o companheiro com o deslumbramento hipócrita para lisonjear-lhe a vaidade. Enquanto o homem continua achando que ser responsável, trabalhar para o bem-estar da família e “não ter outra lá fora” é mais do que suficiente como prova de amor, a mulher já não aceita essa confusão entre sentimento e senso de dever.⁶³

Nessa passagem do texto, questiona-se o mito do amor abnegado, alimentado com migalhas de um reconhecimento do homem à mulher, por seus serviços domésticos bem feitos, que mantêm filhos bem cuidados, etc. O que se quer dos homens é o respeito aos sentimentos da mulher. A relação do casal é questionada na medida em que o espaço da mulher fica restrito ao lar e seu trabalho doméstico é desvalorizado.⁶⁴

Mas o tratamento dispensado na intimidade do casal, conforme essas imagens, não mudou, pois não incluindo na esfera privada a reciprocidade de direitos e a igualdade que as mulheres estavam alcançando no espaço público. A dupla jornada é um exemplo de ontem e que continua hoje para muitas mulheres que mostram que somente as mudanças econômicas não geram relações igualitárias, [não podemos negar que ampliam a autonomia feminina, mas no casamento as práticas continuam as mesmas enquanto não forem também alteradas determinadas representações culturais.]

⁶³ Idem, p. 208.

⁶⁴ Esta desvalorização do trabalho doméstico foi também realizada por uma certa tendência do feminismo, influenciada pelo ortodoxia marxista, que defendia que a emancipação feminina viria junto com a conquista da independência econômica. “Nessa concepção, por conseguinte, o movimento de mulheres constitui o setor revolucionário de vanguarda responsável pela conscientização das mulheres com respeito à emancipação pelo trabalho e à exploração capitalista, pela organização das trabalhadoras na luta contra o sistema e por uma sociedade sem classes”. Ver: GOLDBERG, Anette, op. cit., p.117.

O que as mulheres querem não é pouco: um relacionamento espontâneo, sincero, profundo, envolvente, gratificante e enriquecedor para os dois. Algo que até hoje ainda não foi testado. Um desafio maiúsculo para o qual nossos homens não parecem preparados: eles ainda acreditam nas “mensagens publicitárias” do sistema patriarcal que lhes promete o mundo.⁶⁵

Por fim essa mulher discutida por Carmem Silva quer um homem por inteiro, sem máscaras, autêntico, para viver um amor sincero, enriquecedor para ambos... Mas ao final decreta que o homem desse momento ainda não está preparado para a mulher que se apresenta, porque ele ainda vive uma concepção de vida, de corpo, de espaço, de sentimento, de atitudes, orientados por representações do que é ser homem e mulher sob sua primazia, que lhes outorga poderes e vontades ilimitados, sem contrariedades. Esse homem continua sendo construído como se tivesse “o mundo aos seus pés e o sol fosse sua próxima conquista”. Por isso, a “felicidade pessoal” não era completa, pois segundo a autora, faltavam companheiros e estes eram difíceis de ser encontrados, porque só se produziam “homens”. E esses homens serão sempre bem-vindos para essas mulheres, mas homens carregados de novos atributos e despidos dos velhos ranços do machismo e da dominação sexual, pois a felicidade que se buscava residia em outras bases que estimulassem a realização profissional de ambos, a divisão das tarefas domésticas, o direito à partilha de afetos e prazeres, envolvidos numa cumplicidade sem estranhamentos nunca experimentados sob a meta da construção de novos relacionamentos conjugais.

Mulher de hoje, ela levou ao casamento um projeto maduro de vida a dois: amor, respeito mútuo, companheirismo, participação, diálogo, certa autonomia econômica que lhe garantisse a auto-estima. E, sobretudo, nada de possessividade e egoísmo: ninguém tentando anular ninguém, ninguém sufocando o legítimo direito do outro à plena realização pessoal e sexual. A idéia era viver a maravilhosa experiência do par que cresce junto, querendo-se bem, compartilhando a vida e não apenas o nome e o endereço. E a certa altura do caminho ela percebe que não deu certo: o belo programa simplesmente saiu dos trilhos. Seu trabalho, por exemplo marido estimula,

⁶⁵ SILVA, Carmem da. A mulher avança apesar dos fantasmas no seu caminho. *Cláudia*, op. cit., p. 208.

acha ótimo, aproveita inclusive o rendimento dela para diminuir o próprio esforço. Mas não abre mão de nada: horário, presença, atenções, conforto. Por mais que ela se esfalfe lá fora, tem de cuidar sozinha na casa dos filhos, dos contatos sociais. O diálogo virou farsa: ele comenta o dia-a-dia dele, debate idéias, projetos, opiniões, mais ciosamente escamoteia sua intimidade, na hora de comunicar sentimentos, fantasias, reações mais profundas ela fala sozinha. Franqueza e abertura servem para que ele venha, muito lampeiro contar uma aventurinha que teve por aí, sentindo-se um sujeito mais leal do mundo.

Sexo é tema a ser abordado livremente no terreno dele, se ela tenta expressar seus desejos ele entra em “bloqueio” e nada a fazer se não ancorar seu ego ferido.⁶⁶

No entanto, essa vontade de mudança continuava sendo apresentada como uma “utopia” exclusiva das mulheres, na medida em que os homens continuavam, de acordo com Carmem da Silva, refratários às novas demandas de prazer situadas nos direitos de suas companheiras.

Por outro lado, a força das representações de que a castidade, a abnegação e a submissão das mulheres ao poder de comando masculino seriam recompensáveis pela felicidade conjugal estava sendo abalada. É o que concluímos pela ansiedade demonstrada em relação aos efeitos da igualdade sexual das mulheres em relação aos homens, como a que aparece em **EleEla**, em 1972, sobre “A dificuldade de ser fiel”:

Ao ver Romeu pela primeira vez, assim Julieta expressou o sentimento que passou a dominá-la: “Se eu não me casar com ele morrerei virgem!” Desse modo, Shakspeare definiu a terrível dificuldade feminina de ser fiel.

Ninguém escolhe o amor. Mas a fidelidade para a mulher moderna é hoje uma questão de livre arbítrio, pois ela não se sente obrigada nem tolhida pelos tabus de outrora.

Entretanto, ela quer ser fiel ao homem amado e é sobre esse assunto tão atual que publicamos um estudo elaborado por uma equipe de psicólogos e conselheiros matrimoniais. Justino Martins.⁶⁷

⁶⁶ SILVA, Carmem da. Vestindo o figurino alheio. Nova, ano 5, n. 50, nov. 1977.

⁶⁷ “Editorial”. **EleEla**, ano 1, n. 8, dez. 1969, p. 8.

A infidelidade, anteriormente um “direito” apenas masculino, diante da liberação sexual e das mudanças concretas na vida das mulheres, tornou-se uma atitude possível também para o sexo feminino. Embora Justino Martins interprete a posição de Julieta para definir a dificuldade feminina de ser fiel e não por entender que a posição da personagem está mais relacionada com o direito da mulher de lutar para experimentar e realizar sua sexualidade com o homem que ama, nesse caso, à primeira vista. É isso muito mais do que passar pelas agruras do sofrimento, pelas incertezas entre ser fiel ou infiel a um homem. Agindo assim, Julieta vai se opor a uma ordem vigente de “casamentos arranjados” que perpetuava os poderes dos clãs familiares. Se há uma dificuldade de manutenção de fidelidade, podemos entender a posição de Julieta muito mais como demonstrando uma atitude de fidelidade para com seus sentimentos do que propriamente como uma “dificuldade em ser fiel”, como uma condicionante feminina, como foi definida culturalmente para os homens.

Acreditamos que nem todos os homens, mas aqueles representados por Justino Martins, editor de **EleEla**, começaram a se “incomodar” com as posturas cada vez mais às claras que as mulheres passaram a adotar nesse período. Como que tomados por uma espécie de perplexidade começaram a lançar perguntas e questionamentos a respeito das situações que surgiam sob a iniciativa das mulheres que se consideravam com os mesmos direitos que os homens. Muitas dessas mulheres que desde a infância foram educadas para “devotarem-se ” a um único homem, serem mães abnegadas etc., passaram a discutir e a exigir prazer sexual, uma relação conjugal igualitária e respeito aos seus sentimentos, colocando a necessidade de outras formas de relacionamento entre homens e mulheres. É sob essas circunstâncias que compreendemos as afirmativas:

É no amor de um único homem que a mulher concentra as suas esperanças de felicidade. Desde a infância, quase tudo o que aprende é uma preparação metódica e entusiástica para o grande acontecimento: o dia de viver a dois. Com muita frequência porém ela rompe a cadeia da fidelidade e permite a entrada de um terceiro personagem no quadro de sua vida conjugal. A condenação pura e simples é mais comum do que a compreensão em face da traição da mulher. Tal atitude porém não está de acordo com o espírito desta era de abertura de horizontes em que estamos vivendo. Ao invés de condenar

a sociedade, deveria reformular alguns dos preconceitos que ainda escravizam a mulher.⁶⁸

O fragmento acima nos remete ao reconhecimento do aumento do número de mulheres casadas ou não, nesse período, que passaram a exercer sua sexualidade com mais de um homem, mesmo a despeito de todos os exercícios educacionais praticados desde a mais tenra idade, conforme expresso pelo editor. Outro aspecto que salta aos olhos é a terminologia usada para designar o exercício sexual da mulher nessas circunstâncias: “traição”. Só o verbo trair contém uma carga pejorativa, pró-condenação, que incide contra a pessoa autora da ação, porque o termo exerce uma influência sobre as pessoas que tomam conhecimento de tal atitude, e, ao lerem uma matéria em que as mulheres são tratadas como traidoras, podem elaborar seus pensamentos e atitudes de acordo com essas normas que as colocam numa condição de inferioridade moral e aos homens como vítimas, desconsiderando as circunstâncias pessoais dos fatos. Na verdade, o que está em discussão, antes de tudo, é o direito e a liberdade da mulher de deixar de amar determinado homem para dedicar-se a outro. A forma como cada casal efetuará a passagem da relação antiga à nova é que pode ser discutida, porque envolve a maneira como cada pessoa recebe a notícia do fim da relação. Por vezes também ocorre a valorização da preservação de casamentos que contêm interesses em comum, que não se situam propriamente no amor, em que os conjugês convivem com amores paralelos sem maiores questionamentos. Uma das soluções propostas para resolver os “problemas da traição feminina” são as experiências sexuais pré-matrimoniais por parte das mulheres.

Cabe salientar, ainda, que a possibilidade de outras formas de desencontros, que não sejam os sexuais no casamento, foram descartadas, neste momento em que a sexualidade se afirmava como essencial na vida dos indivíduos e como fundamento central na manutenção do casamento (Fig. 15).

⁶⁸ **Ele Ela**, n.º 5, set. 1969, p. 9.

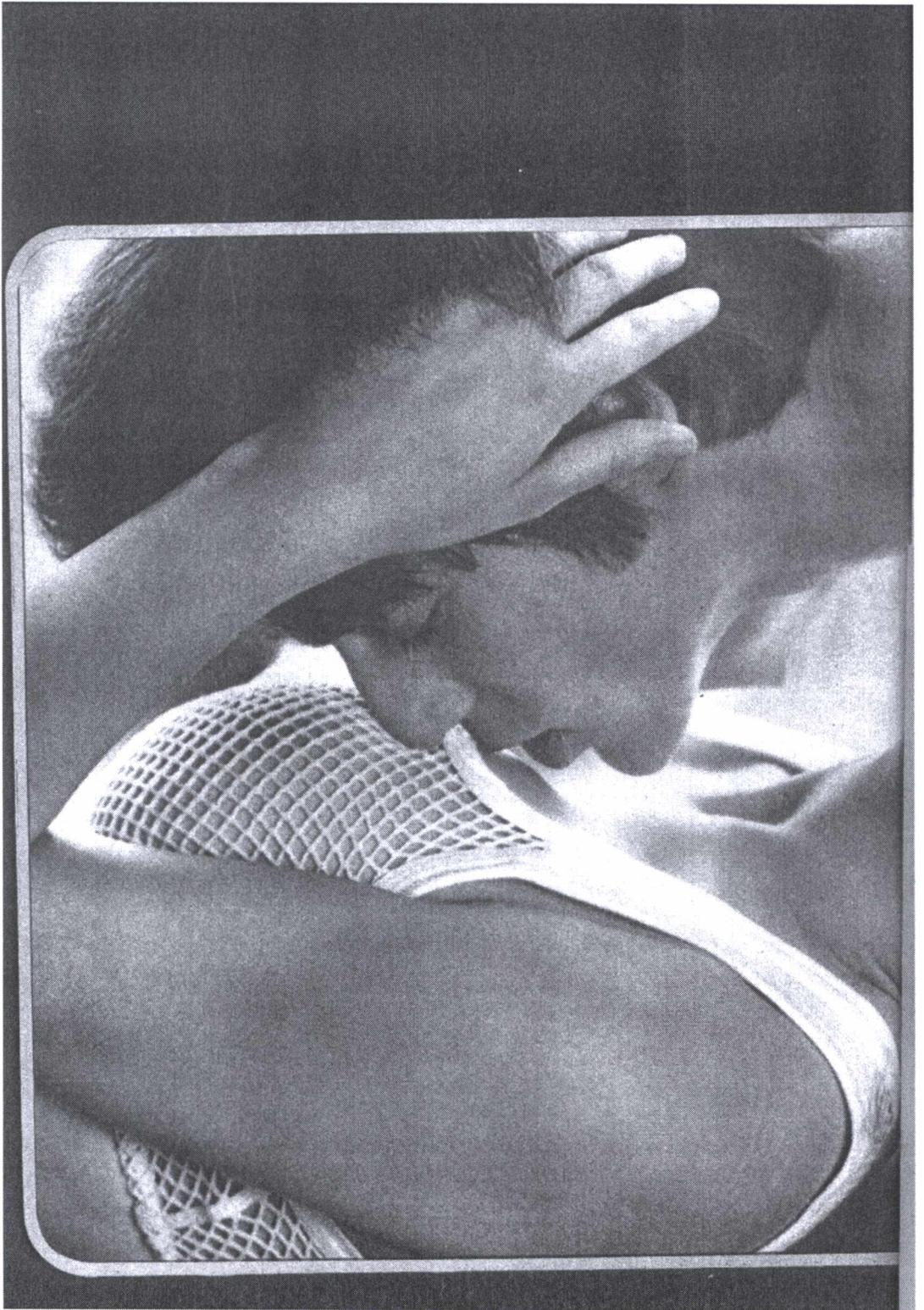


Figura 15: EleEla, ano 3, n. 28, ago. 1971.

1.3. O “sexo” e a felicidade conjugal

A crítica ao romantismo das mulheres e os perigos para o casamento fizeram com que o amor fosse apresentado como responsável pelo “fracasso amoroso”, criticando-se a frugalidade dos sentimentos intensos. “Segundo os médicos, com o advento da liberdade sexual, o grande amor romântico perdeu sua razão de ser. Tornou-se apenas um sonho lírico”.⁶⁹

A maioria dos autores que abordam o assunto “amor” estabeleceu clara distinção entre o que se convencionou chamar de amor “romântico” e outro tipo de relacionamento, mais estável e duradouro, definido como “amor maduro”. Todos nós já experimentamos alguma vez na vida as emoções do amor romântico em que tudo parece maravilhoso e perfeito. Esse sentimento intenso e gratificante desaparece com o tempo transformando-se numa forma de afeição mais tranqüila e consciente, o amor maduro. Em outras palavras: com a convivência reduz-se a capacidade de ficar “ligado” com a simples presença do objeto amado. (...) A situação mudou e só por uma razão; a convivência não é feita apenas de momentos agradáveis. Assim a reação emocional condicionada que alimenta o amor romântico diminui de intensidade.⁷⁰

Nos artigos sobre o amor enfatizava-se o lema “Amor fácil: caminho para o casamento difícil”.⁷¹ Destacava-se que para enfrentar a vida a dois é necessário o pé firme na realidade, já que viver junto “não é um sonho, é um exercício de amor”. Um desafio todos os dias. Um delicado mecanismo de renúncias e entregas”.⁷² O “amor maduro” proposto exigia a percepção de cada um na relação e uma certa sensibilidade para lidar com os problemas comuns, mas isso reflete também a forma como cada pessoa passa pelas situações cotidianas. Ao questionar o “amor romântico”, constituía-se o amor maduro como um novo código simbólico que poderia encorajar a formação de sentimentos correspondentes ou produzir outros devires. No entanto, não era este

⁶⁹ *EleEla*, ano 5, n. 49, maio 1973, p. 45-6.

⁷⁰ *EleEla*, ano 5, n. 50, jun. 1973, p. 14.

⁷¹ *EleEla*, ano 5, n. 49, maio 1973, p. 45.

⁷² *EleEla*, ano 5, n. 57, jan. 1974, p. 8.

tipo de amor que estava constituindo suas bases, mas o amor paixão, cujas emoções gigantescas e excitantes eram mais atraentes, quando o amor já não existe sem o sexo. O “amor maduro”, aquele que anda em passos lentos e dá lugar ao sofrimento e aos desencontros entre os parceiros não teve lugar nem forças ante as imagens publicizadas que reforçavam o primado do prazer.⁷³

É importante lembrar que não foram apenas nas revistas que o amor romântico foi criticado, os significados ideológicos do amor romântico e do romantismo também eram discutidos pelas feministas nos anos 1970.⁷⁴ A apreensão em relação ao amor, evidenciou-se bem claramente em *A mística feminina*, de Betty Friedan. Nesse livro, segundo, Josefina Pimenta Lobo, um dos pioneiros do movimento feminista que surge nos anos 1960, que remete a “escolha errônea do amor, dos filhos e da casa” à renúncia das mulheres à possibilidade de expressar sua individualidade própria e de se realizar como seres humanos completos”.⁷⁵ O amor romântico é, na opinião de Betty Friedan, “em geral definido, pelo menos no que se refere à mulher, como uma fusão de egos e

⁷³ COSTA, Jurandir Freire, em “**Sem fraude, nem favor: estudos do amor romântico**”. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 35, mostra a necessidade de crítica do amor – paixão romântico para a constituição de relações sentimentais e amorosas mais livres, próximas da ética da amizade froucaultiana.

⁷⁴ A opressão feminina era a principal questão do movimento feminista nos anos 1970. As pesquisas que elegiam as mulheres como objeto primordial adotavam o ponto de vista feminista e preocupavam-se em colocar em evidência a hierarquia de poder nas relações entre homens e mulheres em diferentes contextos, sociedades e épocas, a fim de lutar contra elas. No Brasil, Segundo Joana Maria Pedro, alguns pesquisadores que elegeram as mulheres como objeto primordial de pesquisa e de reflexão adotaram este ponto de vista feminista de que a “ideologia do amor” era uma “peça importante no processo de submissão das mulheres, pois a estimulam à renúncia e ao devotamento para manter a relação amorosa”. Porém, cabe ressaltar que, segundo essa autora, desde meados do anos 1980, algumas pesquisas vêm tematizando de forma diferente essa questão. Uma dessas pesquisas é apresentada, segundo Pedro, no livro de Mônica Raisa Schpun, *Les années folles à São Paulo: Hommes et femmes au temps de l'explosion urbaine (1920-1929)*, onde ela mostra que, quando com a instalação da elite cafeeira na cidade de São Paulo, as mulheres se vêem ameaçadas quando perdem as antigas funções que tinham nas fazendas, onde decidiam sobre a produção, escravos, trabalhadores livres etc., o que reduziu drasticamente sua importância e poder, “levou às mulheres a questionarem a precariedade das relações conjugais, passando a divulgar “um homem e um marido ideal – o modelo sensível e amoroso. É com este tipo de homem idealizado que reivindicam o casamento por amor– avanço moderno sobre um passado representado como o lugar do casamento por interesse.” Segundo Pedro, esse trabalho, diferente dos outros/as autores/as, percebe esta mesma ideologia como um trunfo utilizado pelas mulheres nos jogos das relações de gênero”. Ver: PEDRO, Joana Maria. A “ideologia do amor” e a beleza no jogo das relações de gênero. In. Cadernos Pagu, *Revista do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU*. Dossiê: Feminismo em Questão. Questões do Feminismo. Campinas: CNPq/UNICAMP, 2001, v.16, p. 319-325. Sobre o feminismo na década de 1970: PINTO, Céli Regina Jardim, op. cit., p. 85; Cadernos Pagu- *Revista do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU*. Dossiê: Feminismo em Questão. Questões do Feminismo. Campinas: CNPq/UNICAMP, 2001, v.16.

⁷⁵ LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 19.

uma perda da individualidade, renúncia da personalidade, e não seu fortalecimento”.⁷⁶ Todavia Friedan acreditava na possibilidade de outras formas de amor compatíveis como o desenvolvimento da individualidade e da personalidade”.⁷⁷ O ataque veemente ao amor como mecanismo de opressão das mulheres, num contexto de relações desiguais, fez com que algumas feministas mais “radicais” proclamassem: “Nós devemos destruir o amor”.⁷⁸ A transferência da base de um relacionamento do amor para o benefício do prazer, do desejo, quando não da “revolução proletária”, transformou o sentimento amoroso, com sua extraordinária complexidade, em obsceno.⁷⁹

Como veremos, no decorrer desta tese, tais concepções não foram exclusivas do feminismo radical, mas foi defendido também por vários outros grupos durante o movimento que ficou conhecido em vários países como “revolução sexual”, um movimento contra a “repressão sexual e o autoritarismo da sociedade burguesa”.⁸⁰ Na luta contra as relações autoritárias, o destaque foi dado à satisfação dos desejos sexuais, ao direito ao prazer e ao exercício livre da sexualidade, desprezando-se o sentimento amoroso.⁸¹

⁷⁶ Apud Lobato, Josefina Pimenta, op. cit., p. 20.

⁷⁷ Idem, p. 20.

⁷⁸ Conforme Josefina Pimenta Lobato, uma das “publicações do movimento feminista, intitulada **Women’s liberation, notes from the second year**, o amor, seja ele qual for, é tido como inimigo primordial da emancipação feminina”. Lobato, Josefina Pimenta, op. cit., p. 21.

⁷⁹ Pascal Bruckner analisa a contribuição que os movimentos de 1968, na França e em outros países do mundo, deram para que o sentimento amoroso passasse a ser vergonhoso. Ver: SIMONNET, Dominique et alii. **A mais bela história do amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual no século XXI**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

⁸⁰ Ver: SIMONETTI, Dominique, op. cit., p. 145-164.

⁸¹ Margarete Rago, quando foi pesquisar sobre o “amor livre” na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1980, encontrou no fichário a seguinte referência: “amor livre-vide prostituição”. Para essa autora, estranha correlação que, contudo, revela uma concepção muito difundida no senso comum, em geral, referente à mulher e não ao homem”. A redescoberta do tema do amor livre se deu, em meados dos anos 1960, pelo feminismo e movimento gay, os hippies, a contra-cultura e a “revolução sexual”. Na novela da televisão um casal praticava “amizade colorida”. É nesse contexto que o “amor livre” proposto pelos anarquistas foi imediatamente associado àquela forma de relacionamento amplamente divulgada pelos meios de comunicação. Rago chama a atenção que o “amor livre” para os anarquistas era a união livre entre duas pessoas baseada exclusivamente no desejo”. Segundo Rago, não “há dúvidas que os anarquistas abriram as portas, já no século passado, para um repensar das práticas sexuais e das concepções da sexualidade que informavam o imaginário social. Discutiram questões fundamentais como o casamento monogâmico, o divórcio, a maternidade obrigatória, o aborto, a prostituição e propuseram o amor livre e o direito ao prazer”. Quando o feminismo contemporâneo reivindicou a publicização do privado, retomou “antigas lutas colocadas pelas/os libertárias/os, querendo ou não”. RAGO, Margareth. Do amor libertário. In. **Libertários: Revista Trimestral da Cultura Libertária**. n. 3, set. 1998, p 11-12.

No Brasil, nas revistas publicadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, este movimento aparecia amarrado à instituição do casamento; uma oposição às propostas libertárias e contrárias a relações emocionais, fixas e monogâmicas. A “revolução sexual” nas revistas que pesquisamos fixava-se nas lições de como facilitar o ajustamento perfeito do casamento em seu aspecto sexual”, como no artigo sobre “Boas maneiras vão para cama”, de Rebecca Liswood, “conselheira matrimonial e professora adjunta do Departamento de Educação Física e Saúde, da Universidade Adelphi, em Garden City, Nova Iorque”.⁸² Os “cuidados” apontados pela autora são sugestivos sobre a construção das normas através de determinadas regras que foram enfatizadas como importantes para o casamento, pois produziriam “efeitos aterradores sobre a união se não fossem cumpridos”.⁸³ Segundo o artigo o constrangimento provocado por determinados “tabus sexuais” precisavam ser “erradicados”, pois eram responsáveis pelo “fracasso de vários casamentos”.⁸⁴ A autora para legitimar suas análises aponta sua experiência como “conselheira matrimonial”, durante muitos anos, onde observou “que muitos casamentos se desfizeram exatamente em razão de certas atitudes grosseiras e mal-educadas no quarto.”⁸⁵ As regras colocadas por ela são preocupações que aparecem também em outros artigos que tratam da “manutenção do casamento”.⁸⁶ O primeiro cuidado que se deve ter é com os odores, com a “higiene corporal”. Embora **EleEla** seja uma revista para os dois, homens e mulheres, o artigo é feito para as mulheres, apesar de o homem ser citado. Vejamos:

Mesmo a mulher que se veste atraentemente, que borrifca seu corpo de perfume sensual, pode não dar tanta atenção à limpeza como deveria. Além de estar de banho tomado (os homens barbeados), de usar um bom desodorante, de ter as unhas bem cortadas e limpas, acho que nenhuma mulher pode deixar

⁸² LISWOOD, Rebecca. As boas maneiras vão para cama. **EleEla**, ano 4, n. 37, maio 1972, p. 4. No sumário temos ainda: O sexo faz bem ao coração, Você é um a mulher de verdade?, Casamento, por que não?, Cleptomania, uma frustração sexual, Todos os perfumes levam ao amor, As pequenas coisas que matam o amor.

⁸³ LISWOOD, Rebecca, op. cit., p. 6.

⁸⁴ Ibidem, p. 7.

⁸⁵ Ibidem, p. 6.

⁸⁶ Entre os vários artigos, merecem destaque: AUBERT, Jean-Marie. Sexualidade, amor e Casamento. **Nova**, ano 2, n. 12, setembro de 1974, p. 160. Deve existir um jeito de impedir que o sexo vire rotina. Claro que existe!. **Nova**, ano 3, n. 20, maio 1975, capa. Prepare-se para o casamento ou não case. **Nova**, ano 4, n. 33, jun. 1976, p. 42.

de preocupar-se com os odores de seu corpo, embora muitas esqueçam esse detalhe importante.”⁸⁷

Simultaneamente a esses artigos proliferavam as propagandas dos desodorantes íntimos como *Caschemir Bouquet*, sabonetes, perfumes e xampus que eram destaque nas páginas das revistas. Em janeiro de 1971, em uma propaganda para incentivar as vendas das toalhas *Artex*, também se preocupava com a importância da higiene na vida a dois: “Artex separou as toalhas para unir os casais” (Fig. 16).⁸⁸

**Ela e ele.
Até hoje ninguém teve idéia melhor.**

Um homem, uma mulher.
O que falta em um, está
no outro.
E somente juntos os dois
se completam.
Artex não fez outra coisa
senão seguir este exemplo,

em sua nova coleção Ela
& Ele Personalizada. E foi
assim que Artex definiu
o sexo das toalhas. A toalha
dela é somente dela.
A toalha dele, só dele.
As duas inconfundíveis.

E, ao mesmo tempo,
inseparáveis.
Benditas sejam.

toalhas
ARTEX
a moda em toalha
Blumenau S.C.

Figura 16: *EleEla*, ano 3, n.26, jun. 1971.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 6.

⁸⁸ *EleEla*, ano 2, n. 21 jan. 1971.

Outra mensagem foi dada por uma propaganda de um sabonete e xampu vindo da Europa: “O importante é o que vem depois de *Badeskyou*” (Fig.17). A foto mostra um casal tomando banho juntos e sorrindo. Os odores perfumados tornam-se demonstrativos de higiene e sensualidade. A imagem do casal tomando banho juntos, uma novidade nas revistas, foi utilizada para vender um produto de higiene pessoal, mostrando que estes hábitos eram muito lucrativos. Além disso, dava visibilidade pública a uma intimidade—o banho do casal.

IMPORTANTE É O
QUE VEM DEPOIS DE BADESKYOU



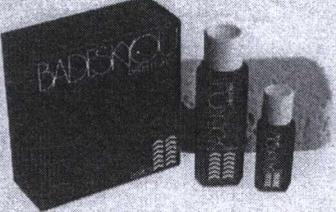
Depois de usar Badeskyou você desfruta de um corpo novo. Sua pele respira, você descansa. Badeskyou é o banho espuma que traz para você uma descoberta, um prazer tranquilo, uma promessa de beleza e vitalidade.

A espuma perfumada de Badeskyou, rica em vitaminas naturais, extratos de plantas alpinas, castanha da Índia e óleo de abacate, liberta os poros das impurezas e deixa a pele macia. Com Badeskyou sua pele respira. Imediatamente após o banho você confirma as qualidades de Badeskyou, pois sua pele fica macia, jovem e vitalizada.

Badeskyou desperta toda a alegria de viver que estava escondida em seu corpo. Você trocou o cansaço por nova energia.

CHUVEIRO,
IMERSÃO E SHAMPOO.

BADESKYOU
banho espuma que ESSELL'S trouxe da Europa para você.

153

Figura 17: *EleEla*, ano 3, n. 32, dez. 1971.

Outro conselho de Liswood tratava do “ato amoroso”. As “interrupções no amor são inadmissíveis.” O casal deverá escolher um método anticoncepcional para que o medo da gravidez indesejada não interfira no prazer do casal. Alcançar o “máximo de prazer” justifica, segundo a autora, qualquer coisa, “desde que mutuamente agradável”. O “medo” poderia tornar anormal ou uma perversão o que pode ser normal, se considerar apenas a “espontaneidade que tanto enriquece o amor”.⁸⁹

Gostaria de afirmar, alto e em bom som, que **não existe modalidade de amor ou posição que seja considerada anormal, sob o ponto de vista médico.** É claro que o importante é o prazer mútuo do casal”⁹⁰ (grifo nosso).

A importância de um especialista na resolução dos problemas do casal também mereceu destaque na “quebra de tabus”:

Tenho vários casos de clientes que vêm a mim em lágrimas porque seus maridos, durante uma briga, as acusaram de serem pervertidas. Algumas dessas mulheres foram humilhadas, outras sentiram-se culpadas e uma ou outra ficaram indignadas. Em todos os casos, perderam o interesse e a ternura em relação ao marido. Uma delas veio ao meu consultório desesperada com a vergonha de que o marido a fizera sentir. Ele a havia persuadido a determinada prática amorosa e, na primeira oportunidade, a culpou por tê-la aceito. Percebi que tanto ela como o marido estavam dominados por um forte sentimento de culpa. Pedi para vê-lo. Calma e repetidamente, **consegui erradicar os tabus adquiridos pelos dois desde a infância.**

Quando uma mulher e seu marido tornam-se menos envergonhados com sua nudez e menos apreensivos a respeito de sua performance sexual, eles se sentem estimulados a explorar melhor suas zonas erógenas e conseguem mais prazer. Quanto menos limites o casal impõe a si mesmo, mais tranquilidade e mais ajustamento consegue na união. (...) Toda vez que um homem e uma mulher bloqueados pelas inibições e noções errôneas temem adotar certas carícias, seria recomendável, para a felicidade do casamento, que procurassem um especialista⁹¹ (grifo nosso).

⁸⁹ Ibidem, p. 7.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Ibidem, p. 7-8.

Simultaneamente, estabelecia-se que a vida sexual e a desinibição do homem e da mulher eram essenciais “para a felicidade do casamento”, apresentam-se os “especialistas”, o sexólogo, o conselheiro matrimonial ou o médico, cujas orientações, por serem legitimadas pela apresentação de dados de pesquisas “científicas”, eram divulgadas como se fossem válidas para todos, independentemente das especificidades das vivências de homens e mulheres.

Muitas mulheres, em todo mundo, apesar de procurarem com desespero o verdadeiro amor, jamais conseguem uma completa realização sentimental. O abismo lentamente as devora e só a ajuda do médico conseguirá salvá-las (...).⁹²

As cartas enviadas pelos leitores à revista **Nova** nos fizeram perceber o papel que este tipo de imprensa vai assumir na vida de muitas mulheres. Em “Você e Nova”, uma carta intitulada “Nova é uma mãe”, a leitora diz:

Minha mãe não gosta muito de Nova: diz que só falam em sexo. Eu compreendo, mas não concordo com ela. É Nova quem a está substituindo quando preciso saber de “certas coisas”. Quantas vezes quis saber isto ou aquilo e não tive coragem de perguntar a ela? Hoje tudo que minha mãe não me responderia eu encontro em Nova. Marli Libardi. São Paulo.⁹³

As revistas assumem um lugar na orientação sexual de mulheres, substituindo as trocas de confidências e experiências com os familiares e os/as amigos/as. Conforme algumas das leitoras, era muito mais fácil ler a revista do que falar sobre “sexo” com sua mãe. As proibições e os constrangimentos, ao tratar deste tema dentro da família, parecem bastante concretos conforme os depoimentos feitos nas cartas. A efusão pública de informações sobre a sexualidade parece que não produzia novos diálogos dentro da família, sobre estas questões. A educação sexual das mulheres tornava-se um exercício de aprendizado individual, ou seja, cada um buscava informações sobre o que queria saber. As leituras poderiam ou não ser objeto de conversas entre mães e filhas. O

⁹² **EleEla**, ano 1, n. 3, jul. 1969, p. 8.

⁹³ **Nova**, n.16, jan. 1975, p. 6.

aprendizado através das próprias experiências pessoais estava sendo cada vez mais uma função assumida pela imprensa.

Assim, é possível afirmar que algumas famílias deixaram para a mídia o papel considerado “constrangedor” de falar sobre sexualidade, especialmente para as mulheres. Já que aos homens era permitido o livre exercício de sua sexualidade, sendo este um código que definia sua identidade masculina. Aqueles que assim não o fizessem viam sua “masculinidade” questionada e reforçavam a idéia de que eram experientes sexualmente e que não precisavam de informações. Já para algumas mulheres, de quem era exigida a virgindade como indicador de sua pureza e honestidade, demonstravam um maior interesse pelos assuntos sexuais.

Nesse contexto, fazer sexo para algumas tornou-se “um dever” para manter o marido e o casamento. Os conhecimentos em torno do sexo nas revistas objetivavam as mulheres casadas. Somente em *Nova* uma maior liberdade sexual para as “solteiras” era mencionado. No entanto, esse silêncio nas outras revistas não indica que estas mulheres casavam-se sem quaisquer experiência sexual.⁹⁴ Mas as possibilidades de conhecimento eram, sem dúvida, mais restritas às mulheres. Por isso, as revistas femininas nos anos de 1970, apesar de seus conselhos contraditórios, favoráveis à emancipação feminina em alguns momentos, mas suscitando a manutenção da dominação masculina em outros, foram muito importantes para as mulheres dessa geração, ao trazerem uma série de informações que permitiram para muitas delas o reconhecimento do “prazer sexual” como um direito e não como um “dever” atrelado ao casamento. Anteriormente, suas experiências sexuais estavam entrelaçadas aos ensinamentos que lhes foram dados, na maioria das vezes pelos homens.

Antes dos anos de 1970 a sexualidade por prazer não era apresentado publicamente como relevante para as mulheres, a maternidade e a família deveriam ocupar todo o seu tempo. É difícil pensar que muitas mulheres tenham tomado nessa época a iniciativa no ato sexual, sem causar estranhamento a seus maridos. Ou até mesmo que vissem o ato sexual com uma certa insatisfação. Atualmente, é inegável que a sociedade tornou-se mais aberta a relações sexuais não institucionalizadas, e estamos de modo geral mais abertos a viver plenamente a sexualidade. Mas os altos índices de

⁹⁴ O destaque era maior para as represálias sociais àquelas mulheres que tinham dado “o passo em falso”.

mulheres que nunca sentiram orgasmo ou que tenham falta de desejo, divulgados pelas pesquisas atuais,⁹⁵ podem ser vistos como indicação da coexistência de velhas e novas formas, de que a “revolução sexual” não chegou a muitas mulheres e também podem refletir que as imagens sobre a sexualidade feminina que transformaram o “orgasmo e o prazer masculino” nos únicos modelos de sexualidade colocaram outros problemas a serem objeto de reflexão.

⁹⁵ Dados fornecidos à revista **Veja** pelo Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas de São Paulo, coordenado pela psiquiatra Carmita Abdo. Segundo Abdo, “a falta de desejo hoje é a principal queixa sexual feminina”. OYAMA, Thaís. Quando o sexo esfria. **Veja**. Edição 1.766, ano 35, n.º 34, ago. 2002, p. 87-88.

1.4. A construção do desejo masculino

Diante de tudo isso, como ficaram os homens? Já que a mulher moderna é aquela que redimensionou sua postura tornando-se :

Liberta dos tabus e dos preconceitos que a escravizaram durante tantos anos, ela se inaugura e obriga os homens a uma preparação interior, a fim de recebê-la como companheira.⁹⁶

Considerando que eram poucos os homens que liam as revistas femininas e que o objetivo da maioria dos artigos era informar às mulheres— mesmo na revista **EleEla** que se definia como uma “leitura para dois” —, acreditamos que era nas revistas masculinas como **Homem**, **Playboy** e **Homem-a revista do playboy** que muitos homens apreenderam as informações sobre a sexualidade que fizeram parte do processo de produção de sua subjetividade sexual.

Nessas revistas masculinas e em **EleEla**, os conselhos dados aos homens eram diferentes daqueles insistentemente divulgados nas revistas publicadas especialmente para as mulheres. Esse grupo de publicações reforçava ainda mais a sexualidade como base de todo relacionamento entre um homem e uma mulher, a partir da exposição do corpo de modelos cuidadosamente arrumadas de forma a aguçar o desejo masculino. As modelos, apareciam vestidas com *lingeries* pretas ou vermelhas, cintas-ligas, colares de pérola, echarpes ou plumas, biquínis ou em poses insinuantes que não deixavam aparecer os seios ou as nádegas (Fig. 18, 19, 20, 21). As fotografias eram produzidas no Brasil ou adquiridas no exterior, um opção atraente para os editores pois diminuía os custos que envolviam a publicação das revistas (Fig.22).

⁹⁶ **EleEla**, ano 1, n. 9, janeiro de 1970, p. 92.



Figura 18: EleEla, ano 3, n. 26, jun. 1971.



Figura 19: EleEla, ano 3, n. 28, ago. 1971.



Figura 20: EleEla, ano 3, n. 36, abr. 1972.



Figura 21: EleEla, ano 3, n. 29, set. 1971.



Figura 22: EleEla, ano 3, n. 33, jan. 1972.

Sobre a forma como é apresentada o “objeto do desejo” masculino nessas revistas, é perceptível os efeitos da censura sobre a imprensa, que foi estabelecida pelo governo militar em 13 de dezembro de 1968, através do Ato Institucional n.º 5 (AI-5). Percebemos através de nossa pesquisa que o controle foi freqüente dos censores do governo militar sobre as “transgressões à moral e aos bons costumes”, que colocavam em risco a permanência de determinado imaginário social.

Cabe informar que em nossa pesquisa fomos nos dando conta lentamente da intervenção da censura nas revistas, pois, quando se fala de censura no período da ditadura militar, na maioria das vezes, logo se fala da censura “política”.⁹⁷ São poucos os estudos sobre a ação da censura nas revistas de comportamento. Os pesquisadores concentravam suas análises na questão do “interesse” do governo militar em permitir uma “permissividade” controlada. Por exemplo, para Goldberg, houve uma liberação controlada dos temas em torno do sexo e da sexualidade nas revistas femininas e masculinas, estimulando o “narcisismo” e o “individualismo”, porque isso interessava ao governo dos militares, pois desmobilizava agrupamentos e ações coletivas e desviando as atenções das perseguições políticas e das atrocidades cometidas. Nesse contexto, para essa autora, “era necessário imunizar a população contra a ‘subversão’ e torná-la insensível com respeito às arbitrariedades e violências praticadas pelos órgãos policiais em nome da ‘defesa nacional’”.⁹⁸ Consideramos que a análise de Goldberg reduziu a

⁹⁷ As restrições da censura já foram objeto de vários estudos. No entanto, tais estudos concentram-se na intervenção da censura sobre os grandes jornais como: **Folha de São Paulo**, **Jornal do Brasil** e **O Estado de São Paulo**. Também mereceram investigação especialmente os jornais alternativos **Pasquim**, **Movimento** e **Opinião** e revistas como **Realidade** e **Veja**. No entanto, existiram como reconhece Maurício Maia, três categorias de periódicos passíveis de censura prévia. Um grupo, majoritariamente formado por revistas masculinas, sofria controle predominantemente moral; outro segmento de publicações bancadas por organizações empresariais solidamente consolidadas englobava títulos como **Tribuna da Imprensa**, **O Estado de São Paulo**, **Veja (...)** e, finalmente, um terceiro bloco, constituído por jornais alternativos, era visado acima de tudo pelos embates ideológicos com os militares no poder. MAIA, Maurício. Censura um processo de ação e reação. In. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). **Minorias silenciadas: História da censura no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado/Fapesp, 2002, p. 491. Outras referências sobre a censura, ver a coletânea de textos organizados por: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.), op. cit.. Além desta obra temos: MOREIRA, Sonia Virginia. *As alternativas da Cultura (anos 60 e 70)*; Miccolis, Leila. *Literatura inde (X) pendiente*. In MELLO, Maria Amélia. *Vinte anos de resistência*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1986. VILARINO, Ramon Casas. *A MPB em movimento: música, festivais e censura*. São Paulo: Olho d’Água, 1999. Após todas essas referências é importante destacar, ainda, que essas obras mostram a ação da censura sobre o teatro, o cinema e a música, quando apresentavam possibilidades alternativas de compreensão em torno das questões morais, políticas e sexuais.

⁹⁸ GOLDBERG, Anette, op. cit., p. 47.

importância da divulgação desses novos comportamentos aos interesses do governo militar autoritário, excluindo desse processo a importância das mudanças que estavam acontecendo tanto internamente na sociedade brasileira como em outros países.

A primeira referência que tivemos a oportunidade de encontrar no que se refere a ação da censura nas revistas foi no trabalho de Maria Lygia Quartin Nehring, sobre a imprensa para mulheres, quando ela apresenta a entrevista com Eda Romio, que era editora executiva da revista **Nova** em 1978.⁹⁹ Perguntada sobre a censura prévia, Eda Romio respondeu:

Nós temos censura prévia. Toda revista é mandada para Brasília, através de malote. Eles exerceram censura total à revista até a época que houve aquele abrandamento da censura, quando foi ? Na época da eleição do Figueiredo? Sei lá, há uns quatro meses atrás. Aí eles suspenderam a censura política da revista. Agora só há censura de costumes, o que para nós é grave, porque nós praticamente somos uma revista de costumes. E temos problemas muito sérios.¹⁰⁰

Este depoimento de Eda Romio mostra não só a intervenção da censura, mas a diferença que havia entre a censura política e a censura de costumes. A censura política também era feita nas revistas, visava impedir a divulgação dos atos arbitrários por parte do governo militar que representasse o fortalecimento da oposição da sociedade ao regime autoritário. A censura não tinha como objetivo apenas as publicações consideradas políticas, mas suas práticas intervinham também na publicação e distribuição das revistas de comportamento e em várias outras manifestações culturais. A censura de costumes buscava evitar a divulgação de comportamentos sociais que poderiam contribuir para a “desestruturação da família”, quando colocavam em questão alguns dos antigos padrões.

Nesse sentido, a Igreja também assumia uma função reguladora da “moral e dos bons costumes”, através da publicação de encíclicas como a “*Humanae Vitae*”, lançada por Paulo VI, em 1968. A “preservação da instituição familiar” tinham lugar de

⁹⁹ Cabe informar que a autora não explora a fala da depoente sobre a censura em seu trabalho.

¹⁰⁰ NEHRING, Maria Lygia Quartin de Moraes, op. cit., p. 154.

destaque nos discursos da Igreja.¹⁰¹ Conforme Maristela Moreira de Carvalho, esta encíclica manteve os princípios da encíclica “Casti Connubi”, lançada pelo Papa Paulo Pio XI, em 1938, que iniciava “fazendo menção à dignidade da casta união conjugal”. Conforme a autora, “Pio XI criticava os princípios falsos de ‘uma moralidade nova e perversa’, a depravação dos costumes que vinha sendo disseminada entre os fiéis cristãos.”¹⁰² As mudanças de comportamentos já estavam sendo sentidas o que mostra o caráter disciplinar das encíclicas. Afirmava-se que a razão primeira do matrimônio era a procriação e a educação da prole. Alertava-se que “aqueles que interferissem nesta finalidade, destituindo o matrimônio de sua função primeira, estariam praticando um ato torpe e ‘intrinsecamente desonesto’”.¹⁰³ Criticava-se a “emancipação da mulher” e mantinha-se a superioridade das decisões do marido. Ainda, segundo Carvalho, haviam grupos dentro da Igreja que desejavam modificar esses padrões; no entanto, foram derrotados por terem sido levadas em conta “apenas as opiniões” da Comissão Pontifícia de Estudos.¹⁰⁴ A igreja foi um dos principais fomentadores dos movimentos contra as mudanças na esfera familiar, entre elas- o divórcio.¹⁰⁵

O que interessa destacar para o nosso estudo é que uma das questões centrais nas revistas religiosas “era a luta contra os meios de comunicação social, que iam contra

¹⁰¹ CARVALHO, Maristela Moreira de. **As vontades de saber e as relações de poder na “pastoral da sexualidade” da arquidiocese de Florianópolis**: continuidades e rupturas no discurso da oficialidade católica (1960 a 1980). Florianópolis, 2003. 153p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa de Maristela Moreira de Carvalho sobre a revista **Família Cristã**, que foi implantada pelas irmãs Paulinas Dolores Baldi e Stefanina Cillario”, em 1934, e que até 1984 já era considerada conforme a própria revista “uma espécie de ‘Veja’ ou ‘Isto É’ cristã”. Para nosso trabalho este estudo trouxe informações sobre a “moral sexual” da Igreja, ao esmiuçar os temas apresentados na revista, que tinham conexões com as inquietações expostas pelos documentos do magistério da Igreja. De acordo com a autora, o foco central das críticas, especialmente em relação à mídia, “era, a defesa da família, da sexualidade e do matrimônio instituídos pela Igreja”, a partir do “lançamento da *Humanae Vitae* pelo Papa Paulo VI, em 1968. Carvalho, Maristela Moreira, op. cit., p. 103-106. Ver ainda: ARY, Zaida. **Masculino e feminino no imaginário católico**: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.

¹⁰² *Ibidem*, p. 46.

¹⁰³ *Idem*.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 49

¹⁰⁵ Esses esclarecimentos buscam mostrar que a Igreja estava atenta às mudanças de comportamento social, o que é marcado mundialmente pela publicação das encíclicas. Como estratégia local na tentativa de inserir e manter valores e condutas, foram criados dispositivos discursivos como aqueles lançados pela Arquidiocese de Florianópolis como mostra Carvalho: as revistas **Pastoral de Conjunto** e a **Encontros Teológicos** e os **Planos arquidiocesanos de Pastoral de Conjunto**. A revista **Família Cristã** era publicada em São Paulo pelas edições Paulina e distribuídas para arquidioceses e leitores de todo Brasil.

a ética e as condutas propostas pela Igreja”.¹⁰⁶ A Igreja católica manifestava-se contra a imprensa que tratava de sexo, casamento, emancipação feminina e revolução sexual, ou seja contra as revistas que pesquisamos. Nas proibições da censura observamos que os temas definidos pela hierarquia da Igreja como “perversos” participavam na constituição do imaginário dos censores e assim da constituição das regras gerais da censura.

Acreditamos que as ações da censura, junto com as demandas advindas do público leitor, e a subjetividade dos editores e jornalistas foram responsáveis pela presença dos artigos contraditórios, isto é, aqueles que tratavam de temas como a liberação sexual e emancipação feminina e aqueles que insistiam na erotização do comportamento feminino dentro do casamento. Observamos que até 1972, quando se intensificaram a ação da censura e da repressão do governo militar, os artigos informando sobre os movimentos de “emancipação da mulher” apareciam com mais frequência. Após esse período houve uma diminuição e uma centralização em torno da sexualidade no casamento e o redimensionamento da relação conjugal diante das mudanças advindas com a liberação sexual e a “nova mulher”. Em 1975, embora o casamento mantenha-se como objetivo principal na vida das mulheres, a preocupação volta-se para a “educação sexual” dos casais, com base nos estudos científicos da moderna “ciência sexual”.

Nas revistas masculinas é que vamos perceber de forma explícita a intervenção da censura, no período entre 1969 e 1979, sobre as revistas de comportamento. As fotos e os textos passavam pela censura do Departamento de Polícia Federal. A figura do censor era uma presença constante nas revistas, no governo militar. Não eram apenas os textos políticos alvos de cortes e substituições de última hora. Nas cartas de leitores, nas respostas dadas a elas, nas bolas pretas que cobriam legendas e fotos, na forma como as revistas analisadas expunham os corpos femininos e os temas em torno da sexualidade, da família e das relações entre homens e mulheres, temos a confirmação da intervenção da censura sobre a autonomia das revistas.

Essas “proibições” foram importantes no processo de construção do desejo masculino nas revistas. As sanções em torno da “pornografia” foram um estímulo à produção de um desejo marcado pela erotização do corpo feminino. Através das

¹⁰⁶ CARVALHO, M., op. cit. , p.106.

imagens, acompanhamos as diretrizes da censura sobre como as mulheres poderiam ser fotografadas. Os editores, jornalistas e fotógrafos não ousaram, durante a ditadura militar, apresentar nas revistas fotos de mulheres em posições que mostrassem sua genitália, o que só nos anos 1980 começa a aparecer nas revistas de grande circulação. Acreditamos que esta foi uma das formas que os editores e jornalistas encontraram para atender às demandas de um mercado consumidor, sem correr os riscos de as revistas serem censuradas ou apreendidas.

Este tipo de revista já existia no Brasil desde 1950, como nos informa Alícia Agripina Jurado.¹⁰⁷ Em seu estudo sobre as editoras de revistas populares que publicavam em São Paulo, faz considerações importantes sobre as revistas pornográficas que foram editadas ou distribuídas no Brasil. Ela destaca o nome de Vito Antônio La Selva, que em 1950 publicava uma das mais famosas revistas de *pin-ups*, que, conforme registra La Selva, “vestiam (horror!) imensos biquínis tão pudicos que até hoje senhoras balzaqueanas se recusariam a usá-los”.¹⁰⁸ Em 1962 um dos filhos de La Selva, Jácomo La Selva, inicia suas atividades editoriais fundando a Editora e Distribuidora Sublime. Esta editora criou o Reembolso Royal, que tratava exclusivamente da venda de livros. Em 1963, era responsável pela distribuição da revista americana **Playboy**, vendendo dez mil exemplares apenas em São Paulo. Com o sucesso das vendas, passa a distribuir também as revistas italianas **Fiesta**, **Playmen**, **Mani Di Fata**. Alícia Jurado aponta que, por serem **Fiesta** e **Playmen** “publicações eróticas e muito procuradas pelo público, a censura começou a intervir”.¹⁰⁹ Outro exemplo dado por Jurado é o caso da **Playboy** (americana), que um dia foi “presa”, “não apreendida”, sendo levada de “camburão da polícia e colocada na cela destinada aos presos políticos”.¹¹⁰

Segundo Maurício Maia, esta situação se agravou logo após a entrada em vigor do Decreto-lei n.º 1.077/70, de 26.01.70 (Fig.23), que fez com que a Polícia Federal baixasse uma portaria “proibindo a circulação de algumas publicações periódicas e

¹⁰⁷ JURADO, Alícia Agripina Concha. **Revistas Pornográficas: a fantasia do prazer—Um estudo crítico e documental**. São Paulo, 1990. 124p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) –Universidade de São Paulo—Escola de Comunicações e Arte.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 86.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 88.

¹¹⁰ *Idem*.

disciplinando a venda de outras, sempre com a exigência de que elas viessem embaladas em material opaco, resistente e hermeticamente fechado”.¹¹¹

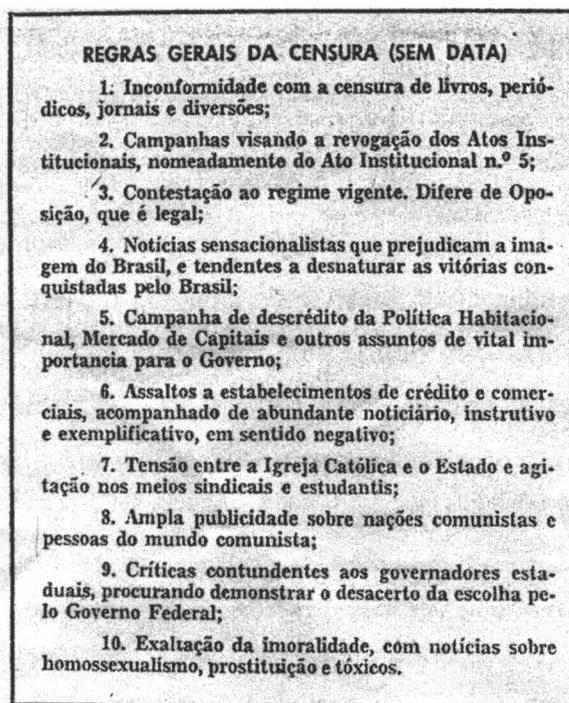


Figura 23: GASPARI, Elio. Documentos da Censura. *Jornal do Brasil*, 18 jun. 1978. p. 2.

Muitas revistas estrangeiras tiveram a circulação proibida no Brasil como a **Man to Man**, **Jaguar**, **The Swinger**, **Sunhating**, **All Man** e **Cabaret**. Entre 1974 até 1976 a revista **Playboy** americana não é mais vendida no Brasil. Em 1975 são lançadas a revistas nacionais **Homem** e **Playboy**, que de acordo com Maia “foram liberadas para circular sem maiores restrições”.¹¹²

Esse autor, ao tratar das reações das editoras, aponta o que ele denomina “uma política de boa vizinhança” por parte de várias empresas provavelmente estabelecida por interesses comerciais e ideológicos.

¹¹¹ MAIA, Maurício, op. cit., p.480.

¹¹² Ibidem, p. 481.

“Outros 112 títulos que eram distribuídos por vinte empresas foram liberados sem maiores restrições (por exemplo, **Grande Hotel**, **Zé do Caixão no Reino do Terror**, **Estórias Adultas**, **Destino**, **O Agente Secreto**, **Playboy**, **Contigo e Capricho**). E dezoito revistas receberam um tratamento mais rigoroso ainda. Publicações como **Fiesta**, **Play-Comic**, **Killing**, **Top-Sex** e **Almanaque Mayara** só poderiam ser colocadas em determinados pontos de venda”.¹¹³

A direção da empresa Rio Gráfica Editora “propôs às autoridades policiais que o envelope opaco fosse trocado por uma ‘tarja forte, destacando a faixa de idade dos leitores à qual se destina’”.¹¹⁴ Em sua argumentação insistiam no aumento do custo industrial anual que provocaria “a demissão de centenas de funcionários”. O autor destaca, porém, especialmente o apoio da empresa à legislação censória:

Partindo da premissa de que havia vários instrumentos legais que permitiram processar editores, recolher publicações ou submetê-las à censura prévia, não via necessidade de lacrar suas revistas nas bancas de jornais.¹¹⁵

Para a editora, esse enquadramento representava “o nivelamento, por baixo, de todas as publicações, as da recorrente e outras do mesmo nível realmente obscenas ou de teor anti-social de editoras inescrupulosas. O tratamento seria injusto”.¹¹⁶

É importante frisar que a editora não se referia apenas às publicações pornográficas. Abordando suposto “teor anti-social”, fazia coro às assertivas do ministro Alfredo Buzaid, que ocupava a pasta da Justiça e via nessas edições um caráter de subversão da ordem estabelecida. (...) É inevitável a lembrança do episódio ocorrido com a revista *Realidade*, que teve a décima edição recolhida alguns anos antes. O próprio documento aponta que “algumas revistas de grande circulação, já tiveram suas edições apreendidas por publicarem matérias consideradas ofensivas à moral e aos bons costumes”.¹¹⁷

¹¹³ Ibidem, p. 480.

¹¹⁴ Ibidem, p. 481.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ MAIA, Maurício, op. cit., p. 482.

A diferença no tratamento por parte dos editores e da censura nos anos 1970 abria a possibilidade de as revistas serem consideradas “eróticas” e não pornográficas, o que mostra a preocupação dos editores com as ações da censura. O que é visto também na análise de Agripina Jurado quando utiliza o termo “erotismo” para tratar as revistas em particular em oposição ao termo pornografia, quando vai tratar de forma geral as revistas. Considerando que a autora se utiliza apenas das revistas e do material das editoras, por isso o termo mais utilizado é “erotismo”, mas quando se trata da censura e do público, a denominação é “pornografia”.

A atenção dos censores nas revistas masculinas que pesquisamos estava centrada nas imagens de mulheres nuas. A revista **Homem**, por exemplo, era editada pela Abril e utilizava textos de jornalistas e escritores de renome, cartuns e ensaios fotográficos de nus femininos. Uma queixa encaminhada à censura por Edgard de Silvio Faria, diretor da editora, citada por Maia, referia-se:

(...) as restrições que estão criando obstáculo à execução desse esquema referem-se ao último item, tratando precisamente da nudez feminina. Ele acreditava que as medidas censórias haviam surgido para coibir o “acanalhamento da nudez feminina que revistas de outro nível têm criado, explorando-a em situações, posições e expressões de evidente lascívia, quando não grosseiramente fesceninas”. No entanto, na revista **Homem**, segundo Faria, havia “única e exclusivamente, o ânimo e o ângulo da contemplação estética do corpo da mulher, que sempre constituiu a inspiração de obras-primas das mais notáveis da escultura, do desenho e muito menos o envio de uma amostra do tipo de ensaios fotográficos que, conforme afiançava Farias, “pretenderíamos continuar publicando na revista no futuro, sempre evidentemente, sujeitas à aprovação prévia desse órgão”. Rogério Nunes, diretor da Divisão de Censura de Diversões continuava irredutível: “não serão permitidas ilustrações que apresentem o nu feminino, com exibição de seios desnudos ou nádegas descobertas.”¹¹⁸

¹¹⁸ Arquivo Nacional/ Ministério da Justiça- Fundo DCDP (Ofício de Rogério Nunes, diretor do DCDP, encaminhado a Edgard de Silvio Faria, diretor responsável da revista **Homem**, em 7/10/1975. Apud MAIA, Maurício, op. cit., p. 491-2.

Nas revistas, as fotos das mulheres nuas insinuantes e provocativas eram acompanhadas pelas bolas pretas da censura que eram uma constante sobre as fotos e as legendas. A forma como os jornalistas construíram os textos para fugir das bolas pretas, resultaram em textos erotizados e abertos a múltiplas interpretações, mas que transmitiam um conteúdo específico que buscava chamar à atenção de seus leitores:

Raimunda

A mulher que é boa de coração

Sério

Raimunda é uma pessoa boníssima, como diria o saudoso Dêner. No Natal por exemplo Raimunda se desdobra e fica totalmente dedicada à filantropia. Aí é um tal de dar presente aqui, dar outro presente ali, dar outro presente lá. O negócio da Raimunda é dar tudo de si; para fazer as pessoas cada vez mais felizes. Ela é o nosso presente de fim de ano para você. Não é uma boa.¹¹⁹

Não sabemos ao certo se a modelo que ilustrava a matéria efetivamente chamava-se Raimunda, mas o fato é que tinha nádegas salientes em relação às outras mulheres. Por certo o autor se refere ao adágio adotado por alguns homens em relação a mulheres que não possuem beleza facial, mas corpo considerável: “Raimunda, feia de cara e boa de bunda”. Um texto contendo palavreado vulgar não seria tolerado pelos censores, mas a forma rocambolesca como foi apresentado na revista passou incólume.

Os critérios utilizados pelos censores do regime militar estabeleceram uma distinção entre pornografia e erotismo, que foi percebida pelos editores e fotógrafos. O erotismo era tolerável pela censura. E as revistas foram criativas na exposição dos corpos femininos, cobrindo-se seios e a genitália (Fig. 24 e 25).

¹¹⁹ Homem –a revista do playboy, ano 1, n. 4, dez. 1978.

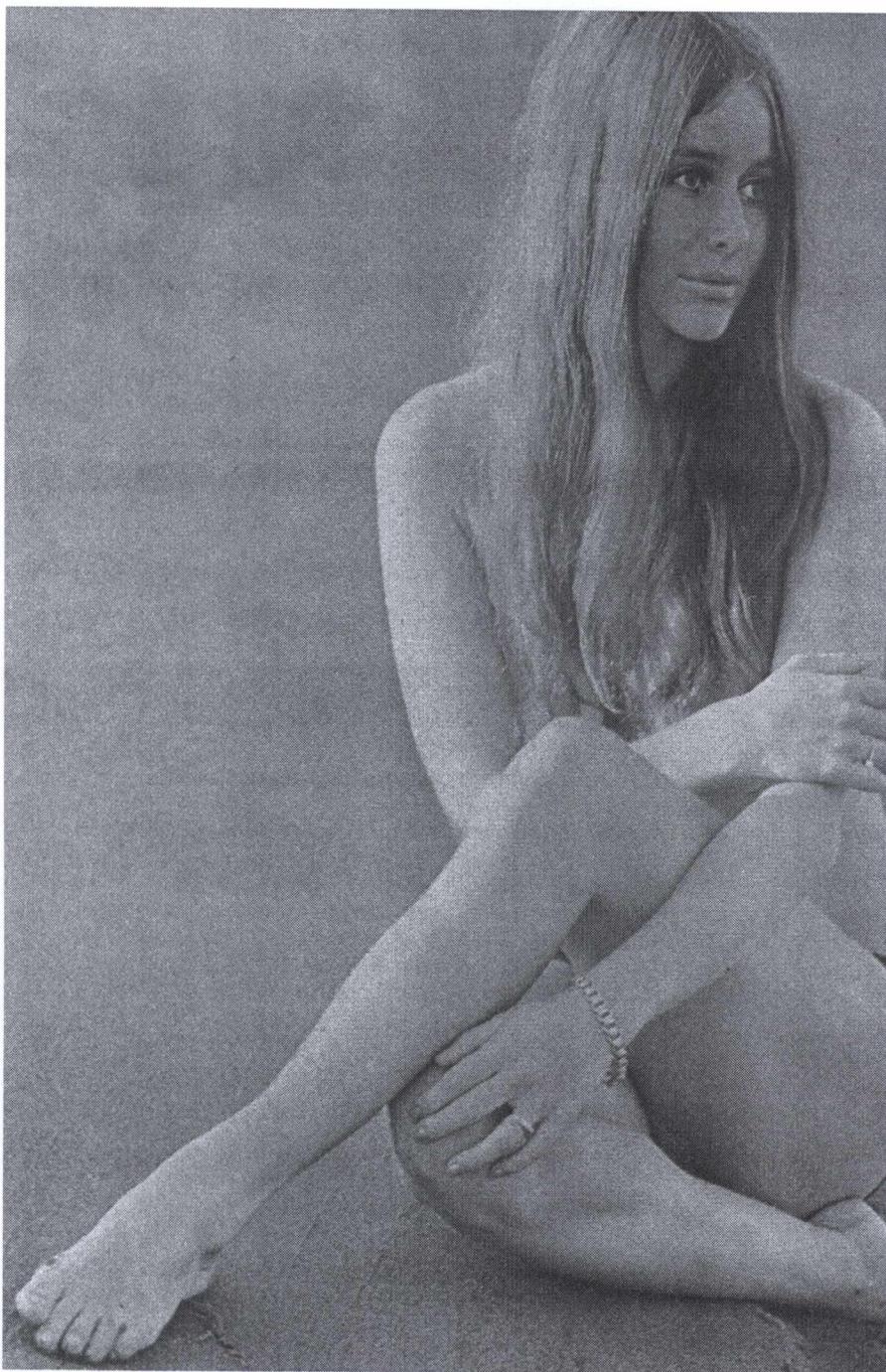


Figura 24: EleEla, ano 3, n.36, abr. 1972.

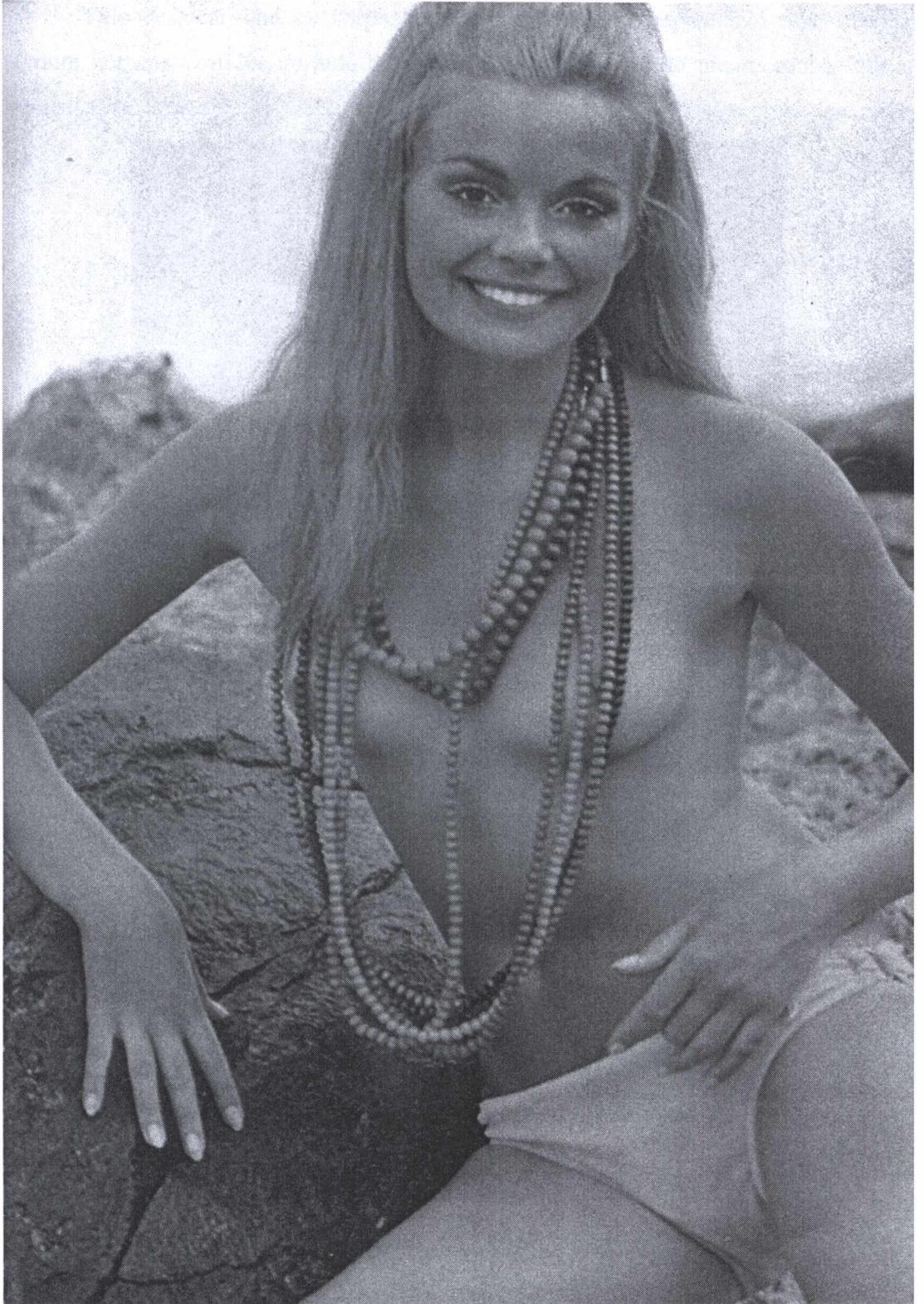


Figura 25: EleEla, ano 3, n. 33, jan. 1972.

Vale destacar que os corpos masculinos raramente apareciam nus, mas era comum homens vestidos ao lado de mulheres despidas ou com menos roupas que os homens (Fig. 26).



OS JOVENS ESTÃO NA NOSSA malhas pingouin

Os jovens entraram decididamente na nova coleção de verão da Pingouin. Eles e elas.
Mas cada um ficou na sua.
Por sua vez, a nova coleção Pingouin está muito na deles.
Ela é alegre, colorida, vibrante.
Os maiores eobras da Europa desenharam tudo. Inclusive os padrões.
Cheios de bossa. E permitindo uma imensa variação: com apenas algumas peças você faz um guarda-roupa inteiro.
Não existe nada igual a Pingouin.
Nada tão prático.
Entre nessa também. Você vai ver que muita gente vai entrar na sua.

Figura 26: EleEla, ano 3, n. 29, set. 1971.

A censura vinha à tona sempre que alguma ilustração contrariava algum valor moral ou padrão que se desejava manter, como a invisibilidade do corpo e da sensualidade masculina. Enquanto o corpo feminino poderia ser minuciosamente investigado, visibilizado e preenchido de significados, o corpo masculino era interdito (Fig. 27).

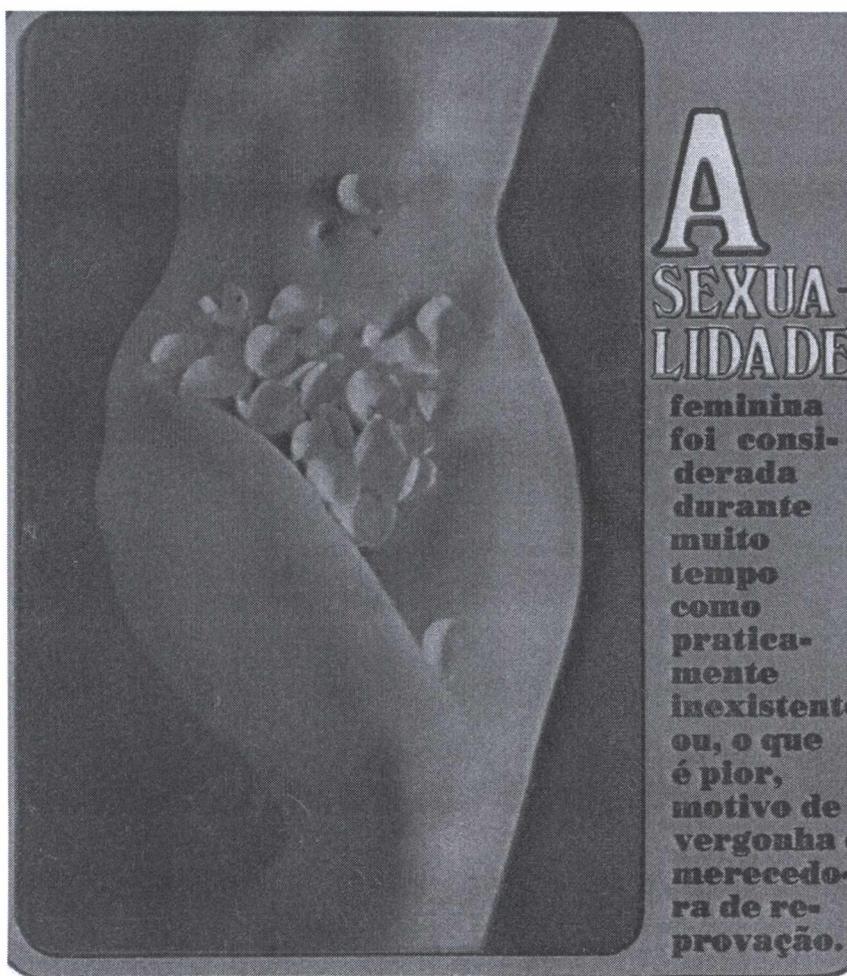


Figura 27: EleEla, ano 3, n. 29, set. 1971.

Como exemplo, temos, que em janeiro de 1977, *Nova* publica a seguinte carta:

Antes que a censura recolhesse a revista do meu bairro, consegui comprá-la. Devorei-a de ponta a ponta e o artigo que mais gostei – o mais esclarecedor – foi “o orgasmo masculino” que respondeu a várias perguntas que eu não

sabia a quem fazer. Continuem publicando matérias desse gênero. Neusa Assumpção –Salvador– Ba.¹²⁰

Outro exemplo significativo sobre a defesa pela censura da hierarquia de gênero é o da fotografia que aparece na revista **Realidade**, de janeiro de 1970, onde aparecem quatro homens e uma mulher na cama, cuja matéria intitulava-se: “Chegaram os anos 70 – da mulher mais livre: ninguém vai pensar tanto em sexo”¹²¹ (Fig. 28).



Figura 28: **Realidade**, jan. 1970.

Na revista do mês seguinte, podemos ver a reação dos leitores e ficamos sabendo que a apresentação daquela fotografia, produzida em estúdio, quase representou o risco de apreensão da revista. Além disso, na seção de cartas, um leitor identificado como Roberto Antônio da Cruz, professor, mostrando sua indignação comenta:

¹²⁰ **Nova**, ano 5, n. 40, jan. 1977.

¹²¹ Chegaram os anos 70– da mulher mais livre: ninguém vai pensar tanto em sexo. **Realidade**, jan. 1970, p.52 - 53.

Sr. Diretor: Desta vez, os senhores se excederam mesmo. Tenho acompanhado desde o número 1, todos os atentados que REALIDADE já cometeu contra a moral e os bons costumes. A foto das páginas 52/53, do último número, é típica de publicações eróticas e pornográficas. REALIDADE é isso?”¹²²

Mas, também haviam aqueles que apoiavam a revista:

Sr. Diretor: Toda a minha solidariedade, soube daqui dessa “província” que, na “metrópole” Rio de Janeiro, Realidade correu o risco de ser apreendida e só pôde circular sem a foto que ilustrava as previsões para 1970, no setor sexualidade. Aquilo era uma boa fotografia, mas completamente “aguada”, assexuada, não tinha nada demais. Na minha humilde opinião, província é o Rio de Janeiro”. Sebastião Gabriel, Santos-SP¹²³

A reação do leitor e a proibição da censura teriam sido a mesma se fosse um homem no lugar da mulher? Considerando que as representações em torno da sexualidade masculina definiam que os homens é que eram os especialistas na sedução e na conquista das mulheres, a resposta é não. As fotos permitidas eram aquelas onde as mulheres eram “objetos do desejo”, mas não os sujeitos do desejo sexual. O olhar da modelo estava normalmente dirigido ao leitor, indicando uma certa “disponibilidade” para realizar todos os seus desejos. Assim, a sexualidade feminina era neutralizada, e a intimidade dissolvida no objeto em oferta que certos homens desejavam apenas ver mais desnudos.

Na revista **EleEla**, as garotas apareciam com biquínis, seja na praia ou em espaços fechados. Quando apareciam sem a parte de cima do biquíni, os seios eram cobertos, e no caso de estarem de costas, apareciam sentadas (Fig. 29). A partir de 1977, as modelos aparecem com poses mais insinuantes em camas e sofás, mas ainda não deixavam ver os seios e muito menos a genitália.¹²⁴

¹²² “Os anos 70” – Cartas”. **Realidade**, fev. 1970.

¹²³ *Ibidem*, p. 5.

¹²⁴ Teresa e o desafio do sofá. **Homem – a revista do playboy**, ano 1, n.2, out. 1978.

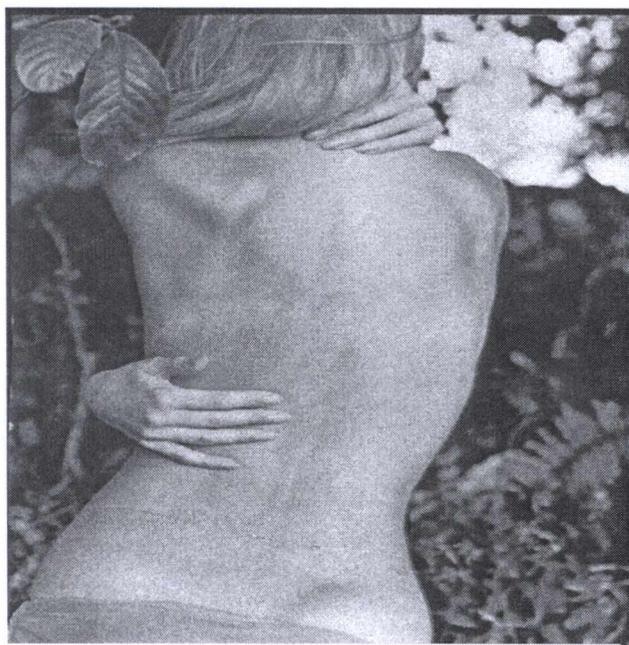


Figura 29: *EleEla*, ano 3, n. 26, jun. 1971.

A resposta da revista **Homem**– a revista do playboy, em 1977, à censura fica clara na matéria abordando “Teresa e o desafio do sofá”, quando mostra as bolas pretas que escondem partes do texto. “Muita gente acha que o sofá serve apenas para sentar. Teresa não. Para ela o sofá é como a cama...” Quando a modelo aparece de cócoras apoiando-se nos joelhos ou de bruço firmando o corpo nos cotovelos, a legenda é coberta de bolas pretas.¹²⁵ Em abril de 1979, numa reclamação de José Eduardo F. de Freitas, de Belo Horizonte, sobre as “Bolas Pretas”:

A censura no Brasil ainda é rígida e arcaica ... só nos resta lamentar...
Até que as bolinhas estão sumindo Dudu. Agora falta liberar o texto.¹²⁶

¹²⁵ **Homem**– a revista do playboy, ano 1, n. 2, out. 1978.

¹²⁶ **Homem**–a revista do playboy, ano 1, n. 8, abr. 1979.

Segundo Alicia Agripina Jurado em outubro de 1977, já “sai na capa de **Fiesta** o aviso “sem censura”. A garota da capa aparece pela primeira vez mostrando os seios. “Era a época do ‘topless’ nas revistas. Os corpos já aparecem de perfil e de costas bem discretos.¹²⁷ Na revista **Playboy**, em 1979, informava-se:

emoção bem mais amena é a que você experimentará acompanhando sequência sensual de um strip-tease e também se deliciando com “As Fotos” que você queria (e nós também, cheias de maravilhosas garotas (a começar pela capa) mas que, por motivos de força maior (esta revista não podia até agora, publicar).¹²⁸

Neste momento começam a aparecer os primeiros “closes” de corpo, como os seios e as nádegas, mas ainda a genitália permanece oculta. De acordo com Jurado em “janeiro de 1980 acontece a liberação total da censura. A partir de então as garotas apareciam totalmente despidas, e os leitores encontravam “as fotos, segundo os discursos nas revistas, “como desejavam ver”. A “vagina” que estava oculta, que não podia aparecer, agora se tornava figura. Predominavam os nus frontais, mas ainda não se publicavam as chamadas de fotos “ginecológicas”.¹²⁹

Em relação aos homens, como já observamos em nosso estudo que a censura, segundo as revistas, é que não permitia o desnudamento dos corpos masculinos. Era o que informava a edição que continha a carta da história da Cidinha. Em **EleEla**, em 1976, aparece uma carta pedindo um “Pôster Varonil”:

Gostaria muito que vocês mostrassem pôster sexy de homens. Afinal eles também têm um físico bonito e a revista é para ler a dois. Ou não é? EleEla só publica foto de mulheres. O meu namorado compra a revista tira o pôster e prega na parede. E eu faço o quê? Cidinha Serpa, São Paulo(SP).

–Publicar foto de mulheres já não está fácil. Só podemos sugerir, no momento que você tire uma foto do seu namorado ou de um amigo dele e pregue na parede do seu quarto.¹³⁰

¹²⁷ JURADO, Alicia Agripina, op. cit., p. 94.

¹²⁸ **Playboy**, ano 4, n. 47, jun. 1979.

¹²⁹ JURADO, Alicia Agripina, op. cit., p. 94.

¹³⁰ **EleEla**, ano 7, n. 82, fev. 1976.p. 160.

Esta solicitação já havia aparecido em 1969, quando Andréia Martins solicitava:

A beleza não tem sexo. Comprei os números desta revista a espera de ver um galã despido... e nada. Aqui vai uma relação de filmes em que alguns homens bonitos aparecem neles.

Jean Paul Belmondo em Quem matou Leda? Alan Bates em Este mundo é dos Loucos, Marlon Brando em O Pecado de todos nós, Franco Cett em Edipo Rei, Charlton Heston em o Planetas dos Macacos, Burt Lancaster em o Enigma de uma vida, Richard Harris em um homem chamado cavalo”.

– A curiosa sugestão da leitora está anotada. Não pretendemos exhibir nenhum homem nu em nossas páginas tanto por imposição da censura, quanto pela imposição do bom gosto. Se a leitora tiver mesmo interesse em ver homens nus, o seu problema poderá ser resolvido sem necessidade de nossa ajuda.¹³¹

A carta da leitora pode tanto ser vista como uma vontade de ver homens nus, como também uma ironia em relação ao número de fotos de mulheres que aparecem em **EleEla**. Podemos pensar também que talvez essas cartas não teriam existido, mas tinham apenas o objetivo de desafiar e ironizar as interdições da censura. Porém, a ironia perceptível na resposta dada à leitora, como se fosse inconcebível uma mulher desejar ver fotografias de homens nus e o fato das revistas não terem modificado sua postura mesmo com o fim da censura é sugestivo sobre o entendimento dos editores e jornalistas de que apenas a nudez feminina era “normal” e “desejável”, mas a dos homens nem tanto.

Nesse sentido, essas cartas mostram que expor os corpos das mulheres era de “bom gosto”, e que o mesmo não valia para os homens. Por outro lado, o registro da solicitação de homens nus pelas mulheres, contrariava afirmações feitas na época por Flávio Gikovake – um “amorólogo”, como ele mesmo se define, com vários livros publicados¹³² – à revista **Playboy** de setembro de 1979, de que “as fotos de mulheres

¹³¹ **EleEla**, ano 1, n. 4, agosto de 1969, p. 121.

¹³² Flávio Gikovake referencia em suas obra **Falando de amor**: dificuldades no amor, publicada pelo Círculo do livro, as pesquisas sobre a sexualidade masculina feitas nos Estados Unidos pelos sexólogos Masters e Johnson.

nuas despertam imediatamente o interesse dos homens por mais educados e sofisticados intelectualmente que sejam. Já fotografias de homens nus como algumas revistas americanas experimentaram publicar não despertam nenhum interesse nas mulheres”.¹³³ Além de basear suas informações em pesquisas americanas, distantes da realidade brasileira, Gikovake, em sua entrevista, “essencializa” o voyeurismo do desejo masculino. Ele desconsidera a possibilidade de construção cultural desse tipo de fetichismo na definição do ser homem e do ser mulher pelos discursos da psicanálise, desde Freud.

Além disso, o sujeito do desejo apresentado por Gikovake era masculino:

P– E quando às desigualdades no plano sexual?

G–Uma idéia que eu continuo defendendo e que me tem feito receber muitas críticas é a de que existe uma diferença fundamental na natureza do desejo sexual do homem e da mulher. Entendo que essa diferença corresponde a **mais profunda e essencial diferença entre a natureza masculina e a feminina**; a de que o homem tem um desejo ativo e interligado pela visão enquanto a mulher tem um desejo sexual passivo e intermediário por ela perceber que o homem ou os homens a estão desejando. Então ocorre o seguinte: a iniciativa sexual da mulher sempre parecerá para o homem, uma coisa meio esquisita porque não muito verdadeira. A iniciativa exagerada da mulher inibe e assusta o homem de imediato. Isso acontece, a meu ver, porque fere um princípio muito profundo da natureza sensual de um e de outro sexo. Mas há vários outros dados que provam a existência dessa diferença na natureza do instinto sexual ...¹³⁴ (grifo nosso).

A leitura de Gikovake sobre a sexualidade masculina e feminina caminhava num sentido contrário àquele defendido por Marina Colassanti e Carmem da Silva. Se elas pregavam o direito de a mulher dizer não ao sexo por obrigação e o de experimentar novas sensações e tomarem iniciativas para alcançar o prazer, como forma de manter o equilíbrio da relação conjugal, em Gikovake ocorria uma espécie de denúncia de que a mulher ativa, com iniciativas e independência de posturas sexuais, prejudicaria o

¹³³ **Playboy**, ano 5, n. 51, out. 1979, p. 42

¹³⁴ *Idem.*

desempenho do homem. É a mais direta defesa, “amparada em bases científicas” de um *status* de dominação masculina, sexista, apontando como exclusividade do homem o direito à iniciativa e ao arrebatamento sexual.

Essas revistas quando apresentavam temas relacionados à sexualidade, davam visibilidade às informações de como dar prazer às mulheres ou de como conquistá-las, tratavam-nas como um objeto ou um território a ser conquistado. A linguagem que se utilizava era distinta da utilizada nas revistas para mulheres. Além disso, os temas tratados são mais abrangentes e estão relacionados com aquilo que pressupunham ser exclusivo do mundo masculino e geralmente versavam sobre: política, automóveis, boas bebidas, negócios, esportes, aventuras, ciência e mulheres.¹³⁵

Cabe ressaltar que as mulheres apareciam nas revistas também como autoras de artigos, cuja presença legitimava perante os leitores as informações dadas sobre a sexualidade feminina ou sobre as melhores estratégias para “conquistar”, “seduzir” e “atrair” as mulheres. As imagens publicizadas reforçavam os homens como conquistadores e “especialistas em amor”, preocupados com as técnicas de sedução ou de conquista. As orientações sobre como dar prazer às mulheres colocavam os homens como os únicos responsáveis pela relação sexual. A relação sexual era construída, segundo Pierre Bordieu, “como uma relação social de dominação”, mantendo o princípio de divisão fundamental entre “o masculino ativo e o feminino passivo”.¹³⁶ Em todas as revistas que lemos, em nenhuma encontramos alguma descrição do prazer masculino, mas em relação às mulheres haviam verdadeiros roteiros de como “dar o máximo de prazer a uma mulher”.¹³⁷

¹³⁵ Sobre esta análise mostramos na introdução deste trabalho o editorial de lançamento da revista **Homem** em agosto de 1975.

¹³⁶ BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 31.

¹³⁷ Esses roteiros serão melhor analisados no capítulo quatro deste trabalho, que trata da educação sexual nas revistas.

Capítulo 2

A “arte de amar”: o amor e o prazer

As revistas estimularam as mulheres a terem auto-estima, serem donas de suas próprias emoções para alcançarem a maturidade, buscarem a realização pessoal na vida profissional, para tornarem-se independentes emocional e financeiramente dos homens. Contudo, algumas mulheres continuavam escrevendo para as revistas, preocupadas com “seus homens”. O “problema” das mulheres de 1979 passou a ser discutido por Carmem da Silva, nos termos: “conviver bem com seu homem sem renunciar a conviver bem consigo mesma, com sua pessoa, sua dignidade, sua auto-estima”.¹

O direito de escolher o que fazer de sua vida foi enfatizado pelas revistas, mas, quando observamos o que era escrito em torno das mudanças na posição da mulher, nas relações emocionais e sexuais com os homens, percebemos que nem tudo era novo. Nesse ambiente marcado pela intensidade das mudanças propostas e efetivamente concretizadas na vida de muitas mulheres, antigos códigos de feminilidade naturalizados e a-históricos permaneciam inquestionáveis. Nesse aspecto, podemos ver como o confinamento da sexualidade feminina ao casamento ainda era importante nas imagens publicizadas das revistas, como um símbolo de “mulher respeitável”. O que tornava mais fácil para os homens o controle da sexualidade da mulher e permitia a eles afastarem-se das responsabilidades de manter o casamento. Além disso, a publicização da erotização da vida íntima do casal foi aliada à exposição minuciosa do corpo e da sexualidade da mulher.² A sexualidade masculina foi também objeto de estudo, mais não

¹ SILVA, Carmem da . Lá se vão 18 anos ... E nós aqui , brigando, debatendo, crescendo. *Cláudia*, ano 19, n.216, set. 1979, p. 247.

² A sexualidade feminina foi pesquisada e desvelada; foram realizadas pesquisas e estudos que procuraram “entender” e conhecer a “fisiologia do sexo”, para encontrar soluções para o alto índice de desajustes sexuais apontados pelas pesquisas como responsáveis pelo fracasso das relações conjugais. Essa era a finalidade dos estudos sobre a sexualidade humana realizados pelos “sexólogos” que se tornaram

foi esmiuçada e preenchida de significados aliados às contingências sociais como o casamento.

Todo o movimento que observamos no capítulo anterior mostrou a publicização da problematização e do debate apresentados nas revistas em torno de transformações reais que estavam ocorrendo, associadas à luta feminista, à pílula, que possibilitou uma maior autonomia das mulheres na gestão de seus próprios corpos,³ à ampliação da participação das mulheres no mercado de trabalho, à participação ativa na economia em campos antes do domínio masculino, aos debates sobre o aborto e a maternidade. A diversidade de informações que foram colocadas à disposição do público feminino pelas revistas contribuíram para a construção de subjetividades menos atreladas à hierarquização masculino e feminino. Embora alguns temas como violência doméstica, estupro e assédio sexual aparecessem raramente, outros temas incentivaram as mulheres a buscarem soluções para os seus problemas, iniciando um processo de auto-reflexão, que poderia resultar em diferentes rumos na vida. Acreditamos que, para algumas mulheres, a visibilidade pública das mudanças que estavam sendo propostas para a vida íntima do casal contribuiu para que modificassem suas vidas e suas formas de vivenciarem sua sexualidade e suas relações com os homens.

Quanto aos homens, as mudanças em torno de suas formas de se relacionarem com as mulheres não foram propostas com a mesma intensidade nas revistas, como estava sendo feito com às mulheres. A “identidade de gênero” masculina continuou sendo definida pela primazia de suas decisões, iniciativas e distanciamento do envolvimento amoroso, ou seja, o verbo amar para os homens foi aliado ao relacionamento e ao prazer sexual. Enquanto as mulheres foram estimuladas a continuarem a identificar sua inserção no mundo externo com o estabelecimento de ligações amorosas, os homens foram mantidos no campo das experiências sexuais e profissionais.

Paralelamente às propostas de dissolução do “amor romântico”, constituía-se um outro tipo de amor, benevolente e paciente com os homens, em que amar era

“especialistas em sexo”, cujas obras eram constantemente referenciadas nas revistas. Estamos falando de Alfred Kinsey, William Masters e Virginia Johnson (Masters & Johnson) e Shere Hite, que serão objeto de análise no terceiro capítulo deste estudo.

³ Os métodos anticoncepcionais anteriores dependiam da “boa vontade” dos homens e não eram tão eficientes como: o coito interrompido e o preservativo.

colocado como uma tarefa longa para as mulheres, marcada pela confiança, comunicação, compromisso, dor e prazer. Esse mesmo conjunto de idéias não era apresentado aos homens. Os homens foram mantidos distantes dos sentimentos amorosos e da intimidade, amarrados a representações sociais que indicavam o amor como um código simbólico ligado ao mundo feminino.

Alguns dos efeitos da construção diferenciada dos homens e das mulheres “modernos”, publicizados pelas revistas, que fomos percebendo em nossa pesquisa é apresentada por Anthony Giddens através de uma “novela contemporânea”, *Before she met me*,⁴ que é recuperada por esse autor para mostrar o distanciamento dos homens da transformação da intimidade feminina e as contradições nas atitudes femininas diante do comportamento dos homens que continuaram a constituir sua auto-identidade de acordo com antigos padrões de masculinidade. Dessa forma, a emancipação sexual feminina não garantiu às mulheres, com tranqüilidade, o direito de terem experiências sexuais no passado.⁵

O personagem principal da novela é Graham Hendrick, um historiador acadêmico que deixou sua mulher para viver com Ann, uma atriz de filmes medíocres e depois compradora de moda. Giddens utiliza o “âmago da novela” que diz respeito “à descoberta progressiva de Graham sobre os amantes de Ann, antes de seu relacionamento com ele. Ela esconde pouca coisa, mas não fornece espontaneamente nenhuma informação, a menos que ele lhe perguntasse diretamente. Graham torna-se aos poucos obcecado por uma necessidade de descobrir os detalhes sexuais do passado de Ann. O final da história, parafraseando Giddens, é “selvagem”:

Através de uma pesquisa persistente, Graham descobre que seu melhor amigo Jack – a quem ele confiou seus problemas em relação à vida de Ann (...)– teve um envolvimento sexual com Ann alguns anos antes. Graham combina encontrar-se com seu amigo, a pretexto de continuar suas discussões, mas leva consigo uma faca, uma lâmina de 15 cm, afinando de uma largura de 2,5 cm até uma ponta afiada”. A certa altura quando Jack se vira, desconcertado, Graham lhe enterra a faca repetidas vezes, “entre o coração e os genitais”

⁴ BARNES, Julian. **Before she met me**. London: Picador, 1986. Apud GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 13-15.

Depois de fazer um curativo em seu dedo, que cortara durante o assassinato, instala-se em uma cadeira com os restos de uma xícara de café que Jack havia feito para ele.

Nesse meio tempo, cada vez mais preocupada com a ausência de Graham, que se estendeu noite adentro, e tendo telefonado para a polícia e para os hospitais locais em um esforço infrutífero para descobrir seu paradeiro, Ann faz uma busca na escrivaninha de Graham. Ali encontra documentos que atestam as investigações compulsivas de Graham sobre seu passado – e descobre que ele sabe de seu caso com Jack (o único encontro sexual que ela realmente escondeu de Graham). Dirige-se ao apartamento de Jack e lá encontra Graham, juntamente com o corpo ensangüentado de Jack. Sem compreender porque , ela deixa Graham acalmá-la e amarrar seus braços com um pedaço de fio de eletricidade. Graham calcula que este procedimento dar-lhe-á tempo suficiente para realizar seu objetivo, antes que ela corra para o telefone em busca de ajuda. “Nem cordões de cortina; nem melodrama”: pegando a faca , Graham faz um corte profundo de lado a lado de sua própria garganta. Em relação a Ann – “ele amava Ann, não havia dúvida sobre isso”– ele calculou mal. Ann se lança sobre o vidro de uma janela, gritando alto. Quando a polícia chega, a poltrona está totalmente ensopada de sangue e Graham está morto. A conclusão dos parágrafos finais do romance é de que Ann também se matou-inadvertidamente ou por qualquer outro motivo, não sabemos.⁶

Giddens, após contar a novela, argumenta que esta não é uma novela sobre ciúmes. O importante na trama é que ele “não conseguia lidar com o passado dela”. A independência sexual de Ann, mesmo quando ele ainda não “existia” era inaceitável até para a própria Ann, diante do que ela sabia que Graham **esperava de uma mulher**.

Para Giddens os acontecimentos descritos na novela eram definitivamente contemporâneos, já que “presume um grau significativo de igualdade sexual e, especificamente, depende do fato de que hoje é comum uma mulher ter muitos amantes antes de assumir (e mesmo durante, e depois de terminar) um envolvimento sexual “sério”.⁷ A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, analisado e debatido, que constitui novas ansiedades e desejos no processo de auto-reflexão pessoal. As representações

⁵ GIDDENS, Anthony., op. cit., p.13-15.

⁶ Idem.

⁷ Ibidem, p. 15-16.

advindas dos movimentos feministas enfatizavam que as mulheres não aceitassem mais a dominação masculina, e **ambos os sexos** devem lidar com as implicações desse fenômeno.⁸

Em nossa cultura, os homens têm mais problemas com a “intimidade” do que as mulheres. A denominação “intimidade”, segundo Sócrates Nolasco, “está associada à representação feminina e diz respeito ao que é íntimo, ao que está dentro, que atua no interior; muito cordial, afetuoso; ligado por afeição e confiança”.⁹ Para Nolasco, “a noção de intimidade não está incluída no processo de socialização”, não é algo que os homens “aprendam, exercitam ou desenvolvam”.¹⁰ Ao contrário das mulheres, os homens resistem em avançar na construção de relações em que a comunicação emocional tenha importância, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal. Os códigos de masculinidade, embora tenham sofrido o impacto das transformações sociais iniciadas a partir do século XIX, continuam no plano cultural associados à sexualidade, à virilidade e ao espaço público.

Sócrates Nolasco chama a atenção sobre as produções que a partir dos anos 1970 tratam da “crise da masculinidade” por meio da crítica à crença de que um homem se faz através de indicadores como força física, sexualidade incontrolada, homofobia, sucesso financeiro e prestígio social”, que devem ser substituídos por um tipo de engajamento em que as perdas e ganhos estejam incluídas como parte integrante do percurso” das vivências masculinas.¹¹ Concordamos com Nolasco quando ele diz que, vistas por esse ângulo, as mudanças masculinas são tratadas exclusivamente na perspectiva do sujeito empírico e não no plano cultural, é o “sujeito” que passa a ser questionado e não o processo de socialização cultural em que ele está inserido.¹² O autor lembra, ainda, que “nosso sentimento de identidade se constitui no convívio com outros seres humanos. O nosso “Eu”, “que consideramos tão ‘nosso’, resulta de um longo e complicado trabalho

⁸ *Ibidem*, p. 18.

⁹ NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p.78-82.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ *Ibidem*, p. 66.

¹² *Ibidem*, p. 79.

psíquico” que é desconsiderado quando se pensa sobre os ideais sociais de masculinidade, e nós acrescentaríamos de feminilidade.¹³

Nolasco pontua, ainda, que dos anos 1920 até 1980 “a representação masculina mergulha em um colapso e se descaracteriza”, e a virilidade e a força física foram cada vez mais desvalorizadas. A partir dos anos 1990, algumas das representações sociais masculinas são caracterizadas pela estupidez, pela mediocridade emocional e o fracasso dos homens.¹⁴ Assistimos quase que uma inversão nos papéis masculinos e femininos, as mulheres são valorizadas por sua inteligência e afetividade, enquanto os homens são quase que dispensáveis na vida das mulheres. Segundo Nolasco, no movimento de consolidação do discurso de igualdade dos movimentos feministas e homossexuais, fez-se o uso da representação social masculina como a referência do que não se desejava. “A representação do novo homem foi criada apenas como uma figura de linguagem que ficou aprisionada nos discursos de liberação”.¹⁵ O que pode ser um dos motivos, de acordo com o autor, por que não tivemos no século XX nenhuma revolução masculina que nos levasse a um “novo homem”.

Para ele, a banalização da violência masculina nas sociedades contemporâneas pode ser vista como uma reação a este processo de desvalorização. Diante da “insegurança” da perda de “poder”, os homens resgatam códigos de masculinidade que reforçam a força física e a virilidade como indicadores do poder masculino. Os “homens crescem aprendendo que para se tornarem homens de verdade devem excluir de suas vidas a experiência e a expressão de certas emoções”.¹⁶ Os homens resistem às novas

¹³ Ibidem, p. 66.

¹⁴ Sócrates Nolasco analisa a representação social masculina que foi se produzindo a partir do tratamento da masculinidade como sinônimos de dominação. Como produto dessa situação de hostilidade “dirigida contra a representação masculina”, ele apresenta o personagem Homer Simpson, do seriado americano, também apresentado no Brasil. O seriado “Simpsons” foi criado em meados da década de 1980.” Homer é considerado grosso, mal-educado, sem nenhum senso de civilidade, um preguiçoso que dorme a maior parte do tempo quando está no trabalho. É caracterizado também como desligado e sem competência, a ponto de esquecer os nomes dos próprios filhos”. Ao lado de Homer apresenta-se Marge, sua esposa, uma dona de casa dedicada que não gosta de mudanças, é inteligente e o ponto de equilíbrio da família. Suas “tarefas vão desde consertar a porta da garagem até trocar fraldas” e é responsável por manter a família unida. Era considerada por suas irmãs como uma estudante brilhante e inteligente, com um futuro promissor até conhecer Homer, que, segundo elas, estragou sua vida”. Para Nolasco os personagens masculinos são autoritários e decadentes, enquanto os femininos podem ser considerados politicamente corretos, estando alinhados com as tendências sociais e políticas da atualidade.

¹⁵ Ibidem, p. 119.

¹⁶ Ibidem, p. 81.

demandas que se situam no âmbito das relações interpessoais que apontem para sua “feminização”.¹⁷

Ao lançar nosso olhar sobre como os sujeitos se tornam homens, estamos dando lugar à compreensão de que também os homens são construídos em meio a representações sociais que também os oprimem. A idéia de que o “homem” é que prejudica a mulher e impede seu projeto de autonomia precisa ser ultrapassada para que ele deixe de ser a “expressão do mal” a ser combatida pelas mulheres. A luta feminista contemporânea não deve ser uma “revolução contra os homens”, mas contra o campo cultural, econômico, político e social em que se constituem as representações que definem o que é ser homem aliadas as idéias de inferioridade das mulheres.

Outros aspectos sobre os efeitos dos movimentos feministas e homossexuais em relação aos homens e seus relacionamentos conjugais, são colocados por Anthony Giddens.¹⁸ Ele é otimista sobre as influências das transformações introduzidas na intimidade pelos movimento de mulheres e dos homossexuais, que, de acordo com ele, ao produzirem questionamentos sobre a liberdade sexual e a existência de desigualdades nas relações pessoais que interferem no desenvolvimento das capacidades iguais e independentes do outro, criaram novas expectativas em torno da liberdade e autonomia dos sujeitos e acabaram por suscitar novos modelos de relacionamentos. Para o autor, as tensões nos relacionamentos modernos advindas dessas novas exigências serão dissolvidas pelo processo de desenvolvimento do que ele chama de “amor confluyente”, que presume “igualdade na doação e no recebimento emocionais” e só se desenvolve enquanto “cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro, e está atento ao outro”.¹⁹ Ele mostra os vários tipos de “amor” que aproximam as pessoas e constituem casais, heterossexuais ou homossexuais, nas sociedades contemporâneas.²⁰ O “amor confluyente” se desenvolve em meio à liberdade de escolha dos parceiros e de relações igualitárias que o distanciam da “idealização do

¹⁷ Pierre Bordieu trata da relação entre o “medo” do feminino e sua relação como a afirmação da virilidade que através de “condutas de exibição de bravura – responsáveis por numerosos acidentes – encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de “quebrar a cara” diante dos companheiros e de ser remetido à categoria tipicamente feminina dos “fracos”, dos “delicados”, dos “mulherzinhas”, dos “veados”. BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 66.

¹⁸ GIDDENS, Anthony, op. cit, p. 23.

¹⁹ Ibidem, p. 73.

amor romântico”, constituindo relacionamentos que não incluem necessariamente a fidelidade conjugal, mas a felicidade individual. Estes relacionamentos perduram até o ponto que os parceiros obtêm benefícios suficientes que legitimem sua continuidade.

Porém, de acordo com esse autor, essas transformações íntimas enfrentam barreiras concretas como “a força das restrições econômicas e sociais que mantêm as mulheres distantes do alcance da paridade nos domínios privados ou públicos” relacionados ao fato de que as mulheres continuam sendo, ainda, “os principais agentes da criação dos filhos e das tarefas domésticas”, as “resistências psíquicas que afetam o comportamento dos homens e mulheres” e o caráter contraditório das formações psicosssexuais”. Estamos nesta tese caminhando nesse território da constituição histórica dessas formações psicosssexuais, ao trazer o que foi dito na esfera pública sobre o gênero ou sobre as mudanças na pedagogia conjugal, que acreditamos influenciaram o desenvolvimentos das relações amorosas entre os homens e mulheres na ordem social contemporânea, no sentido de apreender de que maneira o “amor” continua sendo apresentado como um sentimento específico para as mulheres. Consideramos que, para a construção de relacionamentos mais felizes e igualitários, é preciso que os homens e mulheres aprendam a amar e não a se afastar das emoções amorosas para seguir as regras embasadas nos códigos de masculinidade.

Alice Ferney diz que o “amar é um trabalho”, quer dizer que “é uma ação, uma vontade, uma atenção. É preciso fazer o aprendizado do coração, no amor, na vida, no tempo”.²¹ Essas idéias estão integradas àquelas que apontam que a valorização do desenvolvimento pessoal trouxe o risco do “reforço do individualismo e do egoísmo”, que estabelecem na vida de muitos casais “relações de poder” que matam a “personalidade de um e de outro”, reduzindo a zero o “espaço de possibilidades” pessoais. Por isso, junto à liberdade de escolher o que queremos de nossas vidas, temos que pensar também sobre o que os outros desejam de suas vidas. Uma educação “moral” que não se limite às proibições, mas que conduza a um equilíbrio e respeito ao outro.²² Também a moralidade deve ser vista com outros olhos, sobre outra perspectiva,

²⁰ Ibidem, p. 47-123.

²¹ FERNEY, Alice. E ...livres para amar? In. SIMMONNET, Dominique et alii. **A mais bela história do amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual no século XXI**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003, p. 175.

²² Ibidem, p. 176.

como princípios que auxiliem os sujeitos a se constituírem “autônomos”, que estabeleçam entre si relações “livres” que apontem para a “incitação” recíproca e não para a submissão do outro.

Como alternativa ao discurso feminista repetitivo da liberação sexual, Francisco Ortega propõe a ética da amizade de Michel Foucault. Para Ortega, essa ética suscita a criação de formas de vida sem prescrever um único modo de existência como correto. Ortega, desafia seus leitores a pensar se “não deveríamos” tentar “recriar e inventar novas formas de sociabilidade voltadas para o mundo (não exclusivamente sexuais o que não implica que excluam a sexualidade) como a amizade, a cortesia, a hospitalidade, o respeito, a solidariedade”, uma forma de “**amor mundi**” em que se recupere a vontade de agir no espaço público também por aqueles que não conhecemos, que não temos nenhuma relação “íntima”. A “tirania da intimidade” pode levar ao cultivo do “ethos da distância, da solidão e do silêncio, o que é preocupante no contexto sociopolítico contemporâneo. Embora Anthony Giddens defenda o caráter revolucionário da transformação da intimidade para a democratização das relações no espaço público, entendemos que uma adesão incondicional à vida íntima pode representar a morte da ação pública dos sujeitos. É preciso aprender a cultivar a intimidade, sem esquecer de desenvolver uma sensibilidade para o público. Dessa forma é que acreditamos que mudanças na esfera pessoal possam contribuir para transformações no espaço público.

Para contribuir nesse sentido, é que vamos trazer à cena o campo dos sentimentos, mostrando como ele foi sendo deixado de lado no movimento de valorização do prazer e do desejo sexual. O amor não é uma empresa fácil e não devemos esperar dele apenas felicidade, não se pode vivê-lo sem esforços. É por acreditarmos nesta complexidade do amor que ousamos proclamar, como Roland Barthes: “Não, o amor não é vergonhoso!”²³

²³ BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 14 ed.– Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997. Esta expressão é citada por Pascal Bruckner, ao tratar da “grande ilusão sexual” que tornou-se a “liberação sexual” nos anos 60 e 70. In. SIMMONNET, Dominique et alii, op. cit., p. 160.

2.1. “Não, o amor não é vergonhoso!”

Na década de 1970, homens e mulheres viram-se imersos em um mundo cheio de “novos modelos” publicizados pela mídia, pelos movimentos sociais etc. Observa-se uma variedade de propostas sobre como agir na esfera da sexualidade e dos relacionamentos. Antigos modelos e padrões estão perdendo a força, produzindo movimentos de desterritorialização. Nas palavras de Sueli Rolnik:

(...) territórios perdendo a força de encantamento; mundos que se acabam; partículas de afeto expatriadas, sem forma e sem rumo. São os movimentos de orientação de nossas personagens. Vingar/gorar”. (...)

Em outras palavras, o processo de produção do desejo é o de uma energética (produção de intensidade) e semiótica (produção de sentidos) , tudo isso acontecendo ao mesmo tempo. ²⁴

Observa, Sueli Rolnik, como essa situação deve ser “traumatizante para a maioria das pessoas. O quanto a maioria delas passa a viver em estado de fragilidade permanente: desparametradas, desorientadas, desconcertadas”.²⁵ As novas exigências foram acumulando-se, embora observamos a permanência de modelos que há muito tempo, como chama a atenção Giddens, definiram a “virtude” feminina “em termos da recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual”.²⁶ O atrelamento da sexualidade ao casamento, nas revistas, continuava a fortalecer esse modelo.²⁷

Sueli Rolnick, em **Cartografia sentimental**, trata do movimento do processo de produção de universos psicossociais. Para essa autora, esse movimento se desdobra em três movimentos simultâneos: desterritorialização, simulação e territorialização.

Ao viajar por sua cartografia, é possível se deparar com esse processo no encontro entre um homem e uma mulher com corpos vibráteis tocados por afetos e sentimentos que não são visíveis a olho nu – sentimentos eróticos, sentimentos estéticos– no primeiro momento, ao mesmo tempo que se observa um segundo

²⁴ Ibidem , p. 33.

²⁵ Ibidem, p. 109.

²⁶ Ibidem, p. 206.

movimento do desejo, “tão imperceptível quanto o primeiro”, onde vão se constituindo máscaras para se apresentar ao outro. De todo esse movimento o “olho do visível”, percebe apenas a máscara, resultante do movimento de simulação. Na continuidade, a personagem feminina criada por Rolnik desdobra-se em duas, a “aspirante-a-noivinha” e a “aspirante a noivinha-que-vinga”.²⁸ Então Rolnik descreve o encontro:

Você percebe que nossa personagem, ao encontrar o tal homem que a atrai, sente “algo”. Algo que titubeia, mas logo encontra uma forma de se apresentar: surge diante de você uma “aspirante-a-noivinha”, com contornos bem definidos, para descanso do teu olhar e alívio de teu coração. O homem, por sua vez, responde com uma série de procedimentos reconhecíveis, extraídos do mesmo repertório.

Você deduz: são percursos costumeiros que esse tipo de intensidade descreve nessas duas existências. Eles se entendem. Você tem a impressão de que, no invisível da atração, cada um acaricia a alma do outro e lhe diz: “tua vida faz sentido, tem charme”. Eles vão se aproximando. Diante de você está uma “aspirante-a-noivinha-que-vinga”.²⁹

O que permitiu a formação dessa cena foi o fato de que as intensidades experimentadas pelos dois em seu encontro compuseram um plano de consistência. “Um plano em que seus afetos tomaram corpo, literalmente, delineando um território no qual, como você, o homem e a “aspirante-a-noivinha” puderam se situar” e tomar atitude compatível com seus desejos. Pode-se acompanhar uma cartografia do território, um conjunto de imagens que constituem matérias de expressão próprias de um território matrimonial doméstico de uma cidade antes dos anos 1950, pois nos anos 1950 o que se vê é uma “aspirante-a-noivinha” muito atrapalhada, que não via “as partículas soltas de afeto” que escaparam do processo de desabamento das máscaras do território matrimonial. Esta é uma “noivinha-que-gora”. Em “variações do terceiro movimento”, a aspirante-a-noivinha-que-gora “se desdobra em duas: dois destinos possíveis, sempre

²⁷ Não estamos considerando as matérias televisivas sobre os mesmos temas. Essa seria uma outra pesquisa.

²⁸ ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989, p. 26-27

²⁹ Ibidem, p. 27

no mesmo contexto, superurbano, superatual”.³⁰ A primeira é a noivinha que têm medo de fracassar, enrijece a máscara nupcial como uma resposta ao movimento. Esta é uma “noivinha que gora e gruda”. A segunda é corajosa agüentando se equilibrar sobre sua máscara desterritorializada, seu corpo vibrátil sabe, sem que ela saiba, que estão “se operando silenciosos movimentos de simulação em novas matérias de expressão”. Ela deixa que, pouco a pouco, uma nova máscara, ou uma série de novas máscaras, possam ir delineando-se em seu corpo, de modo a compor um plano de consistência para seus afetos, constituindo uma territorialização de seus afetos. É uma “noivinha-que-gora-e-descola”, concluímos.³¹ Descobre-se que é no artifício, na máscara, “que as intensidades ganham e perdem sentido, produzindo-se mundos e desmanchando-se outros, tudo ao mesmo tempo”.³² Modelos e padrões perdem a força, sob movimentos do movimento de desterritorialização dos modelos de conquistas amorosas.

Em meio a essa crise de subjetividade, destaca-se o papel que a mídia vai assumir para algumas “noivinhas”: “atribuindo valor de verdade àquilo que a mídia privilegia, as noivinhas esperam receber, através da identificação, os juro de um retorno especular, o acesso a uma auto-imagem idealizada e segura onde estariam a salvo da desterritorialização”.³³

Observa Sueli Rolnik, a perda da territorialidade do encantamento amoroso deve ser “traumatizante”³⁴ para um grupo de pessoas que entende ser a maioria. Quando afetadas por tal situação ficam tomadas por numa espécie de “fragilidade permanente”³⁵, como se todos os sentidos da vida entrassem em destruição de forma irreversível, como se tudo ao redor não tivesse nexos.

Em meio a essa crise de subjetividade, Rolnik destaca que é no recurso midiático que algumas “noivinhas” encontrarão valores que servirão de alicerce para edificar as verdades com as quais possam lidar emocionalmente, regulando uma “auto-imagem idealizada”.³⁶ Esse estratagema funciona como uma espécie de apólice de seguro

³⁰ Ibidem, p. 29.

³¹ Ibidem, p. 31.

³² Ibidem, p. 33.

³³ Ibidem, p. 114.

³⁴ Ibidem, p. 109.

³⁵ Ibidem, p. 109.

³⁶ Ibidem, p. 114.

disponível, que resgatada oferece às “noivinhas” um recurso extra, situado na possibilidade de preservação da auto-imagem contra a deterioração.

Segundo Rolnick, um dos aspectos da crise da subjetividade deste processo de desterritorialização são as dificuldades de passagem e adaptação à sociedade da mídia. É isso que queremos registrar: as propostas de mudança constituídas para homens e mulheres e o papel que a mídia assume no processo de produção das novas subjetividades a partir desse momento. A ação eficaz e profunda dos meios de comunicação na vida cotidiana, propondo exemplos de como agir sobre si mesmos, modificando seus comportamentos e sentimentos. Através dos vários artigos ambíguos, podemos acompanhar a fragmentação individual de conviver de acordo com as novas formas de se comportar e de sentir que aprendemos nas revistas (Fig.30).

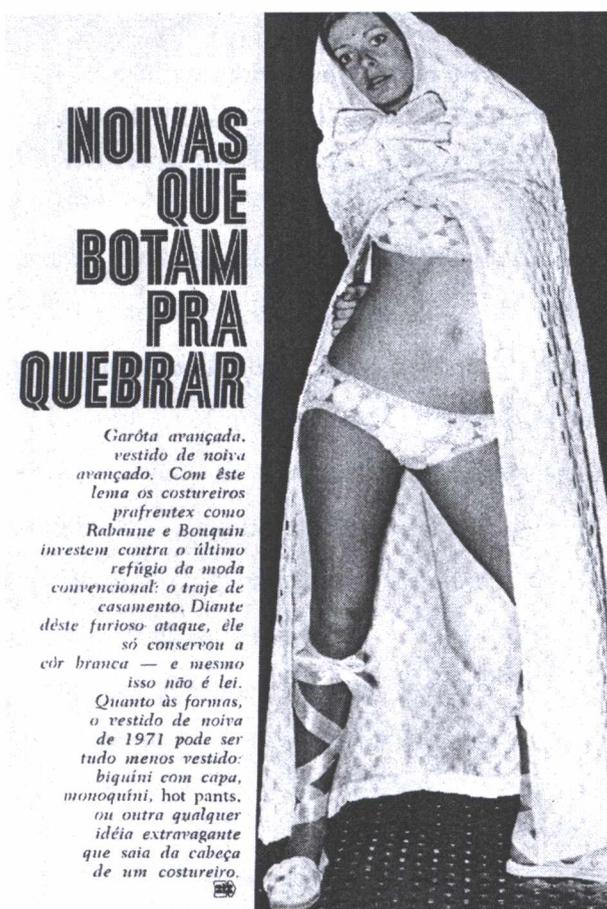


Figura 30: EleEla, ano 3, n. 26, jun. 1971.

Respondendo a uma carta enviada para a revista **Cláudia** de junho de 1979, Carmem da Silva se vê diante de uma situação que vai se tornar muito difícil para as mulheres neste momento: a escolha entre a felicidade pessoal baseada na satisfação das aspirações profissionais e subjetivas e a procura de uma comunicação cada vez maior no relacionamento entre homens e mulheres.

Sou noiva e tenho dúvidas. É que sempre sonhei em ser independente, sonhei passar períodos no exterior, sinto um romantismo meio fora de época, enfim sonho também com um príncipe encantado. O meu noivo é maravilhoso em termos de caráter. Como eu, estuda medicina. Por minha influência, tornou-se um cavalheiro como eu gosto. Mas socialmente, está abaixo de mim. São bobagens que infelizmente valorizo demais. Tenho ímpetos de fugir. Nas poucas vezes que tocamos no assunto ele ficou muito ferido. Temo perdê-lo em busca de novos sonhos. Mas sinto minha ânsia de buscar novos caminhos. Nunca tive muita força para lutar por meus sonhos. Será que a vida é assim mesmo? O futuro é diploma, casamento e filhos? Meu noivo também sonha. Mas é bem mais realista do que eu” (Kate).³⁷

A leitora apresenta as ansiedades de algumas “noivinhas” presentes nesse contexto de permanências e modificações, os discursos de emancipação feminina e outros que permaneciam reafirmando a eterna busca do “príncipe encantado” ou a incapacidade de decisão feminina. Carmem da Silva em sua resposta mostra que a conciliação é possível desde que as mulheres acreditem em si mesmas, não se submetendo a homens “tiranos”. A mulher deve conscientizar-se dos próprios anseios e transmitir aos homens a certeza do que desejam. A escolha de seus próprios caminhos é, para Carmem da Silva, “ser mulher de verdade”.

Conheço sua situação por dentro. É exatamente a que eu vivi quando tinha a sua idade. É iníquo ter que escolher entre duas coisas desejáveis, legítimas socialmente úteis e sem nenhuma incompatibilidade natural: as viagens, as pesquisas, as realizações intelectuais, a autonomia pessoal e, de outro lado, a satisfação emocional ao lado do companheiro, dos filhos. Na maioria dos casos, mesmo o melhor, o mais sensível e compreensivo dos maridos acaba

³⁷ **Cláudia**, ano 19, n. 225, jun.1979.

transformando-se num obstáculo no caminho do crescimento individual e da independência feminina. O homem que se arvora em tirano doméstico pode obter submissão, mas também pode suscitar revoltas. Você precisa acreditar visceralmente que tem direito a realizar-se nos dois planos, como mulher e como pessoa: precisa ser capaz de transmitir também a ele esta certeza. E não pensar em filhos durante um certo número de anos, até ter conquistado um espaço seu: no íntimo e no mundo.³⁸

Como as “noivinhas” estavam se ajeitando para enfrentar a situação de crise em que se encontram, quais saídas estão praticando para transmutar a dor de sua máscara ultrapassada de “noivinha” em força de criação de novas máscaras. “Que termos estão surgindo, se é que estão, para designar o que sentem, já que “amor” e “paixão” são palavras marcadas”.³⁹

Para os “modernos” não se abre a possibilidade de um amor duradouro –“que seja infinito enquanto dure” ou “até enquanto der pé”.⁴⁰ Nas revistas a preocupação com a relação amorosa dá lugar ao diálogo sobre como resolver os problemas sexuais. O encontro amoroso é dissociado dos investimentos emocionais. Primeiro a atração sexual, satisfazê-la não é associada ao amor ou a um relacionamento amoroso. A possibilidade de um amor duradouro, como decorrente de uma atitude de investir conscientemente na maturação da convivência, compartilhando emoções e conhecimentos sobre o outro, dá lugar ao amor-paixão. O verso do poeta Vinícius de Moraes “que seja infinito enquanto dure” ou o dito “até enquanto der pé”⁴¹ traduzem o perfil da frugalidade instantânea que as relações adquirem. As relações amorosas são de certo modo regidas pelo signo da incerteza quanto ao período de duração. O ritual da conquista é dissociado dos investimentos emocionais e atrelado à atração sexual.

O fato é que o homem tem que por na cabeça que as mulheres hoje em dia é que selecionam seus companheiros de amor. Elas é que desejam e escolhem o homem.(...)

³⁸ Idem.

³⁹ ROLNIK, Sueli, op. cit., p.144.

⁴⁰ **EleEla**, ano 4, n. 48, maio 1973, p. 45-46.

⁴¹ **Pais&Filhos**, ano 3, n. 8, abr. 1971, p. 38.

Nos anos cinqüenta, elas ainda tentavam provar sua feminilidade por qualquer coisinha. Mas a mulher dos anos setenta sabe que só não é sexy a que não quer ser. A partir daí ela procura um companheiro como o mesmo apelo sexy.⁴²

Para Pascal Bruckner e Alain Finkielkraut, “os discursos da liberação sexual” culpabilizam o amor.⁴³ Esse discurso funciona como uma espécie de censor, um regulador que age “inibindo e ridicularizando” os sujeitos que vivenciam experiências embasadas no amor. O discurso de liberação sexual excluiu o amor, aquele que inspira a criação literária, foi colocado “fora de moda”⁴⁴. Bruckner e Finkielkraut argumentam, que no final dos anos 1970 não havia mais lugar para um amor sentimental, porque o romantismo praticado estava sob a égide do libidinal. Todas as atitudes que em outras circunstâncias eram entendidas como amor se tornaram “jogos de acasalamento”. Logo o desejo substituiu a paixão e o sexo assumiu o lugar do coração. Nas “verdades” elaboradas na pregação da liberação sexual, a relação sexual adquiriu tamanha racionalidade e objetividade que declarou guerra aos entendimentos que recomendavam uma distinção entre “um amor espiritual e outro material”,⁴⁵ estabelecendo-se uma relação binária, positivo e negativo. Ocorre o entendimento de que todos os recursos mobilizados para promover as saudáveis sensações do prazer sexual encontravam-se sob o controle e a serviço da felicidade de um único corpo – o masculino.

O fim da paixão e do amor é ligado à diminuição do desejo sexual de um pelo outro. O homem e a mulher nos anos 1970 foram envolvidos pelos ideais de prazer e compelidos a falar de sexo e nele reconhecer sua verdade de sujeito. É em torno de seus corpos que se concentraram os saberes, investindo-se de maneira crescente na idéia da busca de especialistas para o perfeito ajustamento sexual do casal. As teorias da ciência sexual moderna e dos sexólogos passaram a ocupar, a partir desse momento, um lugar de destaque em nossa sociedade, em relação à sexualidade, relativizando o que é normal e patológico e definindo que é sempre possível intervir através de uma “mudança

⁴² *EleEla*, ano 4, n. 38, jun.1972, p. 8.

⁴³ BRUCKNER, Pascal; FINKIELKRAUT, Alan. *A nova desordem amorosa*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 104.

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ *Ibidem*, p.107.

interior do indivíduo”, afirmando o potencial das pessoas em resolver seus problemas, reforçando o individualismo e reduzindo de certo modo as limitações sociais.

2.2. A “revolução sexual” e o prazer

Em 1968, movimentos de protesto e mobilização política agitaram vários países do mundo. Na França, o movimento de estudantes e trabalhadores franceses; na Iugoslávia, a “primavera de Praga”; no México, o massacre dos estudantes; nos Estados Unidos, as manifestações contra a Guerra do Vietnã, o surgimento da alternativa *hippie* e da contracultura e os movimentos feministas e de homossexuais que politizavam a vida privada.⁴⁶

No Brasil, o endurecimento do regime militar em 1969 e o devastamento provocado pela repressão que se seguiu foram um divisor no processo político.⁴⁷ Prisões, assassinatos, exílio, marcaram os primeiros anos da década de 1970, numa conjuntura que no plano internacional caminhava para a crise do marxismo, para a crítica ao totalitarismo e para a emergência dos movimentos que trouxeram à discussão pública novas problemáticas: “o direito das minorias, a importância da causa feminina, a preocupação ecológica, o valor da ética na política, a necessidade de uma causa, um projeto, uma razão de vida”.⁴⁸

⁴⁶ RIDENTI, Marcelo. Breve recapitulação de 1968 no Brasil. In. Maria Alice Vieira e Marco Aurélio Garcia (Orgs.). **Rebeldes e contestadores 1968: Brasil/França/Alemanha/**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p.56.

⁴⁷ No Brasil, em 1968, tiveram início as manifestações de estudantes que reivindicavam ensino público e gratuito para todos. Exigiam “uma reforma que democratizasse o ensino superior e melhorasse sua qualidade”. Contestavam a “ditadura implantada com o Golpe de 64 e o cerceamento das liberdades democráticas” no país.⁴⁷ Havia as manifestações dos chamados “excedentes”, estudantes que obtinham a nota média exigida nos vestibulares, mas não entravam na Universidades porque o número de vagas disponíveis era menor do que o de aprovados. Em 26 de junho de 1968, foi organizada a Passeata dos Cem Mil, reunindo estudantes, intelectuais, artistas, religiosos e populares. Esta passeata não foi reprimida pelo governo devido à pressão da opinião pública. Mas em julho, o governo “estava decidido a não fazer mais concessões”, como exemplo temos a greve dos metalúrgicos de Osasco que foi duramente reprimida. Em agosto foi preso o principal líder estudantil Vladimir Palmeira; a Universidade de Brasília foi invadida; em 3 de outubro foi assassinado um estudante após o ataque de estudantes e paramilitares de direita à Faculdade de Filosofia, localizada no centro de São Paulo; em 15 de outubro foi desmantelado o Congresso da União Nacional de Estudantes (UNE) em Ibiúna (SP). “Todos os presentes foram presos, cerca de 700 universitários”. E finalmente em 13 de dezembro, “o regime militar deu um basta a seus opositores: baixou o Ato Institucional n.º 5 (AI-5)”, oficializando “o terrorismo de Estado, que prevaleceria até meados dos anos 1970”. RIDENTI, Marcelo, op. cit., p.55-60.

⁴⁸ VENTURA, Zuenir. A nostalgia do não vivido. In. Maria Alice Vieira e Marco Aurélio Garcia (Orgs.), op. cit., p.134.

No movimento dos estudantes e trabalhadores franceses, em maio de 1968, é que foram expressas de forma mais significativas as reivindicações e idéias da “onda libertária”, também chamada contracultura, que influenciaram outros movimentos semelhantes espalhados pelo mundo.⁴⁹ A luta contra as relações autoritárias e contra o tradicionalismos presentes na vida familiar, na relações entre pais e filhos ou entre homens e mulheres, tornou-se tema de debate no meio estudantil e nas grandes cidades francesas.

De acordo com Pascal Bruckner, testemunho e crítico deste movimento: “Paris era a vanguarda, oásis de liberdade, em uma França que estava mais fácil de viver, mas que ainda era prisioneira dos velhos preconceitos”.⁵⁰ Era uma época em que a França descobria a prosperidade depois da penúria da Segunda Guerra Mundial, os avanços da ciência e a cura das doenças venéreas, a pílula, as vanguardas artísticas e intelectuais e os desejos de liberdade. Segundo ele, falava-se de marxismo, revolução, proletariado, mas continuava-se a viver a sexualidade dentro de modelos autoritários e cerceadores da liberdade dos indivíduos. A “ciência” havia retirado os últimos obstáculos à liberdade sexual sem limites.⁵¹ “Viver sem interrupção, gozar sem entraves”, colocar abaixo a “repressão sexual” que impedia a livre expressão dos desejos do “indivíduo”. Para Bruckner, foi uma frase do ministro da Educação François Missoffe dirigida a Daniel Conh- Bendit “que reclamava o direito de ir até os dormitórios das meninas que acendeu a pólvora: ‘Se está incomodando tratem de ir à piscina!’”.⁵² No movimento antiautoritário, antitradicionalista, a liberação sexual “agiu como um farol, como instrumento da medida da mudança em curso”.⁵³ A sexualidade estava agora incluída num movimento que buscava fabricar um mundo novo, onde o sujeito amoroso podia se imaginar vagueando entre seus desejos sem freios nem penalidades”.⁵⁴

⁴⁹ Sobre esta questão: GUILLEBAUD, Jean Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999; SIMONNET, Dominique (Org.). op. cit; BRUCKNER, Pascal. Cena 2. A revolução sexual: gozemos sem entraves!. In. SIMONNET, Dominique et alii, op. cit, p. 145-164; BRUCKNER, Pascal; FINKIELKRAUT, Alan., op. cit..

⁵⁰ BRUCKNER, P., op. cit., p.149.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Ibidem, p. 158.

No final da década de 1960, nas universidades francesas, as pessoas liam as teorias sobre a sexualidade de Sigmund Freud, que não era partidário da liberação sem entraves da libido, mas liam sobretudo Wilhelm Reich (Fig.31 e 32).



Figura 31: Wilhelm Reich (1897-1957). Apud **EleEla**, ano 3, n. 28, ago. 1971. Encarte Virgindade, sexo e família (7)

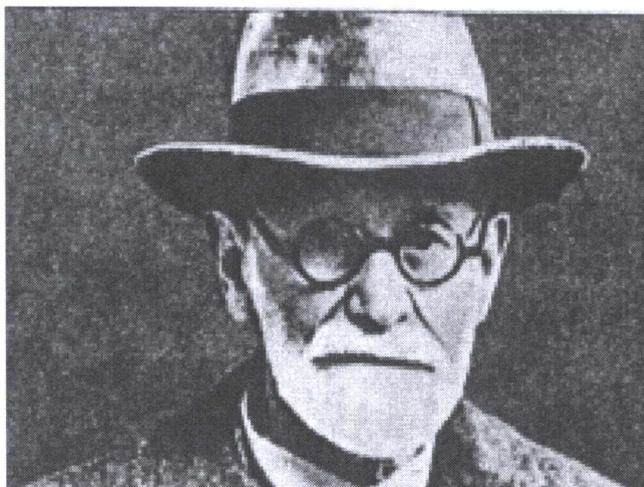


Figura 32: Sigmund Freud (1856-1939). Apud **EleEla**, ano 3, n. 28, ago. 1971. Virgindade, sexo e família (7)

Em suas obras, Reich, estabelecendo um diálogo com Freud, falava sobre “abstenção impulsional”, os efeitos da ausência do orgasmo como responsável pela insatisfação que produziria práticas e regimes autoritários como o fascismo e o Stalinismo. De acordo com Reich, Freud elaborou formulações que privaram “as descobertas clínicas psicanalíticas do seu impacto e efeito revolucionário-cultural”.⁵⁵ Apresentava, então, argumentos que mostram a contradição “entre o naturalista e o filósofo cultural burguês em Freud”.⁵⁶ Para Reich, a proposta de Freud de psicanálise apenas tornava o sujeito consciente de desejos sexuais reprimidos, com o objetivo de

⁵⁵ Ibidem, p. 48.

⁵⁶ Idem.

dominá-los. A proposta de Freud baseava-se na compreensão de que, ao falar, os indivíduos reconheceriam seus problemas e resolveriam as tensões entre as exigências sociais e o “eu do indivíduo” pela sublimação dos desejos.⁵⁷

Para Reich era necessária a abolição de qualquer “regulamentação moral” rigorosa para liberação sem entraves da energia sexual natural dos indivíduos, essencial para que o indivíduo alcançasse o máximo do prazer através do livre desenvolvimento da libido genital. Sua “teoria da genitalidade” definia a neurose como resultado da perturbação da libido genital e não da libido difusa pelo corpo. A liberação da energia sexual pelo “orgasmo” representa saúde mental do indivíduo.

Segundo as considerações de Jean Claude Guillebaud, o destaque das idéias de Reich nesse movimento se deu graças à ligação que ele estabeleceu entre a “revolução sexual” e a “grande revolução proletária”. De acordo com Reich, toda revolução que não levasse em consideração as relações de dominação existentes na esfera privada estaria fadada ao fracasso.⁵⁸ A importância da constituição do que Reich conceituou como uma “nova economia sexual” foi a problematização das relações autoritárias entre homens e mulheres e da “repressão” da sexualidade feminina. Conforme, Marlise Matos, Reich foi “o precursor da politização da vida privada que, segundo ele, seria também uma politização da vida sexual”.⁵⁹

Todavia, Guillebaud, alerta: “é bem possível que Reich tenha sido pouco e superficialmente lido” e que o “papel que ele desempenhou – e continua desempenhando – nesta grande questão sexual – procede muito mais da impregnação imaginária que de um vanguardismo intelectual”.⁶⁰ Guillebaud aponta o que ele denomina “servilismo às teses de Reich”, que foram expostas e aprovadas durante anos na França. Ele argumenta que não se “descobriu realmente um pensamento: ele foi imediatamente celebrado sem reservas, nem clarividência, simplesmente porque vinha a

⁵⁷ Para essas considerações foram importantes o curso que realizamos sobre o pensamento freudiano, “Novas configurações do feminino e do masculino, com o Prof.º Dr.º Luis Alberto Hanns, no período de 16/03/2000 a 13/04/2000, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica/Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão, PUC/SP.

⁵⁸ Ver: REICH, Wilhelm. **O combate sexual da juventude**. São Paulo: Edições Pompéia, 1986, p.142.

⁵⁹ MATOS, Marlise. **Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000, p.84.

⁶⁰ GUILLEBAUD, J. C., op. cit., p.46.

calhar”.⁶¹ Da invenção do que ele denomina culto reichiniano, “surgiu de imediato uma vulgata bastante rudimentar que foi, e apenas ela, verdadeiramente popularizada, mediatizada, propagandeada e imposta”.⁶² Guillebaud questiona a “vulgata reichiana”, que sobrevive até nos dias atuais, isto é, que o sexo é tudo e explica tudo.⁶³

Consideramos que, embora a mídia tenha vulgarizado as influências do pensamento de Reich nos anos 1960 e 1970, o que também percebemos na análise feita nas revistas utilizadas em nossa pesquisa, a análise de Guillebaud faz uma crítica de certa forma simplista sobre as influências dos pensamentos de Reich, baseada no fato de que suas obras não foram lidas pelas “multidões”, mas apenas seu nome e seus títulos eram utilizados como símbolos emblemáticos do movimento – “antes mesmo de serem lidos, já receberam estatutos de evangelho”.⁶⁴ Buscando fugir de uma crítica dualista da revolução sexual ocidental, fazendo elogios sem reservas ou assumindo a “resmungona “reação puritana”, acaba por impor ao pensamento de Reich nesse movimento mais como “uma impregnação imaginária” do que um pensamento inédito ou inovador. Guillebaud analisa o pensamento de Reich mostrando, segundo ele, as “arbitrariedades facilmente identificáveis” que dominam seu pensamento. Cabe ressaltar que ele faz a análise crítica ao pensamento de Reich, por entender que a “invenção do culto reichiano” que, ao ser publicizado pela mídia, tornaram “nossas sociedades” “mais ou menos reichianas sem saber”.⁶⁵

Guillebaud está falando da sociedade francesa, o que nos interessa destacar é que a influência de Reich no grande movimento dos anos de 1960 e 1970, contra a “repressão sexual” vista como de inspiração essencialmente burguesa, vai estar onipresente nas revistas nos anos 1970, no Brasil. O cruzamento entre o que lemos nas principais obras escritas por Reich nas três primeiras décadas do século XX e o que é visibilizado nas revistas, permite-nos afirmar que a linguagem midiática publicizou, levou à discussão pública e reforçou a liberação da “energia sexual dos indivíduos” e outras questões problematizadas por ele e pelo movimento conhecido como “revolução

⁶¹ Ibidem, p.50.

⁶² Ibidem, p.50.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Ibidem, p.46.

⁶⁵ Ibidem, p. 50.

sexual”, pelo menos nos grandes centros urbanos em que foram distribuídas as revistas.⁶⁶

⁶⁶ A influência das obras de Reich no Movimento Feminista Contemporâneo no Brasil é citada em alguns estudos; no entanto, nenhum deles faz maiores referências sobre quais as interpretações da obra de Reich feitas pelas feministas brasileiras. Este não é nosso objetivo neste momento, mais é uma outra possibilidade de pesquisa que se abriu no decorrer de nosso trabalho. Ver: MATOS, Marlise, op. cit, p.84; NEHRING, Maria Lygia Quartin de Moraes. **Família e Feminismo**: reflexões sobre papéis na imprensa para mulheres. São Paulo. 1981. 328p. Tese (Doutorado em Ciências Políticas–Universidade de São Paulo, p.123.

2.3. *Os discursos de Reich*

Reich realizou um ataque veemente à cultura familiar nuclear, acusando-a de promover uma espécie de “individualismo neurótico”. Em sua obra **A revolução sexual**, criticou os padrões de relacionamento conjugal baseados no direito conjugal que, segundo ele, colocou “toda a humanidade na sua própria camisa-de-força por ser incapaz de tolerar nos outros a sexualidade natural”.⁶⁷ Para Reich, a sexualidade é uma necessidade fisiológica do corpo e que se desenvolve paralela ao crescimento dos indivíduos, cuja energia orgástica que é produzida deve ser liberada, caso contrário produziria as doenças psíquicas e físicas. Um dos obstáculos a essa liberação é a obrigatoriedade da manutenção do casamento, mesmo quando não há a “compatibilidade sexual absoluta com o mesmo parceiro”.⁶⁸ Essa perfeita adaptação sexual é muito difícil enquanto se exigir da mulher a virgindade. Para uma nova economia sexual, Reich apontava como importante a experiência sexual pré-matrimonial. Destacava que, apesar da “influência da Igreja, da medicina escolástica, de filosofias, etc”, está impondo-se “cada vez mais o ponto de vista de que é ou pode ser anti-higiênico, imprudente ou desastroso que um homem e uma mulher que pretendem entrar em relações mútuas duradouras se liguem permanentemente sem antes terem se certificado de que combinam também na base de sua vida comum, isto é, em sua vida sexual”.⁶⁹ Ele defendia que as mulheres deveriam ter os mesmos direitos sexuais que os homens. De acordo com Reich, a existência de princípios morais mostra que as necessidades sexuais naturais não estão sendo satisfeitas. “Toda regulamentação moral é sexualmente negativa, isto é nega, as necessidades naturais”.⁷⁰ A infidelidade dos parceiros é considerada normal enquanto o casamento durar por causa de bens materiais ou dos filhos e não pela satisfação sexual.

Reich se referia às dificuldades para as mulheres quando de sua iniciativa no rompimento de uma relação duradoura, mesmo que ela seja economicamente livre. A

⁶⁷ REICH, Wilhelm. **A revolução sexual**. São Paulo: Círculo do Livro, s. d., p.63.

⁶⁸ Ibidem, p.42-43.

⁶⁹ Ibidem, p.60.

⁷⁰ Ibidem, p.49.

“moral sexual, impregnada de interesses de propriedade, tornou o ato sexual um ato de possuir, para o homem, e de entregar-se, para a mulher. Como diz Reich, “possuir é uma honra, e entregar-se ao contrário representa rebaixamento, a mulher adquiriu uma atitude negativa com respeito ao ato sexual”.⁷¹ Para ele, o elemento inibidor mais freqüente é a educação da mulher desde criança que a condiciona a pensar que “somente poderá ter relações sexuais com um único homem”.⁷² Os elementos ideológicos inibidores foram tão consolidados no inconsciente dessas mulheres que, mesmo aquelas com “melhor compreensão intelectual” ou economicamente independentes “não conseguem separar-se de um homem que não amam”.⁷³ Para explicar essa aceitação, Reich postulou que a “ideologia” hostil ao livre desenvolvimento da libido genital era veiculada especialmente pelo “sistema patriarcal”, que caracterizava a forma como se organizavam as famílias. A família foi pensada como uma importante “agência psíquica” da sociedade. As demais instituições como a política, a escola, a mídia, a Igreja, também se incumbiam do aprendizado dessa política cultural, mas todos são complementares à função da família.

O que nos interessa destacar é que algumas destas proposições de Reich foram evidenciadas nas revistas femininas que circularam no Brasil nos anos de 1970, apesar de a “revolução sexual” que temos expressa nos artigos da mídia nesse período tenha se caracterizado pelas mudanças nos comportamentos sexuais nos limites do casamento e da família. O importante é que podemos concluir que essa “defesa e erotização” do casamento também pode ser vista como respostas à divulgação das críticas de Reich à instituição do casamento e da família.

Embora o nome de Reich aparecesse raramente nas revistas de comportamento, recebendo um tratamento cuidadoso dos editores das revistas, já que suas propostas deveriam ser consideradas muito “radicais” e “comunistas”,⁷⁴ sob o olhar dos censores do governo militar e mesmo de alguns jornalistas, suas análises foram mostradas nas

⁷¹ Ibidem, p.163.

⁷² Ibidem, p.165-166.

⁷³ Ibidem, p. 166.

⁷⁴ É bom lembrar que Reich morreu em novembro de 1957 numa prisão americana, acusado de “charlatanismo” pela venda de uma máquina para medir a energia liberada pelo orgasmo, chamada “condensador de orgônio”. Como diz Rittner: “Um veredicto severo, mesmo para um ex-comunista vivendo nos estados Unidos sob a cruzada macartista de caça aos comunistas. Mas, seus ataques à família não poderiam ficar sem reação, debaixo do pretexto de “atividades perigosas”. Ver: RITTNER, Maurício. O autor e sua obra. In. Reich, Wilhelm. **A revolução sexual**, op. cit., p. 325.

páginas dessas revistas através de considerações em torno da liberdade sexual das mulheres, da virgindade, e do papel da sexualidade como essencial para a “felicidade” dos indivíduos.

Na revista **EleEla** de 1970, num artigo de Nelson Mota, intitulado “O jovem poder do jovem”, observamos alguns argumentos significativo:

Tudo isto de emancipação da mulher, de liberalismo na moda; de saia curtinha, de biquinininho, de abertura moral e, principalmente, de pílula, determinam novas formas de comportamentos nos jovens brasileiros, pelo menos nos grandes centros como Rio e São Paulo. Tanto quanto a “reprovação da sociedade”, o terror da gravidez não querida, amarrava as jovens de alguns anos atrás. Aí é que entrou a pílula e libertou-as definitivamente. Também hoje em dia o fato de uma moça não ser virgem não é mais tão apavorante ou marginalizante. Com lucidez e honestidade os jovens entenderam que é muito mais bacana a moça que dorme com o rapaz que ama do que garota que é virgem mas fica de beijinhos-abraços-e-quase com uma porção de rapazes. Qual é a mais virgem? Com naturalidade os jovens assimilaram as mudanças do mundo moderno e colaboraram decisivamente na formulação de novos conceitos éticos e morais. A hipocrisia perde terreno a cada tabu que é derrubado.⁷⁵

Apesar de Mota limitar a liberdade sexual feminina ao amor de um único homem, comparando a moça que “fica de beijinhos e abraços” com aquela que dorme “com o rapaz que ama”, utiliza em sua linguagem termos como “hipocrisia” e “tabu”, que deve ser derrubado, e sugere que ser “moderno” é formular “novos conceitos éticos e morais”. O artigo busca convencer aqueles mais reticentes de que para não parecer antiquado era preciso mudar e que a pílula afastava o perigo da gravidez, que não era mais um empecilho às relações sexuais entre os jovens.

Em um outro artigo, em **EleEla** de abril de 1972, um psicólogo americano Dr. Achim Fuerstenthal, perguntava: “Vale a pena ter liberdade sexual? A resposta do

⁷⁵MOTA, Nelson. O Jovem poder do Jovem. **EleEla**, ano 2, n.14, jan. 1970, p.52.

psicólogo é recheada de argumentos sobre os diferentes efeitos da liberação. Em destaque aparece: “Durante séculos, uma das maiores preocupações da sociedade era reprimir o sexo.”⁷⁶

“Revolução Sexual, amor livre, sociedade permissiva, etc. Em graus diferentes, o inteiro mundo civilizado está atingido por esta onda. Mas muitas pessoas, adeptos ainda da moral antiga, perguntam: Será que a prática deste novo hedonismo é capaz de tornar a humanidade mais feliz? Consideramos válida a dúvida.(...)”

A “oposição” defende que “muitas relações prometedoras, com a realização sexual fácil, perdem o valor, especialmente do lado masculino. O rapaz satisfazendo o instinto, perde a emoção. Morre o amor e com isto a possibilidade de um estado de felicidade mais puro, duradouro e bilateral do que aquele baseado nos poucos instantes do encontro sexual. A observação é realista, mas o que significa? Significa que muito sentimento que se dizia amor era na verdade apenas desejo sexual provocado e não satisfeito por algum tempo. Na hora da satisfação, o pseudo-sentimento se esvaziava como um balão furado, e os moralistas tinham a oportunidade de mais uma relação. Perguntamos, no entanto, quem, fora pais que querem ver a filha casada a qualquer preço tem interesse em fomentar sentimentos falsos? Está aqui justamente o argumento decisivo contra o tipo de casamento, onde a noiva era virgem e o marido sofria quase infalivelmente, **na noite da posse**, aquela desilusão causada pela confusão de instinto frustrado e amor. A culpa do casamento fracassado não era nem do noivo, nem da noiva. **Era do sistema** ⁷⁷ (grifo nosso).

O psicólogo não referenciou em nenhum momento Wilhelm Reich, embora suas discussões tenham aspectos de suas obras.

Uma vez que a facilidade sexual é alcançada com facilidade natural, não há mais motivo de apresentar o simples desejo como amor. A intimidade se

⁷⁶ Ibidem, p.42

⁷⁷ Idem.

justifica plenamente pela atração mútua. Se depois da satisfação do desejo o interesse pela outra pessoa persiste e talvez se intensifica, então começava-se a falar de amor. Com o advento da liberdade sexual, a sinceridade entre os sexos pode se tornar regra.⁷⁸

O Dr. Achim Fuerstenthal defendia a liberdade sexual da acusação de ser apenas uma onda de “permissividade sexual”, separar o “amor” da atração sexual, justificando que só após o saciamento do desejo é que se vai falar em amor. Em sua conclusão, sintetizava seus principais argumentos:

Vale a pena ter liberdade sexual? A resposta final não pode deixar de ser complexa. A liberdade é uma condição que permite ao indivíduo ser ele mesmo e se realizar plenamente. Esta regra aplica-se também à vida sexual. Acontece, porém, que a liberdade é uma condição facilmente abusada. O indivíduo que não possui critério ou equilíbrio precipitar-se-á talvez mais facilmente ao vício hoje em dia do que em épocas de maior controle. Para os conservadores esta última consideração implica na condenação da liberdade sexual. Para os reformadores é o preço que se paga pelo progresso. Seja como for, não é o exagero da liberdade que leva a humanidade à decadência e sim o exagero do **ego**. É o ego hipertrofiado, que não responde ao próximo, às leis, a comunidade, e que acaba por não respeitar a si mesmo, o seu bem-estar, o seu verdadeiro interesse e finalmente a sua própria sobrevivência. Tais casos, porém, não refletem a liberdade e, sim, a sua deturpação. As regras de convivência têm que ser feitas para os outros, para aqueles que dispõem de bom senso e de doses razoáveis de auto-estima. Para estes sem dúvida vale a pena ter liberdade sexual”⁷⁹ (grifo no original).

Reich fala do autogoverno, de autocontrole econômico sexual. Sua economia sexual aspirava, pois, ao “comportamento moral” tanto “quanto à regulamentação moral”, mas não uma moral compulsória, mas uma moral para os impulsos secundários produzidos pela própria sociedade e não para as necessidades sexuais naturais.

Nas obras de Reich fomos reconhecendo tanto alguns dos temas que tínhamos observado nas revistas pesquisada como também outros pensamentos que não

⁷⁸ REICH, Wilhelm. **A revolução sexual**, op. cit., p. 42.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 43.

mereceram tanto destaque nas revistas. Como exemplo podemos citar outra obra de Reich **O combate sexual da juventude**, em que no quarto capítulo intitulado “As dificuldades de camaradagem entre os jovens”, ele mostra o que entende como “relações de camaradagem” entre rapazes e moças, e como era entendida de forma diferenciada por proletários e burgueses. Ele repudia a “sexualidade burguesa” que dá lugar à dicotomia entre uma “sensualidade degradada” e o “amor sublimado”, que é na realidade, segundo ele, “uma simples expressão da primazia do marido, necessária à economia privada (direito de herança por linha paterna) e além disso a consecutivos esforços da classe dominada por uma moral particular”, marcada pela primazia do homem e a “humilhação” da mulher.⁸⁰ Assim, alertava para o “dualismo burguês” entre as necessidades do corpo e da alma. A “sexualidade burguesa” separava as relações ternas da sexualidade física, tornando esta “uma tarefa comparável à defecação, opondo-se a toda a sensibilidade humana”.⁸¹

Que queremos nós dizer quando afirmamos que o burguês, ou não conhece nenhuma relação de camaradagem entre homem e mulher ou então não emprega a camaradagem senão em oposição a uma sexualidade estreitamente sensual? Diga-se de passagem **que recusamos a sexualidade física burguesa, o ato sexual desprovido de toda relação de ternura, não servindo senão para a descarga sexual e realizado sem se ter em conta a pessoa e o lugar.** Isso não é outra coisa senão a **moral burguesa** com um signo derrubado. Recusamo-la não só porque humilha a mulher e porque é sexualmente doentia, não só porque é sexualidade da relação política, mas também porque queremos obter de novo uma sexualidade completa e sã.(...) Uma sexualidade sã apresenta-se sempre com sentimentos de ternura e de amizade. Aquele que pudesse ter um desenvolvimento sexual não viciado seria incapaz de ter relações sexuais em que não houvesse laços pessoais ternos ou de camaradagem (grifo nosso).⁸²

A liberação sexual nesse fragmento não deixou de estar associada ao sentimento e à ternura. Consideramos que a exclusão desses aspectos do pensamento de Reich

⁸⁰ Ibidem, p.81.

⁸¹ Idem.

⁸² Ibidem, p. 82.

evidencia a historicidade dos recortes feitos pelos leitores de sua obra nos anos 1960 e 1970. As tensões que vieram à tona naquele momento tornaram necessária uma linguagem que mostrasse e justificasse a necessidade das transformações nas relações humanas.

Cabe, ainda, pontuar que, quando Guillebaud faz suas críticas ao pensamento de Reich, realiza sua interpretação a partir de suas angústias, em torno da “permissividade atual”, faz críticas pertinentes sobre a matriz naturalista do pensamento reichiano; no entanto, não se preocupou em destacar que a “vulgata reichiana” foi uma das interpretações de seus leitores naquele momento histórico. O que é feito também por ele, quando faz sua crítica e por nós quando lemos suas obras e destacamos fragmentos significativos para questões que vivenciamos no presente.

Além disso, a importância de Reich para nosso estudo não se refere à questão de ser necessário ou não a liberação da energia orgástica para o equilíbrio dos indivíduos, mas como a “hipótese repressiva” construída em seu pensamento gerou “liberdades” e “coerções” naquele momento histórico.

Nesse sentido, Michel Foucault, em sua **História da Sexualidade**, inicia seu diálogo com os freudo-marxistas, entre eles Reich, para fazer a crítica à “hipótese repressiva”.⁸³ Para Foucault, esse discurso da repressão moderna do sexo pela ordem burguesa, pela sua incompatibilidade com a sociedade do trabalho, em que não se toleraria a dissipação nos prazeres sexuais da energia que deveria ser reservada ao trabalho, é questionável.⁸⁴ De acordo com ele, dessa forma todo saber sobre o sexo, por menos importante que tenha sido, é “condicionada politicamente” e elevado a uma extrema importância na vida dos indivíduos. A “idéia de sexo reprimido”, fadado à proibição, faz quem fala dele imediatamente um transgressor, um subversivo.⁸⁵ Quem utiliza essa linguagem considera que está fora do alcance do poder, e não percebe que, ao justificar a importância da liberação do sexo, está demonstrando que traz consigo

⁸³ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I** : a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p.12-13.

⁸⁴ Ibidem, p.11-12.

⁸⁵ Ibidem, p.12.

antigos pudores.⁸⁶ Nas palavras de Foucault: “como se fosse preciso nada menos do que essas correlações valorizantes para que tal discurso pudesse ser proferido ou aceito”.⁸⁷

Foucault, questiona a hipótese repressiva, através de “três dúvidas” consideráveis: a primeira, se a repressão do sexo seria mesmo uma referência histórica. A segunda, se a forma de poder que regula a vida dos indivíduos baseia-se na interdição, censura e negação. E a terceira questão que é histórico-teórica e que refere-se ao que ele chama de “dispositivo da sexualidade”, se seria uma forma de poder “ardilosa ou discreta” que regula mas não proíbe – o poder disciplinar. Dessa forma, não se trata da repressão, mas do que se fala sobre o sexo, “quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz”, ou seja, a colocação do sexo em discurso.⁸⁸ Em vez de observar a interdição, “buscar as instâncias de produção discursiva (que evidentemente organizam silêncios)”. Foucault aponta que, “a partir do fim do século XVI, a ‘colocação do sexo em discurso’ em vez de sofrer um processo de restrição”, ao contrário, em todo canto criaram-se “incitações a falar em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular”.⁸⁹

A multiplicidade de discursos produzidos por uma série de mecanismos que funcionam em diversas instituições sociais, afastaram a sexualidade da arte erótica, onde “a verdade é extraída do próprio prazer”, e deu lugar à verdades confessadas que normatizam este mesmo prazer. Não há uma proibição, mas um controle minucioso das práticas sexuais pela imposição de uma “única verdade”. Essa verdade não deve ser vista como falsa ou verdadeira, mas como uma verdade que se constitui em meio a relações de poder, em uma determinada época ou sociedade. Trata-se de perscrutar a formação dos saberes, os sistemas de poder e as formas como os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos do desejo.

Ao problematizar as explicações “repressivas”, Foucault questiona a centralidade que os discursos da liberação sexual nos anos de 1960 e 1970 assumiram na vida dos indivíduos, tornando-se um fenômeno de poder e não de emancipação. No

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Ibidem, p.16

⁸⁹ Ibidem, p.34.

entanto, preocupa-se com a produção discursiva destes discursos, e não em denunciá-los como falsos ou verdadeiros. Foucault alerta para e a necessidade de se refletir sobre a ênfase contemporânea em relação ao sexo não como uma libertação dos indivíduos, mas como uma alienação.⁹⁰

⁹⁰ Ver também: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

2.4. *A sexualidade feminina*

Nessa perspectiva, um outro aspecto importante para nosso estudo é como Reich associou a sexualidade feminina à masculina. Para essa análise, encontramos algumas reflexões em Bruckner e Finkielkraut, que contribuíram para nossos questionamentos sobre os significados da “disciplina do orgasmo” para as mulheres, nas revistas de comportamento.

Para eles a “veneração do orgasmo” é inaugurada por Reich e “retomada em “coro” por vários outros sexólogos, surge “como correlativa daquilo que poderíamos chamar de “tirania do genital”, isto é, “a redução da sexualidade aos órgãos e aos prazeres genitais e do erotismo feminino ao equipamento sexual masculino, além da redução do próprio sexo masculino ao pênis, com a marginalização da erogeneidade anal”.⁹¹

Esses autores entendem que a sexualidade feminina é constituída no contexto da “revolução sexual”, tomando-se como referência o exercício da sexualidade masculina. O “modelo fálico da volúpia”, que se inscreve baseado na definição do prazer orgasmático” obrigatório e determinado na e pela genitália. Ao prazer difuso do erotismo, aberto às sutilezas do toque, provocador de sensações e aberto aos devires da ação no calor da hora, opõe-se um prazer funcional, orientado por toques e movimentos precisos onde a genitalidade prescreve o prazer. O roteiro orgástico torna-se o mesmo para homens e mulheres. A sentimentalidade que envolve as práticas sexuais perdeu seu lugar nessa nova ordem. “A sentimentalidade é boba” porque toda a libido ocorre definida no objeto genital como posse da ação sexual, na qual todo o apelo amoroso se encerra. A relação sexual clássica é dividida em preliminares e ponto culminante, silenciando outros pontos erógenos do corpo (seios, nádegas, etc.), subordinando as mulheres a um “gozo central”, chegando ao fim sempre do mesmo modo.

Entendemos que situar o prazer nessa lógica é pretender reter e controlar o prazer feminino. O prazer feminino que na sua lógica é abstrato e subjetivo, já que não tem uma prova e exposto fora do corpo, como ocorre com os homens quando ejaculam,

⁹¹ BRUCKNER, Pascal ; FINKIELKRAUT, Alan, op. cit., p. 36.

tornando-se aberto a múltiplas conceituações e análises. O gozo feminino foi submetido a uma incessante investigação e produção discursiva pela ciência da sexualidade moderna. A peculiaridade do gozo feminino gerou inseguranças e angústias por não poder determinar objetivamente e cientificamente como seria este gozo, a não ser por evidências informadas pelas próprias mulheres. Observamos na multiplicidade de discursos, em torno do prazer e da sexualidade feminina, uma certa tendência misógina.

Bruckner e Finkielkraut fazem análises importantes sobre o fato da invisibilidade da sexualidade feminina parecer escondida aos parâmetros da sexualidade masculina. E o que o homem deplora na mulher, talvez por uma falta de sensibilidade masculina que lhe possibilite percepções mais aguçadas, é não poder mensurar na parceira o “excesso de sensações difusas”,⁹² contrastando com aquilo que para ele é uma marca evidente, uma identidade através da qual tudo se encontra, a ejaculação; logo, a existência de múltiplos orgasmos ocorrem sem que ele possa decodificá-los e enquadrá-los.

O infinito do prazer feminino, de acordo Bruckner e Finkielkraut, “não se constitui no crescimento constante de um mesmo estado (cada vez mais forte, cada vez mais rápido), mas numa alteração constante, no encadeamento de imprevisíveis metamorfoses”,⁹³ onde a exigência de responsabilidade recaia no exercício da sexualidade que honre todas as partes do corpo, que explore em cada ponto da pele sensações encrustradas em peculiaridades que só digam respeito àquele lugar. Que ocorra sem o privilégio ou sob exclusividade de determinados órgãos ou regiões, mas se celebre com a mesma intensidade “a boca, o sexo, o útero, a vulva, a orelha, o ânus, o joelho, a pele fina das pálpebras”,⁹⁴ para que o convencional gozo não se situe somente sob a ditadura da identidade genital, mas se permita a perda na imensidão do corpo, esse senhor de tantos segredos e inexplorados prazeres.

Os autores consideram que “a maioria das mulheres por certo – por razões históricas de sujeição, de colonização de seus corpos – não conhecem bem esses movimentos”. A proposta deles é que as mulheres não se deixem levar por uma certa “modernidade” que fez a apologia do “binarismo excitação-descarga”.⁹⁵

⁹² Ibidem. , p. 134.

⁹³ Ibidem, p. 135.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Ibidem , p. 136.

Para apreender a sexualidade masculina e feminina que foi analisada, descrita e difundida como moderna nas revistas, optamos por apresentar os estudos dos sexólogos, buscando contribuir para dar historicidade aos saberes constituídos sobre “a sexualidade das mulheres” a partir de signos masculinos – ou modelo fático da volúpia. Considerando que um conjunto de pesquisas científicas veio reafirmar “a importância da sexualidade na vida de homens e mulheres” nas revistas da época. Estamos nos referindo ao Relatório Kinsey e Hite e as obras de pesquisadores como William H. Masters e Virgínia E. Johnson, que foram publicizadas pelas revistas brasileiras simultaneamente aos discursos que defendiam a liberação sexual.⁹⁶ Os discursos “libertários”, nas revistas, foram associados aos discursos dos sexólogos, do prazer funcional e do orgasmo obrigatório.

⁹⁶ O **Relatório Kinsey** é uma pesquisa de opinião feita nos Estados Unidos sobre a sexualidade masculina, publicada em 1948, e feminina em 1954, traduzido e publicado em vários países do mundo. William H. Masters e Virginia E. Johnson foram os criadores da Fundação de Pesquisas em biologia da Reprodução em St. Louis nos Estados Unidos. Tornaram-se conhecidos através de seus estudos sobre a “fisiologia sexual”, iniciados em 1956. Em 1959 iniciam a aplicação clínica de seu método de cura da inaptação sexual. O **Relatório Hite**, é uma pesquisa de opinião americana coordenada por Shere Hite, e publicada em dois volumes, o primeiro, sobre a sexualidade feminina e o segundo sobre a sexualidade masculina no final da década de 70. Essas obras serão objeto de análise no próximo capítulo.

Capítulo 3

A “ciência sexual moderna” e a “verdade” sobre o sexo



Figura 33: EleEla, ano 3, n. 26, jun. 1971.

Antigamente, quando duas pessoas se amavam havia um cerimonial de flores, palavras ternas e sonhos dourados. Hoje, se elas são pra frente, o primeiro passo é dar um pulo à livraria mais próxima e comprar um desses manuais do amor físico, parecidos com os livretos de manutenção que a gente recebe ao comprar um carro novo. Onde encontrar a “receita infalível do amor físico”: no casamento perfeito ou no amor lúcido? É melhor escolher o Pequeno Dicionário do Amor ou o Guia Prático do Sexo? Avançando cada vez mais, a onda de manuais sexuais se espalha irresistivelmente sobre as prateleiras das livrarias.¹

Uma das constantes nos textos foi a associação entre vida sexual do casal e as publicações que tratavam de ensinar a “arte de amar” em poucas lições”. Concomitante à liberação sexual, impondo novas formas de sedução, define-se o que é “pra frente” ou atualizado e o que é ultrapassado, demonstrativo de formas de poder que buscavam transformar o comportamento dos indivíduos através de investimentos que não têm a forma de controle e repressão, mas de controle-estimulação.² Os saberes da “sexologia moderna” se constituem na matriz discursiva de múltiplas produções discursivas que são visibilizadas pelos diferentes meios de comunicação e instituições que legitimam as investigações e intervenções no corpo e na sexualidade dos indivíduos, de acordo com as mais recentes descobertas e procedimentos científicos. Nesse contexto a sexualidade foi se dissociando da “reprodução”, e as

¹ **EleEla**, ano 3, n.º 29, set. 1971, p. 9.

² Segundo Michel Foucault, o lócus de emergência de uma preocupação com a proximidade dos corpos, fruto do crescimento demográfico intenso nas grandes cidades e a preocupação com o contágio de doenças, epidemias e pandemias que exigiram uma arquitetura urbana e um quadriculamento do corpo doméstico, aliado ao processo de diferenciação da burguesia da aristocracia, produziram métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo humano – as disciplinas. O corpo “está diretamente mergulhado num campo político”, em que a multiplicidade de discursos constitui uma teia discursiva que marca os corpos dos indivíduos em seus cotidianos e em sua relação com o coletivo social, relações complexas que estão intimamente conectadas ao exercício do poder. A sujeição dos indivíduos não é obtida através da repressão violenta, mas através de instrumentos multifórmes, sutis, que agem sobre os corpos, tornando alvo de um investimento tecnológico, político e discursivo – uma tecnologia política do corpo. Primeiro para constituir o corpo-máquina adestrado para ampliação de suas forças produtivas. Depois a partir do século XVIII o controle do corpo – espécie –, a população. Inicia-se a era de uma biopolítica da grande população, fruto do crescimento demográfico, que vai dar lugar a técnicas de organização e controle da população. E, por último, admitindo a importância do corpo como um diferencial de classe, estabelecendo uma “cultura do corpo burguês” fundamentada na higiene desse corpo e na higiene do ambiente onde seus corpos circulam. Constitui-se a “política do sexo” firmando a necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e não pelo rigor de uma proibição. O saber e saberes produzidos sobre os corpos incidem sobre os indivíduos forjando seus comportamentos sem eles perceberem.

investigações científicas passaram a objetivar a “fisiologia do prazer” e as “melhores” técnicas para alcançar o orgasmo.

O estudo da sexualidade a partir da preocupação com a reprodução merece destaque na análise de Richard G. Parker, sobre o papel que a ciência médica vai desempenhar na organização e regulamentação da vida sexual no final do século XIX no Brasil.³ Segundo Parker, através de “estratégias corretivas da higiene social”, faz-se a classificação das práticas sexuais, assim como a definição dos desejos sexuais, em termos de uma nova economia simbólica de doenças e saúde”.⁴ Considerando esse “novo aspecto médico-científico da vida sexual”, a reprodução não seria mais vista como uma obrigação com Deus, conforme as doutrinas da Igreja, “nem como sinal de masculinidade e sobrevivência da linhagem”, mas seria vista como uma “responsabilidade de vida do indivíduo à sociedade e pelo cidadão ao Estado”.⁵ Mesmo assim, mantinha-se o lugar do casal monogâmico como o casal “moral perfeito” para a geração de cidadãos saudáveis. Enquanto os pecados sexuais eram apenas confessados e perdoados, as “doenças sexuais” poderiam ser compreendidas, tratadas e curadas. A energia sexual foi assim canalizada nos múltiplos discursos da medicina moderna, para as relações procriativas que assinalavam a preocupação com o crescimento de uma população “saudável” e o “progresso da nação”.⁶ A preocupação central que movia as investigações científicas da ciência médica foi se constituindo no sentido de reafirmar o casal conjugal como a “expressão sexual legítima”, e as práticas que mais ameaçavam o núcleo familiar foram classificadas como “desvios”, “devassidões” e “perversões”. As práticas sexuais, ainda de acordo com Parker, que violassem “as normas associadas com a reprodução, o bem-estar e a família ou a saúde e bom estado dos filhos eram, então, quase que invariavelmente, o foco da preocupação”.⁷ De acordo com esse autor, com a modernização da vida sexual no Brasil, o processo de urbanização e desenvolvimento de grandes cidades – como Rio de Janeiro e São Paulo – foi acompanhado, pela concentração populacional que

³ PARKER, Richard G.. **Corpos, prazeres e paixões**. A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 2001, p. 123.

⁴ Ibidem, p.124.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Ibidem, p.133.

produziria relações sociais caracterizadas por uma relativa impessoalidade e pela diminuição da importância da família e da moralidade religiosa como orientador de condutas. A partir dos anos 1960, Parker destaca a contribuição do movimento feminista e do homossexual no questionamento das noções tradicionais de gênero e sexualidade nesta modernização. Mas o que nos interessa ressaltar é o destaque que é dado por esse autor neste processo de modernização à “escolha pessoal”.⁸

A sexualidade é cada vez mais dissociada das relações sexuais ligadas à procriação e à família, abrindo um espaço cada vez maior ao controle da reprodução pelos métodos anticoncepcionais. Aos métodos tradicionais de evitar a gravidez, como o coito interrompido, foram acrescentadas possibilidades mais modernas como a pílula anticoncepcional. Nos discursos médicos a sexualidade passava a ser dissociada dos cuidados com a responsabilidade do cidadão com a reprodução. A sexualidade como propriedade individual a ser explorada e ampliada através das modernas técnicas científicas foi muito acentuada pela ciência e pela divulgação da mídia.

Para Parker a ciência sexual abalou “as convicções mais profundamente sedimentadas do passado” que passaram a ser visibilizadas como “desprezíveis superstições”.⁹ As “provas científicas” utilizadas para demonstrar a frequência relativa de práticas “que vão do coito anal ou oral até o sadomasoquismo, travestismo e bestialidade surgiram como tópicos de debate”.¹⁰ A “certeza moral” absoluta com a qual elas eram condenadas no passado foi seriamente abalada”.¹¹ Várias práticas passaram a ser vistas como uma preferência entre outras dos indivíduos.

Cabe ressaltar que, embora Parker em seus estudos destaque a importância do conhecimento científico para a “modernização” da vida sexual no Brasil, não fez maiores referências ao tipo de pesquisas que foram realizadas a partir do final da década de 1940 nos Estados Unidos e que serão citadas pelos sexólogos no Brasil, nos anos 1970 e posteriormente também nos anos 1980, para justificar a necessidade da compreensão “racional” e “científica” da sexualidade. Embora mencione que uma

⁸ *Ibidem*, p.142.

⁹ PARKER, R. G., *op. cit.*, p.140.

¹⁰ *Ibidem*, p.147.

¹¹ *Idem*.

série de conhecimentos vindos do exterior exerceu papel importante na constituição de uma cultura sexual moderna no Brasil, não explicita quais foram esses estudos, os quais consideramos merecem ser visibilizados e analisados não como uma busca da origem dos enunciados, mas como um aspecto importante a ser considerado na produção discursiva das revistas e mesmo da prática clínica dos psicólogos brasileiros e sua obras em torno da sexualidade.

Compreendemos que esse registro é importante para mostrar que tal debate não é específico das revistas, mas que faz parte de um movimento mais amplo de ascensão da sexualidade como um componente central nas relações sociais e entre os indivíduos, cuja influência é flagrante nas representações midiáticas, o que também é demonstrado pelo aumento de especialidades científicas, como a psicologia, a sociologia e a sexologia, que tomaram o lugar da medicina social nas produção discursiva em torno dos problemas sexuais contemporâneos. Na Europa e nos Estados Unidos, tornaram-se comuns pesquisas que se baseavam no questionamento da opinião pública sobre a vida sexual ou em estudos da fisiologia através da utilização de voluntários para o conhecimento do funcionamento do corpo de homens e mulheres, durante o relacionamento sexual. A base desse novo entendimento era a ênfase na anatomia e na fisiologia do corpo humano para a resolução dos “problemas sexuais”.

Amplia-se uma “scientia sexualis”, utilizando a expressão foucaultiana, em que a “verdade do sexo” se constitui a partir da exposição da intimidade dos indivíduos pela “confissão”. Desde a Idade Média, como faz questão de lembrar Foucault, “pelo menos nas sociedades ocidentais, a confissão é um dos rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade”.¹² Para Foucault, “a confissão foi e permanece ainda hoje a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo”.¹³ A ciência sexual desenvolvida a partir do século XIX baseou-se no dispositivo da confissão e da análise clínica. Nesse processo da produção da verdade, o sexo é tratado como se houvesse um segredo, tudo que é dito sobre o sexo precisava ser esclarecido e iluminado. Dessa forma, “ele se tornou o objeto de grande

¹² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p.59.

¹³ *Ibidem*, p.63.

suspeita”, mesmo a verdade que foi confessada é decifrada pelo ouvinte (cientista) que diz a sua verdade liberando, o que estava oculto. Através dos procedimentos da confissão em formas cientificamente aceitáveis, a sexualidade foi sendo definida como possível de ser analisada e como alvo de intervenções terapêuticas.

Essas verdades não devem ser vistas de forma ideológica, baseada na dualidade entre o falso e o verdadeiro, mas como produto de um processo de produção constituído em meio a relações de poder/saber, situando suas validades segundo contextos espaciais e culturais, dentro de uma época histórica.¹⁴

Nesse sentido, a modernidade então se define confrontando as verdades do passado com as novas verdades. Nas revistas essas verdades são apresentadas como “erros” e “contradições” confrontados com conhecimentos e informações advindas das pesquisas científicas em torno da sexualidade, legitimadas “cientificamente” como a “verdade” do sexo. Esses estudos ampliaram o entendimento da compreensão objetiva do corpo e de suas funções sexuais e influenciaram a formação e a prática profissional de muitos “terapeutas sexuais” e sexólogos nos anos 1970.¹⁵

A questão do sexo continuava ligada à “verdade”, mas de uma maneira nova esta verdade se constitui tanto pelas autoridades médicas como pela opinião pública. O sexo tornou-se um dos tópicos favoritos de discussão pública, também promovida pela esfera pública. Os aspectos sexuais da vida íntima antes restritos aos livros médicos ou manuais sexuais foram expostos a um público mais amplo através da imprensa. A vida conjugal, como já vimos, foi erotizada, e as “perversões” foram suavizadas, dando lugar a termos como “preconceitos” e “proibições antiquadas”.

A ênfase na liberdade e na escolha pessoal dos indivíduos foi acompanhada por um relativismo sobre o que é “normal” e “anormal” nas práticas sexuais. As pesquisas realizadas, ao mesmo tempo que mostravam outras experiências sexuais, em que a “verdade” era diferente para pessoas diferentes, também produziam “verdades” que

¹⁴ Convém ressaltar que além das obras de Michel Foucault foram inspiradores para essas considerações as análises de Tito Sena sobre a perspectiva teórica e metodológica de Michel Foucault. Ver: SENA, Tito. **Uma análise dos discursos sobre o corpo e gênero contido nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90.** Florianópolis, 2001. 122p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁵ Entre os mais conhecidos, podemos citar : Carmem da Silva (Cláudia), Dr. Ivan Mourão Dias (Coluna Amar Melhor/Cláudia), Flávio Gikovake (citado nas revistas), Paulo Gaudêncio (citado nas revistas), Marta Suplicy (Cláudia).

foram divulgadas pelos psicólogos, sociólogos, sexólogos e pelos meios de comunicação de forma normativa.

Os articulistas das revistas, ao recodificarem as informações numa linguagem sobretudo visual, muitas vezes descaracterizavam-na, contribuindo para modificar seus significados e sentidos. Nesse contexto, em que a compreensão dos comportamentos dos outros e de si mesmo torna-se um produto a ser consumido, determinados recortes feitos nas obras recodificaram seus sentidos e intensificaram suas proposições como regras a serem seguidas pelos sujeitos.

Nas revistas que pesquisamos, percebemos que a sexualidade era discutida através de artigos que se baseavam nos conhecimentos produzidos pelos pesquisadores americanos, sobre experiências sexuais realizadas nos Estados Unidos. Sua apresentação representava a validade do assunto tratado, fundamentando-se como uma verdade inquestionável e absoluta que encerrava a discussão. ”. A masturbação, a virgindade, o coito anal ou oral, práticas sádico-masoquistas surgiram como temas polêmicos e de debate. As novas informações foram sendo publicizadas e confrontadas com os temas colocados como “tabus do passado” (Fig. 34).

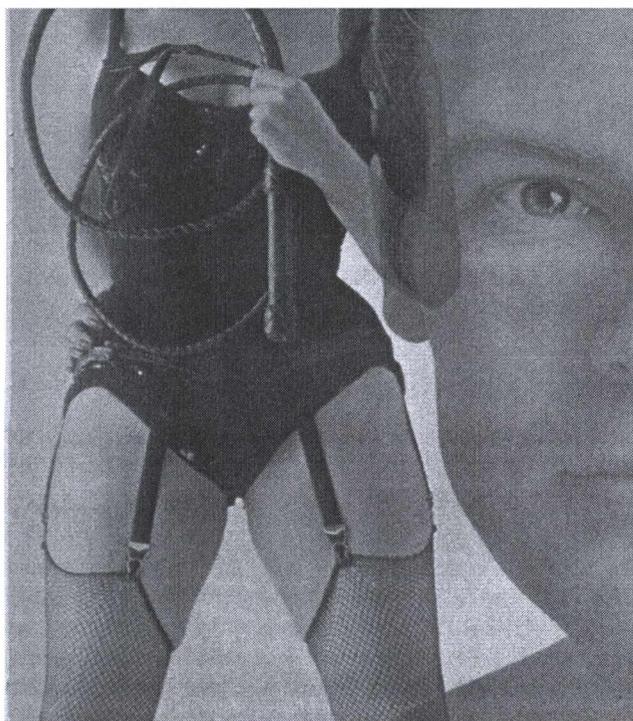


Figura 34: LA VETE CLAY, M.D. Você gosta de sofrer por amor? *EleEla*, ano 5, n. 55, nov. 1973.

3.1. O “Relatório Kinsey”: o comportamento sexual humano

A primeira pesquisa baseada na opinião de voluntários foi publicada pelos membros do Instituto de Pesquisas Sexuais da Universidade de Indiana nos Estados Unidos, que ficou conhecida mundialmente como “**Relatório Kinsey**”. A pesquisa foi iniciada em 1938 por Alfred Kinsey e seus primeiros resultados foram publicados nos Estados Unidos, em 1948, no livro intitulado **A conduta sexual do homem** e em 1953 **A conduta sexual da mulher** (Fig.35).¹⁶



Figura 35: Alfred Kinsey (1894-1956) apud **EleEla**, ano 3, n. 28, ago. 1971. Encarte Virgindade, sexo e família.

¹⁶ Cabe informar que em nossa pesquisa não conseguimos encontrar a tradução para o português do relatório sobre a conduta sexual do homem, por isso utilizaremos a referência completa dada por Jean Claude Guillebaud: KINSEY, Alfred, POMEROY, Wardell B., MARTIN, Clyde E., GEBHARD, Paul H. et alli. *Le Comportment sexuel de l'homme*. França: Ed. du Pavois, 1948. Apud GUILLEBAUD, Jean Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 140. Encontramos na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina o relatório referente à **Conduta Sexual da Mulher**. Em nosso estudo vamos fazer referência ao conteúdo do relatório referente à sexualidade da mulher porque era citado nas revistas. Ao relatório masculino raramente fazia-se referências. KINSEY, Alfred, POMEROY, Wardell B., MARTIN, Clyde E., GEBHARD, Paul H. et alii. **Conduta sexual da mulher**. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu S/A, 1954.

Guillebaud afirma que o **Relatório Kinsey** é a “versão liberal e anglo-saxã da utopia proposta por Wilhelm Reich”.¹⁷ Consideramos que essa afirmativa pode ser feita em relação à significação fisiológica que a liberação da energia sexual dos indivíduos representa para uma boa saúde física e psicológica dos indivíduos. É o que observamos, ao analisar a significação da masturbação feminina:

Significação fisiológica. Quase todas as mulheres se masturbam a fim de obter satisfações imediatas e como meio de resolver perturbações fisiológicas que surgem quando são excitadas sexualmente e os costumes sexuais as impedem de ter contatos sócios- sexuais.¹⁸

Entretanto, distintamente de Reich, para justificar o estudo da masturbação feminina e outros temas polêmicos, diante daqueles mais reticentes, enfatizava-se sua importância social por “afetar o ajustamento sexual dos indivíduos no casamento”.¹⁹ O destaque dado aos desajustes sexuais como responsáveis pelo grande número de separações justificava a realização e publicação de uma pesquisa sobre a sexualidade que desvinculava as práticas sexuais da função reprodutiva. A insistência em apontar esta preocupação pode ser entendida como uma tática, no caso do **Relatório Kinsey**, para que a investigação fosse considerada válida pelos órgãos financiadores do governo americano. Porque, a despeito da preocupação com “o coito conjugal”, em seus vários capítulos o relatório publicizava práticas comuns praticadas no dia-a-dia as quais receberam um tratamento objetivo e sem constrangimentos, o que é inédito na literatura médico-sexual, pois relatava experiências de pessoas consideradas “normais”, sem problemas psicológicos, o que legitimava estas práticas como expressões de sexualidades saudáveis. Como exemplo podemos citar: a importância da masturbação feminina, a manipulação clitoriana, o orgasmo clitorial e não vaginal, o contato boca-genital (*fellatio e cunnilingus*), o coito anal, o orgasmo conjugal, o coito extra-conjugal e o coito pré-conjugal.

¹⁷ GUILLEBAUD, J. C., op. cit, p.140.

¹⁸ KINSEY, Alfred et alii. **A Conduta sexual da mulher**, op. cit., p. 193.

¹⁹ Ibidem, p.193.

Além das revistas que pesquisamos, os dados estatísticos e análises foram utilizados como referência nas enciclopédias sexuais publicadas nas década de 1970.²⁰ Encontramos dois exemplares, de exemplos de “guias do casal moderno”, publicados pela editora três, o primeiro publicado em 1972 **Vida a dois: Enciclopédia do casal de hoje**²¹ e outro publicado no início dos anos 1980 intitulado **A Arte de Amar: orientação sexual para o jovem de hoje**,²² elaborado por Maria Helena Matarazzo. Tais exemplares foram significativos para nossa pesquisa pela utilização das informações do **Relatório Kinsey** e pelo fato de ser mais uma publicação que tinha por objetivo a educação sexual do casal.

As estatísticas do **Relatório Kinsey** são utilizadas para exemplificar a veracidade da informação dada. Um exemplo é quando se incentiva as mulheres a prática do sexo oral:

Em relação ao sexo oral (você pode estimular com a boca os genitais do seu companheiro) acreditava-se antigamente que era uma perversão. Entretanto o **Relatório Kinsey**, o maior estudo feito até hoje sobre sexualidade humana, demonstrou que 50% dos casais praticam sexo oral. Mas muitas mulheres pensam: “eu não vou fazer isto”.

No amor a gente só faz aquilo que dá prazer. Mas é importante que você saiba que o sêmen tem uma constituição química semelhante à da saliva. Portanto, se você o engolir, ele não vai causar nenhum dano ao seu organismo.(...)

O sexo anal também foi considerado por muito tempo uma perversão. Kinsey constatou que em torno de 15% dos casais praticam-no ocasionalmente.²³

²⁰ Tivemos a oportunidade de adquirir em um sebo em São Paulo exemplares das “Enciclopédias Sexuais”, que através de uma linguagem coloquial, como as revistas, tornaram temas anteriormente reservados aos livros médico-científicos mais acessíveis a um público mais amplo. Sobre as “Enciclopédias Sexuais” publicadas no Brasil, entre 1979 e 1999, merece referência o estudo feito por Tito Sena, op. cit..

²¹ Os temas tratados nesses guias eram semelhantes aos que observamos nas revistas, direcionados à manutenção do casamento. Em **Vida a dois: Enciclopédia do casal de hoje**, temos os seguintes temas: “Inibições sexuais”, “Capacidade sexual”, “Pequenos Fetiches”, “Frigidez”, “Não tenha medo das emoções”, “Comunicação”, “O castigo do silêncio”, “Importância da higiene”, “Beijar é uma arte”, “O toque amoroso”. No segundo, O “Caminho misterioso do Orgasmo”, “Aprendendo a brigar”, “Casamento as dez coisas mais importantes”, “Relações extraconjugais” e “Balanços no casamento”. Referência completa: **Vida a dois: Enciclopédia do casal de hoje**. São Paulo: Editora Três, 1972.

²² MATARAZZO, Maria Helena. **A Arte de Amar: Orientação sexual para o jovem de hoje**. São Paulo: Editora Três, 1984.

²³ *Ibidem*, p. 91-95.

Através deste fragmento observamos algumas das orientações sexuais que buscaram estimular as mulheres a assumir novas atitudes no sexo. Na vida cotidiana determinadas práticas que haviam sido pervertidas em outras épocas foram resgatadas pelo **Relatório Kinsey**, para o campo da normalidade.

É inegável a importância que este estudo vai assumir nas representações em torno da sexualidade, ao ser constantemente reafirmado nas revistas, como faz Matarazzo como “o maior estudo feito até hoje sobre a sexualidade humana”. Os textos reafirmavam a abrangência e a generalidade de seus resultados como válidos para todos os indivíduos, embora fossem expressão do comportamento sexual de um certo número de americanos.

Esses debates públicos sobre a vida íntima do casal eram acompanhados por idéias que ditavam que era vital alcançar o máximo de prazer para a boa saúde física e emocional dos indivíduos, pressionando especialmente as mulheres a modificarem sua conduta sexual. Porém, a ordem que estava implícita, apesar de enfatizarem que o que devia ser feito era o que agradava a ambos os parceiros, é explicitada no exemplo utilizado por Matarazzo, se “50% dos casais americanos faziam sexo oral”, por que as brasileiras não poderiam fazer o mesmo, para ajudar a excitar seus “companheiros”?! A mesma pergunta não foi feita para os homens.

Embora os temas devessem interessar a homens e mulheres, o discurso era destinado às mulheres. É ilustrativo a preocupação da autora em esclarecer que o esperma apresenta composição química semelhante à da saliva, podendo ser engolida sem preocupação, que não provocará danos ao organismo. Outro aspecto do estudo aponta que 15% das americanas praticam o sexo anal, destacando que a despeito de em outros tempos ser considerado uma perversão.

Entendemos que havia uma preocupação em esclarecer às mulheres brasileiras que certas formas de prazer, de acordo com as pesquisas científicas, eram práticas comuns entre os casais americanos, e que aqui poderia acontecer o mesmo, que as mulheres poderiam adotar essas “novas práticas sexuais”. Tais argumentações reafirmavam a idéia de que cabia aos indivíduos transformarem-se intimamente para por fim aos problemas gerados pela “repressão social” da sexualidade. Essas observações consideravam que as experiências sexuais dos sujeitos, anteriores à “liberação sexual”,

obedeciam às regras impostas pela Igreja ou pelos médicos, pelos discursos normatizadores da sexualidade. É importante apreender que esta multiplicidade de discursos científicos contribuiu para a “normalização social” de práticas já existentes e tratadas como “imorais” em outras épocas e por outros produtores de enunciados, como a Igreja e a medicina do final do século XIX.

O **Relatório Kinsey** visibilizou uma diversidade de experiências sexuais que se tornaram temas de discussões públicas, assunto nas conversas de um público maior que anteriormente eram discutidos, como observa Parker, “apenas no confessionário católico, ou, mais tarde, nas anotações dos médicos”, ou “nos debates dos sexologistas ou dos educadores sexuais profissionais”.²⁴

Por esse motivo é que discordamos da ferocidade da crítica que Jean-Claude Guillebaud, em seu estudo sobre os estudos científicos da sexologia moderna, faz do **Relatório Kinsey**. No sentido de denunciar o “incrível reducionismo” da sexualidade a uma função meramente biológica pelos estudos da sexologia moderna, não faz nenhuma consideração sobre os aspectos positivos desses estudos. Compreendemos que tal reducionismo crítico na análise destas obras não permitiu perceber a importância destes relatórios em fornecer também alguns conhecimentos sobre a sexualidade que eram ignorados pelos sujeitos. É importante lembrar que, ao mesmo tempo que tais estudos normatizaram a sexualidade dentro de determinadas concepções, também liberaram outras possibilidades de auto-reflexão dos sujeitos que produziram efeitos e experiências muito além dos limites do mundo normativo construídos pelos discursos científicos. Contudo, é importante ressaltar que não estamos querendo dizer que o conhecimento leva obrigatoriamente à satisfação erótica, mas também não concordamos que podemos concluir facilmente que não contribui para nada, é mais seguro argumentar que há muitas variáveis no que se refere à constituição da subjetividade sexual dos indivíduos.

Na história da sexualidade, como bem lembra Peter Gay, é mais fácil ter acesso à história do proibido, dos fracassos, das derrotas, das histórias infelizes, do que às histórias felizes.²⁵ Este é um cuidado que devemos tomar para não transformar os

²⁴ PARKER, Richard, op. cit., p.148.

²⁵ GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.105-110.

discursos do mundo “normativo”, dos discursos que diziam o que era para ser feito com o que era vivenciado, abrindo portas para fazer uma história não só de tristezas, dominação e controle, mas uma história onde também há espaços para a felicidade e autonomia dos sujeitos, enfatizando a possibilidade de experiências diversas.

Nesse sentido, o conceito de “reflexividade institucional” de Anthony Giddens abre possibilidades. Ele elabora este conceito ao se contrapor a Michel Foucault sobre a “intrusão determinada e direta do poder conhecimento na organização social”.²⁶ Giddens não está negando sua conexão com o poder, mas observa que devemos considerar na análise da produção discursiva sobre a sexualidade na sociedade moderna o fenômeno de “reflexividade institucional”.²⁷ Para ele, é “institucional por ser o elemento estrutural básico da atividade social nos ambientes modernos”. É reflexivo “no sentido de que termos que são introduzidos para descrever a vida social” interferem nas formas de ação dos indivíduos ou dos grupos.²⁸

Para reforçar sua argumentação, Giddens destaca que a “contínua incorporação reflexiva do conhecimento não apenas se introduz na brecha, ela proporciona precisamente um ímpeto básico às mudanças”, que ocorrem na vida pessoal e coletiva. Nesta perspectiva, os discursos que “informam, analisam e comentam a sexualidade, na prática, são de muito mais longo alcance em seus efeitos do que aqueles abertamente propagandistas, que recomendam a busca pelo prazer sexual”.²⁹

Entendemos que Giddens problematiza de forma mais ampla o processo de constituição do eu nas sociedades contemporâneas. Em vez de uma “tecnologia” específica, como aponta Michel Foucault, devemos “reconhecer que a auto-identidade torna-se particularmente problemática na vida social moderna, particularmente nos períodos mais recentes”.³⁰

Nesse sentido é que consideramos importante tratar do conhecimento produzido em pesquisas que objetivavam analisar o que estava se passando em uma área particular da atividade social, a sexual. Tais pesquisas quando foram divulgadas instigaram

²⁶ GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p.39.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Ibidem, p.40.

debates que se tornaram de domínio público amplo, que também serviram para modificar opiniões e experiências das pessoas.

A “sexualidade plástica” definida por Anthony Giddens como aquela que se constitui livre da preocupação com o nascimento de filhos e que avançou sobretudo após a ampliação da autonomia sexual feminina e o surgimento da pílula, possibilitando às mulheres um maior controle sobre o nascimento dos bebês.³¹ Ressalta, também, a maior visibilidade da homossexualidade masculina e feminina que demarcaram um novo campo sexual. Para Giddens, tais elementos contribuíram para a ampliação do livre-arbítrio sexual dos indivíduos. No entanto, não foram os responsáveis diretos pela emergência dessa “sexualidade plástica”, foi a contínua incorporação reflexiva de todo o conhecimento sexual produzido pelas pesquisas científicas e divulgados pelos meios de comunicação de massa que tiveram um papel essencial em sua constituição. Concordamos com Giddens quando diz que “o mais importante é que o avanço de tais pesquisas contribuíram para uma aceleração da reflexividade das práticas sexuais habituais e cotidianas”.³² O caráter científico de tais informações ajudaram a “neutralizar” as inquietações morais em relação “à adequação de práticas sexuais peculiares”.³³

Nesta perspectiva, a publicização do **Relatório Kinsey** nas revistas expôs a diversidade extraordinária de práticas sexuais e abalou os discursos médicos e religiosos que garantiam que a maioria das pessoas encontravam satisfação no casamento monogâmico, as relações pré-matrimoniais foram valorizadas. Mas isto não significa que suas propostas sejam adotadas automaticamente. Suas enunciações provocaram debates e polêmicas sociais sobre práticas sexuais íntimas que disponibilizaram outros modelos de condutas sexuais.

Para uma melhor compreensão sobre o impacto deste relatório, basta observar os temas apresentados em seu índice geral: desenvolvimento sexual na pré-adolescência, masturbação, sonhos sexuais noturnos, carícias pré-conjugais, coito pré-conjugal, coito conjugal, coito extra-conjugal, reações e contatos homossexuais, contatos com animais,

³¹ As práticas anticoncepcionais, em qualquer uma de suas formas – como a interrupção do coito ou o uso de preservativo – exigiam uma certa cooperação por menor que fosse dos homens. No caso da pílula era uma decisão que poderia ser exclusiva da mulheres.

³² GIDDENS, Anthony, op. cit., p.40.

³³ Idem.

expansão sexual total, anatomia da reação sexual e do orgasmo, fatores psicológicos na reação sexual, mecanismos nervosos da reação sexual e fatores hormonais na reação sexual.³⁴

A frigidez feminina analisada por Kinsey foi destaque na revista **EleEla**:

As pesquisas de Kinsey revelaram que a frigidez feminina não existe; que muitas mulheres só conseguem chegar ao orgasmo através da masturbação; que as experiências pré-matrimoniais são capitais para um bom desenvolvimento da sexualidade (...).³⁵

Observamos que no início dos anos de 1970 os artigos das revistas eram sutis no tratamento dos temas do **Relatório Kinsey**, o destaque maior era dado à importância da adaptação sexual no casamento. No decorrer dos anos 1970 os textos passaram a dar maior destaque às discussões sobre os efeitos da liberação sexual das mulheres e o livre exercício da sexualidade e as diferentes formas de desenvolver o “potencial sexual” por inteiro.

O sexo realizador para a mulher só é conseguido com alguma experiência e não da primeira vez.

Apesar de todos os preconceitos relacionados com a masturbação, é através dela que a mulher mais se descobre. Mas muitas acreditam no mito de que isso possa levá-las à frigidez, torná-las estéreis para a vida a dois.

Outras, entretanto, não compartilham dessa opinião e vão mais além defendendo a opinião de que para conseguir o orgasmo devem se masturbar, pois a relação sexual tradicional – não as satisfaz. Afirmam que é preciso o estímulo do clitóris e como os homens em sua maioria não se dispõem a excitá-las, a masturbação é o único caminho alternativo. (...)

O centro da sensibilidade sexual feminina é clitoriano, o equivalente feminino do pênis (...).³⁶

Os estudos de Kinsey trouxeram à cena novamente o clitóris e o prazer clitoriano. O clitóris foi descoberto, de acordo com Thomas Walter Laqueur, em 1559

³⁴ *Ibidem*, p.3.

³⁵ ARAÚJO, Diva Maria G.. Masturbação: Um Antigo Tabu. **EleEla**, ano 6, n. 71, mar.1975, p. 67.

³⁶ FILHO, Altair Thury. Sexo, Preconceito e Tabus (Encarte). **Pais&Filhos**, ano 9, n. 9, maio 1977.

por Cristovão Renaldus, e no século XIX deu lugar à invenção do orgasmo vaginal de Freud. Segundo Laqueur, após quatrocentos anos ou talvez até mil anos surgiu de repente um outro ponto de prazer sexual nas mulheres”– o interior da vagina. Antes de 1905 “ninguém pensava que houvesse qualquer outro tipo de orgasmo feminino que não o clitoriano”.³⁷

Para Laqueur, a “história do clitóris é uma parábola da cultura, de como o corpo é criado de uma forma valiosa para a civilização”.³⁸ Esse autor mostra que em uma época em que a igualdade dos cidadãos proclamada pela Revolução Francesa colocava em questão a supremacia dos homens no espaço público, a ciência foi chamada para definir a passividade feminina na vida pública amarrada a sua suposta passividade sexual. Além disso, o clitóris era de “fácil reação ao toque”, o que tornava “difícil domesticá-lo para o coito reprodutivo heterossexual”.³⁹ Freud sabia que o ponto natural do prazer erótico era o clitóris, que competia com o ponto culturalmente e politicamente necessário, a vagina.⁴⁰

Kinsey questionava os psicanalistas e clínicos que insistiam “em que somente o estímulo da vagina e o orgasmo vaginal” poderiam “fornecer culminação psicológica satisfatória à atividade de uma mulher sexualmente madura”.⁴¹ Conforme o relatório, era difícil “à luz de nossos atuais conhecimentos sobre a anatomia e fisiologia da reação sexual, compreender o que significa orgasmo vaginal”.⁴² As idéias de Freud de que o amadurecimento psicosexual seria responsável pelo desenvolvimento da sensibilidade vaginal é questionado e rejeitado pelas provas anatômicas e fisiológicas que Kinsey

³⁷ Laqueur mostra que já no século XIX era impossível que Freud não soubesse que “não havia qualquer evidência anatômica ou fisiológica da declaração de que ‘a suscetibilidade erotógena à estimulação’ é transferida com sucesso durante o amadurecimento da mulher “do clitóris para o orifício vaginal”. Ver: LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 280-281.

³⁸ Ibidem, p. 281.

³⁹ Ibidem, p. 285.

⁴⁰ A ação da cultura e dos fatos sociais sobre o corpo na linguagem da ciência é destaque na obra de Thomas W. Laqueur sobre a construção cultural da diferenças do sexo. Ibidem, p. 288.

⁴¹ KINSEY, Alfred et alii, op. cit., p.546.

⁴² Neste momento, Kinsey utiliza estudos da anatomia do início do século e não faz referências aos estudos da anatomia no Iluminismo que, desde o século XV, conforme Laqueur produziram conhecimento sobre a anatomia de homens e mulheres. LAQUEUR, Thomas Walter, op. cit., p. 286.

apresentava.⁴³ Destacava, ainda, no relatório que muitas das mulheres que participaram do estudo ficaram muito perturbadas psicologicamente “porque não conseguiam alcançar o ‘orgasmo vaginal’, esta impossibilidade biológica”.⁴⁴

Outra importante questão analisada e visibilizada pelo **Relatório Kinsey** foi o orgasmo através do auto-erotismo feminino e da manipulação do clitóris– “o faça você mesmo”. No capítulo cinco, deste estudo, afirmava-se, que através da prática masturbatória, as mulheres atingiam “com mais frequência o orgasmo”, mais do que no “coito conjugal” e que antes do casamento em 95% dos casos era a maneira mais eficaz, para atingir o orgasmo.⁴⁵ Acrescenta-se ainda “que todas as mulheres se masturbam, a fim de obter satisfações imediatas e como meio de resolver as perturbações fisiológicas que surgem quando são excitadas sexualmente e os costumes sociais as impedem de ter contatos sócio-sexuais”.⁴⁶

Nesse contexto, a “frigidez” feminina e as dificuldades de as mulheres alcançarem o orgasmo não é mais um problema apenas da mulher, mas é apresentado como resultado do “sistema de repressão sexual” a que foram submetidas durante suas vidas. Cabia especialmente às mulheres a responsabilidade pelo seu próprio prazer. Embora, em alguns momentos, os homens fossem questionados em torno de suas atitudes no “leito conjugal”, apresenta-se o auto-erotismo como uma possibilidade de autoconhecimento que ampliaria o desejo sexual feminino.

Esta compreensão foi mostrada em 1975, na revista **EleEla**, em um “informe científico”, a “Masturbação: um antigo tabu”:

⁴³ Laqueur afirma em seu estudo que Freud no século XIX devia saber o que ele escreveu na “linguagem da biologia a respeito da mudança da sensibilidade erotógena do clitóris para a vagina não se baseava em fato algum da anatomia ou fisiologia”. Dessa forma, aponta Laqueur, Freud prescreveu nos corpos as idéias do social. *Ibidem*, p.287.

⁴⁴ Vale registrar a informação dada pela revista **Super Interessante**, em junho de 2003, que em 1980, dois médicos chamados Jonh Perry e Beverly Whipple, reafirmaram em suas pesquisa a existência do ponto G, que teria sido descoberto em 1950 por um ginecologista obstetra alemão Ernst Grafenberg,. A existência ou não do ponto G provoca polêmicas. Alguns especialistas dizem que ele não existe, outros concordando com Perry e Whipple, “afirmam que o ponto G existe, como provoca orgasmos totalmente diferentes, que seguem uma rota nervosa diferente do clitóris”. Para os que não acreditam em sua existência estes são orgasmos que “não passam de reflexo da estimulação indireta do clitóris”. Estas informações mostram que a ciência continua preocupada como o prazer feminino e continua sendo usada para informar os leitores sobre o que é possível sentir na hora do sexo. Ver: A ciência do sexo. In. **Super Interessante**. Edição 189, junho de 2003, p. 37.

⁴⁵ KINSEY, Alfred et alii, op. cit., p.155.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 187.

A masturbação recebeu durante séculos a condenação que sempre recaiu sobre toda atividade sexual que não tinha por objetivo a reprodução da espécie. Seus efeitos levariam a toda espécie de doenças. Para castigá-la chegava-se às práticas mais cruéis. As pesquisas sexuais modernas vieram revelar o que a masturbação realmente é: uma prática sexual universal, comum a todas as etapas da vida e que não é mais ou menos prejudicial que uma relação heterossexual.⁴⁷

Na apresentação dos objetivos do estudo do **Relatório Kinsey** feminino, informava-se que a presente obra pretendia “relatar o comportamento que pode ser típico em apenas uma parte de mulheres brancas que vivem dentro das fronteiras dos Estados Unidos”.⁴⁸ O uso generalizante desse comportamento para outros grupos sociais ou outros lugares do mundo é um exemplo marcante de como a linguagem midiática pode fortalecer e produzir outros sentidos e outras “verdades” sobre o sexo.

Por outro lado, é nossa opinião que a insistência em torno de alguns aspectos dos resultados das pesquisas sexuais nas revistas como padrões válidos para todos, mesmo que não fossem apresentados desta maneira, não deve ser visto como o que vai ser efetivamente adotado pelos sujeitos na realidade, são possibilidades de ação. O que nos faz vislumbrar que o culto midiático, ou científico sistemático, de determinadas posturas não indica que no momento do encontro sexual sejam elas que se manifestem. No encontro amoroso, é possível que os modelos eróticos sejam colocados, como sublinham Bruckner e Finkielkraut:

(...) a reboque da história dos amantes: estes com sua geografia íntima, de movimentos indecisos, anulam os dados clássicos da topologia, da geodésia, da planimetria, da hidrografia, dispersam os mapas, abandonam os antigos traçados, interrompem sua supremacia. E fazem pouco caso de toda a ciência do Rama Sutra ou qualquer outro livro do amor, edificam para si mesmos o mapa de seu Carinho-Sutra.⁴⁹

⁴⁷ **EleEla**, ano 6, n. 70, fev. 1975, p. 102.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 4.

⁴⁹ BRUCKNER, Pascal; FINKIELKRAUT, Alain. **A Nova Desordem Amorosa**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 221.

3.2. Masters & Johnson: as dificuldades sexuais do casal

Nas revistas a “liberação” da sexualidade estava associada ao aumento do número de separações, aos debates em torno da aprovação do divórcio e aos reflexos dos movimentos de emancipação feminina no relacionamento sexo-conjugal. Os discursos demonstravam inquietações em relação à manutenção do casamento, e reafirmavam o casamento como essencial na vida das mulheres, e afirmavam e a resolução das dificuldades sexuais do casal como central para a saúde da relação.

As mulheres eram encorajadas a exigir o prazer e a satisfação sexual e simultaneamente eram exibidas suas ansiedades produzidas diante das novas exigências.

*Psicólogos e séxólogos concordam em que as exigências sentimentais da mulher são maiores hoje, e tendem a crescer ainda mais, numa época em que os meios de comunicação de massa e a educação sexual cada vez mais se ampliam. Mas, o que exatamente, ela espera do homem?*⁵⁰

A incidência de artigos sobre os desencontros entre homens e mulheres e a crise do casamento e da família são sugestivos sobre os motivos sociais que possibilitaram uma sexualidade mais “livre”, desde que associada ao relacionamento conjugal.

Nessa perspectiva, observamos que no início dos anos 1970, o debate apresentado era restrito à necessidade ou não de experiências pré-conjugais com o namorado/noivo antes do “casamento”, a virgindade e a importância de sua manutenção permaneciam sendo objeto de questionários e artigos que reafirmavam sua importância. A liberdade sexual das mulheres já recebia maior destaque, embora atrelada ao homem à satisfação de seus desejos. A partir da segunda metade dos anos 1970, percebemos que as revistas passaram a tratar de maneira mais explícita a sexualidade feminina e masculina, embora continuassem a apresentar o “sexo” no casamento como essencial

⁵⁰ Por que tantos homens naufragam no amor. *EleEla*, ano1, n. 11, mar.1970, p. 79.

para seu sucesso e informando que os problemas sexuais têm cura e que devem e podem ser resolvidos pelo casal. Em meio a tais artigos, alguns trouxeram a vida sexual das mulheres solteiras, mostrando a possibilidade de uma vida sexual fora do casamento, cujas experiências eram uma fase de preparação apresentada como necessária para uma união estável e “eterna”. Alguns termos sexuais passaram a ser utilizados com mais frequência, como “orgasmo”, “clitóris”, “vagina” e “pênis”.

Anteriormente, esses termos eram substituídos por longas e minuciosas explicações para o “ato do amor:

Enquanto as leis da reprodução se entrelaçam de maneira quase perfeita, o mesmo não se dá quanto às do prazer. Hoje sabemos que, tanto quanto o homem, a mulher pode alcançar o prazer caracterizado por uma série de fenômenos físicos bem determinados; mas não tão rapidamente quanto ele. Os fenômenos que se produzem em seus órgãos evoluem de maneira mais lenta, tanto na fase ascensional quanto na de relaxamento. No curso de uma pesquisa realizada com a ajuda de voluntários, os séxólogos americanos Willian Masters e Virginia Johnson estabeleceram curvas comparativas do prazer feminino e masculino, fonte de inúmeros desacordos do casal. O principal fator do desenvolvimento é, sem dúvida o tempo consagrado **ao ato amoroso**. Para que a mulher **possa alcançar a plenitude** – e sobretudo se o casal deseja alcançá-los ao mesmo tempo – esse fator tem que ser levado em conta.⁵¹

Neste artigo de 1969, da revista **EleEla**, foi feita a primeira referência ao trabalho de Willian H. Masters e Virginia E. Johnson. Observamos que suas pesquisas e obras foram mais citadas nas revistas do que o **Relatório Kinsey**. O que para nós é demonstrativo da importância e da preocupação das revistas em disponibilizar a seus leitores informações sobre a resolução dos problemas sexuais do casal. É importante lembrar o destaque dado ao aumento do número de separações e o debate em torno da aprovação do divórcio no acirramento dessas preocupações.

Willian H. Masters e Virginia E. Johnson foram os criadores da Fundação de Pesquisas em Biologia da Reprodução em St. Louis, nos Estados Unidos, ele era

⁵¹ **EleEla**, ano 1, n. 6, out. 1969, p. 8.

ginecologista e ela psicóloga. Tornaram-se conhecidos através de seus estudos sobre a “fisiologia sexual”, iniciados em 1954. Em 1959 começaram “a aplicação clínica de seus estudos com um longo programa de tratamento da inaptação sexual” (Fig 36).⁵²

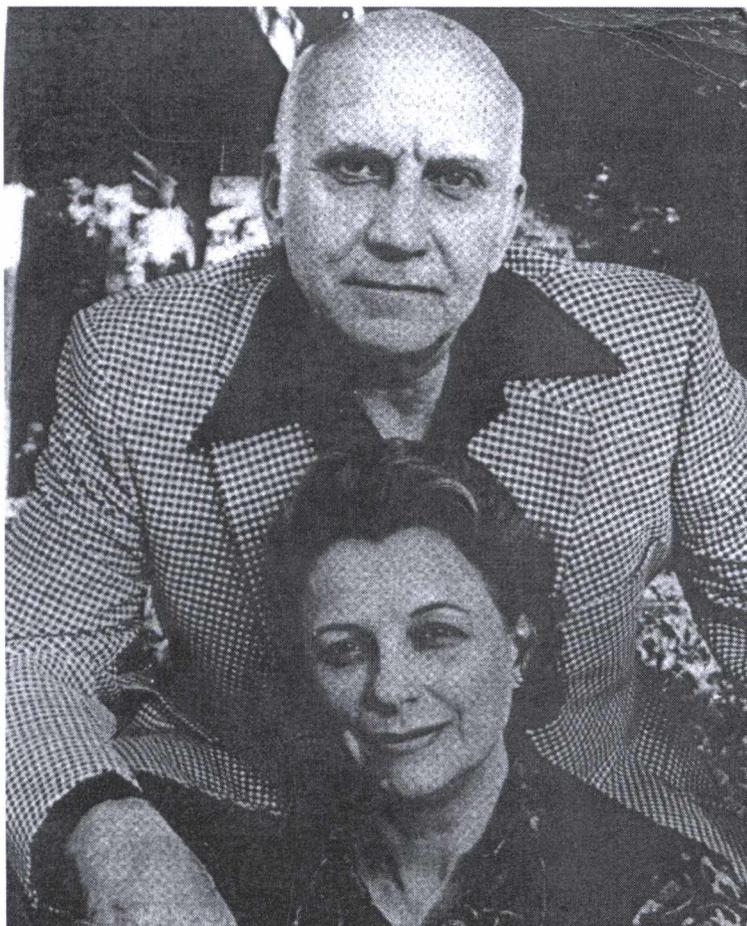


Figura 36: William H. Marsters e Virginia E. Johnson. In: MASTERS, W. H.; JOHNSON, V. E. **O vínculo do prazer.** Rio de Janeiro: Record, 1977.

⁵² MASTERS, Willian H. ; JOHNSON, Virginia E.. **O vínculo do prazer.** São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1975, p. 266.

Nas revistas analisadas, os estudos de Masters e Johnson eram citados frequentemente “como os mais modernos para solucionar os problemas sexuais do casal”.⁵³ A terapia de casais – o tratamento conjunto dos cônjuges – era proposta central em suas obras, que foram publicadas no Brasil no anos 1970, e foram apresentadas aos leitores em vários artigos que tratavam da vida sexual do casal.

Considerando que o “sexo não resolve tudo, mas pode fazer fracassar um casamento”, a sexualidade feminina foi problematizada.⁵⁴

Muitos especialistas consideram o sexo um dos fatores mais importantes para a conservação da alegria no casamento. A atitude conjugal dos jovens casais de hoje é bem diferente de alguns anos atrás. Tanto a mulher como o homem sentem vontade de romper o casamento quando não se satisfazem sexualmente.⁵⁵

Sendo a “inadequação sexual” apontada como culpada pelo fracasso dos casamentos, muitos artigos tratavam das “dificuldades sexuais do casal”:

O que faz um casal quando sente que não está se entendendo sexualmente? Uma imensa maioria tenta esquecer o assunto ou resolvê-lo de forma tão precipitada que acaba pondo em perigo a própria união. Outros só encontram uma saída, tratamentos longos e caros, por vezes fora de seu alcance. Um médico e uma socióloga americano- os Drs. Willian Masters e Virginia Johnson- que há vinte anos se dedicam à pesquisa do comportamento sexual, vem em auxílio dos casais sexualmente desajustados com um livro que trata das dificuldades sexuais do homem e da mulher e de como os casais americanos conseguiram se ver livres delas.⁵⁶

⁵³ AYMORÉ, Vera. As dificuldades sexuais do casal (E seu tratamento) . Encarte. **Pais & Filhos**, ano 3, n. 9, maio 1971. Ver também: **EleEla**, ano 1, n. 6, out. 1969, p. 22; **EleEla**, ano 4, n. 44, dez. 1972.

⁵⁴ **Pais & Filhos**, ano 3, n. 8, abr. 1971, p.39.

⁵⁵ *Idem*.

⁵⁶ AYMORÉ, Vera. As Dificuldades Sexuais do Casal / E seu tratamento. **Pais & Filhos**, ano 3, n. 9, maio 1971, p. 51.

Diante da “crise do casamento” e da “família”, os estudos desses autores mereceram destaque nas revistas, embora permanecesse bastante restrito o uso das informações apresentadas em suas obras nos artigos. As revistas limitavam-se a apontar os principais pontos, dando maior destaque à necessidade de mudança das mulheres para resolver os problemas conjugais. O que percebemos é que se faz um recorte sexista da obra de Masters e Johnson. Nas revistas os homens foram retirados de cena e às mulheres coube a responsabilidade pelo sucesso da “relação”.

Na primeira obra do casal **A conduta sexual humana**,⁵⁷ que era síntese de uma pesquisa sobre a anatomia e a fisiologia sexual humana iniciada em 1954, e o resultado de um projeto elaborado junto ao Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Escola de Medicina da Universidade de Washington. Decorrente desse estudo, em 1959 instituiu-se um programa coordenado de pesquisa clínica em problemas de inadequação sexual humana. A partir de janeiro de 1964, esses programas continuaram sob os auspícios da Fundação de Pesquisa e Biologia da Reprodução. As pesquisas buscavam compreender as respostas fisiológicas e psicológicas durante a relação sexual, utilizando homens e mulheres voluntários (Fig. 37 e 38).

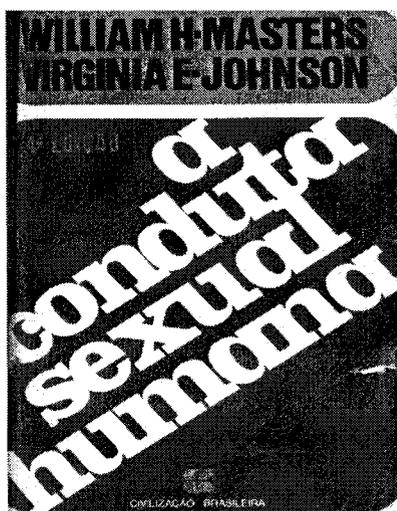


Figura 37: Capa.

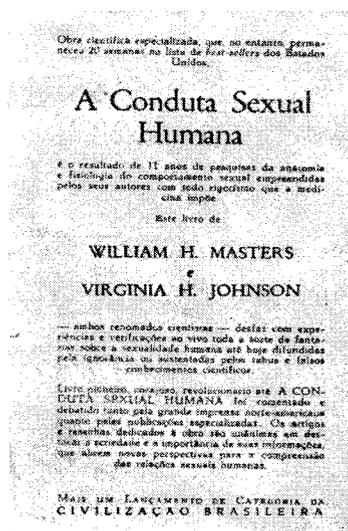


Figura 38: Comentários a respeito da obra.

⁵⁷ MASTERS, William ; JOHNSON, Virginia. **A Conduta Sexual Humana**. 4. ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981, p. 3.

No prefácio da obra é feita a defesa da necessidade da pesquisa em torno da fisiologia sexual, destacando a importância de uma “análise objetiva e científica” para a compreensão da “inadequação sexual humana”, que “é a única e maior causa de destruição da unidade-família e do divórcio neste país (os Estados Unidos)”.⁵⁸

O método do Dr. Masters aparece em **EleEla** em outubro de 1969:

No princípio a fama do Dr. Masters era conhecida apenas por um número limitado de pessoas. Seu nome era pronunciado com um respeito quase religioso, como se fosse o curandeiro de uma tribo clandestina. De repente ele se tornou menção obrigatória nos meios científicos, pois o exame de seu método revelou que verdadeiros milagres eram obtidos na cura de casos dados por perdidos. Este milagre, porém, custa bastante caro: Cada cliente paga 2.500 dólares pelo tratamento. Mas há gente que está disposta a pagar muito mais que isso. (...)

Assim, ao longo do tratamento, os cônjuges vão sendo informados e esclarecidos acerca de tudo o que têm importância nas relações íntimas de um casal. Ficam sabendo (...) que os problemas relativos ao sexo podem ser superados, na esmagadora maioria dos casos, através de uma simples mudança de disposição psicológica. Aprendem que a conversa franca sobre sexo não contraria os mais rígidos princípios da moral e da religião e que a felicidade matrimonial está no lar. E, sobretudo, descobrem que o ato sexual não é o encontro episódico de dois corpos, mas o momento máximo de integração na vida de um homem e de uma mulher que se amam por muitas razões.⁵⁹

Na medida em que Masters e Johnson eram reconhecidos como “sexólogos modernos”, dando novos enfoques ao comportamento sexual dos sujeitos, suas pesquisas científicas eram utilizadas por revistas como indicadoras de cura para os “problemas sexuais do casal” moderno.⁶⁰ Em 1970, a obra **A conduta sexual humana** é utilizada como base em um encarte, em **Pais & Filhos**⁶¹ e, em 1971, na mesma revista, a obra **A**

⁵⁸ *Ibidem*, prefácio.

⁵⁹ **EleEla**, ano 1, outubro de 1969, p. 22.

⁶⁰ AYMORÉ, Vera. As dificuldades sexuais do casal (E seu tratamento) . Encarte. **Pais & Filhos**, ano 3, n. 9, maio 1971.

⁶¹ *Idem*.

incompetência sexual, lançada pela editora Civilização Brasileira, passou a ser citada como um “auxílio” aos “casais sexualmente desajustados”, ao mostrar as pesquisas realizadas por Masters e Johnson com casais americanos, mostrando como eles conseguiram se ver livres das dificuldades sexuais.⁶²

Em **Pais & Filhos**, em 1971, a obra **A conduta sexual humana** foi apresentada, mostrando os mais modernos métodos para solucionar “os problemas sexuais do casal”:

(...) trata-se de um relatório objetivo de investigações acerca da psicologia da sexualidade, até então quase desconhecida. O sistema sexual do homem, da mulher, sua composição e funcionamento, tudo isso é minuciosamente descrito, baseado em experiências nas quais foram utilizadas até mesmo técnicas de telemetria médica semelhantes às que acompanham a distância a saúde dos astronautas. Quando em 1958, armados de suas câmeras e seus elétrodos, os Drs Masters e Johnson se puseram a estudar as reações sexuais do homem e da mulher, eles sabiam perfeitamente qual era o seu objetivo; ir ao auxílio da metade dos casais americanos (e de muitos outros, pelo mundo afora) que sofriam, em diferentes graus, dificuldades sexuais – impotência, ejaculação precoce, impossibilidade de ejaculação intravaginal (no homem); impossibilidade de alcançar o orgasmo e vaginismo (na mulher). Essas dificuldades que segundo estudos recentes constituem a causa de 75% dos divórcios nos EUA.⁶³

O “vaginismo”, anorgasmia – a impossibilidade de alcançar orgasmo (na mulher) – e impotência, ejaculação precoce, impossibilidade de ejaculação intravaginal (no homem)– eram apontados como “dificuldades sexuais” responsabilizadas pelas crises conjugais. Também merece destaque o método utilizado pela pesquisadores para “ir ao auxílio da metade dos casais americanos”, a utilização de câmeras e elétrodos que filmavam e mediam as reações fisiológicas dos voluntários aleatoriamente envolvidos sexualmente. As relações sexuais perderam suas características subjetivas e reforçavam-se a importância do prazer funcional e o fortalecimento do orgasmo como

⁶² **Pais & Filhos**, ano 3, n. 9, maio 1971.

⁶³ **Pais & Filhos**, ano 4, n. 3, nov. 1971.

indicativo de que o organismo está funcionando bem. O “elemento íntimo”, os sentimentos, foram descartados ao serem inapreensíveis deste modo.⁶⁴ Os problemas sexuais aparecem acompanhados de informações sobre as melhores posições e técnicas, apontadas como capazes de solucionar os desajustes sexuais do casal.

Para que o casal apreendessem esses novos conhecimentos sexuais sem preconceitos ou medos, a “terapia de casal” foi apontada como uma possível solução para a “endemia de separações”. Insistia-se que: um “casamento em crise pode ser salvo por um triângulo – os dois parceiros e o psicoterapeuta”.⁶⁵ Os problemas sexuais tinham solução, mas nem sempre o casal tinha conhecimento da “existência da cura”. Em 1978 em *Nova* se destacava que:

Uma nova categoria de clínica médica acabou nascendo a dos terapeutas sexuais encarregados de acertar os ponteiros do sexo entre casais. Parece que todos ficaram muito exigentes, insatisfeitos, até ressentidos, não conseguindo mais se desejarem na mesma hora, ao mesmo tempo. “Quando eu não quero ele quer” parece ser a máxima destes nossos tempos.⁶⁶

Para resolver os problemas do casal, o método desenvolvido por Masters e Johnson baseava-se no diálogo constante entre os parceiros e o aprendizado de técnicas sexuais que agradassem a ambos. No entanto, lendo **O vínculo do prazer**, observamos como as revistas se utilizavam dos argumentos desses autores, mas como os recortes que os articulistas fizeram na leitura da obra davam maior destaque ao papel que a mulher tinha no casamento. Na obra, o homem também era questionado e avaliado como a mulher. No método terapêutico criado por eles, os problemas sexuais de um casal tinham cura e deveriam ser buscado por ambos, através do diálogo e da mudança também nas posturas masculinas. Através das pesquisas que realizaram vai se admitindo que homens e mulheres têm as mesmas necessidades sexuais e uma nova sexualidade feminina vai

⁶⁴ Guillebaud ao analisar o **Relatório Kinsey** como pioneiro desse tipo de estudo, aponta as apreensões de George Bataille “que todas aquelas curvas, gráficos e estatísticas não são capazes de apreender “o elemento irreduzível da atividade sexual”, este “elemento íntimo” que como ele diz, “permanece inapreensível, escapando aos olhares exteriorizados, que buscam a frequência, a modalidade, a profissão e a classificação”. Ver: Georges Bataille. *L’Érotisme. Oeuvres Complètes*. T. X, 1987. Apud GUILLEBAUD, J. C., op. cit., p. 142.

⁶⁵ *Pais & Filhos*, ano 9, n. 5, jan. 1977.

⁶⁶ *Nova*, n. 58, jul. 1978, p. 16.

sendo visibilizada. A mudança almejada depende, de acordo com estes estudos, ainda da vontade do homem para satisfazer seus desejos, na medida em que ele se disponha a mudar suas atitudes⁶⁷ sexuais, constituindo-se num aliado, numa espécie de “novo homem”.

Nestes tempos de transição, em que a sociedade vai, lenta mas inevitavelmente, adquirindo conhecimentos para considerar a sexualidade feminina da mesma forma com que considerou a masculina, o desejo de mudança da mulher ainda só pode ser satisfeito por aqueles homens que sejam capazes de alterar as suas atitudes e queiram fazê-lo.⁶⁸

A preocupação de Masters e Johnson era “focalizar as relações privadas, num esforço para determinar algumas das maneiras pelas quais o movimento de igualdade de direitos afetou os vínculos íntimos homem-mulher”.⁶⁹ Por isso dedicam atenção peculiar ao feminismo por entenderem-no como movimento que questiona e ataca o casamento como instituição que oprime a mulher. Preocupados com o “feminismo” e seus ataques ao casamento, argumentavam:

Enquanto o feminismo, hoje, marcha para a frente com todo fervor de uma nova moda, por quanto tempo continuarão as mulheres a seguir o princípio da igualdade sexual se isso não as levar à realização emocional na sua esfera privada? E a satisfação para a maioria das mulheres exige relações duradouras com o homem.

As militantes que advogam a libertação das mulheres podem deplorar tal fato, mas é um fato que se mantém. O casamento é atualmente, mais popular do que em qualquer outra época da história dos Estados Unidos. (...)

Considerando tudo isso, temos amplas provas persuasivas de que os vínculos homem – mulher ainda desempenham um papel crucial na vida das pessoas de ambos os sexos – e parece que continuarão a ter importância no futuro.

Se algumas líderes do movimento das mulheres cometem o erro estratégico de atacar o casamento como parte de um plano masculino para manter as

⁶⁷ MASTERS, Willian H.; JOHNSON, Virginia. *O vínculo do prazer*. op. cit..

⁶⁸ *Ibidem.*, p. 84.

⁶⁹ *Idem.*

mulheres sob o seu domínio, por certo é devido a não estarem em contato com muitas outras mulheres.⁷⁰

Ao lado de alguns artigos das revistas, os estudos de Masters e Johnson, na medida em que defendem uma satisfação para a maioria das mulheres, ancorada apenas nas relações duradouras e monogâmicas com os homens, reafirmam também uma visão preconceituosa do feminismo. Entendiam o feminismo como uma moda e questionavam-no como movimento que busca o princípio da igualdade sexual. Em defesa do casamento e confrontando as líderes feministas, eles argumentavam que “o casamento era mais popular que em qualquer outra época da história dos Estados Unidos”.⁷¹

A ansiedade em relação aos questionamentos e aos problemas que afloraram, além da porta da frente dos lares americanos, no espaço público através do movimento feminista, estavam presentes nas argumentações de Masters e Johnson. Um terreno fértil para o desenvolvimento de considerável número de estudos teóricos desenvolvidos por pesquisadoras (es), que mostraram a relevância das questões trazidas pelas feministas, cuja coerência foi capaz de convencer e aumentar o número de simpatizantes e militantes.

Gostaríamos de marcar por conseguinte o entendimento simplista que eles tinham a respeito daquilo que qualificavam como erro estratégico do feminismo, em que as feministas atacavam o casamento como sendo decorrente de “não estarem em contato com muitas outras mulheres”. Entendemos que, ao questionar as bases das relações com os homens, as feministas não estavam, exceto alguns discursos mais “radicais”, desconsiderando a importância dos homens nas vidas das mulheres. O movimento feminista estava problematizando as hierarquias e as submissões que caracterizavam esses relacionamentos. É de perguntar se numerosas manifestações, precedidas de outras menores, como aquelas que ocorreram nos anos 1970, contando com milhares de mulheres, não demonstram um contato, um intercâmbio de experiências entre mulheres americanas que não eram aquelas com as quais Masters e Johnson se relacionavam, mas com outras que tinham outras preocupações e experiências.

⁷⁰ Ibidem, p. 85.

⁷¹ Idem.

Ainda que esses pesquisadores entendam que pensar o casamento como um plano de dominação masculina seja entendido como um equívoco das feministas, o que estava em questão era a divisão de tarefas e papéis determinada pela instituição do casamento para homens e mulheres. A administração do lar, os afazeres domésticos, os cuidados com os filhos como atividades exclusivas das mulheres, passaram a ser questionados por mulheres com atividades profissionais no espaço público, que assumiram em seus lares, por exemplo, a carga da dupla jornada de trabalho.

Vale enfatizar, ainda, que, apesar desses questionamentos do movimento feminista em relação a um suposto ataque ao casamento, Masters e Johnson defendiam, ironicamente, a “emancipação feminina”. Entendemos que a defesa da emancipação feminina, como formularam, prestava-se ainda mais a fortalecer o papel de dominação masculina. Primeiro porque consideravam as amarras do casamento e do lar como uma cela que fora “historicamente própria para as mulheres.”⁷² Como explicar, de acordo com estas referências de Masters e Johnson, o grande número de famílias monoparentais que as pesquisas históricas vêm destacando nas últimas décadas, em que os chefes das famílias eram mulheres sozinhas. Segundo quem entende que a cela do casamento é “confortavelmente acolchoada com privilégios”,⁷³ está longe de perceber o que foi ou é o casamento para algumas mulheres de classe média que casaram para fugir de problemas maiores enfrentados na casa dos pais, que vão desde a privação material, passando pela violência física e chegando ao assédio sexual na maioria das vezes consumados ou para aquelas mulheres das classes populares que lutavam pela sobrevivência tanto quanto os homens. Quando as mulheres se casam, mesmos amando seus maridos, “o príncipe encantado” pode virar “sapo”, ao surgirem problemas como alcoolismo, violência física e psicológica e assédio moral. Algumas dessas mulheres ficavam sem coragem para recuar, diante da falta de apoio, ficavam sem ter para onde correr, suportavam um casamento de aparência por que não viam diante de si outras possibilidades de viver, aceitando as representações sociais de que as mulheres deveriam ter um único homem em suas vidas – aquele com o qual perderam a “virgindade”.

⁷² Ibidem, p. 87.

⁷³ Idem.

O movimento e os estudos feministas contribuíram para o repensar da vida de várias mulheres, ontem e hoje, ao problematizarem as relações entre homens e mulheres, suas condições de vida e os sofrimentos eternizados pelas imposições sociais que imprimiam a eternidade do casamento.

O reducionismo das idéias do feminismo por Masters e Johnson era acompanhado pela compreensão de que, diante das mudanças no século XX, as relações mulher-homem deveriam constituir-se em novos termos, sobretudo sexuais. Sobre o sexo, os discursos desses pesquisadores caminhavam no sentido de destacar como os efeitos dessa emancipação poderiam contribuir para relações sexuais que assegurassem a perenidade do casamento.

Questionavam o entendimento do sexo como sendo “qualquer coisa que um homem fazia a uma mulher”,⁷⁴ que servia ao homem para abrandar a tensão física e que assim poderia se dedicar ao sustento da família. Para as mulheres, a existência dessa prática garantiria a vinda de filhos como uma justificativa de sua existência. Assim, de acordo com esses autores, cada um cumpria eficientemente seu papel já que nada em demasia era exigido ao outro; nem prazer sexual. O lar era apresentado como o reino masculino, onde cada um cumpria seu papel sem esboçar a menor reação, sem tensões e contradições. As relações sexuais apareciam como necessidade imposta pela função social e pela idéia de que os casais em outras épocas eram reprimidos sexualmente.⁷⁵

Sob estas circunstâncias muitos maridos podiam atuar de modo adequado porque nada lhes era exigido além de um breve ato sexual. Eles mesmos eram levados a esperar pouco prazer do sexo marital; as mulheres absolutamente nenhum.⁷⁶

⁷⁴ Ibidem, p. 87.

⁷⁵ Sobre essa afirmativa cabe ressaltar que, no final década de 1980, Peter Gay historiciza em seu estudo que os escritos de Freud foram produzidos em uma época de intensas práticas, por isso a sublimação da libido para a cura pode ser compreendida como central na doutrina freudiana. De acordo com esse autor, as imagens de esposa burguesa “que descarrega em seus filhos todo o seu afeto e que nega ao marido qualquer calor sexual é antes de mais nada um mito, uma ‘exceção patológica’, apesar de certamente não incomum. Este mito somente pode ter surgido porque o abismo que separava o comportamento em público dos sentimentos pessoais era muito largo e o melindre e o decoro negava ao erotismo quase todos os meios de expressar-se”. GAY, Peter. **A experiência da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p 105-110.

⁷⁶ MASTERS, Willian H. ; JOHNSON, Virginia. **O vínculo do prazer**, op. cit., p.87.

Convencidos de que assim eram as relações matrimoniais no passado, de forma simplista desconsideravam outras formas de relações em situações culturais e políticas diferenciadas, a emancipação proposta por eles baseava-se na iniciativa conjunta, uma união “completamente compartilhada”. A importância do encontro sexual para a manutenção do casamento moderno foi demonstrada por depoimentos de casais que se dispuseram a falar de suas experiências de vida.

No conjunto de entrevistas feitas, algumas “licções” eram oferecidas para o público leitor, onde o caráter educativo chamou mais a atenção quando se tratava da prática de “sexo em grupo”. No capítulo VII, perguntava-se: “Sexo em grupo” há um preço a pagar?”. Esse capítulo relatava um simpósio realizado em Chigago em 1971, que “reuniu um grupo tanto de homens como de mulheres cujas vidas não eram governadas por um código de comportamento sexual que pode ser melhor descrito”, segundo os autores, como “permissivo”.⁷⁷ Eles compartilhavam algumas convicções básicas:

Uma era de que as relações sexuais, como as relações verbais, não deviam de forma alguma ser limitadas pelo fato de um casal ser casado ou viver apenas junto. Segundo: todas as relações sexuais deviam ser conhecidas; o segredo, a decepção, habitualmente associados com a infidelidade são inaceitáveis. Terceiro: o prazer sexual deve ser aproveitado quando, como e onde quer que seja encontrado – como parte de um jogo em que qualquer número de pessoas pode entrar. Para ser mais claro, estes indivíduos faziam sexo em grupo.⁷⁸

Através dos depoimentos, durante os quais Masters e Virginia Johnson faziam perguntas e comentários, acompanhamos as concepções “morais” e “científicas” dos autores sobre a prática do sexo grupal.

Muitos dos casais que entram em grupos sexuais fazem-no porque julgam que a presença de muita gente é excitante. Não é raro, para os casais, desejar uma forma de estímulo erótico adicional. Em si mesmo, não há nada de errado nisso, pelo contrário, o que quer que seja aceitável mutuamente para um casal – ler livros, ver filmes ou qualquer coisa assim –, que resulte excitá-los

⁷⁷ Ibidem, p.143.

⁷⁸ Idem.

para a comunhão sexual, torna-se valioso, preenche uma função útil. Mesmo assim dois pontos devem ser destacados. Primeiro, se tais meios imaginados devem ser utilizados freqüentemente ou consistentemente, isso indica que há um problema nas relações íntimas do casal e apresenta, por fim, sinal de mau funcionamento sexual. Segundo a necessidade de recorrer a métodos essencialmente artificiais de excitação evidencia que um dos companheiros ou ambos são incapazes ou se negam a melhorar a qualidade das suas relações emocionais, e isso também pode indicar que não conseguiram encontrar a forma de, puramente, elevar o prazer sexual através dos esforços que cada um possa fazer para agradar ao outro.⁷⁹

O sexo grupal poderia ser uma opção, entretanto, para Masters e Johnson, sua escolha indicava problemas no relacionamento. Diante da presença da prática do sexo grupal, inadmissível em outros momentos, Masters e Johnson enfatizavam a importância de vínculos emocionais para a constituição de relações duradouras. A ligação emocional era destacada enfatizando-se ao concluir que os indivíduos que participavam destas práticas com o tempo “limitavam” suas trocas sexuais a um número cada vez menor até descobrir “que são mais felizes com apenas um companheiro”.⁸⁰ Dessa forma, essas considerações devolveram ao ato sexual nos estudos de Masters e Johnson, a importância da relação íntima e emocional entre os parceiros que deve ultrapassar o corpo físico. Nesse caso os sexólogos não se preocuparam apenas com as descrições pormenorizadas das reações físicas e científicas, mas com a preservação da sexualidade conjugal.

As revistas reforçaram a imagem de estudos da fisiologia, dando destaque apenas a alguns dos temas pesquisados por Masters e Johnson. A questão que queremos pontuar é que outras temáticas que estavam à disposição dos leitores nos livros não foram publicizadas nos artigos das revistas.

Por exemplo, na obra **A conduta sexual humana**, no capítulo sobre a resposta sexual feminina, tratando-se da estimulação do clitóris, enfatiza-se que: “Apenas as posições femininas superior e lateral permitem que, durante o coito, se realizem, com facilidade, estimulação direta ou primária do clitóris. Nessas posições, o clitóris pode ser

⁷⁹ Ibidem, p. 170.

⁸⁰ Ibidem, p. 174.

estimulado diretamente, caso seja mantida a posição entre a sínfise masculina e feminina.”⁸¹ A respeito da posição do homem sobre a mulher, conceituada como “supina usual”, comentam:

(...) a falibilidade clínica dessas sugestões é agora evidente. A menos que o companheiro faça um esforço específico para colocar a haste do pênis em oposição direta à área total do monte de Vênus, o clitóris não será estimulado diretamente pelo roçamento do pênis com a mulher na posição supina usual. É difícil para o homem manter uma posição por cima, cansativa, à medida em que aumentam as tensões sexuais, particularmente se a mulher não apresentar relaxamento, por parte do canal vaginal. A mulher nulípara nem sempre é capaz de reter o pênis em posição pélvica por cima, sem queixar-se de desconforto vaginal ou retal.

Outra objeção à posição masculina por cima é que ela impede a penetração vaginal completa no ápice do roçamento do pênis. Assim, a estimulação mútua que deriva da sensação de mergulho vaginal, para o homem, e de distensão sem saída para a mulher, é em parte perdida pelos dois parceiros sexuais. A intensidade da resposta pode ser prejudicada se a mulher tentar, desastradamente, colocar a glândula clitoriana em contato direto com o pênis”.⁸²

Sobre a manipulação do clitóris, evidenciavam que:

Conforme foi dito anteriormente, não há duas mulheres que pratiquem a automanipulação de forma semelhante. Em vez de seguir qualquer plano preconcebido de estímulo de sua companheira, o homem será infinitamente mais eficaz se encorajar a vocalização por parte dela. A mulher conhece melhor que ninguém as áreas de seus focos sensuais mais fortes e a rapidez e intensidade da técnica manipuladora que lhe dá o mais alto grau de estimulação sexual.⁸³

Esses fragmentos mostram análises que estavam presentes na obra, mas que não apareceram nas revistas, como observamos nos artigos lidos. Nesse caso, estamos nos referindo ao fato das revistas não terem debatido o “controle masculino” do ato sexual,

⁸¹ MASTERS, William H. ; JOHNSON, V. , op. cit., p 69.

⁸² Ibidem, p.70.

⁸³ Ibidem, p.76.

ao expressar veladamente a possibilidade de modificações nas posições sexuais. Embora, como já vimos, fossem evidenciadas a quebra de todos os tabus da relação sexual, não eram especificadas as mudanças nas atitudes do homem. Em nenhum dos artigos a posição da mulher “sobre o homem” abrindo espaço para a iniciativa feminina e para o controle do ato sexual pelas mulheres foi apresentada.⁸⁴ Dessa forma, as revistas expressavam imagens que destacavam uma sexualidade marcada pelo domínio do ato sexual pelos homens – o sujeito do desejo apresentado era masculino.

Nas revistas a mitológica Lilith, que de acordo com Roberto Sicuteri, foi a primeira mulher de Adão, antes de Eva, e “que não é pedaço do homem, não nasceu de sua costela, foi criação independente de Deus presente no imaginário simbólico do Ocidente há milênios”, e que ao “fazer algo” que Adão não permitia, foi relegada à convivência com os demônios.⁸⁵ O demoníaco que existia em Lilith é codificado na pergunta: “Por que devo sempre deitar-me embaixo de ti? Também eu fui feita de pó e por isso sou tua igual”.⁸⁶ No momento em que Adão lhe negou esse desejo, Lilith “não responde com obediência, mas com recusa: Eu não quero ter mais nada a ver com meu marido”. Quando Jeová-Deus insiste para que ela obedeça à supremacia de Adão, ela foge para o Mar Vermelho e para as charnecas desertas do Mar Árabe, “onde a tradição popular hebraica diz que as águas chamam, atraindo com um ímã, todos os demônios e espíritos malvados”.⁸⁷ “O mito de Lilith pertence à grande tradição dos testemunhos orais” que, conforme Roberto Sicuteri, foi perdida ou removida durante a transposição da versão jeovística para aquela sacerdotal, que logo após sofre as modificações dos Pais da Igreja.”⁸⁸ Nos anos 1970 e 1980 é recuperado pelo movimento feminista, como um exemplo de mulher com iniciativa na relação sexual e na vida, contrapondo-se à imagem submissa de Eva. No **Relatório Hite**, alguns dogmas e desafios foram lançados que mostram uma mulher mais próxima de Lilith, como uma

⁸⁴ Sobre esse medo de “o homem acabar por baixo”, Peter Gay mostra que no século XIX a “insistência de que o homem permanecesse por cima”, estava presente até mesmo nos livros que valorizavam a sexualidade. Para esse autor, “o moralismo relativo as posições do coito expressava outras preocupações” em relação aos outros risco de tais mudanças. GAY, Peter, op. cit., p. 119.

⁸⁵ SICUTERI, Roberto. **Lilith: A lua negra**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.

⁸⁶ Ibidem, p. 37.

⁸⁷ Ibidem, p. 39.

⁸⁸ Ibidem, p. 23.

representação de mulheres que lutam para ultrapassar dogmas e enfrentavam desafios (Fig.39)

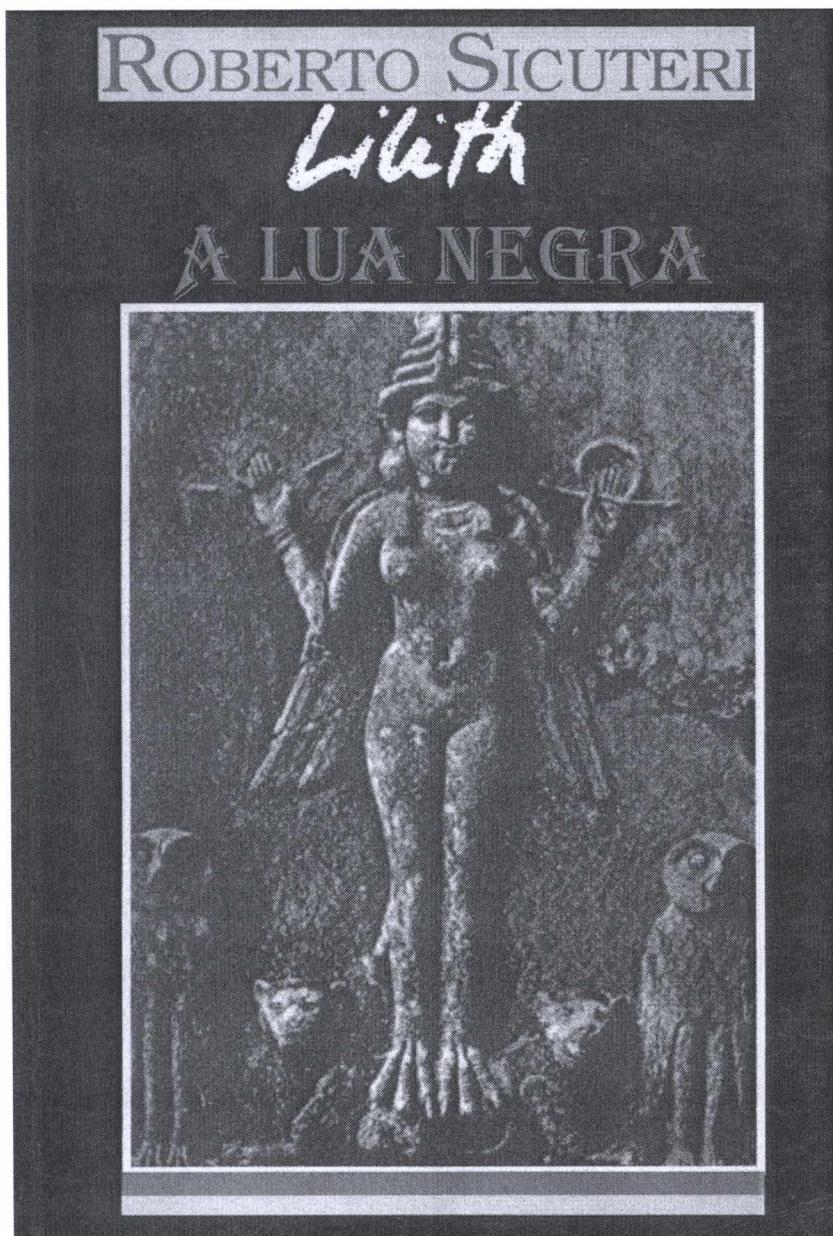


Figura 39: Lilith, a deusa da morte. Relevo em terracota, arte suméria, 2000 a. C. Apud SICUTERI, Roberto. *Lilith: a lua negra*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

3.3. O Relatório Hite: a valorização da autonomia sexual das mulheres

Observamos que apenas no final da década de 1970, foi a visibilidade dada a algumas mudanças necessárias na vida sexual por parte dos homens, para que as mulheres alcançassem o prazer, mereceram destaque nas revistas. Os dados do **Relatório Kinsey** em torno dos homens não aparecem nas revistas, mas os dados de um outro relatório, contendo a resposta de 3.019 mulheres americanas, provocaram polêmica, e colocaram em questão as práticas sexuais masculinas, ao informar que “a maioria das mulheres não atingia o orgasmo” (Fig. 40).⁸⁹



Figura 40: Capa do Relatório Hite.

⁸⁹ HITE, Shere. **O Relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina**. 10 ed. São Paulo: DIFEL, 1980, 487p.

Em 1977, na revista **Pais & Filhos**, em um encarte fechado sobre “O que a mulher moderna quer do sexo”, eram apresentados os resultados do **Relatório Hite**:

Um relatório, contendo as respostas de 3019 mulheres sobre a maneira como vivem suas experiências sexuais, foi recentemente publicado nos Estados Unidos. Trata-se do Relatório Hite, um livro já famoso e em sua terceira edição, preparado a partir de 100 mil questionários que a ex- modelo e atual feminista Shere Hite enviou a mulheres das mais diversas idades e profissões. Entre muitas revelações uma foi particularmente desconcertante: na relação sexual a maioria das mulheres não atinge o orgasmo.”⁹⁰

O **Relatório Hite** foi uma fonte de inspiração dos articulistas e redatores das revistas que pesquisamos, publicado nos Estados Unidos, em 1976, com depoimentos de mulheres americanas que mostravam a sua insatisfação em torno de seus parceiros. Seus resultados chegaram aos leitores brasileiros e suscitaram indagações inéditas nas revistas sobre o prazer feminino e a igualdade de direitos sexuais entre homens e mulheres. O destaque dado nas revistas ao prazer clitoriano, à estimulação manual do clitóris e à inclusão do clitóris nas orientações para os homens, para que a mulher atingisse o prazer, referencia a publicação do “famoso” Relatório.⁹¹

No Brasil o **Relatório Hite** esteve proibido até 1978 pela ação da censura durante o período militar.⁹² Os motivos de sua proibição e posteriormente sua liberação, com a inclusão de uma tarja comunicando “venda proibida para menores de 18 anos”, são expressos pelos conteúdos dos inúmeros fragmentos escolhidos por Shere Hite,⁹³ dos questionários respondidos, em 1974 e 1975, pelas mulheres americanas que apresentavam relatos minuciosos de suas “práticas sexuais”.

⁹⁰ **Pais & Filhos**, ano 9, n. 8, abr.1977.

⁹¹ MONTANA, Débora. Os segredos para você se tornar um amante inesquecível revelados por uma mulher. **Playboy**, ano 4, n. 49, ago., p.29.

⁹² Acerca da censura sobre as revistas e obras que tratavam da sexualidade durante a ditadura ver o segundo capítulo dessa Tese.

⁹³ Shere Hite fez doutorado no Departamento de História da Universidade de Columbia. Cabe ressaltar que em 1981 foi lançado nos Estados o **Relatório Hite sobre a sexualidade masculina**. Embora tenhamos realizado sua leitura, optamos por não fazer maiores referências neste estudo, por não ter sido publicado ou citado nas revistas conforme o recorte temporal definido para nossa pesquisa. No Brasil temos a primeira publicação em 1981. Citação completa: HITE, Shere. **Relatório Hite sobre a sexualidade Masculina**. São Paulo: DIFEL, 1981, 1268 p.

Os depoimentos, escolhidos por Hite, destacavam a “insatisfação sexual” das mulheres no “intercurso sexual” e o aprendizado da mulher sobre seu corpo e sua sexualidade. A penetração masculina é desconsiderada como essencial para o prazer feminino, destacando-se que apenas 30% das mulheres gozavam durante a relação sexual, sem necessitar de estimulação manual clitorial para o orgasmo. Shere Hite enfatizava: “Com outras palavras a maioria das mulheres não gozam regularmente como decorrência do coito”.⁹⁴ Tais considerações objetivavam questionar a forma como se definia as relações sexuais entre homens e mulheres, de maneira que não mais refletissem “estereótipos culturais opressivos e ultrapassados”. A necessidade de modificar o modelo de relação sexual entre homens e mulheres era a questão central defendida no **Relatório Hite**.

O modelo reprodutivo do sexo garante o orgasmo masculino ao conferir-lhe um momento um lugar padronizado, em que as duas pessoas sabem o que fazer para o homem gozar. A coisa toda é pré-arranjada. Trata-se de um acordo prévio. Mas não há padrões ou arranjos especiais para a mulher gozar a não ser que ela consiga gozar durante a relação. Assim as mulheres são colocadas na posição de pedir algum estímulo *extra*, um algo mais; ou então subliminarmente enviar mensagens a um parceiro que na maioria das vezes nem se toca que devia prestar atenção. Se a mulher consegue esse algo mais, sente-se agradecida por ele ter sido extraordinariamente “sensível”. E quase sempre as mulheres simplesmente ficam sem orgasmo— ou simulam ⁹⁵ (destacado no original).

Os sentimentos e as impressões das mulheres que não tinham “orgasmo” foram apresentados para registrar o peso que o “medo” de ser “frígida” assumiu na vida dessas mulheres a partir do destaque dado ao “prazer orgasmático” pela “revolução sexual”. Apreensões como “eu me sinto julgada e me julgo quando não tenho orgasmo” são acompanhadas de outras que desejavam “fazer sexo sem orgasmos”.⁹⁶ Essas insatisfações femininas não são naturalizadas, mas explicadas pela carga cultural que as impedem de serem mais ativas nas relações sexuais. Os discursos caminhavam no

⁹⁴ HITE, Shere. Relatório sobre a sexualidade feminina, op. cit., p. 149.

⁹⁵ Ibidem, p.281.

⁹⁶ Ibidem, p.62-63.

sentido de desconstruir a “glorificação do impulso sexual como masculino”, que “definem o ‘homem normal’ como alguém faminto pelo ato sexual” e da mulher como passiva e receptiva”.⁹⁷ Nesse sentido, ela questiona, ainda, a ciência que leva a crer que a maior iniciativa masculina é produto dos hormônios do homem, que chegam até a provocar “dores” quando os homens não são satisfeitos. Essas “dores” seriam debeladas pelo orgasmo por aliviarem as tensões musculares – mas não por qualquer pressão acumulada nos seus testículos”.⁹⁸ O que Shere Hite queria enfatizar era que não havia nenhum motivo físico que obrigasse a mulher a aceitar a relação sexual como “obrigatória” para o homem – as mulheres poderiam dizer “não” às exigências sexuais masculinas.

O trabalho de Hite trouxe à discussão o direito das mulheres em dizer “não”, questionando o entendimento de que a “revolução sexual” significava para elas mulheres fazer sexo pela obrigação de mostrarem-se livres. De acordo com Hite, ser livre era poder conversar com igualdade sem medo de assumir suas opiniões.

E para que a falta de disposição para o sexo não fosse apontada como um sinal de “disfunção sexual”, uma das preocupações do Relatório era a desconstrução do “mito” da frigidez feminina. O orgasmo continuava sendo considerado como importante para a saúde sexual das mulheres, todavia as mulheres alcançavam o prazer de formas diferentes daquelas apontadas como importantes para os homens, que se caracterizavam pelo papel central da penetração vaginal e ejaculação.

O auto-erotismo feminino, já destacado por Kinsey, é reforçado em capítulos específicos sobre a “Masturbação” e o “Estímulo clitoral”. Hite argumenta que a satisfação da mulher é uma necessidade para evitar as “conseqüências piores” da falta do orgasmo. Além dos males físicos, segundo Hite, já citados por Masters e Johnson, “que descreveram mulheres que não conseguem ter orgasmos como irritáveis, emocionalmente perturbadas, e queixando-se de inchaço pélvica, pressão, câimbra, dor local”; as piores conseqüências da falta do orgasmo na mulher são psicológicas”.⁹⁹

Consideramos que esta seja a diferença básica entre o **Relatório Hite** e o **Relatório Kinsey** e as obras de Masters e Johnson. Hite tem por objetivo destacar o

⁹⁷ Ibidem, p. 352.

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Ibidem, p.221.

significado psicológico para as mulheres do modelo de relação sexual reprodutiva, reforçando a idéia de que as construções culturais é que interferem na vivência sexual. Essas são as transformações mais importantes e necessárias ao equilíbrio físico e psicológico dos indivíduos. Kinsey tinha por objetivo mostrar os tipos de comportamento sexual humano e a incidência e a freqüência de determinadas práticas sexuais. Masters e Johnson objetivavam estudar a fisiologia sexual no sentido de identificar as principais características das reações sexuais orgânicas e definir quais seriam os principais problemas e seus tratamento.

Vale informar, ainda, que Hite utiliza freqüentemente as informações de Kinsey e Masters e Johnson, em vários momentos do Relatório, para ampliar ou confirmar seus pontos de vista ou para questionar a validade de alguns dos argumentos propostos pelos estudos que realizaram. Uma das principais divergências apontadas por Hite relaciona-se à obrigatoriedade do orgasmo durante o coito. A autora reconhece que “Kinsey e seus associados afirmaram a importância do clitóris na sexualidade feminina”, mas não deixaram claro que as mulheres em sua maioria não têm orgasmo durante a penetração.¹⁰⁰

Em relação a Masters e Johnson, de acordo com Hite, “a descoberta crucial de sua obra é a de que só há um tipo de orgasmo; de que os orgasmos durante o coito são provocados pelo estímulo clitoral indireto e não pelo estímulo vaginal”.¹⁰¹ Mas abordaram o orgasmo no coito como primordial, tratando as mulheres com o objetivo de fazê-las ter orgasmo durante o coito, contribuindo para o rótulo de que a ausência do orgasmo durante a penetração é uma “inadequação orgásmica no coito”.¹⁰²

Shere Hite considera que a “publicidade” exacerbada que foi dada “à afirmação de Masters e Johnson, de que o clitóris é estimulado indiretamente durante os movimentos do pênis”, foi responsável pela impressão de muitas mulheres de “que não ter orgasmo durante o coito é ser ‘doente’ e ‘anormal’– ter uma disfunção” e que se deve esperar o orgasmo durante o coito como parte do curso “normal” e automático das

¹⁰⁰ HITE, Shere. op. cit, p. 151-152.

¹⁰¹ Ibidem., p. 153.

¹⁰² Idem.

coisas”.¹⁰³ Para Hite “há duas razões para as mulheres não gozarem” durante a relação sexual:

(...) as informações falsas de que o movimento do pênis na vagina provocará o orgasmo, e a intimidação contra a exploração e o carinho do próprio corpo-diz-se que a masturbação é ruim e que não devem proceder “agressivamente” durante o sexo com os homens, elas não controlam sua própria estimulação.¹⁰⁴

Neste contexto é que os argumentos em torno da desvalorização do prazer vaginal e do fortalecimento do prazer clitoriano foram tão intensos na escolha dos depoimentos que, em alguns momentos, mesmo com Shere Hite afirmando que esse “estímulo absolutamente não implica a falta de sentimento pelo homem, tem-se a impressão de que a autora sugere que as mulheres não precisariam mais dos homens para nada, ao estimular o “faça você mesma” ou ao apresentar as respostas da “maioria esmagadora” sobre “como a maioria dos homens teve relações sexuais com você?” Na introdução do capítulo, Hite argumenta:

O sexo praticado por prazer ou por exploração em geral segue o modelo reprodutivo (...): “carícias” seguidas da “penetração” e coito (movimentos do pênis), seguido do orgasmo (sobretudo orgasmo masculino) que é considerado o “fim” da relação.¹⁰⁵

A autonomia sexual das mulheres seria assim construída, caso os homens não compreendessem o significado do prazer clitoriano, isto é, deveriam dar conta por si mesmas do seu prazer. Pensamos que esse é um dos objetivos, pois são apresentadas as descrições de “como se masturbar” no tópico sobre os “Tipos de masturbação”. Perguntava-se no questionário: Você gosta de se masturbar?¹⁰⁶ Os depoimentos são sobretudo instigantes pela visibilidade minuciosa e detalhista da forma como se dava entre as diferentes depoentes a masturbação. Os depoimentos nos questionários foram

¹⁰³ Ibidem, p. 153; p. 186.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 218.

¹⁰⁵ Ibidem, p.221.

¹⁰⁶ Ibidem, p.6.

examinados e divididos em três tipos.¹⁰⁷ O primeiro é o manual/clitoral, deitada de barriga para cima. O tipo dois é deitar de barriga para baixo e manipular o clitóris com as mãos ou o vibrador. O último tipo “se caracteriza por movimentos que pressionam o corpo contra um travesseiro ou outro objeto macio”.¹⁰⁸

O objetivo de Hite era marcar que tal “como as características sexuais são, em grande parte, determinadas pela nossa cultura e educação, assim também a cultura determinou as nossas idéias a respeito do que a sexualidade deveria ser a respeito do que o próprio ‘sexo’ vem a ser”.¹⁰⁹ “O sexo e todas as relações físicas são coisas criadas por nós; são formas culturais e não biológicas”.¹¹⁰ A liberdade sexual feminina representaria uma maior autonomia e emancipação da mulher em relação ao homem. O direito ao prazer deveria ser acompanhado do aprendizado de sua própria vontade de ter prazer. A questão central que perpassa todo o **Relatório Hite** era:

O que sente uma mulher que assiste ao gozo do seu homem, inabalável na certeza dos seus direitos, toda santa vez? Trata-se de uma perfeita lição de que ela é antes de mais nada, inferior, oprimida e sempre menos alguma coisa.¹¹¹

A proposta de Hite era que as mulheres controlassem sua própria excitação, tivessem o controle sobre seus próprios corpos e orgasmos, o que representaria um passo importante “em direção à liberdade”.¹¹² A valorização da autonomia sexual feminina, passava, conforme Hite, pela mudança nos padrões das relações sexuais com os outros. As mulheres deveriam utilizar o conhecimento de como ter orgasmo na masturbação, “ao fazer sexo com os homens”.¹¹³ Os homens controlavam seus orgasmos e as mulheres esperavam pacientemente que lhe dessem o prazer. O **Relatório Hite** pode ser visto como um manifesto à iniciativa feminina no sentido de estimular as mulheres a deixarem de lado o embaraço de dizer e fazer o que querem para ter prazer. Perguntava-se: “Por

¹⁰⁷ Nesse momento, na obra apresenta-se o clitóris como um termo que “recentemente entrou para o uso popular, particularmente graças aos estudos de Masters & Johnson e as escritoras feministas”. Ibidem, p. 22.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 21-58.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 322

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Ibidem, p. 280.

¹¹² Ibidem, p. 282.

¹¹³ Ibidem, p. 281.

que não podemos nos tocar? Por que não podemos fazer tudo que precisamos para ter um orgasmo?”

Acompanhando todos esses argumentos sobre a importância da sexualidade, discute-se ainda em que medida o sexo é importante “em si e por si, fora de sua significação no conjunto de nossa vida”.¹¹⁴ Destaca-se a pressão sobre as mulheres “para que digam que gostam de sexo”. Shere Hite aponta que algumas mulheres se ressentem do que ela denomina “vulgarização do sexo” através de sua comercialização e divulgação pela mídia. Quase no final da obra, respostas dissonantes são apresentadas para mostrar que algumas mulheres não viam o sexo como “tão importante”.

Nos ensinam que qualquer dorzinha é uma imensa necessidade sexual e que precisamos satisfazê-las ou somos velhas. Estou ficando cheia com a sexualidade: sempre sexo, sexo e sexo! Sexo não é tudo, nem a finalidade da vida. É muito bom, mas não é tudo!¹¹⁵

A opção por trazer ao texto esses fragmentos dos recortes apresentados por Hite, é a de registrar a diversidade de opiniões trazidas pelos conteúdos dos depoimentos apresentados no relatório. Consideramos que, embora seja portador de inúmeras lições e normas, as questões que foram analisadas por Hite, mesmo datadas historicamente nos anos 1970, produzido com base no depoimento de determinados grupos de mulheres americanas, foram lançadas a público, para reflexão, são questões que instigavam a pensar sobre uma cultura sexual que diga respeito a um modo de relacionamento sexual com os homens que considerem às necessidades da sexualidade feminina e o direito de as mulheres vivenciarem a sexualidade da forma como desejarem, solitárias ou com parceiros(as).

No **Relatório Hite** algumas reflexões em torno das mudanças nesse sentido são sutilmente suscitadas, mas não são aprofundadas. Por exemplo, aponta-se que, “ao fixar o orgasmo como o objetivo final mantém-se as relações físicas como fixadas a um processo mecânico”.¹¹⁶ Argumenta-se que o sexo “não precisa ser sempre dirigido para o orgasmo, ou mesmo para uma estimulação genital”.¹¹⁷ Uma outra das mudanças

¹¹⁴ Ibidem, p. 382.

¹¹⁵ Ibidem, p. 372.

¹¹⁶ Ibidem, p. 412.

¹¹⁷ Idem.

necessárias envolve “a valorização das carícias e da proximidade pelo que valem e não só como o prelúdio do intercuro ou do orgasmo”.¹¹⁸

Entendemos que é preciso quebrar este “silêncio” em torno da sexualidade, que utiliza argumentos como o respeito a autonomia dos sujeitos em fazerem suas próprias opções ou pela existência excessiva de uma produção discursiva em torno da sexualidade. Podemos estar sendo pretensiosos, mas através desse estudo gostaríamos de dar visibilidade a questões que não devem ser vistas como mais um conjunto de modelos que querem dizer às mulheres e aos homens o que fazer, mas como possibilidades de pensar e refletir sobre o que nos é dito para fazer.

Acreditamos que os ecos das experiências pessoais e da luta de muitas mulheres pela igualdade de direitos com os homens, incluindo o direito ao prazer sexual, podem ser vistos tanto nas revistas como nos estudos dos séxólogos, que não foram apenas indicadores de comportamentos modernos, que podem ter representado para suas leitoras ou leitores talvez mudanças “revolucionárias”, e não apenas uma submissão aos ditames do mundo normativo. Entendemos que foram quebrados “silêncios”, mesmo que apenas alguns temas tenham sido aprofundados e outros vieram a reboque.

¹¹⁸ Ibidem, p. 427.

Capítulo 4

A “educação sexual” do “casal moderno”

Acompanhamos no decorrer dos demais capítulos que a reestruturação moderna da sexualidade foi problematizada e publicizada no decorrer dos anos 1970. Como já observamos, em meados da década de 1970 percebemos a intensificação, nas revistas, de uma maior preocupação com a “educação sexual” de seus leitores, através da divulgação de “práticas” que poderiam “melhorar a vida sexual do casal” e transformações íntimas que quebrassem a resistência de determinados “tabus”. Até esse momento, os artigos apresentavam os problemas de adequação sexual no casamento e suas possíveis soluções, mas não eram tão freqüentes os assuntos sobre como “alcançar o orgasmo”, “os benefícios da masturbação”, o que é orgasmo, o que é o clitóris ou como “conquistar uma mulher, incluído-se a manipulação clitoriana.

Nas revistas masculinas e femininas, nos anos 1970, acompanhamos a publicização de aspectos da vida íntima por uma esfera publicizada. Até os anos 1960, conforme lemos em Carla Bassanezzi, as revistas femininas **Querida, Cláudia e Jornal das Moças** tratavam o tema sexualidade com muitas reservas, as temáticas que aparecem nos anos 1970 não eram temas vistos nas revistas de 1940 até o final da década de 1960.

No entanto, cabe ressaltar que nesse período houve um aumento no número de publicações de manuais sexuais; alguns eram bastante claros e outros eram “carregados de preconceitos”. As redefinições que eram propostas restringiam-se à preparação das mulheres para casar e ser mãe. As informações que eram dadas deveriam evitar o desconhecimento a respeito das relações sexuais para o fracasso do casamento. Essas preocupações eram demonstradas até por parte de alguns membros da Igreja que defendiam a necessidade de uma educação sexual com “bases morais definidas”, principalmente para as mulheres. O conhecimento que deveria ser dado era

aqueles que possibilitassem às mulheres um melhor desempenho em suas “duas missões”, a manutenção do casamento e a maternidade.¹

Mas, o que nos interessa destacar é que, apesar da existência desses manuais nas revistas que atingiam um público mais amplo, não se encontrava nenhuma referência objetiva à prazer ou a relações sexuais; quando se escrevia sobre esses temas, eles ficavam subtendidos. “Os termos menstruação, fertilidade e relações sexuais, por exemplo, não aparecem”.² Os textos eram sutis, até mesmo sobre as mudanças fisiológicas, como no **Jornal das Moças**, “do fim dos anos 1940 a meados de 1950, conforme nos mostra a propaganda do folheto “Ser quase mulher e ser feliz”, distribuído pelo absorvente Modess:

O livrinho facilita a missão das mães, poupando-lhes o constrangimento que por vezes sentem em elucidar suas filhas sobre estes problemas...³

Um dia sua filha fará “certas perguntas”(…) você terá que explicar-lhe “certos fatos” relacionados e é melhor que ela aprenda em casa do que “ouvir falar” (...) nós lhe oferecemos um livreto escrito de forma discreta e compreensível (...) “naqueles dias”o uso de Modess é indispensável (...).⁴

¹ Margarete Rago aponta que, durante os anos 1920, “antigas leituras do corpo feminino e de suas necessidades” passaram “a ser questionadas em vários países, como Inglaterra e Estados Unidos”. Ela cita que, para alguns historiadores, “esta foi a década que presenciou a “primeira revolução sexual” do século XX”, precedendo a segunda nos anos 1960, “caracterizando-se por uma liberação dos costumes sexuais, mas apenas no que se refere às relações conjugais heterossexuais e não homossexuais”. No Brasil nos anos 1920 e 1930 “cresce uma literatura que discute e questiona a moral sexual”, tanto em sentido misógino como em sentido oposto”, pelos anarquistas e modernistas. Os médicos e juristas desenvolveram argumentos “em favor da educação sexual dos jovens” para a preservação de determinados valores morais como a virgindade e a indissolubilidade do casamento. Ver: Os mistérios do corpo feminino ou as muitas descobertas do “Amor Venéris”. In. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós- Graduados em História**, Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2002, p. 188.

² BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres: as revistas femininas e relações homem–mulher, 1954-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 149.

³ **Jornal das Moças**, 15.07.1948. Apud BASSANEZI, Carla Beozzo, op. cit., p. 150.

⁴ **Jornal das Moças**, 08.04. 1954. Idem.

Pouco se falava sobre sexo explicitamente, mas isso não indica que as “moças” não tinham acesso às informações sobre sexualidade. Segundo Bassanezi, “nas estantes ou gavetas de várias casas, os quadrinhos de Carlos Zéfiro⁵ e revistas pornográficas circulavam entre os rapazes, e “romances proibidos” eram lidos por algumas moças, e certamente em determinados círculos havia troca de informações”.⁶ Consideramos, ainda, que para outras mulheres e homens, o sexo era um aprendizado realizado através das histórias dos mais velhos, dos amigos ou vivenciando suas próprias experiências sexuais. Essa é uma questão relevante, na medida em que no final dos anos 1960 tais experiências foram ampliadas pelas informações sobre as pesquisas médicas ou científicas sobre a sexualidade, anteriormente restritas aos especialistas, que passaram a ser intensamente divulgadas, pelas revistas publicadas no Rio de Janeiro e em São Paulo.⁷ Até o final dos anos 1960, o conhecimento médico assumia certa importância na família apenas quando alguém ficava doente ou no momento do nascimento dos filhos. Para muitas mulheres, somente a proximidade do casamento permitia que elas recebessem algumas noções do que seria uma relação sexual.

De acordo com as evidências, mulheres e homens vieram a se constituir num público consumidor ansioso por conhecimentos que os auxiliassem a compreender as exigências modernas e angústias crescentes que também se produziram no bojo desse movimento. As exigências em torno da capacidade sexual de homens e mulheres foram intensamente disseminadas pelas revistas. Em março de 1970, na revista **EleEla** insistia-se:

⁵ Na edição de junho de 2003 da revista **Super Interessante**, os desenhos de Carlos Zéfiro foram utilizados para ilustrar o artigo sobre “A ciência do sexo”. No artigo é feita uma homenagem a Carlos Zéfiro, cuja verdadeira identidade foi descoberta somente em 1991. Ele era o funcionário público Alcides Caminha. Destaca-se que em “tempos de maior abertura sexual, ele decidiu finalmente ir a público e colher os louros da fama. Alcides Caminha morreu no ano seguinte, vítima de um derrame cerebral. Nos anos 1950, os autores das “revistinhas de sacanagem”, que eram histórias em quadrinhos extremamente explícitas, utilizavam pseudônimos. O mais famoso deles era Carlos Zéfiro.

⁶ BASSANEZI, Carla Beozzo, op. cit., p. 150.

⁷ Não podemos dizer que em outras cidades esse processo tenha ocorrido do mesmo modo, mas podemos afirmar que essas discussões em torno da sexualidade, constituídas nessas cidades, chegaram em outras cidades do Brasil. Para fazer tal afirmação, estamos considerando não somente a distribuição das revistas, mas também a divulgação feita pela televisão, que transformaram essas cidades em pólos irradiadores de comportamentos e modos de vida para muitos lugares do país.

Se antigamente a mulher perguntava-se: “devo entregar-me a ele ou não?” Hoje ela se pergunta: será que terei prazer ou não? A dúvida, muito mais complicada, não diz respeito à sua coragem de entregar-se, mais à sua capacidade sexual.⁸

A mulher era incentivada a pensar cada vez mais na possibilidade de relações eróticas com prazer, a sentir mais paixão e desejo pelo sexo oposto, já não é mais uma questão de entregar-se ou não, mas se está preparada para buscar e atingir o orgasmo, indicado como essencial para o seu equilíbrio psíquico, mental e físico. Tais formulações discursivas conviviam com outras que preparavam a mulher para o casamento informando sobre “o que é preciso para um bom entendimento sexual”.⁹

Além dos artigos, foram elaborados encartes sobre sexualidade, que eram anexados em meio às revistas, tanto por uma ordem da censura como por uma estratégia de venda, ao aguçar a curiosidade dos leitores. Na **Pais & Filhos**, recomendava-se:

Este relatório foi escrito especialmente para adultos. Por essa razão ele vem com as páginas lacradas. Se os pais acham que seu filho ou filha não têm idade ou maturidade suficiente para lê-lo, podem destacá-lo da revista, pois esta não ficará prejudicada.¹⁰

O relatório em questão intitulava-se “Sexo no casamento”. A maioria dos encartes tratava de temas sexuais. Alguns dos títulos apareciam nas chamadas das capas: na **Pais & Filhos** “A mulher fria é doente?” (1969), “Manual do casamento”: Para a mulher (1969), “Suplemento dos futuros casais”(1971), “Sexo, preconceito e tabus” (1977); “Violência sexual, prazer sem amor” (1977), “O despertar sexual da mulher depois dos 30” (1977); em **EleEla**, “Um Moderno manual da vida a dois” (1970),

⁸ **EleEla**, ano 1, ano 2, n.º 17, set. 1970, p.26.

⁹ KARMAN, Graciela. Tudo o que você sempre quis saber sobre sexo. **Cláudia**, ano 18, n. 202, ago. 1977, p. 26.

¹⁰ **Pais & Filhos**, ano 2, n. 5, jan. 1970.

“Virgindade, sexo e família” (1971); em *Nova*, “Amor, sexo e mulher solteira” (1978), “Guia do casal moderno” (1976).¹¹

Em “Suplemento dos futuros casais”, de 1971, o casal poderia “aprender numa série de três artigos editados pela American Medical Associations dos E.U.A, como a vida se faz. E em seguida as várias maneiras de torná-la mais tranqüila, harmoniosa e feliz, nesta nova família que vai se formar”.¹² Entre os dez passos fundamentais para a adaptação, o nono capítulo era considerado “o de maior relevância”, enfatizava-se “queiram ou não os puritanos”, pois tratava da sexualidade do casal.¹³

Comentava-se que mesmo “com a máquina moderna da publicidade funcionando a todo vapor, focalizando sob todas as formas o aspecto sexual do casamento, é surpreendente o quanto homens e mulheres (essas em maior grau) ignoram conhecimentos essenciais a esse respeito”.¹⁴ As revistas evidenciavam que os homens eram mais bem informados que as mulheres, sobre o sexo. Por isso, continuavam escrevendo mais para elas, desconsiderando que eles não estavam preparados mais que as mulheres para as mudanças propostas pela liberação sexual.

Destacava-se, ainda, a preocupação em relação à confusão entre liberação e o automatismo sexual. Nesse caso, em alguns artigos o amor era o primeiro a ser chamado para evitar os excessos. No entanto, dentro da lógica da liberação sexual que era proposta pelas revistas, a ênfase se dá mais em relação ao significado do amor para as mulheres. “O sexo sem amor é o primeiro passo para as anomalias físicas e morais” das mulheres. Entendemos que esse fragmento, assim como o seguinte, além de apontar o perfil da sexualidade feminina centrada no amor, situavam a liberação sexual feminina como passiva de punição através de “doenças terríveis” para as mulheres.

O sentimento do amor era aqui utilizado como uma tentativa de controlar a crescente liberdade sexual das mulheres, a subjetividade amorosa era útil a uma

¹¹ **Pais & Filhos**, ano 1, n.5, janeiro 1969; **Pais & Filhos**, ano 1, n. 8, abr.1969; **Pais & Filhos**, ano 3, n. 5, jan. 1971; **Pais & Filhos**, ano 3, n. 6, fev. 1971; **Pais & Filhos**, ano 9, n. 9, maio 1977; **Pais & Filhos**, ano 9, n.10, jun. 1977; revista **EleEla**, ano 1, n. 9, jan.1970; **EleEla** ano 3, n. 28, ago. 1971; **Nova**,ano 4, n. 38, nov. 1976.; **Nova**, ano 6, n. 52, jan. 1978.

¹² NOGUEIRA,Glória (Coordenação). Suplemento dos futuros casais (Encarte). **Pais & Filhos**, ano 3, n.6, abr. 1971.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

abordagem reguladora das práticas sexuais femininas. O que é destaque em **EleEla** em outubro de 1969:

Os sentimentos desempenham um papel de maior importância na vida da mulher, podendo levá-la à satisfação máxima ou comprometer irremediavelmente todo o seu relacionamento amoroso na faixa dos sentimentos negativos, destacam-se o medo e a vergonha, provenientes quase sempre de uma educação à base de mistérios e tabus, que provocam inibições e reações de autodefesa. No extremo oposto, uma excessiva liberdade cobra juros altos àquelas que a adotam, pois como disse há pouco um médico sueco, “a pior aventura que pode acontecer à sexualidade é a sua queda para o plano do mecanismo funcional. O automatismo tanto quanto a inibição conduzem a neurose e à frigidez”.¹⁵

Nesse artigo, observamos que a permissividade sexual representava exclusivamente problemas para as mulheres. Considerando que um credo básico da sexualidade masculina era baseado no código de que o “um homem de verdade não precisa de abraços e carinhos – só sexo”. Esta era a interpretação padrão que continuava a ser fortalecida para os homens na proximidade com as mulheres. Além disso, o maior prazer masculino era apresentado como resultado da penetração e da ejaculação durante a relação sexual. Querer ter sexo para os homens era fazer sexo que culminasse no orgasmo. Outras formas de prazer não eram indicadas, a preocupação maior dos homens deveria ser com a “potência”, com a capacidade de ereção durante o ato sexual. Os sentimentos nas relações físicas eram vistos como significativo apenas para as mulheres.

Essa naturalização dos sentimentos como importantes na “vida da mulher” foi reforçada desde o século XVIII, segundo Thomas Laqueur, pela biologia de dois sexos e pela ciência médica, que atendiam aos anseios dos homens que desejavam justificar seu domínio na esfera pública. Diante das “reivindicações universais por liberdade e igualdade humana durante o Iluminismo”, que não excluíram inerentemente a metade feminina, a natureza foi buscada para que os homens justificassem “seu domínio na

¹⁵ **EleEla**, ano 1, n. 6, out. 1969, p. 8.

esfera pública, cuja distinção da esfera privada figuraria cada vez mais em termos da diferença sexual” em que a biologia era chamada a arbitrar.¹⁶ Por razões políticas e culturais, as mulheres eram apresentadas nos discursos médicos e filosóficos como “criaturas menos assoladas pela paixão, uma tendência egoísta e destrutiva, e mais dotadas de sentimentos de fraternidade e uma espécie de tranqüilidade corpórea”,¹⁷ que não dava lugar a outras necessidades sexuais que não fossem sentimentais. A “mulher” era “associada à mente e o homem à natureza”.¹⁸ No século XIX a médica Elisabeth Blackwell “não negava o desejo físico da mulher, mas argumentava que seus sentimentos sexuais vinham basicamente das profundezas do espírito”.¹⁹ Esse tipo de discurso da falta de desejo físico para as mulheres ainda funcionava nos anos 1970 como uma defesa contra as experiências sociais e os discursos que abalavam estas certezas sobre a “falta de paixão sexual” das mulheres.

A publicização do prazer sexual, apoiada nos estudos médicos e psicológicos, transformou-se numa exigência que não incitava somente os homens mas também as mulheres. Nesse momento, a satisfação sexual indicaria o mais alto nível de liberdade, e a liberação da energia sexual passa a ser vista como essencial para a definição de indivíduos saudáveis. A exploração de todas as possibilidades de alcançar o prazer e liberar todos os desejos sexuais aparece como fator essencial para que os homens e as mulheres alcançassem a felicidade. Nas revistas masculinas e femininas, as exigências em torno da família e dos filhos deram lugar aos prazeres sexuais e ao direito à busca do prazer.

Ao se abrir espaço para discutir as proibições em relação ao prazer feminino, foram apresentadas novas atitudes que suscitaram possibilidades de mudanças nos relacionamentos entre homens e mulheres e na hierarquia dos sexos. Os temas sexuais eram importantes tanto para os homens quanto para as mulheres, embora ainda permanecessem algumas preocupações, que foram apontadas por Bassanezi, nos anos

¹⁶ LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero do gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001, p.242.

¹⁷ *Ibidem*, p. 252.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Ibidem*, p. 253.

1940 e 1950, como a virgindade feminina, explicitada em perguntas como: “O marido sempre percebe se a mulher teve experiências anteriores?”.²⁰

Porém, consideramos que, diante das permanências de determinadas representações, as rupturas foram ampliadas nas experiências sexuais, ante intensa produção discursiva que deve ter possibilitado, em especial às mulheres, mesmo num universo repleto de artigos contraditórios, o acesso a informações que imprimiram o rompimento de determinadas sujeições em seus cotidianos. Um exemplo é o debate público sobre o direito de as mulheres terem experiências sexuais fora da instituição do casamento, transformando-a em um detalhe secundário de todos os outros elementos que levam um casal a se unir por casamento.

Alguns termos e análises até então reservados aos médicos e psicólogos tornaram-se uma constante nas revistas. A frigidez, a impotência orgástica, masturbação, o auto-erotismo, o prazer feminino e masculino, a fase ascensional, a plenitude sexual, as neuroses sexuais, maturidade sexual e sensual, indicavam a presença de uma nova linguagem até então restrita aos livros e aos consultórios de médicos e psicólogos, que colocaram à disposição dos leitores um rol de conhecimentos variados.

²⁰ KARMAN, Graciela, op. cit., p. 28.

4.1. Os “novos tabus” sexuais

Merece destaque que, à medida que ocorria a passagem do íntimo para uma esfera publicizada, um determinado conhecimento psicológico foi sendo popularizado e determinados profissionais foram adquirindo maior importância (Fig.41).



Figura 41: EleEla, ano 3, n. 29, set. 1971.

Nas consultas através das cartas e nos artigos que explicavam determinadas atitudes, valorizava-se a psicologia como uma ciência auxiliar nos problemas sexuais dos indivíduos. As colunas especiais que foram sendo criadas para as sessões de consulta mais destacadas nesse período foram, em **Cláudia**: “Cláudia responde”(Carmem da Silva-psicóloga), “Amar melhor” (Ivan Mourão Dias-psicanalista), Como salvei meu casamento (análise das cartas das leitoras, em cada edição por psicólogos diversos); em **Nova**: “O Sofá do analista” sob a responsabilidade do Dr. Hartogs, que foi substituído por Fabiana Wenko em maio de 1976 e Dr. Carlos C. de Mello que a substituiu em fevereiro de 1977.²¹

Na coluna “Amar melhor”, em 1978, nos chamou a atenção uma carta da “esposa desanimada”, sobre o desconhecimento da existência do hímem complacente de uma mulher que, casada a dezesseis anos, jamais teve satisfação no ato sexual e achava que era virgem. Ela informa que a “lua-de-mel, apesar das dores, foi maravilhosa” e que quando voltou foi internada com infecção intestinal e que desde então não sentiu mais orgasmo, o que ela atribui ao medo das dores. O Dr. Ivan Mourão Dias, em sua resposta, sugere que as dores não existiam e que a leitora só as usava para explicar seu problema e recomenda que ela procure um psiquiatra “para orientá-la na solução de suas dificuldades”. Sobre a virgindade, informa que pode ser explicada pela existência do hímem “caracterizado como complacente”, que “rompido parcialmente” poderia ter voltado “a se fechar após a introdução do membro masculino, não importando o número de relações sexuais”.²² Esse artigo ao registrar o desconhecimento que alguns homens e mulheres tinham do próprio corpo, da anatomia e fisiologia e da psicologia que era apontada como responsável pelo grande número de desajustes sexuais entre homens e mulheres, legitimava a idéia de que esse problemas seriam resolvidos através da orientação médica e psicológica.

Neste sentido, na **EleEla**, perguntando sobre as relações entre a frigidez e o desconhecimento da mulher sobre si mesma, o Dr. Ascâncio Ferreira Monteiro respondeu:

²¹ A esse respeito ver também: BORGES, Dulcina Tereza Bonati. **A cultura “Psi” das revistas femininas (1970-90)**. Campinas, 1998. 105p. Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Estadual de Campinas, p. 76-101.

²² **Cláudia**, ano 18, n.218, nov.1978,p. 298.

Tem e também se relaciona com o imperfeito conhecimento que o homem tem da mulher. A maioria dos homens desconhece até mesmo os rudimentos da anatomia , fisiologia e psicologia sexual femininas. Depois das pesquisas de Masters e Johnson realizadas nos Estados Unidos, ficou evidente que é difícil para os homens saber a **priori** como estimular a mulher, para obter níveis satisfatórios de atividade sexual. Isto só se obtém com uma sólida educação sexual em bases científicas e, acima de tudo, incluindo-se no relacionamento sexual entre o homem e a mulher a indispensável comunicação verbal ²³ (em negrito no original).

Os homens e mulheres deveriam se comunicar, “devem falar”. A mulher deve dizer ao homem como quer ser amada. Deve orientá-lo. Ele também deve fazer o mesmo”. Na resposta destacavam-se as dificuldades que as mulheres tinham de expressar seus desejos pela educação “repressora” que haviam recebido e que as inibia sexualmente. Afirmava o médico: “Eu sei que isso é muito difícil para as mulheres”.²⁴ Estava subtendido que para os homens era mais fácil falar sobre sua sexualidade. Se o ato sexual foi por tanto tempo “considerado coisa imencionável”, como destaca o médico, por que o diálogo era difícil apenas para as mulheres, deveria ser difícil também para os homens aprenderem a ouvir o que suas mulheres tinham a dizer sobre um assunto que era visto como um interesse especificamente masculino, já que muitos homens também foram educados para acreditar que sexo era algo que as mulheres aceitavam, mas que não apreciavam.²⁵

Para explicar a falta de libido que era apontada como responsável pela produção de uma ansiedade nos indivíduos e como um sinal de alerta do término da relação, as análises e opiniões de psicólogos eram fundamentais no tratamento do tema. Em “Sexo e amor”, a revista **Cláudia** foi “ouvir Márcio Barbosa,²⁶ médico e sexólogo, que pregava a realização do amor no casamento sustentado, no princípio que chama de “harmonia sexual do casal.”²⁷ Para a harmonia sexual, o casal deve se conhecer melhor. Esse

²³ **EleEla**, ano 4, n.38, jun. 1972, p. 80.

²⁴ *Ibidem*, p. 80.

²⁵ **Nova**, ano 6, n. 58, julho de 1978, p. 16.

²⁶ Terapeuta Sexual que atende homens e mulheres da classe média paulistana nas décadas de 1960 e 1970.

²⁷ **Cláudia**, ano 18, n. 213, jun. 1979, p. 231.

conhecimento foi direcionado para a sexualidade do casal, para que ambos percebessem suas “neuroses” e “problemas sexuais”, para que encontrassem soluções.

Márcio Barbosa informava, em 1979, que contava com mais de vinte anos de experiência, ministrando terapia para casais em seu consultório, na cidade de São Paulo. Adotando a estatística em suas análises, apontava que no caso brasileiro ocorria a “prática do sexo duas a três vezes por semana, quase sempre por iniciativa do marido.”²⁸

O sexólogo apontava que os “valores do nosso casal” de classe média “tendem à rotina e ao diálogo muito precário” em termos de sexualidade. Segundo esse médico, o homem não questiona sua sexualidade, na maioria das vezes as reclamações vinham da mulher, ainda mais nesses tempos marcados pela emancipação, embora observasse que muitas mulheres ainda continuavam escondendo sua sexualidade. Essa é uma contradição, segundo o sexólogo, que advém de uma sociedade repressiva que nega à mulher de classe média brasileira desde a “puberdade” o direito a uma vida sexual saudável. Ela é educada para “servir e reproduzir”, embora tal quadro estivesse mudando.

As generalizações feitas por Márcio Barbosa definiam esse comportamento como característico de todas as mulheres da classe média. A maneira como construía-se a apresentação dos comentários de Márcio Barbosa, excluía qualquer referência à existência da possibilidade de outras mulheres e outros homens dessa mesma classe média constituírem outras formas de relacionamento e outros devires.

Além disso, a educação sexual feminina, nos termos que acompanhamos em Márcio Barbosa, reafirmava condicionamentos culturais reguladores da libido e da iniciativa das mulheres, quando justificava que o sexo para as mulheres tinha grande significado afetivo, que os homens tinham dificuldades de demonstrar afetos, enfatizando que “na nossa sociedade, o homem é prático e lógico” e “a mulher sensível e romântica”.²⁹ O psicólogo não problematizava a construção cultural dessa diferença, mas a “repressão sexual” a que estava submetida a mulher. Os problemas do casal seriam resolvidos através da liberação dos bloqueios íntimos da mulher sobre si mesma, como se essas mulheres não estabelecessem suas ações e compreensões na

²⁸ Ibidem, p. 231.

²⁹ Ibidem, p.232.

relação que constituía com outros sujeitos. A inexistência de resposta sexual da mulher era vista como reflexo da falta de comunicação entre o casal, pelas atitudes de submissão aos homens por parte das mulheres. Os homens e as representações que legitimavam suas atitudes de controle e dominação sobre essas mesmas mulheres não eram questionados.

Portanto, ao mesmo tempo que tais discursos contribuía para as mulheres reverem seus posicionamentos, destacando a necessidade de que homem e mulher discutissem as questões sexuais, esta abertura era acompanhada pela culpabilização das mulheres. Elas apareciam como as únicas que precisavam deixar de lado “preconceitos e tabus sexuais”. Um condicionamento, segundo ele, “para ilustrar as conseqüências da educação feminina e seus condicionamentos em prejuízo da realização sexual da mulher” era a “simulação do orgasmo”.³⁰ Ao tratar desses “condicionamentos” como conseqüências da educação feminina essas mudanças apareciam associadas as críticas ao comportamento das mulheres que tinham “liberdade” para mudar, mas continuavam a “abafar a sua sexualidade em vez de reagir”.³¹

Nesse sentido, a proposta de Márcio Barbosa é que as mulheres seriam mais realizadas se praticassem o auto-erotismo, já que segundo ele “a possibilidade de obter o orgasmo numa relação sexual é quatro vezes maior nas masturbadoras do que entre as não masturbadoras”.³²

O que Barbosa não levou em consideração é que a simulação para algumas dessas mulheres continuou sendo uma opção diante das novas pressões da liberdade que estava sendo oferecida, que as pressionavam a continuar a demonstrar interesse por sexo, mesmo quando não desejavam, pois preferiam manter o “orgulho e auto-estima” de seu parceiro, ou evitar os conflitos decorrentes das novas ansiedades masculinas geradas pela perspectiva de que um “homem de verdade” “deve ser capaz de fazê-la gozar”.³³ Os novos “tabus” criados pressionavam tanto homens como mulheres a terem orgasmo, os homens que não conseguissem conduzir sua parceira “ao orgasmo em pelo menos 50% das vezes” era apresentado como “um parceiro inadequado”.³⁴

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ O errado e o certo na questão sexual (Encarte). *EleEla*, ano 3, n 33, jan. 1972, p.51.

³⁴ Idem.

Essas apreensões e expectativas que acompanhavam os discursos da liberação sexual também foram visibilizadas nos artigos, embora fossem publicizadas com menor intensidade no início dos anos 1970. Observamos que no decorrer desse período estas questões receberam um maior destaque. Dentro desta perspectiva chamaram nossa atenção dois artigos, o primeiro é datado de 1969 e o segundo de 1977.

O primeiro é uma entrevista com um psicanalista americano Dr. Ralf Romeo Greenson, intitulada pela pergunta: “Por que as mulheres exigem sempre mais do amor?”. Em suas respostas deixava-se em aberto, segundo a jornalista, a seguinte questão: ao exigirem mais do amor, as mulheres se tornam realmente mais felizes? Enfatizava-se ainda que os homens “detestam e procuram evitar mulheres que exigem sexo constantemente”. E para concluir insistiam em que as mulheres deveriam estar atentas à “imaginação” dos homens, que:

(...) temem comunicar a sua imaginação à mulher, no pressuposto de que vai chocá-la ou ofendê-la. Limita-se então a fazer apenas aquilo que ele imagina que ela espera dele. Mas quando o homem deseja sentir um verdadeiro prazer, termina por procurar outra mulher que o anima a libertar-se de seus complexos e a fazer funcionar a imaginação sexual que o tortura.³⁵

Nesse artigo, apesar de ser feito para destacar a emancipação sexual da “mulher moderna”, não foi mencionada a possibilidade da mesma opção para elas. Uma posição diferente das autoras do artigo **Pais & Filhos**, em 1977, que discutiram porque a infidelidade era um privilégio masculino. Jalusa Barcellos e a socióloga Moema Toscano destacavam as mudanças “nos costumes e valores sociais (...) que colocaram as mulheres numa posição em que elas já se sentem capazes de discutir as exigências de fidelidade feitas pelo homem. Afinal, por que ele pode trair tão impunemente?”.³⁶ A conclusão a que se chegava reconhecia a existência de novos direitos e atitudes das mulheres diante dos homens.

³⁵ Na ilustração aparecia uma mulher deitada na cama. **EleEla**, ano 1, n.1, maio 1969.

³⁶ BARCELLOS, Jalusa (Texto) & TOSCANO, Moema (socióloga-consultoria). Fidelidade- “Até que a vida nos separe”. **Pais & Filhos**, ano 9, n. 8, abr. 1977, p. 86.

As relações de hoje, por serem mais liberais e porque as mulheres não dependem economicamente dos homens, são mais fortes e prazerosas. Isto é, até o momento que o amor e a paixão durem, porque, depois disso, o melhor é procurar outro parceiro.³⁷

Eram poucos os artigos como esse que considerava as mudanças nos comportamentos femininos. A maioria das análises eram psicologizantes e indicavam a necessidade de mudança apenas das mulheres. O problema no relacionamento raramente era dos homens, na maioria das vezes as mulheres eram acusadas de terem uma “disfunção orgástica” ou de serem “reprimidas sexualmente”, o que justificava nesses discursos a infidelidade dos homens, diante de “sua energia sexual descontrolada”.

Nesse sentido, a simulação era uma alternativa indicada por alguns psicólogos para “manter seu marido fiel”.³⁸ Insistia-se no fato de que para as mulheres o ato sexual era “fácil”, já que elas não precisariam de ereção. Ou seja, destacavam que sendo sua “genitália interna”, ou seja, por não necessitarem de ereção, isto lhes possibilitava participar do “exercício sexual” sem nenhum esforço ou preocupação em sentir prazer, pois podiam simplesmente dar prazer aos homens, conformando-se em ser apenas um “receptáculo” para as pulsões do parceiro. A abnegação da mulher para o prazer masculino era estimulada, e o medo do “fracasso sexual” era apontado como um “problema essencialmente masculino”, uma vez que ao contrário da mulher, “o homem não pode estar sempre disposto para o ato sexual, pois precisa de ereção.”³⁹

O fato de a mulher não encontrar o prazer foi sendo estabelecido como uma questão importante e foi fortalecendo-se no decorrer dos anos 1970. Em 1979, na entrevista realizada com o sexólogo Márcio Barbosa, informava-se que “mais de 60% das mulheres tem orgasmo mais por manipulação clitoriana do que pela relação propriamente dita”, incentivando homens e mulheres a adotarem a manipulação clitoriana na busca do orgasmo.⁴⁰ A “disfunção orgástica” é a designação referente “às

³⁷ Idem.

³⁸ Em **EleEla** de 1971, eram apontados como um dos principais erros da vida a dois, “o amor pudico”, que poderia fazer o homem “procurar fora de casa o que não encontra no seu próprio lar”. **EleEla**, ano 2, n. 21, jan. 1971.

³⁹ **Pais & Filhos**, ano 1, n. 6, jan. 1970.

⁴⁰ **Cláudia**, ano 18, n. 213, jun. 1979, p. 231.

mulheres que atingem um alto grau de excitação, sem, contudo, chegar ao orgasmo.⁴¹ Ao não completar o roteiro excitação- descarrego, a mulher foi definida como “anorgasmática”. A “impossibilidade orgástica”, uma denominação apresentada no **Relatório Kinsey**, foi adotada por alguns terapeutas para substituir o termo “frigidez”.

Também a “impotência masculina” era motivo de preocupação.⁴² Apesar da sexualidade masculina não ter recebido o mesmo tratamento nas revistas que a sexualidade feminina, sendo mais lentamente disponibilizado o seu conhecimento às mulheres, algumas das novas preocupações masculinas mereceram destaque em 1979, na **Playboy**. As definições sobre a “disfunção erétil”, ou de maneira genérica através do termo “impotência”, foram sutilmente sendo reforçadas pelas preocupações em torno da “ejaculação precoce” na adequação sexual do casal. Baseando-se nas informações de Masters e Johnson, os artigos definiam um homem “como ejaculador prematuro quando não consegue satisfazer sua parceira em 50% das relações do coito”.⁴³

Em geral os sexólogos definem a ejaculação precoce como “a ejaculação de esperma antes, durante ou pouco segundos depois da penetração da vagina pelo pênis. Biologicamente, qualquer ejaculação após a penetração não poderia ser considerada prematura, já que existe a possibilidade de fertilização da mulher. Mas, socialmente o mais desejável é que a ereção dure o tempo suficiente para levar a mulher ao clímax, caso contrário ocorre a ejaculação precoce, com a conseqüente redução da ereção (...).⁴⁴

Esse artigo demonstra tanto uma maior abertura no tratamento dos temas relativos à sexualidade masculina, como a aplicação de uma linguagem que utilizava termos mais específicos para se referir aos órgãos sexuais femininos e masculinos. Também observamos que as exigências em torno da satisfação sexual da mulher produziram uma nova preocupação, o tempo de duração da ereção masculina que não

⁴¹ Ibidem ,p. 233.

⁴² Essa “falta de paixão” das mulheres durante a relação sexual só foi pesquisado no século XIX. Até então não havia sido declarado que as mulheres poderiam ser capazes de uma insensibilidade sexual. Segundo Thomas Laqueur, o “primeiro levantamento sistemático moderno sobre as sensações sexuais de mulheres foi conduzido por Clelia Duel Mosher, em 1892”. Ver LAQUEUR, Thomas Walter, op. cit, p.227.

⁴³ CURY, Fernando. Como evitar o orgasmo fora de hora. **Playboy**, ano 4, n. 42, jan.1979, p. 124.

⁴⁴ Ibidem, p. 125.

deveria ser apenas o tempo necessário para o orgasmo masculino, mas também para que a mulher se sentisse satisfeita.

No entanto, durante a maior parte dos anos 1970, na maioria dos artigos, com raríssimas exceções, solicitava-se das mulheres compreensão e mudanças em suas atitudes para resolver os problemas dos homens. No entanto, não se fazia o mesmo quando se tratava da “disfunção orgástica” das mulheres, não se questionava os homens explicitamente, como se fazia com as mulheres, raramente se responsabilizava os homens e se tentava ensiná-los como ajudar as mulheres a alcançar o orgasmo.

Na revista **EleEla**, em 1969, encontramos um artigo bastante representativo sobre o entendimento de que a mulher era a culpada pela impotência masculina:

Se por infelicidade um episódio de impotência ocorrer com seu marido, olhe-se num espelho. Não seja a psiquiatra de si mesma, mas também não atire toda a culpa sobre ele. Avalie a sua própria contribuição íntima de ambos. Faça a si mesma as seguintes perguntas e procure respondê-las da maneira mais honesta possível: Você é desleixada? Que cuidados dedica a roupa íntima? Veste-se masculinamente? Acha que sais de banho e outros produtos de beleza são apenas para as narcisistas? Já descobriu o valor exato do perfume? Sabe de que perfume ele gosta ou não gosta? Pense no ambiente doméstico. Seu lar é um jardim de infância, um jardim zoológico ou um lugar apropriado para adultos? É um lugar tranquilo e mais ou menos organizado, ou um caos que reflete em cada peça a sua ineficiência, o seu desleixo? Você é excessivamente dominadora? Todas as decisões são suas? Já pensou nesta frase do Dr. George Bethan (O Regime da Virilidade). “O homem que governa seu castelo é automaticamente viril. Seu companheiro é a razão de sua vida ou o peso da sua vida? O quarto de dormir é um oásis ou o palco de mau humor, das suas lamúrias, das suas crises nervosas? Há uma chave na porta do casal? Ou vocês podem ser interrompidos a qualquer instante pelas crianças, os parentes, a empregada? Examine-se também no tempo: Você perdeu a curiosidade? Há quantos anos não lê um livro? (uma cabeça vazia, não pode sustentar o amor, escreve o citado Benthon : “Um lar basicamente superficial é o espelho de pessoas insípidas e sem imaginação, cujas relações interpessoais chegam aos extremos do aborrecimento”). Você é melindrosa? Você se envergonha do sexo? Você não admite nada de novo em matéria de sexo? Você sempre espera que ele dê o primeiro passo? Você diz sim de

maneira indiferente desprovida de entusiasmo? Você diz não com silêncio e agressividade? Você está sempre a falar de suas dores de cabeça, do excesso de trabalho com as crianças? E para terminar: Você se comporta em primeiro lugar como mãe, raramente como esposa e jamais como amante?”⁴⁵

Esse fragmento aponta um conjunto de perguntas constrangedoras direcionadas exclusivamente às mulheres, e, caso uma das respostas fosse afirmativa, estas mulheres seriam condenadas pelo julgamento público. Se o objetivo da matéria é causar impacto... conseguiu! Os constrangimentos iniciam quando se atribui à mulher e não a ambos a responsabilidade pela vida sexual do casal. A “culpa da impotência masculina” recai ainda sobre as roupas, uma vez que a mulher é quem deve se vestir de determinado modo. O consumo era incentivado. As mulheres precisavam comprar roupas que não fossem “masculinizadas”, provavelmente seriam vestidos e saias, além de manuais sexuais para aprender a excitar os homens.

A matéria discutia também os odores do ambiente, que estavam relacionados com as fragrâncias dos perfumes que os homens gostavam. As mulheres eram estimuladas a pensar em agradar aos homens até pelo olfato. O prazer olfativo é acompanhado pela higiene e saúde dos corpos femininos, que tinham que ser preparados para o amor.

A mulher “dominadora” é o perfil construído como a companheira do impotente sexual. A mulher ideal deveria ser “controlada” e “subserviente” e “cuidadosa” com os homens e os filhos. As perguntas reunidas no artigo concediam às mulheres a iniciativa no ato sexual, desde que fosse para agradar aos homens, para evitar a impotência daquele que “governava o castelo”.

Havia outros fatores como provocadores da impotência masculina, tais como: as disfunções congênitas, a atividade sexual fora do lar, o descuido em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis. Essas questões deram lugar preferencialmente àquelas que questionavam os comportamentos da mulher, utilizando-se de argumentos discriminatórios e acusatórios, como mostra a matéria apontada.

É importante registrar que as mulheres eram criticadas por suas atitudes na relação, mesmo quando se buscava chamar a atenção dos homens sobre as necessidades

⁴⁵ **EleEla**, ano 1, n. 5, set. 1969.

das mulheres. Na **Playboy**, em um artigo que tratava de estratégias de “conquistas masculinas”, uma mulher, Lisa Southern, uma sexóloga, também culpava as mulheres não pela impotência masculina, mas pela acomodação dos homens que julgavam entender de tudo que estava relacionado com orgasmo feminino. A jornalista diz que as mulheres fingiam tão bem o orgasmo que convenciam os homens de terem desempenhado bem o papel no sexo.⁴⁶

Por esse motivo, essa autora optou por tratar das situações em torno do prazer feminino através de seu depoimento pessoal, onde aponta “Sete segredos para você dar o máximo de prazer a uma mulher”,⁴⁷ que, segundo ela, são essenciais, pois agradavam à mulher, provocando o máximo de prazer. Recomendava-se que se devia apagar as luzes. Tal atitude ajudaria a quebrar os “pudores” relativos à exposição do corpo feminino. Caberia ao homem lembrar que os tempos de excitação entre os sexos masculino e feminino eram diferentes. Os homens eram rápidos, as mulheres precisavam “ser aquecidas em fogo brando”, assim elas iriam se percebendo a cada instante ao lado do parceiro, internalizando o afeto recebido e se excitando até atingir o clímax. Sugere também a autora que os homens permitissem que as mulheres permanecessem imóveis, numa atitude passiva, pois no seu entendimento impor à parceira as acrobacias constantes nos manuais de sexo acabaria por inibi-la, impedindo que se concentrasse eroticamente. A dificuldade da maioria das mulheres em atuar eroticamente nessas circunstâncias decorre de uma educação de recato que receberam desde a infância, que interfere na vida sexual, daí a preferirem permanecer deitadas, silenciadas e quietas durante o ato sexual, “chegando mesmo a ficar mais imóveis e silenciosas à medida que o clímax se aproxima.”⁴⁸

O roteiro sexual continuou discorrendo sobre como deve ser a “preparação erótica”, recomendando ao homem que: “deite-se de lado olhando para ela”; “seja delicado ao manusear o clitóris”; “deixe que a garota se sinta confortável” e “aprenda a conhecer os “sinais” importantes no ato do amor”. Em nenhum momento incentivam-se os homens a perguntarem às mulheres o que elas querem, porque nesse roteiro os

⁴⁶ SOUTHERN, Lisa. Sete segredos para você dar o máximo de prazer a uma mulher. **Playboy**, Edição Especial de aniversário, ano 4, ago. 1978, p. 30.

⁴⁷ *Ibidem*, p.31.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 30.

homens eram os únicos responsáveis pela relação sexual, cabendo-lhes sempre a iniciativa, reforçando a supremacia masculina.

A defesa dos interesses masculinos é ainda mais explicitada no item sete quando a autora buscava ensinar aos homens a reconhecerem “os ‘sinais’ importantes no “ato do amor”, situando-os a identificar o “verdadeiro orgasmo feminino”. A preocupação que aparece nas revistas masculinas tinha por objetivo alertar os homens sobre as possíveis simulações femininas. Para que o homem obtenha o sucesso nessa identificação, a autora indica que no “verdadeiro orgasmo os bicos dos seios ficam duros e congestionados”, e ainda sugere que, “se a garota se mostrar excitada logo após dizer que atingiu o orgasmo ela ... fingiu...”⁴⁹

Nesse texto também não se discute por que as mulheres utilizam a simulação do orgasmo durante o ato sexual. Além disso, o prazer e orgasmo nos moldes masculinos era legitimado para as mulheres, até mesmo pelo registro do “endurecimento” dos bicos dos seios. Em vez de contribuir para modificar e flexibilizar as posturas masculinas em torno da sexualidade, reforçava-se o orgasmo feminino como indicador da “virilidade masculina”.

A esse respeito gostaria de ponderar que antes de se apegar a um dado que aponta o homem como vítima, que necessita da compreensão da mulher, temos que considerar que o exercício da sexualidade humana, para algumas pessoas, ocorre processado sob sofrimentos e traumas que necessitam em grande parte da compreensão dos parceiros. Necessitam ainda da admissão da existência dos problemas, de a pessoa se perceber como portadora de um problema fisiológico, e procurar uma solução para relacionar-se feliz com quem amam. Cabe lembrar, também, que esta obrigatoriedade do orgasmo feminino gerou ansiedades e sofrimentos para muitas mulheres, mas também para alguns homens que se viram questionados ao não conduzir suas parceiras ao orgasmo.

Alcançar o prazer, de acordo com o roteiro válido para os homens, como se tudo que valesse para o homem valesse para a mulher, tornou-se um novo tabu, no sentido de que se tornou obrigatório. Outras formas de prazer possíveis de serem sentidas, por essas mulheres e homens, continuaram a ser excluídas ou colocadas em segundo plano nas relações sexuais. O ápice da relação sexual continuou sendo o orgasmo, de acordo

⁴⁹ Ibidem, p. 32.

com os parâmetros de uma sexualidade marcada pela função reprodutiva, caracterizada pelas seguintes fases: preliminares, que incluem carícias dos homens nas mulheres, seguidas da penetração e movimentos na vagina, terminando com a ejaculação e o orgasmo masculino na vagina. O objetivo da relação continuava sendo a ejaculação do homem, componente importante quando a relação sexual era socialmente estimulada para a reprodução, que definia o fim da relação sexual dos casais heterossexuais.

Nesse momento em que o prazer é erotizado e o imperativo do prazer orgástico deu lugar a visibilidade de outras formas de ter prazer, a relação sexual continuou sendo orientada de acordo com os objetivos reprodutivos, as preliminares poderiam dar lugar a inúmeros prazeres, mas era vista apenas como uma etapa para o maior prazer – o orgasmo. O ato sexual seguia o roteiro masculino de alívio das tensões legitimado pelos sexólogos reichianos e master-johnsianos.

“A tirania do orgasmo” era problematizada, como no artigo de Alby West, na revista *Nova* em 1974; porém, visando a objetivos diferentes, alertava-se:

Nossa geração alegre e descontraída talvez nos dê a impressão de que somos pessoas privilegiadas, vivendo uma época extremamente rica de realização e relaxamento sexual. O aparecimento da pílula contribuiu muito para transformar a imagem da mulher, de reprimida, inibida ou apenas entendiada, ela passou a ser ardente, espontânea, apaixonada. Uma mulher sem medo, à procura de igualdade de satisfação.

Um grande avanço? É um caso a pensar. Porque se antes a mulher não se realizava totalmente no amor, também ninguém esperava dela uma grande performance sexual. Hoje, a consciência de que deve atingir o clímax se tornou uma preocupação que gera ansiedade impedindo-a de viver o prazer de um ato de amor.

Por outro lado, o homem que foi despertado para essa nova realidade se sente de certa forma obrigado a fazer tudo para que a mulher consiga uma gratificação comparável à sua na relação sexual. E para esse homem o fracasso da mulher pode parecer uma acusação da incompetência, não dela, mas dele mesmo. O que gera, em consequência, um sentimento de inferioridade (enquanto ela também se sente incapaz).⁵⁰

⁵⁰ WEST, Alby. A Tirania do Orgasmo. *Nova*, ano 2, n. 12, set. 1974, p. 73.

Essa análise apresentada no artigo de West caminhava no sentido de fazer uma crítica à obrigatoriedade do orgasmo. No entanto, ao fazê-la, suscitava uma certa nostalgia em relação ao momento em que as mulheres não se realizavam completamente no sexo, já que não sofriam com as novas exigências. A forma como essa crítica foi elaborada, questionando os avanços sem problematizar o processo em que tais características se fortaleceram como essencial na vida sexual do casal, quais posturas permaneceram nas relações entre homens e mulheres que não foram desestruturadas diante da maior liberdade sexual dessas mulheres que se constituíram em meio a mudanças sociais, em que algumas mulheres passaram a exigir o direito de sentir e desejar o prazer.

Mesmo quando determinadas análises insistiam nos aspectos negativos da liberação sexual para as mulheres, ao declararem que elas perderam o direito de dizer “não”, estavam enfatizando a necessidade de mudanças ao destacarem os problemas. As exigências foram se acumulando, mas também foram sendo liberadas outras possibilidades de pensar e sentir a sexualidade e o prazer sexual, coexistindo coerções e liberdades.

É nessa perspectiva que os ensinamentos que a sexóloga Lisa Southern forneceu aos homens na revista **Playboy** devem ser analisados. Os homens tiveram acesso a informações científicas da conduta sexual das mulheres, o que poderia melhorar seu entendimento sobre a sexualidade feminina e melhorar suas relações com as mulheres. Por outro lado, era problemático quando tal “cientificidade” impressa nessas características transformavam as regras em verdades válidas para todas as mulheres. Na medida em que componentes da intimidade foram expostos ao público, para alguns homens e mulheres, ocorreu o reforço de um modelo de sexualidade que expunha, especialmente, às mulheres as agruras das exigências dos homens e de si mesmas, orientadas por tais modelos, baseados num padrão masculino de sexualidade.⁵¹

A identidade masculina e feminina ilustra o entendimento de que as mulheres e teriam um “comportamento igual aos dos homens” nas questões sexuais se obedecessem

⁵¹ Sobre esta questão vale informar que Kinsey em seu índice alfabético remete ao termo falo ao pênis e ao clitóris, sendo o clitóris conceituado como “falo da mulher, é o homólogo do pênis do homem”. KINSEY, Alfred et. alii. **Conduta sexual da mulher**. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1954, p.537.

aos seus “instintos naturais”. Ao naturalizar-se o desejo sexual, estabelecia-se uma certa tendência misógina, definindo a sexualidade masculina como padrão.

Acreditamos que a simulação de sentimentos e sensações durante o ato sexual era um dos instrumentos de defesa feminina contra a “insensibilidade masculina” ou contra o sexo por obrigação. As mulheres sabiam o que alguns homens esperavam e utilizavam tais informações em suas estratégias de sedução, fugindo do enfrentamento da reação masculina, ou das exigências para que fossem mais “agressivas” sexualmente quando não desejavam.

Por outro lado, a visibilidade do prazer feminino trouxe tanto um controle masculino como também um maior controle das mulheres sobre seus corpos e sua sexualidade. Dar visibilidade à libido feminina era o principal objetivo dos estudos científicos e dos artigos das revistas. A sexualidade masculina não mereceu tanto destaque, como se somente a sexualidade feminina tivesse que ser descoberta ou questionada. Sem dúvida, estes saberes que foram produzidos contribuíram para que uma certa sexualidade feminina fosse sendo construída e que o sexo saísse do “tom de cochicho” e fosse discutido em “voz alta”.

Por conseguinte, a constituição de tais saberes e sua visibilidade pública possibilitaram a divulgação de contrapontos às imagens que estavam sendo divulgadas. Como aquele que foi feito por uma leitora do artigo de Lisa Southern, que escreveu protestando contra o conteúdo de seu manual sobre a sexualidade feminina diante de suas experiências:

Lisa Southern ... realmente não entende nada sobre orgasmo feminino. Não sou nenhuma ninfomaniaca: sou casada e sinto-me um mulher completa. Mas posso afirmar que o que ela diz no item 7 do artigo é simplesmente ridículo (“uma mulher precisa esperar quase tanto tempo quanto o homem para repetir o ato sexual”). Nada disso: nós mulheres, após um pequeno intervalo de dois minutos, podemos experimentar prazer novamente, embora devo confessar com menor intensidade. Mas esse prazer pode ser alcançado 20, 30 vezes, sempre com pequenos intervalos. Vocês precisam se retratar ao menos

publicando minha carta se vocês não tiverem receio de ferir o orgulho dos homens. Em nome das mulheres protesto! M.H.F.A – RJ.⁵²

A exposição pública nas revistas da intimidade sexual, para algumas mulheres, já não era mais problema, pelo menos enquanto seus nomes aparecessem em forma de sigla ou alcunhas. E mesmo que essas cartas fossem produzidas na própria redação, para estimular a polêmica elas pontuavam as diferenças. Além disso, a visibilidade dada à sexualidade pelas revistas indicavam modelos através dos quais as mulheres analisavam suas experiências.

Algumas críticas são valorosas sobre a diversidade das vivências femininas diante dos modelos da mídia. Como uma carta que foi enviada à **Playboy**, em maio de 1979, intitulada “Normalidade e ninfomania”:

Sei que não sou como o comum das mulheres, mas conheço outras como eu. O impulso sexual varia muito de pessoa para pessoa, sem depender de gênero, sendo determinada pelo nascimento e pela criação de cada um. Graças a Deus, librei-me de inibições e aprendi a esquecer do que me ensinaram que uma mulher é. Se o tal sexólogo pudesse se livrar das inibições dele, compreenderia melhor as mulheres e teria mais satisfação com elas, em vez de ficar dizendo bobagens. C.F.L São Paulo, S.P.⁵³

C.F.L., além de compreender sua sexualidade, demonstrava segurança ao tratar de assunto pouco discutido abertamente naquela época. Sua percepção da subjetividade sexual confrontava com firmeza modelos que os sexólogos e a mídia afirmavam como regra, como padrão, naquele período. Seu depoimento assumiu um caráter particular quando acusa o rompimento com a educação sexual que recebera, na qual foi ensinada a portar-se como mulher, dentro de um modelo aceitável ou compatível com os princípios culturais vigentes.

Sobre as cartas que encontramos nas revistas, não percebemos ao certo a quantidade que chegavam às redações, muito menos o perfil de seus conteúdos e os critérios utilizados pelos editores para publicá-las. Não sabemos se escolhiam uma

⁵² **Playboy**, ano 4, n. 39, out. 1978.

⁵³ **Playboy**, ano 4, n.46, maio 1979.

dentre as mais representativas ou se ocorrera apenas uma tratando de tal assunto e por isso tenha sido publicada. O certo é que o conteúdo daquela que vem publicada é suficiente para entendermos e pontuarmos que ocorriam outras opiniões e que podiam ser externadas independentemente de colidir com uma visão científica e midiática de sexualidade.

4.2. *Os manuais sexuais*

Outra fonte de informação e orientação sexual para os casais que apareceram nas revistas foram os manuais sexuais. Vale salientar que, embora nossas fontes de pesquisa sejam predominantemente as revistas, não podemos deixar de mencionar a importância que os manuais sexuais assumiram na educação sexual de homens e mulheres, conforme sugerem as revistas. Seus temas são similares àqueles que aparecem nas revistas, demonstrando que o debate em torno da sexualidade eram também visibilizados através destas publicações. Além disso, é importante registrar a existência de uma relação entre as revistas e os manuais sexuais, podemos afirmar pela similitude dos temas que os jornalistas e os editores tinham como uma de suas fontes de informação esses manuais.

Encontramos em nossa pesquisa alguns exemplares da coletânea que constituía-se de quarenta e quatro volumes da **Biblioteca do homem e da mulher**, das Publicações Europa América, produzidas em Portugal. São livros de formato pequeno sem ilustrações e muito texto informativo (Fig.42 e 43).⁵⁴

⁵⁴ Essa coleção foi publicada nos Estados Unidos e posteriormente traduzida e publicada em Portugal. Encontramos no Sebo do Messias em São Paulo os exemplares que vamos referenciar neste trabalho. Apesar de não termos informações se esses exemplares eram vendidos no Brasil, considerando a possibilidade de que pertencessem a um cidadão/cidadã português/sa ou brasileiro/a que tivesse morado em Portugal entre 1974 e 1975. Também não temos como saber como esses livros chegaram ao Sebo, mas seu conteúdo apresenta temas que foram debatidos nas revistas que pesquisamos e assemelham-se a outros manuais que não foram possíveis pelos limites desta pesquisa de serem perscrutados e analisados. Mas acreditamos que é importante informar sobre esta descoberta em nossa pesquisa, abrindo caminho para novas pesquisas sobre essa fonte de educação sexual para homens e mulheres no passado e no presente. Entre os vários títulos e número temos como exemplo: 1- Que é uma mulher?; 2- Saber maquiarse; 3- Que é um homem?; 4- Embeleze o seu rosto; 5- A adolescente quer saber...; 7- A Mulher e o sexo; 13-Curso de sexologia I; 14- Curso de sexologia II; 15- Curso de sexologia III; 16-Curso de sexologia IV; 17- Curso de sexologia V; 23- Os Métodos anticoncepcionais; 31- O aborto; 33- Guia sexual do jovem moderno; 34- A vida das mulheres; 35- Sexo e amor no casamento; 41-Guia íntimo das relações sexuais; 44- A Mulher e o seu corpo. Estes títulos foram retirados deste último número citado.



Figura 42: POMEROY, Wardell B. *Guia sexual da moça moderna*. Portugal : Publicações Europa América, L.da., 1975.

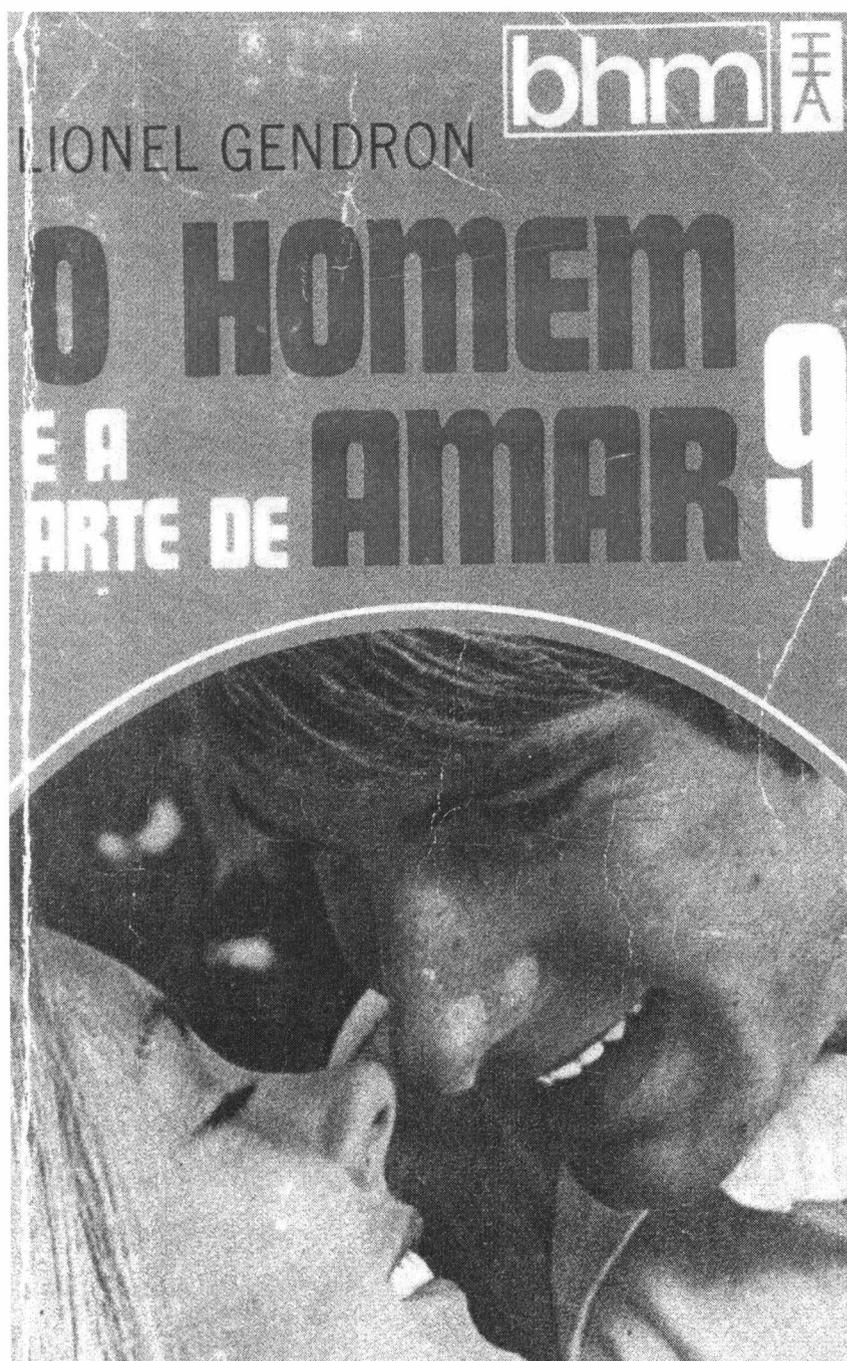


Figura 43: GENDRON, Lionel. **O homem e a arte de amar.** Portugal: Publicações Europa América, L.da., 1975.

Em um dos exemplares intitulado **Guia sexual da moça moderna**, escrito por Wardell B. Pomeroy, um dos autores do **Relatório Kinsey**, a moça seria informada sobre sua vida sexual, o corpo e o sexo, as primeiras experiências sexuais, o namoro e suas saídas com rapazes, as carícias, o orgasmo feminino, as relações sexuais e suas conseqüências, a masturbação e a homossexualidade.⁵⁵ O capítulo XI é destinado a perguntas e respostas, onde aparecem questões como:

1- Será que os rapazes têm um interesse diferente das moças pelas coisas do sexo e uma capacidade diferente da delas para manifestar sua sexualidade?(...)
 5- Que é a impotência?(...) 8- Que outros nomes poderemos dar a masturbação? (...) 11- Que é clitóris? (...) 22- Que significa a expressão “sexualidade anormal”? (...) 23-Que é poluição noturna?(...)27- Que é o 69?(...) 28-Que é o sadomasoquismo?(...) 34- Que significa a expressão perturbações femininas? (...) ⁵⁶

Em outro exemplar, **O homem e a arte de amar**, o autor Lionel Gendron, buscava no quarto capítulo, “O homem e a insatisfação da mulher”, ajudar os homens a compreenderem a “evolução sexual da mulher” e despertarem “para esta mutação sexual se desejasse ver sua esposa feliz”.⁵⁷ As mudanças são explicadas aos homens não como reflexo do “controle da reprodução”, das facilidades advindas com os anticoncepcionais, mas pela “participação ativa” no espaço público que criou “um clima diferente dos outros tempos”.⁵⁸ Sempre referenciando a mulher como esposa, o autor diz que a mulher adotou “uma atitude sã e ativa e vê no sexo qualquer coisa de bom, de sublime e não apenas o conceito da procriação, da submissão, ou ainda do vício e da degradação, que durante tanto tempo caíam sobre a mulher que ousava ser humana”. O autor proclama aos homens que considerem “seriamente as suas responsabilidades na vida íntima da mulher”, para não “malograrem” no amor.⁵⁹ O homem é solicitado a fazer parte mais diretamente das mudanças.

⁵⁵ POMEROY, Wardell P.. **Guia sexual da moça moderna**. Portugal : Publicações Europa América, L.da., 1975.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 129-147.

⁵⁷ GENDRON, Lionel. **O Homem e a Arte de Amar**. Portugal: Publicações Europa América,Ltda., 1974, p. 71

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ *Ibidem*, p.73.

Entre esses cuidados, os homens devem evitar os “coitos forçados ou nulos”.⁶⁰ Nesse momento, cabe ressaltar que nas revistas a violência sexual e psicológica foi raramente debatida.⁶¹ No manual, baseando-se em um depoimento de uma mulher, o autor enfatiza as reclamações de uma esposa que depois de seis meses já não conseguia “corresponder às exigências” de seu marido que a acusa de “frigidez”. Ela pergunta ao terapeuta se “o casamento em si” seria “a causa desse problema”.⁶² O autor em defesa do casamento, então, iniciou uma análise da situação da depoente, destacando as diferenças psicológicas entre homens e mulheres, razão pela qual, conforme o autor, o homem fixa-se no sexual e não vê o fator emocional ou o ressentimento no espírito da esposa”.⁶³ A relação sexual entre homem e mulher não é vista por esse autor como uma ação separada da subjetividade dos sentimentos. O sexo não é tratado como uma função fisiológica, pelo menos para a mulher.

(...) O marido que descobre na mulher certas restrições na intimidade, procurará, antes de mais nada, eliminar os obstáculos que se interponham entre eles, as inquietações, os ressentimentos, e prodigalizará mais palavras

⁶⁰ Ibidem, p. 82.

⁶¹ A questão da violência sexual e física contra a mulher foi sempre um tema tabu, restrito à esfera privada. Em 1976, segundo Céli Regina Pinto, “um crime abalou a elite carioca e tornou-se notícia em todos os grandes jornais do país”. Doca Street que matara sua ex-mulher Ângela Diniz e “fora levado a julgamento e absolvido com o argumento de ter matado em legítima defesa da honra”. Essa sentença “provocou uma das primeiras campanhas públicas das feministas no Brasil e com certeza foi grandemente responsável pela condenação do assassino em um segundo julgamento”. Esse fato é reconhecido como um marco da abertura do debate em torno da violência contra a mulher no Brasil. No início da década de 1980 surgiram pelo Brasil várias organizações de apoio à mulher vítima de violência; “a primeira delas foi o SOS Mulher, inaugurado no Rio de Janeiro em 1981”. Sobre estas informações ver: PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 80-81. A questão da violência, segundo Marisa Corrêa, “só se tornaria relevante para o movimento feminista e a mídia nos anos 80”. Cabe destacar que em 1983 foi publicado “Morte em família. Representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Graal, um trabalho reconhecidamente pioneiro sobre a violência contra a mulher. Cabe informar ainda que em 1985 é criada a primeira delegacia especializada em atender às vítimas de violência doméstica. Nessas delegacias desenvolvia-se um trabalho de apoio psicológico que buscava reforçar o “amor próprio” das mulheres para combater a submissão, de acordo como a compreensão de que “só amando a si próprias as mulheres podem amar homens dignos de serem amados”. Entre as perguntas que definem uma das formas de violência de um relacionamento doentio, era se o homem forçava a mulher a participar de atos sexuais que lhes são desagradáveis ou dolorosos ou se ele não dava atenção às suas necessidades sexuais. Estas considerações foram feitas com base no “Manual de sobrevivência” elaborado por Anne Lise Müller Borba, disponibilizado às mulheres pela Delegacia da Mulher, da cidade de Florianópolis/SC, a partir do início dos anos 1990.

⁶² Ibidem, p. 82.

⁶³ Ibidem, p. 83.

ternas, mais carícias, dará explicações sensatas e não contraditórias. Deste modo receberá depois mais amor do que poderia suspeitar.⁶⁴

Um dos grandes defeitos do homem apontados no manual é falar de amor só na cama, a mulher ficaria decepcionada porque o homem só a desejaria fisicamente. Para ela amor e o sexo eram apresentados como unidos simbioticamente. O autor propõe que para corrigir essa anomalia é necessário educar o homem durante a adolescência e antes do matrimônio, para que aprenda a importância que o amor e o afeto têm para o “sexo oposto”. A proposta de Gendron reforçava a idéia de que o sexo para o homem era uma questão física e para a mulher emocional. Para esse autor, o aprendizado não poderia modificar essa compreensão, mas somente fazer com que os homens tivessem mais “compreensão” com a “sensibilidade feminina”.

Esse autor naturaliza em seu discurso as diferenças entre homens e mulheres diante do sexo. A pergunta que queremos fazer é por que o “modelo viril” de sexo não era questionado, por que o homem também não poderia ser educado para atrelar o sexo ao amor, ou melhor devemos nos perguntar será que para todos os homens o sexo era apenas uma necessidade física, como estava se tentando fazer com que as mulheres também acreditassem? Durante séculos o modelo “viril” de masculinidade excluíram os sentimentos do mundo dos homens, marcando esse afastamento como uma diferença de sexos.⁶⁵ Acreditamos que é importante problematizar na contemporaneidade esta fronteira que é reforçada nos discursos sobre os problemas entre homens e mulheres nos anos 1970, no sentido de contribuir para que os relacionamentos entre eles sejam um encontro em que o sentimento amoroso não seja exclusivamente apresentado como uma característica feminina.

⁶⁴ Ibidem, p. 83.

⁶⁵ LAQUEUR, Thomas Walter, op. cit.; FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1988. Capítulo IV. GAY, Peter. **A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade; sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

Os sentimentos amorosos aparecem nesses discursos como “complicadores” e carregados de “sofrimentos”, a languidez dos sentimentos amorosos foram dando lugar à objetividade na busca do prazer sexual e da felicidade. Não obstante tais representações, não devem ser vistas como reflexo do que as pessoas faziam ou pensavam, mas como presentes no imaginário social, o que tornava possível tanto que alguns sujeitos tenham sido influenciados por elas como também que outros a tivessem rejeitado ou que as modificassem na constituição de sua subjetividade.

Contudo, embora não seja possível desconsiderar sua força no imaginário social, é importante pontuar que, quando nos dias de hoje as mulheres reclamam que “o homem não sente como ela o amor”, e os homens que as mulheres “são muito sentimentais”, é bom lembrar que aquela é uma atitude daquele homem ou daquela mulher, mas isso não significa que sejam todos os homens ou que sejam todas as mulheres que sentem o amor conforme os padrões construídos culturalmente, ainda que, nas revistas e nos manuais, os sentimentos e as emoções continuem associados às mulheres.

Nos anos 1970, mesmo em um manual onde observamos a indicação de atitudes mais ousadas e livres durante o ato sexual pelas mulheres, sugerindo a adoção de “termos eróticos” para designar os órgãos genitais como condição para a “excitação do homem”, suas atitudes buscavam conquistar o homem que amam. Como nas revistas, a abnegação das mulheres e a intimidade feminina como um território possível de mudanças em busca do seu prazer estavam associados aos cuidados e subterfúgios para “não perder seu homem”.

Uma dessas publicações que se caracterizava por descrever em pormenores várias “técnicas” para levar “o homem ao êxtase” intitula-se “J” “A mulher sensual” de Joan Garrido (Fig. 44).⁶⁶

⁶⁶ “**J**” **A mulher sensual**. Rio de Janeiro: Record, s.d. . (publicado nos Estados Unidos em 1969). Esse manual é citado em um artigo de Naomi Vasconcelos, que apresenta sua tese sobre “Dogmatismos Sexuais”, em um artigo na Revista **EleEla**, em junho de 1972. Adquirimos o exemplar do manual em um sebo durante o Simpósio Nacional de História, realizado em Niterói-RJ, no período de 22 a 27 de julho de 2001.

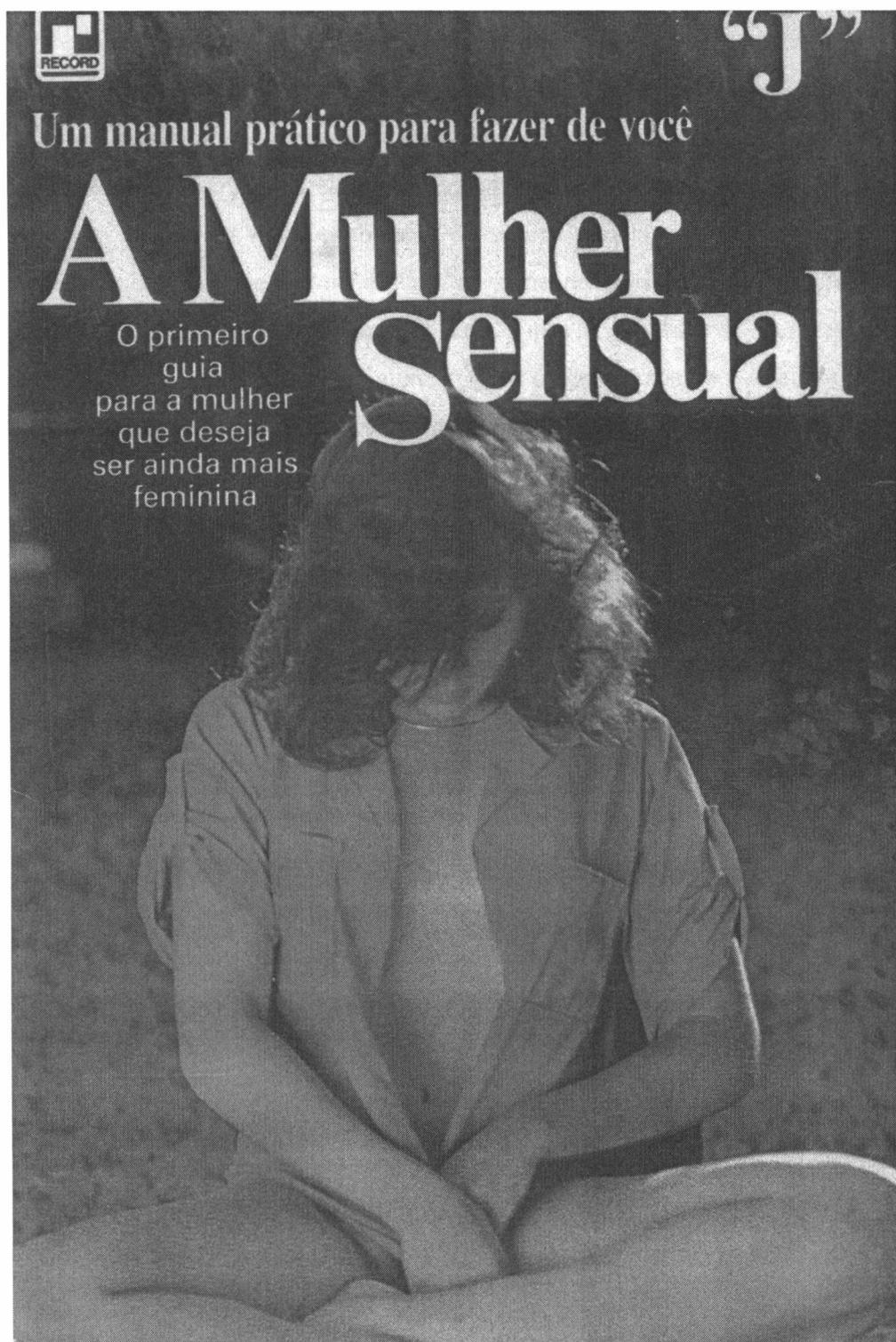


Figura 44: GARRIDO, Joan. “J”A Mulher Sensual. Rio de Janeiro: Record, s.d.. (publicado nos Estados Unidos em 1969).

Naumi Vasconcelos, em seu artigo em **EleEla**, afirma que esta publicação foi um sucesso de vendas nos anos 1970, “milhares de mulheres” teriam lido” esse manual e utilizado como uma espécie de “receituário eficaz para a sua vida sexual”, apesar de apresentar, de acordo com ela, técnicas psicológicas superficializadas cujos resultados deveriam ser rápidos e sem problemas, denominadas pela autora “sexual training”. Tais técnicas visam ao que ela denomina “orgasmo de consumo”. A autora remete suas críticas não ao uso “discriminado e sério”, mas à difusão de técnicas psicológicas indiscriminadamente”.⁶⁷ O que interessa para o nosso trabalho é que tais inquietações de Vasconcelos registraram a importância de um tipo de publicação que aumentou suas vendas neste período – os manuais sexuais para mulheres.

No segundo capítulo do manual escrito por Joan Garrido, destacava-se “tudo está em sua cabeça, você pode aprender a ser sensual”, onde vários exercícios são apresentados para ativar a sensualidade: “não importa se você, fisicamente, parece um chofer de caminhão (sic) você pode “atrair a atenção de um homem, deixá-lo louco de prazer e fazê-lo ansioso pela repetição da dose”.⁶⁸ Para tanto não adiantava melhorar o exterior, comprar batons ou cintas-ligas, era preciso trazer à tona “qualidades adormecidas no mais profundo do seu ser”.⁶⁹

O entendimento contido nesses manuais era a “lógica da performance”⁷⁰, em que a exemplo da saúde física o prazer poderia melhorar tecnicamente, através de exercícios sexuais e lições eróticas, que poderiam ser guardadas na cabeça. O sexo é “despossuído de toda “significação simbólica”, e o prazer é visto como “uma função corporal aperfeiçoável” que também pode ser melhorado segundo receitas, que, como chama a atenção Guillebaud, de acordo com um único imperativo: “o de um desempenho excelente e mensurável”.⁷¹

⁶⁷ VASCONCELOS, Naumi., op.cit., p.121.

⁶⁸ Ibidem, p.29.

⁶⁹ Ibidem, p.30.

⁷⁰ Esta expressão foi elaborada por Jean-Claude Guillebaud, para se referir aos efeitos da sexologia científica sobre a maneira contemporânea de ver o sexual. GUILLEBAUD, Jean-claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 144.

⁷¹ GUILLEBAUD, Jean Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.144-145.

Para tanto não adiantava apenas melhorar o exterior, as mulheres tinham que se preparar fisiológica e psicologicamente através de vários “exercícios sensuais” para seduzir e agradar aos homens. Os exercícios eram lições de auto-erotismo. Primeiro era necessário elevar a sensibilidade tátil, depois aguçar o apetite sexual e o “desejo de dar” e por último sua habilidade sexual. Ao exercício número dez foi dedicado um capítulo inteiro, por sua importância, à masturbação:

As mulheres mais perspicazes masturbam-se bastante: já constataram que a masturbação abre as portas da sensualidade, pois fortalece e aumenta a flexibilidade dos músculos do amor, ajuda o corpo a atingir uma coordenação integral quando solicitado e ensina a mulher a chegar facilmente a muitos orgasmos.

Depois de saber tudo o que a masturbação pode fazer por você, não é hora de vencer sua repulsa pela palavra e pelo ato?

(...)

O motivo para você auto-ensinar-se a despertar sexualmente: os homens não têm paciência de explorar o corpo da mulher inteiramente quando já estão excitados. Eles querem à ação, **sem demorar em brincadeiras experimentais**⁷² (grifo nosso).

O prazer provocado a partir dessa preparação seria suficiente para mantê-lo interessado em mais sexo com aquela mulher “sensual”. O referido “manual” mostra ainda um conjunto de “jogos de sedução” ou “fantasias eróticas” comparáveis com aquelas que apareciam nas revistas masculinas um ritual de erotização que reforçavam a estimulação pelo olhar do prazer masculino.

Os incentivos ao prazer através do olhar *voyeur* dos homens eram constantes. Em **A mulher sensual**, o capítulo “Sexo – o que usar” apresenta um surpreendente “rol de fantasias sexuais”, que poderiam ser executadas pelas mulheres:

⁷² Ibidem, p. 38-39.

Grande número de homens ainda vibra com as tradicionais camisolas negras e diáfanas. Quase invariavelmente, durante os primeiros anos de casados, a esposa recebe no mínimo uma sedutora roupa de dormir, em tecido negro, como presente de natal de seu marido. Não diga “Ugh! Que coisa pavorosa”. Ao contrário, fique lisonjeada, pois, em vez de pensar em você debruçada na pia da cozinha, lavando pratos, ele pensa em você nua, coberta apenas por um tênuê nylon negro, retorcendo-se sensualmente na cama como uma Sofhia Loren ou um Ava Gardner.(...) Se ele lhe dá uma camisola digna de sua bisavó, então sim, é hora de começar a preocupar-se, pois você está em apuros como mulher.⁷³

As expectativas masculinas em relação à aparência e beleza das mulheres eram estimuladas como atitudes femininas para a “conquista do homem”, como por exemplo, o uso de subterfúgios como a maquilagem:

O único homem que já viu meu rosto totalmente sem maquilagem foi meu médico— ele escolheu uma profissão que faz as pessoas o procurarem com sua pior aparência e deve estar habituado aos mais horrendos aspectos.⁷⁴

Endossava-se, como nas revistas, uma suposta “natureza polígama dos homens” que justificava os esforços femininos para agradá-los sexualmente. A fidelidade aparecia como importante para as mulheres e ligada ao bom desempenho sexual, traduzido pelo máximo de prazer orgasmático, pelo esforço de agradar e buscar alcançar o ápice sexual de todas as formas possíveis, inclusive o sexo “anal” e “oral”. Na vida íntima, o “normal” e o “anormal” era uma escolha pessoal, ou melhor individual, pois nem sempre os parceiros entravam num acordo, ou as pressões eram tão intensas sobre “ser moderno” que se submetiam mesmo não gostando num primeiro momento. No caso sobre as mulheres o convencimento passava pela idéia de que eram necessárias a manutenção de seu relacionamento.

⁷³ Ibidem , p.63.

⁷⁴ Ibidem, p.67.

É a mulher que mantém vivo o casamento e é ela que mais benefícios tira disso. Assim, tenha sempre em mente: se ela quer um homem monógamo é de responsabilidade da mulher proporcionar-lhe no lar a variedade sexual e as aventuras que ele encontrará facilmente lá fora.⁷⁵

Dentro dessa perspectiva, “Como levar um homem ao êxtase”, tornou-se uma lição necessária. A autora afirmava: “Vou ensinar-lhe exatamente como fazer coisas bárbaras e deliciosas no homem que ama. Detalhe por detalhe”.⁷⁶

Quando sentir aquela frígida resistência a uma determinada posição ou a um novo requinte, feche os olhos e diga para si mesma, firmemente, que tudo que duas pessoas apaixonadas entendem de fazer entre si, na cama, é decente, digno de respeito e portanto bom para você. Então vá em frente e experimente o mais rápido possível aquela novidade que a estava pondo nervosa. Você já avançou muito em sua luta para adquirir uma atitude sexual saudável e aberta: não pode sucumbir agora, quando se encontra diante de algo inusitado”.⁷⁷

Além de educar a mente, o corpo da mulher também teria que se modificar, pois eram necessários exercícios para reforçar os quadris, porque se antes na “educação sexual convencional”, “uma jovem decente não remexia”, agora era sensual mexer os quadris.

Quando um homem penetra uma mulher, não é esperando que ela fique inerte debaixo dele como uma boneca de pano. A mulher deve corresponder às estocadas do pênis e sintonizar-se com seus movimentos, atraindo-os com ânsia e apetite para as profundezas de seu corpo e mostrando-lhe que o centro do universo é esta pulsante e enlouquecedora vagina.

Isto exige músculos.⁷⁸

⁷⁵ Ibidem, p. 69.

⁷⁶ Ibidem, p. 85.

⁷⁷ Ibidem, p. 86.

⁷⁸ Ibidem, p. 90.

O coito denominado pelos sexólogos de convencional, conceito que era utilizado nos roteiros sexuais, dava lugar a um conjunto de técnicas que se acreditava poderiam melhorar o desempenho sexual. A iniciativa em exercitar e desenvolver esses recursos caberia às mulheres. E a autora solicitava as suas leitoras que: “não torçam o nariz e nem façam esta carinha de nojo!”. Para convencer as mais reticentes apresentava “duas excelentes razões” para que procurassem ser pelo “menos uma praticante correta dessa forma de amor”: a “continuidade da prática tende a eliminar as inibições e aumentar o grau de intimidade entre você e seu homem (...) e seu homem adorará”. Sobre o sexo oral são sugeridas e descritas em minúcias várias técnicas e posições para o *fellatio* (nome dado quando a mulher é a agente no sexo oral).

Nas revistas as orientações não eram tão explícitas como nos manuais, as recomendações eram acompanhadas da idéia de que a utilização de técnicas sexuais garantiriam tanto para os homens quanto para as mulheres o máximo de prazer físico. Em 1977, em *Cláudia*, perguntava-se: “Na vida íntima, como saber o que é normal e o que não é?”

É obviamente injusto submeter-se (ou pretender que o outro se submeta) a qualquer coisa desagradável, ofensiva e dolorosa- afinal o amor não é nem guerra nem castigo. Mas, por outro lado, mais de uma mulher se escandaliza se o marido sugere algo que se afaste um mínimo do habitual, simplesmente por agir de forma “errada”. Ora, não pode haver nada de errado entre duas pessoas que se amam, desde que a sensibilidade, as convicções de ambas não saiam feridas ou abaladas- seja lá qual for a opinião alheia sobre o assunto.⁷⁹

Para as mulheres, aprimorar sua “capacidade orgástica”, era apresentado como um esforço não pelo seu próprio prazer, mas para não decepcionar seu parceiro. Ao enfado sexual dos casais, recomendava-se novas experiências de excitação e sedução, cujas sugestões eram encontradas nos manuais sexuais. O conhecimento dessas técnicas por parte das mulheres não era uma garantia de sua satisfação erótica, os sujeitos, nunca é demais insistir, são o único centro da experiência subjetiva para que se possa concluir de imediato que tais práticas levem obrigatoriamente à felicidade conjugal.

⁷⁹ KARMAN, Graciela, op. cit., p. 27.

Estas novas “técnicas” e “práticas” provocaram inquietações e dúvidas, como as que foram registradas numa carta de uma mulher de São Paulo, que escreveu para a coluna “Amar melhor”:

Li com atenção a resposta dada à “Insegura” em Cláudia de setembro. Pelo que ficou subentendido, eu pergunto: é normal buscar prazeres com variações sexuais? É uma prática sadia? Não faz mal organicamente? Não estou preocupada com aspectos morais, mas sim físicos. Por exemplo: um portador de alguma ameba em torno dos seus órgãos não poderia contaminar o outro? Por que há tanto preconceito? Por que causa repugnância em tantas pessoas? Eu e meu marido temos uma vida sexual bastante satisfatória e até hoje não nos dedicamos àquelas práticas referidas pela leitora. Não posso dizer se nunca sentimos falta ou se, inconscientemente, por alguma razão, nos abstermos delas.”

Puritana, São Paulo.⁸⁰

A resposta dada pela revista foi:

(...) a senhora pede-nos alguns esclarecimentos. Vamos responder por tópicos: O risco de contaminação não existe, desde que existam condições higiênicas favoráveis. Em caso contrário, o risco não se localizaria apenas na área genital. Além disso, as pessoas têm uma certa defesa na sua cavidade bucal contra invasores patogênicos. Acredito que seu temor pelas doenças devido a tais práticas tem outras origens.

Continuo afirmando que tais práticas podem ser sadias, no sentido da busca de satisfação no ato sexual, entendendo-as como atividades preparatórias para a relação sexual.

A senhora quer saber por que as pessoas podem sentir repugnância por tais práticas. Genericamente, e não individualmente, isto é, para casos particulares, eu lhe poderia responder que este sentimento decorre da educação moral, pois o sexo é um de nossos instintos mais reprimidos. Aliás, a repugnância não só por tais práticas, mas também pelos próprios órgãos genitais, tem essa finalidade de repressão⁸¹ (grifos nosso).

⁸⁰ Cláudia, n. 207, dez. 1978, p. 278.

⁸¹ Ibidem, p. 279.

A “repressão sexual”, nas revistas, era o fator explicativo para quaisquer resistências à “liberação sexual” propostas pelas pesquisas científicas. Aqueles que não praticassem os “novos modelos” eram vistos como “puritanos”. A puritana de São Paulo tinha dúvidas que foram analisadas imediatamente como atitudes de uma “reprimida sexualmente”. O discurso liberador assumia dessa forma o caráter normatizador que o discurso chamado de “repressivo” tinha anteriormente. É uma “nova moral” travestida de liberação, ou seja, um conjunto de ordens cuja intensidade dos discursos sobre o sexo é um indicativo de um dispositivo de poder que, ao mesmo tempo que libera, também define comportamentos e atitudes.⁸²

Nesse sentido, Michel Foucault abriu brechas em seus estudos para diferentes efeitos dos discursos que constituem os sujeitos sociais. No entanto, sua persistência em afirmar que é necessário sair dessa ênfase inaudita em torno da sexualidade para criar-se outras alternativas de relacionamento humano, acabou levando alguns de seus leitores a desconsiderarem as possibilidades de liberdade produzidas junto aos discursos coercitivos. O pessimismo de Foucault pode ser nuançado pelo seu próprio otimismo de que em meio a essa multiplicidade de discursos sexuais que aprisionavam a identidade dos indivíduos ao exercício de sua sexualidade poderiam se constituir experiências que transformaram seu caráter normativo. Acreditamos que é essencial não correr o risco de cair na armadilha de achar que este “dispositivo de poder” controla os comportamentos sexuais dos indivíduos, mas devem ser vistos como os meios de educação sexual disponíveis aos leitores para realizarem suas escolhas. Essa escolha obedecerá a inúmeras variáveis que constituem a história da constituição da subjetividade desses sujeitos.

⁸² FOUCAULT, Michel. Soberania e Disciplina. In **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.179-192.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de outros devires...

As revistas colocaram à disposição do leitor informações que tornaram cada vez mais pública a solução dos problemas relacionados à vida sexual e emocional dos indivíduos, contribuindo para a constituição do que Anthony Giddens denomina uma “sociedade reflexiva”, onde os sujeitos sociais são levados a um processo “reflexivo do eu”, caracterizado por questionamentos constantes sobre suas emoções e atitudes.¹ Nesse processo, a satisfação sexual assumiu um papel central na vida de homens e mulheres e na busca da felicidade pessoal. A produção de pesquisas e o consumo àvido das informações científicas são demonstrativos de como o debate sobre a vida íntima tornou-se de domínio público.

Essa intensidade na produção discursiva em torno do sexo é apontada em alguns estudos como um dos elementos que teriam incitado em alguns indivíduos a exacerbação e a compulsão das preocupações consigo mesmo e com a fruição de todos os desejos sexuais. Essas questões merecem destaque pois tratam dos significados da publicização da intimidade para o desprestígio da vida pública e do reforço do individualismo.

Para Francisco Ortega, vivemos numa sociedade “que nos incita continuamente a “desnudar-nos” emocionalmente, que fomenta todo tipo de terapias, verdadeiras dramaturgias da intimidade”.² Dessa “psicologização total” da sociedade, resulta a decomposição do que ele chama de “civildade”, “entendida como o movimento aparentemente contraditório de se proteger do outro e ao mesmo tempo usufruir de sua companhia”.³ Na sociedade “íntima” a civildade torna-se “incivildade, ou seja, essa habilidade tão difundida de incomodar o outro com o próprio eu, de lhe impor minha

¹ GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

² ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**. Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 113.

³ *Ibidem*, p. 113.

intimidade”.⁴ Essa “incivilidade” teria como conseqüências “os comportamentos egoístas e narcisistas e o esquecimento do outro, bem como o desinteresse pela vida pública que caracteriza nossa sociedade, o refúgio no privado e na interioridade”.⁵

Diferentemente de Ortega, Anthony Giddens, considera que este processo pode ter uma influência subversiva sobre as instituições modernas. A construção dos discursos e a incitação a esse falar não devem ser vistas apenas como tentativas de “coerção ou controle”, mas também como produtores de mudanças consideráveis na vida de muitos homens e mulheres, que ao fomentarem a “auto-reflexão”, podem levar a outras maneiras de pensar e agir, que questionem determinadas “imagens que buscam monopolizar nosso imaginário e condicionar nossa maneira de pensar, amar, agir e de nos relacionar afetivamente.”⁶

Acreditamos que, ao contribuir para o entendimento do processo de constituição dessa sociedade “íntima”, mostrando as imagens de comportamento que foram divulgadas pela mídia e que constituíram uma pedagogia conjugal com base na sexualidade, estamos trazendo elementos para o debate em torno da transformação da intimidade, que se caracteriza pela luta em busca das relações igualitárias nos relacionamentos pessoais.

Consideramos que embora os relacionamentos reais entre mulheres e homens pudessem não corresponder aos padrões normativos vendidos pelas revistas nos anos 1970, ao trazer o que foi dito nas revistas abrimos caminho para pesquisas que busquem apreender, sondar o que o consumidor destas revistas e periódicos “fabricavam” a partir desses discursos e mensagens.

Michel de Certeau descreve a leitura como “uma caça furtiva”, porque através dela o leitor “inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a intenção deles”⁷ [dos autores e editores], combinando suas experiências com os fragmentos significativos daquilo que recebe, gerando uma pluralidade indefinida de significações referentes à mensagem recebida. Nas palavras de Michel de Certeau:

“Seja como for, o consumidor não poderia ser identificado ou qualificado conforme os produtos jornalísticos ou comerciais que

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Ibidem, p. 12.

⁷ CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 2ed., Petrópolis, Vozes, 1996, p. 95.

assimila; entre ele (que deles se serve) e esses produtos (indícios da 'ordem' que lhe é imposta), existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles".⁸

Portanto, ao concluir esse trabalho buscamos registrar a importância de estudos que explorem como as pessoas experimentaram os discursos normatizadores sobre a sexualidade, presentes nas revistas femininas e masculinas, tendo como referencial as "artes de fazer" dos sujeitos sociais, registrando a importância das "mediações sociais".

Finalmente, o que faz brilhar os olhos é a possibilidade de que esse trabalho colabore de alguma forma na luta pela "reinvenção dos sujeitos", ao tratar da produção discursiva em torno da sexualidade nos anos 1970. Pois, se esses homens e mulheres que estão aí foram construídos historicamente, a problematização de determinados "agenciamentos" e práticas discursivas poderão produzir outros "devires"... e desafios. Neste sentido, esperamos que este trabalho contribua para ampliar os estudos históricos preocupados com os encontros e desencontros entre homens e mulheres que não privilegiem somente a ênfase sobre a sexualidade, para não correrem o risco de contribuir com o afastamento dos sujeitos, privando-os de outras formas de amor, de sociabilidade e da solidariedade com os outros. Mas que também não continuem desconsiderando os sentimentos e as emoções pessoais como irrelevantes nos rumos que tomam as vidas de homens e mulheres. A constituição social dos sentimentos devem ser trazidos à cena no sentido de contribuir para a problematização das formas de amor, para além das fronteiras entre o mundo masculino e feminino, diminuindo os desencontros que não são apenas sexuais mas também emocionais entre os sujeitos sociais.

Acreditamos que estudos históricos que tratam da exacerbação dos discursos sobre sexualidade e a exclusão do aprendizado do amor são importantes na luta pela construção de uma sociedade em que as relações entre as pessoas se constituam em outras bases que eliminem os sentimentos de amor marcados pela posse de um indivíduo sobre outro e, pela busca da satisfação do "Eu" em detrimento do "Nós"; em que estão presentes as opressões, os desencontros e as distorções do amor. Saindo das representações já construídas sobre o amor para outras formas de senti-lo, pensá-lo e exercitá-lo.

⁸ Idem.

FONTES

1. Acervos consultados:

Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro/RJ)

Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa-ABI (Rio de Janeiro/ RJ)

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (Florianópolis/SC)

Acervo Particular da Família Silva de Oliveira

Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis/SC)

2. Periódicos

2.1. **EleEla**, Rio de Janeiro, Ed Bloch, 1969-1980.

2.2. **Nova**.São Paulo: Ed. Abril, 1972-1980.

2.3. **Cláudia**. São Paulo: Ed. abril, 1969-1978.

2.3. **Pais & Filhos**. São Paulo: Ed. Abril, 1970- 1977.

2.4. **Homem – a revista do homem**. São Paulo: Ed. Abril, 1975-1978.

2.5. **Playboy – a revista do homem**. São Paulo: Ed. Abril, 1978-1979.

2.6. **Homem – a revista do playboy**. São Paulo: Idéia Editorial, 1978- 1979.

3. Consultas bibliográficas

3.1. Obras de Willian Masters e Virginia Johnson

MASTERS, Willian; JOHNSON, Virgínia. **A conduta sexual humana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

_____. O vínculo do prazer. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

3.2. Obras de Wilhelm Reich

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

_____. **A revolução sexual**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

_____. **O combate sexual da juventude**. São Paulo: Edições Pompéia, 1986.

3.3. Obras variadas

COLASANTI, Marina. **E por falar em amor**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

_____. **A nova mulher**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo: Um manifesto da revolução feminista**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

GIKOVATE, Flávio. **Falando de amor/dificuldades de amor: Estudo sobre o comportamento amoroso**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

“**J**” **a Mulher Sensual**. Tradução de Mario Fabrício. Rio de Janeiro: Editora Record, s.d. (publicada em 1969 no Estados Unidos).

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher a moral sexual**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1978.

ROCHA, José Martinho. **Virgindade, sexo e família**. Rio de Janeiro: Rio, 1972.

4. Relatórios e Enciclopédias Sexuais

GENDRON, Lionel. **O homem e a arte de amar**. Portugal: Publicações Europa América Ltda, 1974.

HITE, Shere. **O Relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina**. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **O Relatório Hite: sexualidade masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

KINSEY, Alfred et alii. **Conduta sexual da mulher**. Tradução Dr. Antônio Ramos, Livre-docente da cadeira de ginecologia da Faculdade Nacional de Medicina. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1954.

MATARAZZO, Maria Helena. **A arte de amar: Orientação sexual para o jovem de hoje**. São Paulo: Editora Três, 1984.

Enciclopédia do casal de hoje. **Vida a dois**: São Paulo: Editora Três, 1972.

POMEROY, Wardell B. **Guia sexual da moça moderna**. Portugal: publicações Europa América, Ltda. 1975.

BIBLIOGRAFIA

- ARY, Zaira. **Masculino e feminino no imaginário católico: da ação católica à Teologia da Libertação**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.
- ADORNO, Sérgio. Prefácio. In. RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ARIÈS, Philppe e BÉJIN, André (Orgs). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ARIÈS, Philipe; DUBY, Georges (Orgs.). In **História da vida privada III: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 14 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas relações homem-mulher, 1954-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- _____. Mulheres dos Anos Dourados. In PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla. (Coord. De Textos) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- BENHABIB, Sheila, CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

- BORGES, Dulcina Tereza Bonati. **A Cultura “Psi” das revistas Femininas (1970-90)**. Campinas, 1998. 132p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRUCKNER, Pascal; FINKIENKRAUT, Alan. **A nova desordem amorosa**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila.(Orgs.). **Novos olhares: Mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1994.
- BORDO, Susan; JAGGAR, Alison M. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- CALDAS, Dário (Org.). **Homens**. São paulo: Editora do SENAC: São Paulo, 1997.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci Carneiro (Org.). **Minorias silenciadas: História da censura no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado/ Fapesp, 2002.
- CARNEIRO, Nelson. **A Luta pelo divórcio**. Rio de Janeiro: Livraria São José,1973.
- _____. **ABC da mulher**. Rio de Janeiro: Livraria São José,1973.
- CARVALHO, Maristela Moreira de. **As vontades de saber e as relações de poder na “pastoral da sexualidade” da arquidiocese de Florianópolis: continuidades e rupturas no discurso da oficialidade católica (1960 a 1980)**. Florianópolis, 2003. 153p. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **História cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Formas de privatização** – introdução. In ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.). In. **História da vida privada III: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- _____. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DE NIPOTI, Cláudio. **Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2.^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In COSTA, Albertina de Oliveira BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. 2.^a ed.. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- DUBY, Georges (Org.). **Amor e sexualidade no ocidente**. Lisboa: TERRAMAR, 1998.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres no ocidente**. O século XX. Trad. Alda Maria Durães et alii. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In. DUBY, Georges; Perrot, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente**. O século XX. Trad. Alda Maria Durães et alii. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991.

FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Canoas: Ed. da ULBRA, AGE, 1999.

FONSECA, Claudia. Honra, Humor e Relações de Gênero: Um Estudo de Caso. In. COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **A Arqueologia do saber**. 6 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Sexo, poder e indivíduo**- Entrevistas selecionadas – Tradução: Jason de Lima e Silva; Davi de Souza. Desterro: Edições Nefelibata, 2003.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FROMM, Eric. **A Arte de amar**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985.

GARCIA, Marco Aurélio. Em busca de 1968. In. GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Ogs.). **Rebeldes e contestadores 1968**: Brasil/França/Alemanha. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**: paixão terna. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismos nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIULIANI, Paola Capellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In PRIORY, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (Org.); Carla Bassanezi (Coor. de textos). São Paulo: Contexto, 1997.

GOLDBEG, Anette. **Feminismo e autoritarismo**: a metáfora de um autopia de liberação em ideologia liberalizante. 1987. 174p. (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GUILLHEBAUD, Jean Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HUGON, Paul. **Demografia brasileira: ensaio de demoeconomia brasileira**. São Paulo: Atlas/Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.
- HUNT, Lynn (Org.). **A invenção da pornografia**. Obscenidade e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.
- JURADO, Alícia Agripina. **Revistas pornográficas: a fantasia do prazer – Um estudo crítico e documental**. São Paulo, 1990. 124p. (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade de São Paulo.
- KELH, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago Ed. , 1998.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Corpo e gênero dos gregos a freud. Tradução VeraWhately. Rio de Janeiro: Relumé dumará, 2001.
- LEVENHAGEN, Antonio Souza. **Do casamento ao divórcio**. São Paulo: Editora Atlas, 1978.
- LIMA, Domingos Sávio Brandão. **A nova Lei do Divórcio comentada**. São Paulo: O Dip Editores, 1978.
- MARCHESANI JÚNIOR, Waterloo. **Instituição do divórcio no Brasil**. Curitiba: Editora Juruá, 1978.
- MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor: Inglaterra: 1300-1840**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- MAIA, Maurício. Censura, um processo de ação e reação. In CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). **Minorias silenciadas: história da censura no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado/ Fapesp, 2002.
- MALUF, Marina. **Ruídos da memória.** São Paulo: Siciliano, 1995.
- MATOS, Marlise. **Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia.** Belo Horizonte: Ed. UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.
- MESQUITA, Eni de Samara. Mistério da “Fragilidade Humana”: O Adultério Feminino no Brasil, séculos XVII e XIX. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH. v. 15, n 29, 1995, p. 57-71.
- MERRICK, Thomas e GRAHAN, Douglas. **População e desenvolvimento econômico no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- MÍCCOLIS, Leila. Literatura Inde (X) Pendente. In. MELLO, Maria Amélia. **20 Anos de Resistência.** Alternativas da Cultura no Regime Militar. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1986.
- MORAES, Noely. **Fica comigo para o café da manhã: o mito amoroso e a mulher contemporânea.** São Paulo: Editora Olho D'Água, 1999.
- MOREIRA, Sonia Virginia. As Alternativas da Cultura (anos 60 e 70). In MELLO, Maria Amélia. **20 de resistência.** Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1986.
- NEHRING, Maria Lygia Quartin de Moraes. **Família e feminismo: reflexões sobre papéis de femininos na imprensa de mulheres.** São Paulo, 1981. 328p. (Doutorado em Ciências Políticas) – Universidade de São Paulo.

- NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault.** Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2000.
- PASSERINI, Luisa. Mulheres, consumo e cultura de massas. In. DUBY. Georges ; Perrot, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente. O século XX.** Trad. Alda Maria Durães et alii. Porto: Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991.
- PARKER, Richard G.. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Ed. Best Seller, 2001.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de Gênero na pesquisa histórica. **Revista Catarinense de História.** Florianópolis, n. 2, 1994, p. 35-44.
- ____ (Org.). **Práticas proibidas.** Práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.
- PHILIPS, Roderick. **Desfazer o nó: Breve história do divórcio.** Lisboa: Terramar, 1991.
- PORTER, Roy; TEICH, Mikulas (Orgs.). **Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade.** São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.
- PRIORE, Mary Del (Org.). BASSANEZI, Carla. (Coord. de textos) **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar-1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SADER, Éder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo.** São Paulo: Contexto, 1987.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). **Políticas do Corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SARTI, Cynthia A. Família e Individualidade: um problemas moderno. In. CARVALHO, Maria do Carmo Brant de Carvalho (Org.). **A família contemporânea em debate.** São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

SENA, Tito. **Uma análise dos discursos sobre o corpo e gênero contidas nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90.** Florianópolis, 2001. 122p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v.15, n. 2, p. 5-22, jul./dez., 1990.

SICUTERI, Roberto. **Lilith: A Lua Negra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

- SIMMONNET, Dominique et alii. **A mais bela história do amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual no século XXI**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência; mulheres pobres e ordem urbana 1890/1920**. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 1989.
- SOUZA, Maria Nadeje de. **O que é afinal o orgasmo feminino? : teorias e mitos**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.
- SOUZA, Maria Cecília Cortez Chistiano. **Crise familiar e contexto social – São Paulo 1890-1923**. São Paulo, 1989. (Tese de Doutorado) – Universidade de São Paulo.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993, Coleção tudo é história.
- THÉBAUD, Françoise. A grande Guerra. O triunfo da divisão sexual. In. DUBY. Georges ; Perrot, Michelle. (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente. O século XX**. Trad. Alda Maria Durães et alii. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991.
- THOMPSON, E.P.. **A Miséria da teoria ou um Planetário de Erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VEYNE. Paul. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VILARINO, Ramon Casas. **A MPB em Movimento: música, festivais e censura**. São Paulo: Olho d'água, 1999.